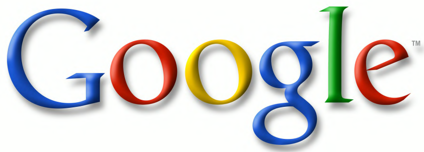
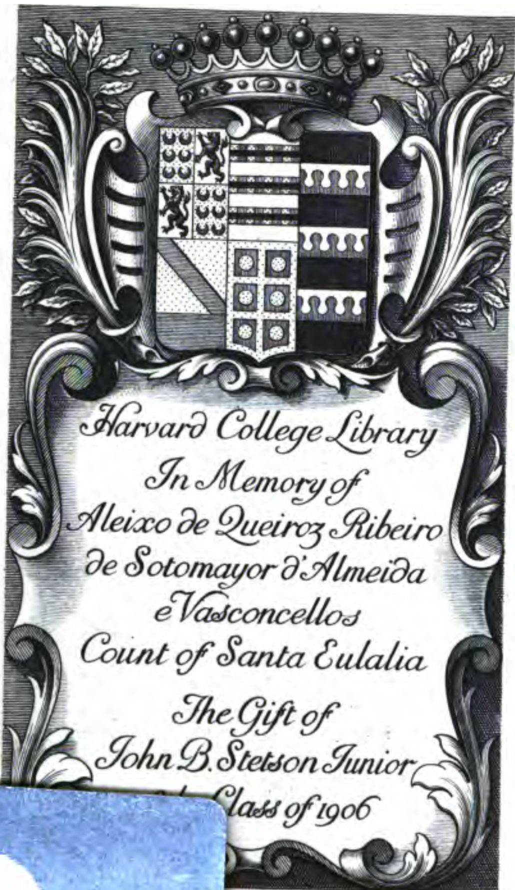
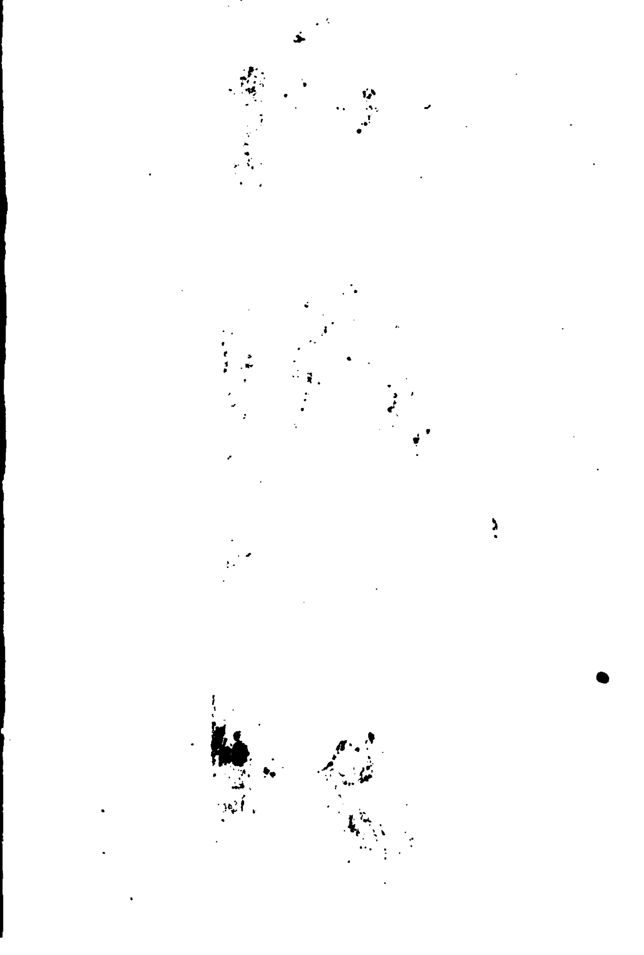



Harvard College Library
In Memory of
Aleixo de Queiroz Ribeiro
de Sotomayor d'Almeida
e Vasconcellos
Count of Santa Eulalia
The Gift of
John B. Stetson Junior
Class of 1906



ALMANACH

DE

LEMBRANÇAS

LUSO-BRASILEIRO.

1857

ALMANACH

DE

LEMBRANÇAS

LUSO-BRASILEIRO

PARA O

Anno de 1859

(3.º DEPOIS DO BISSEXTO)

COM 439 ARTIGOS E 99 GRAVURAS

POR

ALEXANDRE MAGNO DE CASTILHO

BACHAREL FORMADO EM MATHEMATICA PELA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
CAVALLEIRO DA ORDEM DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO
CONSUL DO ESTADO DE BUENOS AYRES
MEMBRO DO INSTITUTO HISTORICO DE PARIS
DA ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUENSE
DA SOCIEDADE DOS ANTIQUARIOS DE SAINT-OMER
DA DOS AMIGOS DAS LETRAS E ARTES DE SÃO MIGUEL
DO INSTITUTO EPISCOPAL RELIGIOSO DO RIO DE JANEIRO
DA SOCIEDADE AGRICOLA MADEIRENSE
DO CENTRO PROMOTOR DA INDUSTRIA DE LEIRIA
DO INSTITUTO CONIMBRICENSE
DA ACADEMIA DE RHODES
DA ASSOCIAÇÃO PROMOTORA DA CIVILISAÇÃO D'AFRICA, DE LISBOA
DO INSTITUTO AFRICANO DE PARIS
DA SOCIEDADE PROMOTORA DA AGRICULTURA MICHAELENSE
ETC. ETC. ETC.



LISBOA—IMPRENSA NACIONAL—1858

Os artigos que de qualquer ponto do Brasil nos hajão de ser mandados, poderão sobrescriptar-se ao *Conselheiro José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha, no Rio de Janeiro,* por quem, prompta e obsequiosamente, nos serão remettidos.

Errata.

Peço perdão ao Ill.mo Sr. Jorge Guilherme Lobato Pires se, usurpando uma das attribuições dos Bispos, o chrismei em Joaquim a pag. 308. Esteja lá um homem a distinguir-se e a crear um nome, para depois lh'o bifarem com uma pennada!...

ALMANACH DE 1860.

Tem-nos mostrado a experiencia que é de rigor seja começada mais cedo ainda a composição dos nossos Almanachs para que cheguem antes do principio do anno respectivo a todos os pontos para que são destinados. Mais do que nunca se tornou isso necessario agora, que novos e mui remotos mercados se abriram para este livrinho, que por toda a parte (com prazer o dizemos) é bem acolhido e festejado, o que nos impõe a severa obrigação de nunca desmerecermos de tão lisongeira hospedagem. Assim pois, começaremos a impressão do Almanach de 1860 no mez de outubro do corrente anno de 1858, e é de crer que se ache concluido no mez de fevereiro ou, quando muito, março de 1859. Ás pessoas que o quizerem honrar com alguns artigos ou poesias, rogamos que nol'os remettão quanto antes; não perdem por chegarem cedo de mais, e ficarão expostos, vindo tarde, a não poderem ser já publicados.

Torna-se maior de anno para anno o numero de nossos collaboradores, portuguezes e brasileiros, como facilmente se conhece comparando entre si as relações d'elles nos differentes volumes. Aqui lhes tributamos, em nosso nome, e em nome do publico, os mais cordeaes agradecimentos!

E alguns nos são tambem devidos por muitos d'elles, pois frequentemente desistimos de publicar artigos nossos, que suppunhamos instructivos, amenos e curiosos, para lhes ceder o logar. Por pouco que augmente essa obsequiosissima cooperação, ver-nos-hemos obrigados a fazer da porta da rua as honras da casa, pois se nos atulharão por tal modo as salas, que mal n'ellas ficará logar para nós. Embora! Não perderá com isso o publico.

Mas, por Christo, não nos matem com tantas poesias! Haviamos promettido ser menos prodigos d'ellas no presente Almanach, e tanto nos pediram, tanto nos instaram, tanto nos atormentaram, para que publicassemos algumas de cujo merito eramos os primeiros a duvidar, que naturalmente condescendentes como somos, nos vimos obrigados a ceder a uma tal pressão. O mais curioso é que apesar da nossa recommendação, em termos bem expressos e positivos, no Almanach de 1858, nos foram remettidas muitas poesias mediocres, acompanhadas da seguinte declaração, se não na fórma, pelo menos no fundo: «*Eu não sou poéta, conheço muito bem que isso nada vale, mas não importa, tenha paciencia, publique-me isso pelo amor de Deus*, etc. etc.» Pois se têem a convicção de que não presta, para que m'o mandão? Felizmente que, para compensar os leitores, ahi se achão tambem adiante muitas poesias de incontestavel merito. Se não foram estas, fizera um voto de não publicar poesia alguma, e assim pouparia desagradaveis conflictos, que só eu sei.

Vai felizmente augmentando tambem de anno para anno o numero das senhoras que nos auxilião em

nossa tarefa, e não pequeno titulo de gloria é para nós o haver sido este livro, em terras portuguezas, o primeiro em que ellas hajão apparecido em numero mais que sufficiente para nos provar que o genio não é partilha exclusiva do nosso sexo, e que tanto como nós se podem ellas distinguir nas justas litterarias. Juntando ás suas graças naturaes a cultura do espirito, completão as damas a mais bella obra da creação.



COLLECÇÕES

DOS

ALMANACHS DE LEMBRANÇAS.

Frequentemente nos são pedidas pelo anno adiante collecções completas dos nossos Almanachs, ou volumes para as completar. São difficillimas essas remessas parciaes, a não ser no tempo proprio da distribuição de novo Almanach. Pedimos pois a quem não queira esperar por essa occasião, nos designe a quem, aqui em Lisboa, poderão ser entregues os volumes pedidos. Assim ficará dividido por muitos o trabalho que até aqui pesava sobre nós só.

SENHORAS

CUJOS NOMES EMBELLEZÃO E HONRÃO AS PAGINAS D'ESTE ALMANACH.



REGRINA DE SOUSA
Pag. 379)

ITA CHIAPPE CADET
Pag. 370)

EMILIA DE M.
Pag. 210)

A PORTUENSE
7, 201, 313)

LA STEPHANA
g. 277)

ROGRESSISTA
g. 366)

CAVALHEIROS

CUJOS NOMES HONRÃO AS PAGINAS DO PRESENTE ALMANACH.



CORRESPONDENCIA

RELATIVA AO

ALMANACH.



N. B. Afim de podermos aqui responder com maior franqueza, d'ora ávante, ás pessoas que nos escrevão relativamente ao Almanach, e de modo que ninguem mais saiba que a ellas nos dirigimos (o que em certos casos poderá convir), pedimos que nas cartas com que nos honrem, designem no angulo

esquerdo duas palavras quaesquer, palavras a que nos referiremos nas nossas respostas.

M. J. V. *(Porto Alegre)* — O seu alvitre de uma estação naval portugueza no Rio de Janeiro não vejo em que podesse corresponder ao fim para que V. S.ª alli a desejava; folgo todavia de ver que reconhece V. S.ª a superioridade da nossa marinha de guerra; se persiste V. S.ª na sua idéa, submettel'a-hei ao governo. Quantas náus de linha quer? vinte, trinta? é pedir por bôca; quantas fragatas? quarenta, cincoenta? quantas corvetas? quantos brigues? oitenta, cem? Olhe, de alguma cousa teremos nós cá falta, mas não é de navios de guerra; está ahi o Tejo atulhado d'elles, a ponto de até difficultarem a navegação do rio. E tudo n'um luxo, n'um aceio!...

COBRAS E LAGARTOS *(Lisbôa)*. — Dá-me V. S.ª uma batida porque no Almanach de 1858 reproduzi o artigo *Camelos*, já publicado em 1851; mas não reparou V. S.ª que ao fazel'o, dei tambem a estampa do animal, que acolá se não achava? Era preciso acompanhar de alguma cousa a gravura, e eu nada mais sabia ácerca de camelos, apesar de andar todos os dias lidando com elles. Por outro lado, se a V. S.ª devo o obsequio de haver lido o meu livrinho desde o principio, nem todos possuem a collecção dos volumes publicados, e para esses ficou assim completo o artigo relativo aos camelos. Desculpe-me pois e fiquemos amigos como d'antes. Diz V. S.ª mais que eu em 1858 me referi á pag. 241 do Almanach de 1851, devendo referir-me á pag. 239; se V. S.ª abrir a 2.ª edição na pagina que citei, verá que fui exacto: é pela discordancia entre a paginação das duas edições, que para 1851 só indicarei d'ora ávante o dia do mez e não a pagina. Obsequiador até aqui, mais não.

B. Y. *(Faro)*. — Adiante achará a sua poesia e um dos seus artigos. Quanto ao *Tio José Dias*, entra pela politica dentro, e eu ha muito que sahi por ella fóra.

M. A. F. D. *(Moncorvo)* — A carta de V. S.ª chegou-me exactamente quando V. S.ª de certo calculara que me devia chegar — no dia de entrudo. — Permitta-me que lhe diga, sem offender o seu melindre, que tomei como logração quanto n'ella me diz. Com que então ha em Val de Vilariça, no concelho de Villa Flor, uma figueira cuja rama assenta no chão e tem de circumferencia 400 metros, o que anda por mais de 1200 pés!!! Quem poderá engolir semelhante carapetão! Descreva V. S.ª com os seus pésinhos uma circumferencia d'aquellas e diga-me se é possivel. Eu n'este caso imitarei S. Thomé; só depois de ver o acreditarei.

Outro tanto farei com a nogueira de Carviçaes, cujo tronco tem de diametro 80 metros!!! Quanto vale o metro lá por essas terras?

O que, sobre tudo, mais me deu no gôto foi o tal castanheiro anão, de 30 annos de idade, no logar de Urrus, e cujo pé tem quatro polegadas de circumferencia e a rama semelha uma sombrinha de senhora!

Se ainda se redigisse o *Almocreve das Petas*, mandaria para lá todas estas de V. S.ª

PERPETUA E CRAVO *(Pará)*. — Desculpe-me V. S.ª se com uma pennada lhe arranquei a nacionalidade e o transformei de portuguez em brasileiro (brasileiro feito á pressa). Se bem que d'ahi lhe não resultasse desdouro algum, pois é tambem glorioso (hoje em dia sobre tudo) o titulo de brasileiro, dá cada qual, muito naturalmente, a preferencia ao seu paiz, e por isso não gosta que lhe chamem allemão ou francez ainda quando nascesse turco ou beduino. O peór é que ao chegar-me a carta de V. S.ª de 14 de Janeiro, já o Almanach de 1859 se achava em meio, e lá tinha V. S.ª figurado mais uma vez como brasileiro. Tenha paciencia, meu querido senhor, mas a culpa é mais sua do que minha, pois eu, quando recebo artigos do Brasil, supponho-os sempre de autor brasileiro, se expressamente se me não declara que são de portuguez. Sirva isto de prevenção para casos analogos.

MARILIA E EU *(Villa Real)*.—Lamenta V. S.ª que não continuasse o systema primitivo de deixar um espaço branco por baixo de cada artigo, para que n'elle se podessem escrever as lembranças do dia proprio. Se não fossem as muitas reclamações que a tal respeito se me fizeram; se não fosse o haver-se-me dito centenares de vezes que era materia escripta e não papel branco que se queria; se me não repugnasse tambem dar só dous terços de pagina em logar da pagina inteira; continuaria, talvez, ainda hoje o systema dos Almanachs de 1851 e 1852; mas aquillo era theoria, pois só um por outro escrevia nos taes espaços: era V. S.ª um d'estes, pelo que vejo; pois, meu rico senhor, isso tem bom remedio; é intercallar paginas brancas no livro, e ir escrevendo n'ellas o que quizer. Nunca se tinha lembrado d'isto? Pois alguns se têem lembrado.

T. A. M. G. P. (Gôa)—Agradeço com o maior reconhecimento a offerta e dedicatoria do seu interessante *Almanach de Lembranças* ahi publicado, e a que desejo larga e prospera vida. Gôa foi durante largo tempo theatro de façanhas portuguezas, e far-lhe-hia V. S.ª um serviço registando-as em curto quadro.

E. B. *(Cabo Verde)*—Por que motivo só a 2 de julho de 1857 me chegasse a sua obsequiosissima carta de 3 de setembro de 1856, incluindo o artigo *Ilha de Maio*, é o que lhe não posso dizer. Isto explicará a V. S.ª o porque só no Almanach de 1859 poude sahir á luz. Agradeço-o muito e peço mais.

C. P. T. *(Havana)*—Desejo a maior prosperidade ao seu *Almanach de Lembranças Hespanhol*. Bom é que o pensamento d'este livro se derrame e vulgarise. A minha pena é que o Sr. Dr. Cesar Augusto Marques, do Maranhão, não publicasse tambem o seu *Almanach de Lembranças Brasileiro*, que a julgar pelos artigos que me fez obsequio de remetter, houvera sido um bello livro, e um archivo das glorias brasileiras, glorias que tambem revertem em credito do nome portuguez.

FLOR E ABELHA *(Guarda)*.—Pede-me V. S.ª que publique eu o meu retrato no proximo volume d'este Almanach. Que retrato? O moral? Já o dei oito vezes nos oito volumes precedentes: sou um homem inoffensivo e muito amigo dos seus semelhantes. O intellectual? ainda não pude bem cumprir o preceito do sabio—*Conhece-te a ti mesmo*—; mas o que quer que sou por esse lado, que de certo não é muito, nos mesmos oito volumes se deve achar tambem photographado. Agora quanto ao physico, com palavras de Christo lhe respondo —*Nescitis quod petatis*—. Não vale a pena de se incommodar por meu respeito o lapis de nenhum desenhador: sou uma cara e uma figura d'estas que V. S.ª e todos encontrão pouco mais ou menos a todas as horas e por toda a parte, sem louvarem a Deus pela formosura nem pela fealdade, e que se deixão passar sem se lhes perguntar pelo nome. Para me retratarem com fidelidade, era portanto escusado; para me favorecerem, seria desacreditar o meu espelho e offenderem o meu amor proprio, provando-me que eu era obra que precisava de correcta e emendada na 2.ª edição; para me desfavorecerem e afearem, o que nos retratistas não é raro, seria empregar absurdamente o tempo (que segundo os éconpremistas é ouro) e o ouro d'algumas libras. O retrato que ellas trazem, seja de quem fôr, vale mais do que o meu.

Alguns annos atraz poderia eu ceder á amavel tentação de V. S.ª, e até gostar de ir soffrer a inspecção das minhas numerosissimas leitoras; agora já prefiro que ellas não tenhão de mim senão a idéa poética e vaga que se tem de um ente que nunca se vio, mas de quem se ouviram cousas agradaveis. Assim cadauma de minhas leitoras, cadaum de meus leitores, e V. S.ª mesmo, lá me desenharão na sua phantasia como entenderem, e cadaum pelo modo que mais o contentar: n'isso lucramos todos, e eu mais que ninguem.

GOA E MACAU. *(Moncorvo)*—Chegaram já tarde as suas *hespanholadas*, que por outro lado, a dizer a verdade, nem por isso acho lá muito dignas de correrem mundo.

PERNAMBUCO LITTERARIO *(Pernambuco)*.—Que a sua poesia é linda, não ha duvida, mas está por tal modo decotada, que me não atrevo a apresental'a assim ao publico. Os finaes da 2.ª e 7.ª estrophe, sobretudo, são de arripiar!... não para brasileiros talvez, que estão costumados a uma liberdade extrema na poesia, e a tolérão; nós cá, os portuguezes, somos um pouco mais severos n'esse particular, e nunca em nossos versos ultrapassamos certas raias. Tudo vai do costume. Lembre-se V. S.ª, por outro lado, de que este livro cahe profusamente nas mãos de innocentes e candidas donzellas e de mancebos imberbes a quem escusamos de ensinar o que demasiado cedo aprenderão mais tarde. Já um dos nossos maiores engenhos affirmou que entrava sem quarentena o *Almanach de Lembranças* em muitas casas que têem cordão sanitario á porta contra a litteratura que vem de portos suspeitos; a contar porém do momento em que elle publique poesias liberrimas, ficará tido na conta de empéstado, e submettido a perpetua quarentena, do que Deus nos livre.

O outro seu artigo em prosa adiante o achará.

Não fica mal comigo, não? Seria grave injustiça por que Deus lhe pediria conta.

CROCODILO E BORBOLETA *(Aveiro)*.—Diz V. S.ª que embirra com os *bonecos* no meu livro; mais embirro eu: custão-me dinheiro e roubão-me um espaço grande, que podera ser, bem o conheço, mais convenientemente aproveitado; mas que quer V. S.ª se hoje se não lêem senão edições *illustradas?* Ao livreiro que mais vende em Lisboa e com maior numero de compradores se acha em contacto, perguntei eu, depois de recebida a carta de V. S.ª, se conviria supprimir d'ahi em diante as estampas no meu livro; respondeu-me, formaes palavras: «*Olhe, nós estamos no seculo dos bonecos; por conseguinte quantos mais bonecos lhe metter para dentro, tanto melhor.*» É vergonha confessal'o, mas é assim; ha mais quem compre a obra pelos bonecos do que pelos artigos!... Deixe ir pois a bonecada.

A. E. S. F. P. *(Villar do Monte)*—Mil e mil e mil perdões (3,000 ao todo) lhe peço por não haverem sahido n'este volume os seus bellissimos artigos. Quando os recebi já elle se achava bastante adiantado, e só n'uma das folhas do fim podião apparecer; aconteceu porém choverem-me então artigos de todos os lados, e em rasão de serem muito compridos os de V. S.ª, ter-me-hião obrigado a deixar de attender a umas poucas de pessoas, que se houveram queixado, emquanto a delicadeza de V. S.ª é proverbial, e me relevará por certo, attendendo aos apuros em que me vi. Taes foram elles, que até me vi obrigado, para restabelecer o equilibrio, a incluir tres dias n'uma só pagina, lá para o fim. Olhe que a *mise en scène* n'este livrinho não é das cousas mais faceis!..

Para não tornar a passar por uma vergonha d'estas, vou já já já mandar compôr os referidos artigos de V. S.ª, e fique certo de que hãode caminhar na frente do Almanach de 1860. São muito dignos d'essa preferencia.

Pelo amor de Deus não me ralhe, pois é vestido de cilicio e sacco que lhe dou as minhas satisfações.

C. S. *(Faro)* — Os seus *Carôlos d'amansar* ahi vão adiante; a poesia *Ao Tumulo* ficou para outra vez. Se V. S.ª aqui estivesse, talvez me désse tambem um *carôlo* por não a haver publicado; mas que quer V. S.ª? o livro não é elastico.

A. P. F. J. *(Felgueiras)* —Adiante achará V. S.ª o seu *Conselho;* o que estimarei é que a menina o siga, já que isso lhe dá gosto; mas aposto que se V. S.ª estivesse com ella na cidade, fôra outro o seu cantar; pedia-lhe que se deixasse ficar.

A *Santa Quiteria e o Monte de Pombeiro* será um dos primeiros artigos a apparecer no Almanach de 1860, que ao chegar este livro ás mãos da maior parte dos leitores estará já no prelo e dispondo-se para correr mundo. Agora vai este livrinho entrando pela Asia dentro que é um gosto. Na Africa e na America ha já muito que está derramado. Vou pensar agora na Oceania.

UMA CONIMBRICENSE.—São muito chistosas e difficeis de adivinhar as suas charadas, o que lhes redobra o merito. A charada fez-se para pensar um bocado, e se se caça no ar, não preenche o fim. É por este lado que peccão as tres quartas partes e meia das que me envião, e muitas das quaes não são por esse motivo publicadas. Assim pois—*regra geral*—charadas que se adivinhem logo á primeira leitura, irão para uma especie de limbo a que tenho condemnado muitos dos artigos e poesias que, por isto ou por aquillo, alli faço dormir o somno eterno. Se um dia me resolvesse a publicar isso tudo em um só volume, dir-se-hia que sahia dos prelos de Rilhafolles.

J. R. *(Lisboa)*—Perdôe-me V. S.ª se não publicó o seu artigo sobre azulejos, mas é que não ha cão nem gato que ignore o que n'elle se contém: sirva-se V. S.ª substituil'o por outro ácerca de objecto menos conhecido.

DEUS! PATRIA! FAMILIA! *(Castello Branco)*—Lá que Abdel-Kader foi um dos grandes vultos historicos d'este século, não ha duvida, mas no que nunca se distinguio muito foi na eloquencia. Tambem não admira: raras vezes se é grande em mais d'um ramo. O verdadeiro pois é não darmos ainda maior publicidade ás linhas por elle escriptas (e de que V. S.ª me manda a traducção) ao visitar a exposição de Paris. Que ha alli de notavel? nem se quer ao menos se distinguem por aquelle brilhante colorido, por aquellas imagens orientaes, que tão bem empregão os beduinos. No que Abdel-Kader se entendeu melhor foi em dar pancadaria velha nos francezes: é verdade que bem caro o pagou depois.

CACARACÁ E COCOROCÓ *(Céa)*.—Pede-me V. S.ª que publique eu nos meus Almanachs o nome de todos os funccionarios publicos em cada localidade! Viva, meu senhor, temos conversado. Paga a despeza das 10,000 paginas mais que levaria cada volume? Á proposito: V. S.ª é gallinha ou gallo?

A. DE S. J. *(Figueira de Castello Rodrigo)*—O seu *Tenebroso mysterio* ainda hoje é mysterio para mim como se extraviou a ponto de só tornar a apparecer quando o meu livrinho se achava quasi no fim. Não sei se sabe que eu ando n'elle como o caranguejo; só depois de muito caminhar é que chego a estas paginas do principio, onde tem que ir o indice dos artigos; já vê que o não posso fazer senão depois de todos impressos.

* * * *(Serra da Estrella)*.—Não era possivel mais bella collecção de artigos do que a recebida de V. S.ª, e que muito lhe agradeço. No Almanach de 1860 serão publicados os que não poderam entrar n'este volume.

Muito me penhorão as delicadissimas expressões com que me honra. Apesar da sua modestia, claramente se vê que foi V. S.ª dotado de um espirito superior e possue muita e variada instrucção. Receberei pois com prazer e gratidão quantos artigos se sirva remetter-me. E oxalá venhão bastantes!

REGATO CRISTALLINO *(Santa Comba dos Olleiros)*.—E cristallinas aguas me trouxe na verdade. O artigo *chocalho*, elle ahi vai chocalhar por um e outro hemispherio. A *flor*, apesar de ter partido de lá *sem verdura* e *sem viço*, chegou cá viçosa e verdejante, e ainda hade viver muito.—A superstição da *telha virada* n'essa fréguezia é a mesma que tambem se dá n'uma das fréguezias do concelho de Foscôa, e que faz objecto d'um artigo, que adiante achará, de um *Anonymo Foscoense*. Não se persuada, meu rico senhor, de que taes superstições e prejuisos dos mais grosseiros existão só cá na nossa terra; são, pelo contrario, vulgarissimos em paizes dos mais cultos. Que ha de mais illustrado na Europa do que a França e a Allemanha? pois são precisamente n'esse particular os mais estupidos paizes. Estas cousas passão de pais a filhos, infiltrão-se na convicção e no sangue, são tomadas como tradições de nossos maiores a que se deve uma especie de culto, e assim vão atravessando as gérações. Mal haja quem no espirito de crianças arreiga preconceitos que nunca mais se extirpão!...

V. D. *(Algures)*—Adiante achará V. S.ª o seu artiguinho *Milagre do telegrapho electrico*, apesar de já não ser hoje milagre para ninguem o que alli se refere. Bom é todavia ir martellando com estas cousas na cabeça dos menos instruidos, até que se lhes fixem bem. *A contrição d'um glutão* é linda e fica para o Almanach immediato. O artigo sobre a aldeia de.... offenderia os brios de seus habitantes, e por isso peço licença para o não publicar, e bill de indemnidade por havel'o offerecido ao *Jornal Mercantil*, que promptamente o admittio em suas columnas. Recebi tambem a charada com tarja preta (que não publiquei por clara de mais), acompanhada de outras quasi todas no mesmo caso: parece-me todavia que alguma d'ellas se acha adiante. Mil agradecimentos pelos seus elogios; o que sinto é ter a consciencia de os não merecer. Ai! É verdade; ommittia dizer que a abundancia de materias me obrigou a adiar para o Almanach immediato a publicação da sua lenda do café: não era muito urgente, pois já veio, se bem que com outra redacção, a pag. 142 do Almanach de 1853. Não fica zangado comigo?

PAZ E HARMONIA *(Não muito distante)*.—Permitta V. S.ª que lhe diga que as suas seis quadras com o titulo—*Amor e moralidade*—dão todas a mesma idéa: lembrão a mó do moinho, que por mais que ande, fica sempre no mesmo logar.

PAZ E PRUDENCIA *(Bem proximo)*.—Presumo que é V. S.ª o mesmo cavalheiro a que se referem as linhas precedentes. Visto morar V. S.ª tão proximo de mim, peço-lhe o obsequio d'uma visitinha, e com o compasso na mão lhe provarei que dos 14 versos do seu soneto—*A embriaguez*—11 estão errados. O *Amor e compaixão* pécca pelo mesmo lado, acrescendo de mais a mais a circumstancia de que as rimas do 6.º e 7.º verso não combinão com as do 2.º e 3.º Julgo obsequial'o pois, não publicando nem um nem outro. Veja V. S.ª se endireita esses aleijadinhos e depois falaremos. Cuidado porém que as emendas não sejão peóres do que os sonetos.

S. A. *(Icatú, Provincia do Maranhão)*—Mil e mil agradecimentos pela riquissima collecção de poesias suas que se dignou offerecer-me, e que me chegaram ao achar-se este volume quasi concluido, motivo pelo qual só tres me foi dado publicar no presente Almanach. Belleza de pensamentos, estylo florido e apropriado ao objecto, metrificação harmoniosa, rimas naturaes e abundantes, tudo alli se acha. Occupa V. S.ª mui distincto logar entre os poetas brasileiros, e muito me ufano de que o *Almanach de Lembranças* seja talvez o primeiro a fazel'o conhecido em terras portuguezas. As glorias brasileiras, são tambem nossas, e timbrará sempre este livrinho, por um sentimento de amor proprio nacional, em apregoal'as.

Maria, a *Nova Sapho*, é um lindo poema; infelizmente porém não entra no quadro d'este volume: as outras poesias ficão archivadas para os seguintes Almanachs.

Cultive V. S.ª o estro que Deus lhe concedeu, pois nas paginas da litteratura brasileira lhe está sem duvida reservado um dos primeiros logares.

Muito me apraz e lisongeia o auxilio de tantas e tão boas pennas brasileiras. Este livrinho é um nexo mais que hoje em dia prende duas nações irmãs e amigas quaes as nossas.

AMOR E SAUDADE *(Albufeira)*.—Tarde piastes!...

AURORA E PRANTO *(Braga)*.—A sua charada está muito bem versificada e deleita o ouvido, mas cabia-lhe melhor o titulo de *mystificação*. Foi vista por todos os grandes charadistas de Lisboa, e todos estão conformes em que V. S.ª, por meu intermedio, se quiz divertir com o publico, ou buscar thema para depois escarnecer de minha credulidade, publicando como charada o que o não era, e só se distinguia por uma bella metrificação.

Para evitar semelhantes *desapontamentos,* a mim e aos leitores do Almanach, não publicarei d'ora ávante uma só charada sem que o seu author me designe o nome d'ella.

AMOR E ROMA (*Rio de Janeiro*). — Apesar dos seus 19 annos é V. S.ª, em minha opinião, um dos mais harmoniosos e aprazíveis poétas brasileiros. A sua versificação é corrente e natural; a metrificação magnifica; a rima nem uma só vez forçada. Fadou-o Deus poéta e brilhantissima lhe esculpio na fronte a estrella do genio. Avante pois! E com animo, e com fervor, e com perseverança! E em breve saudará o Brasil em *Casimiro Abreu* uma de suas illustrações. Era condemnada a Vestal que deixava apagar o fogo sagrado; crime fôra de lesa litteratura deixar V. S.ª extinguir-se o fogo que Deus lhe accendeu no fundo da alma.

A *Minha terra*, transcripta no Almanach precedente a pag. 186, é uma linda composição, recheada de poesia e sentimento; *O Juramento*, a pag. 204 do presente, se bem que em genero mui diverso, é tambem lindissima.

Se eu ousasse pedir a V. S.ª se submettesse ao pagamento d'um fôro annual ao meu livrinho!... Pois vá feito! Ouso. E V. S.ª promette?

E. R. (*Coimbra*). — Os seus versos são lindissimos, e adiante vão: o que senti foi não os poder agradecer logo, por ignorar o seu nome. É muito cadente e harmoniosa a sua versificação. Do que hoje se não gosta já muito é de versos soltos. Manda tambem alguns artigos em prosa?

ACASO (*C...*) — Bem quizera fazer-lhe a vontade, mas realmente não é possivel. Santo Deus! quantas cousas sahem da analyse d'aquillo tudo!...

J. F. D'O. BASTOS. (*Angra do Heroismo*) — Com quanto seja curiosa a anecdota narrada no *Angrense* que V. S.ª teve a bondade de me enviar, refere-se a uma quadra de funestas dissensões entre portuguezes, e por isso muito respeitosamente peço a V. S.ª se sirva substituil'a por uma pagina que mais desaffrontadamente possa ser lida por pessoas de todas as communhões politicas.

IGNORANCIA E MERITO (*Juiz de Fóra, Brasil*).—Beijo as mãos a V. S.ª pelas delicadas e immerecidas expressões com que me honra. São magnificos os seus artigos, de que adiante achará dous, ficando os mais para o Almanach immediato. Quaesquer outros serão recebidos com igual reconhecimento.

PASSADO E PRESENTE (*Elvas*).—É muito conhecida a chave para decifrar esses alphabetos, que os nossos avós julgavão indecifraveis: mal pensavão elles que terião uns netos tão espertos!...

FELICIDADE E VENTURA (*Lisboa*).—Dos artigos que V. E. se dignou mandar-me, adiante achará os que me pareceram mais chistosos.

J. F. L. T. (*Ceará*)—Ignoro porque só em abril me chegasse o seu curioso artigo *Casas de pedra*, motivo pelo qual só no Almanach de 1860 poderá ser publicado. O outro (*Pedras com letras*) não póde ser reproduzido pela imprensa em rasão das figuras que n'elle se contêem.

A. M. L. (*Porto*)—Eu lhe explico como foi. No artigo *S. Nicoláu do Porto*, a pag. 361, disse V. S.ª que ahi se dava o nome de *garotos* aos rapazes *vádios*; o compositor não achou isto bonito, e transformou os *vádios em sádios*, muito embora andassem a cahir de lazeira. O revisor das provas e o autor do livro tambem parece que *vádiaram* um pouco ao relerem a prova d'aquella pagina, e lá sahiram de boa saude todos os garotos da cidade eterna. O compositor declarou inteiramente *limpo* o porto do *Porto*, e nós aqui o declaramos sempre *sujo* na pessoa d'alguns dos referidos *garotos*.

Escrevera V. S.ª tambem que era de 30 campainhas o acompanhamento das guelas na assuada feita ao santo; o compositor achou que erão poucas, lembrou-se do carrilhão de Mafra, e juntou-lhe mais 270 por sua conta.

F. R. P. *(Montevideu)* — No Rio de Janeiro se achão collecções completas dos meus Almanachs. Lá me fizeram o obsequio de reimprimir parte dos primeiros volumes. Propriedade litteraria é cousa que alli se não entende muito. Isto de letras é roupa de francezes que está á disposição de todos. Tivemos um ministro dos negocios estrangeiros, litterato de primeira plana, que se divertio em fazer um tractado de reciprocidade litteraria com a França, tractado de que nenhum bem, antes mal, podia resultar para o seu paiz, e lhe não passou pela idéa analogo tractado com o Brasil, de que houveramos tirado (e elle mais que ninguem) incontestaveis vantagens! Em tudo andamos ás avessas, louvado seja Deus!...



INDICE

DOS

Artigos comprehendidos n'este Almanach.





C





P









CHARADAS E ENIGMAS

DO

ALMANACH DE 1858.



ALMANACH

DE

1860.

Consagraremos n'elle algumas paginas mais á publicação de artigos, o que nos permittirá obsequiar maior numero de pessoas.

INDICE

DOS

INDICES.

Com o Almanach de 1860 será gratuitamente enviado a quem o peça o Indice geral de todos os ALMANACHS DE LEMBRANÇAS desde 1851 até áquelle anno.

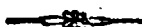
COMPUTO ECCLESIASTICO.

Aureo numero	17
Cyclo solar	20
Indicção Romana	2
Epacta	XXVI
Letra Dominical	B



TEMPORAS.

Março	16, 18, 19
Junho	15, 17, 18
Setembro	21, 23, 24
Dezembro	14, 16, 17



FESTAS MOVEIS.

Septuagesima	20 de Fevereiro.
Cinza	9 de Março.
Paschoa	24 de Abril.
Ladainhas	30, 31 de Maio 1 de Junho.
Ascensão	2 de Junho.
Pentecostes	12 de Junho.
Trindade	19 de Junho.
Corpo de Deus	23 de Junho.
Coração de Jesus	1 de Julho.
Advento	27 de Novembro.

ECLIPSES DO SOL E LUA EM 1859.

3 de Fever.	Eclipse parcial do Sol	Todos invisiveis em Lisboa.
17 de Fever.	» total da Lua	
4 de Março.	» parcial do Sol	
29 de Julho.	» » »	
13 de Agosto.	» total da Lua	
28 de Agosto.	» parcial do Sol	

QUATRO ESTAÇÕES DO ANNO.

Primavera.................... Começa a 23 de Março.
Verão..................... » a 22 de Junho.
Outono .... » a 21 de Setembro.
Inverno.................... » a 22 de Dezembro.

BENÇÕES.

Prohibem-se desde Quarta feira de Cinza até ao 1.º Domingo depois do de Paschoa e desde o 1.º Domingo do Advento até ao Dia de Reis.

TABELLA DOS INCENDIOS.

TORRES	BADALADAS	POSTOS DE GUARDA
Beato Antonio	11	— —
S. Vicente............	12	Escholas Geraes.
Graça	13	Calçada do Monte.
Sé....................	14	Loyos.
Conceição Nova	15	Carmo.
S. Nicoláu	16	Praça da Figueira.
Soccorro..............	17	Mouraria.
S. José	18	Santa Martha.
Pena..................	19	Freiras da Encarnação.
Bemposta	20	Cabeço de Bola.
S. Sebastião da Pedreira	21	Largo de S. Sebastião.
Monserrate............	22	Arco das Amoreiras.
Santa Isabel..........	23	Junto á Igreja.
Convento Novo	24	R. de Buenos-Ayres.
Necessidades	25	Livramento.
S. Francisco de Paula ..	26	Pampulha.
Santos o Velho........	27	Inglezinhas.
Paulistas	28	Na mesma Igreja.
Chagas	29	Rua das Flores.
S. Roque	30	Travessa da Queimada.
N. Senhora dos Martyres	31	Administração Geral.
S. Paulo..............	32	Ribeira Nova.
....	33	....
Belem.................	34	Junto á Igreja.

DIAS DE GRANDE GALA.

1 de Janeiro. Dia d'Anno Bom *(Cortejo)*.
29 de Abril. Dadiva da Carta Constitucional *(Cortejo)*.
15 de Julho. Nascimento de S. M. F. a Rainha.
31 de Julho. Juramento da Carta e Nascimento de S. M. I. a Senhora Duqueza de Bragança *(Cortejo)*.
16 de Setembro. Nascimento de S. M. F. o Sr. D. Pedro V *(Cortejo)*.
29 de Outubro. Nascimento de S. M. o Sr. D. Fernando *(Cortejo)*.

DIAS DE PEQUENA GALA.

17 de Fevereiro. Nascimento da Ser. Sr.ª D. Antonia.
16 de Março. Nascimento do Ser. Sr. Infante D. João.
24 de Abril. Domingo de Paschoa.
30 de Maio. Dia do Nome de S. M. o Sr. D. Fernando.
23 de Junho. Corpo de Deus.
1 de Julho. SS. Coração de Jesus.
4 de Julho. Nascimento da Ser. Sr.ª Infanta D. Isabel Maria.
10 de Julho. Nome de S. M. I. a Sr.ª Duqueza de Bragança.
21 de Julho. Nascimento da Ser. Sr.ª Infanta D. Maria Anna.
23 de Julho. Nascimento do Ser. Sr. Inf. D. Fernando.
31 de Outubro. Nascimento do Ser. Sr. Inf. D. Luiz.
4 de Novembro. Nascimento do Ser. Sr. Inf. D. Augusto.
1 de Dezembro. Acclamação do Sr. D. João IV.
25 de Dezembro. Dia de Natal.
31 de Dezembro. Dia de S. Silvestre.

Dias em que são prohibidos os espectaculos publicos.

Quarta feira de Cinza e em todas as Sextas feiras de Quaresma — Desde Sabbado de Lazaro até Domingo de Paschoa *inclusivè*. — Quinta feira d'Ascensão, Domingo do Espirito Santo, e dia da Procissão do Corpo de Deus da Cidade.

Nos dias 24 de Setembro, 1, 2 e 15 de Novembro, e 25 de Dezembro.

Nos dias de lucto da côrte, por morte do Rei, Rainha ou Pessoa Real.

Nos dias em que se fizerem preces publicas por grandes calamidades.

Marés.

Conhecem-se as horas das marés pela idade da lua, que data do 1.º dia da lua nova. Procurando essa idade na tabella seguinte, ter-se-hão as horas de prêamar e baixamar em um dia qualquer. Supponhamos que se desejão saber os preamares e baixamares de 31 de agosto; procurando este dia na folhinha, acharemos que é o 4.º dia da lua, e procurando na 1.ª columna da tabella o n.º 4, acharemos na mesma linha horisontal o que desejamos.

Quando na tabella das primeiras marés se notão marés da tarde, as marés da manhã d'esse dia são as segundas do dia antecedente, como acontece no dia 20 da lua, cujas marés da manhã são as segundas do dia 19.

TABOA DOS PREAMARES E BAIXAMARES NO TEJO.

IDADE DA LUA	1.º PREAMAR		1.º BAIXAMAR		2.º PREAMAR		2.º BAIXAMAR	
	h.	m.	h.	m.	h.	m.	h.	m.
1	3	18 t.	9	30 t.	3	42 m.	9	54 m.
2	4	6 t.	10	18 t.	4	30 m.	10	42 m.
3	4	54 t.	11	6 t.	5	18 m.	11	30 m.
4	5	42 t.	11	54 t.	6	6 m.	0	18 t.
5	6	30 t.	0	42 m.	6	54 m.	1	6 t.
6	7	18 t.	1	30 m.	7	42 m.	1	54 t.
7	8	6 t.	2	18 m.	8	30 m.	2	42 t.
8	8	54 t.	3	6 m.	9	18 m.	3	30 t.
9	9	42 t.	3	54 m.	10	6 m.	4	18 t.
10	10	30 t.	4	42 m.	10	54 m.	5	6 t.
11	11	18 t.	5	30 m.	11	42 m.	5	54 t.
12	0	6 m.	6	18 m.	0	30 t.	6	42 t.
13	0	54 m.	7	6 m.	1	18 t.	7	30 t.
14	1	42 m.	7	54 m.	2	6 t.	8	18 t.
15	2	30 m.	8	42 m.	2	54 t.	9	6 t.
16	3	18 m.	9	30 m.	3	42 t.	9	54 t.
17	4	6 m.	10	18 m.	4	30 t.	10	42 t.
18	4	54 m.	11	6 m.	5	18 t.	11	30 t.
19	5	42 m.	11	54 m.	6	6 t.	0	18 m.
20	6	30 m.	0	42 t.	6	54 t.	1	6 m.
21	7	18 m.	1	30 t.	7	42 t.	1	54 m.
22	8	6 m.	2	18 t.	8	30 t.	2	42 m.
23	8	54 m.	3	6 t.	9	18 t.	3	30 m.
24	9	42 m.	3	54 t.	10	6 t.	4	18 m.
25	10	30 m.	4	42 t.	10	54 t.	5	6 m.
26	11	18 m.	5	30 t.	11	42 t.	5	54 m.
27	0	6 t.	6	18 t.	0	30 m	6	42 m.
28	0	54 t.	7	6 t.	1	18 m.	7	30 m.
29	1	42 t.	7	54 t.	2	6 m.	8	18 m.
30	2	30 t.	8	42 t.	2	54 m.	9	6 m.

NASCIMENTOS E OCCASOS DO SOL EM 1859.

MEZES	DIAS	NASCIMENTO APPARENTE — TEMPO MEDIO	OCCASO APPARENTE — TEMPO MEDIO	MEZES	DIAS	NASCIMENTO APPARENTE — TEMPO MEDIO	OCCASO APPARENTE — TEMPO MEDIO
Janeiro	1	7 h. 20 m.	4 h. 48 m.	Julho	1	4 h. 40 m.	7 h. 28 m.
	9	21	54		9	44	25
	17	18	5 2		17	50	22
	25	14	11		25	57	16
Fevereiro	1	8	20	Agosto	1	5 2	10
	9	0	29		9	9	1
	17	6 51	38		17	17	6 51
	25	41	46		25	24	40
Março	1	35	51	Setembro	1	30	30
	9	23	6 00		9	37	18
	17	11	7		17	45	5
	25	5 58	14		25	52	5 52
Abril	1	47	21	Outubro	1	57	42
	9	34	29		9	6 4	30
	17	23	36		17	13	18
	25	12	44		25	20	9
Maio	1	4	49	Novembro	1	28	4 59
	9	4 56	57		9	37	51
	17	48	7 4		17	46	44
	25	42	11		25	55	39
Junho	1	38	16	Dezembro	1	7 2	37
	9	36	22		9	8	36
	17	36	24		17	14	38
	25	38	27		25	18	42



FAMILIA REAL.

O Senhor D. Pedro V, Rei de Portugal e dos Algarves, nasceu a 16 de Setembro de 1837: jurou a Carta Constitucional em 8 de Julho de 1852: subio ao Throno debaixo da tutella de Seu Augusto Pai em 15 de Novembro de 1853: tendo concluido a sua menoridade em 16 de Setembro de 1855, n'esse mesmo dia foi solemnemente proclamado Rei, tendo prestado o juramento formulado no artigo 76.º da Carta Constitucional: casou por procuração a 29 d'Abril de 1858, em Berlim, e em pessoa a 18 de Maio do mesmo anno em Lisboa, com

S. M. a Rainha Estephania de Hohenzollern Sigmaringen, nascida a 15 de Julho de 1837.

El-Rei D. Fernando Augusto de Saxe-Coburgo-Gotha, Pai de Sua Magestade, nasceu a 29 de Outubro de 1816: casou por procuração em 1 de Janeiro, e em Pessoa em 9 de Abril de 1836: viuvo desde 15 de Novembro de 1853: Regente do Reino na menoridade de Seu Augusto Filho pela Lei de 7 de Abril de 1846 e artigo 1.º do Acto Addicional á Carta Constitucional, desde 15 de Novembro de 1853, até 16 de Setembro de 1855.

IRMÃOS D'EL-REI.

O Serenissimo Senhor Infante D. Luiz Filippe, Duque do Porto, nasceu a 31 de Outubro de 1838.

O Serenissimo Senhor Infante D. João, Duque de Béja, nasceu a 16 de Março de 1842.

O Serenissimo Senhor Infante D. Fernando, nasceu a 23 de Julho de 1846.

O Serenissimo Senhor Infante D. Augusto, nasceu a 4 de Novembro de 1847.

A Serenissima Senhora Infanta D. Maria Anna, nasceu a 21 de Julho de 1843.

A Serenissima Senhora Infanta D. Antonia, nasceu a 17 de Fevereiro de 1845.

TIOS D'EL-REI.

(Irmãos da Rainha, Augusta Mãi de Sua Magestade, filhos do Imperador o Senhor D. Pedro, Duque de Bragança, fallecido em 24 de Setembro de 1834, e da Imp. a Serenissima Senhora D. Maria Leopoldina, fallecida em 11 de Dezembro de 1826).

1. A Serenissima Princeza D. Januaria Maria, nasceu a 11 de Março de 1822: casada com D. Luiz Carlos, Conde d'Aquila, filho do defuncto Rei de Napoles Francisco I, nasceu a 19 de Julho de 1824 *(Seus filhos os Serenissimos Senhores* — 1. D. Luiz Maria, nasceu a 18 de Julho de 1845.—2. D. Maria Isabel, nasceu a 22 de Julho de 1846.—3. D. Filippe Maria, nasceu a 12 de Agosto de 1847).

2. A Serenissima Senhora D. Francisca Carolina, nasceu a 2 de Agosto de 1824: casada com o Principe de Joinville Francisco Fernando de Orleans, filho do defuncto Rei Luiz Filippe, nasceu a 14 de Agosto de 1818 *(Seus filhos os Serenissimos Senhores*—1. D. Francisco Maria, nasceu a 14 de Agosto de 1844.—2. D. *Pedro* Filippe, Duque de Penthievre, nasceu a 4 de Novembro de 1845).

3 O Imperador do Brasil D. Pedro II, nasceu a 2 de Dezembro de 1825: casado com a Imperatriz D. Thereza Christina, filha do defuncto Rei de Napoles Francisco I, nasceu a 14 de Março de 1822 *(Suas filhas as Serenissimas Senhoras*—1. D. *Isabel* Christina, nasceu a 29 de Julho de 1846.—2. D. *Leopoldina* Thereza, nasceu a 13 de Julho de 1847).

TIOS D'EL-REI.

(Irmãos d'El-Rei o Senhor D. Fernando, filhos do Principe D. Fernando Jorge de Saxe-Coburgo-Gotha, fallecido a 27 de Agosto de 1851, e da Serenissima Senhora D. Maria Antonietta, que nasceu a 2 de Julho de 1797).

1. O Serenissimo Senhor D. *Augusto* Luiz, nasceu a 13 de Junho de 1819: casado com a Serenissima Senhora D. Maria *Clementina* d'Orleans, filha do defuncto Rei Luiz Filippe, nasceu a 3 de Junho de 1817 *(Seus filhos os Serenissimos Senhores* — 1. D. Filippe Fernando, nasceu a 28 de Março de 1844. — 2. D. Augusto Luiz, nasceu a 9 de Agosto de 1845. — 3. D. Maria Adelaide, nasceu a 8 de Julho de 1846. — 4. D. Maria Luiza, nasceu a 23 de Outubro de 1848).

2. A Serenissima Senhora D. *Victoria* Augusta, nasceu a 14 de Fevereiro de 1822: casada com o Serenissimo Senhor D. Luiz Carlos, Duque de Nemours, filho do Rei defuncto Luiz Filippe, nasceu a 25 de Outubro de 1844 *(Seus filhos os Serenissimos Senhores* — 1. D. *Luiz* Filippe, Conde d'Eu, nasceu a 28 de Abril de 1842. — 2. D. *Fernando* Filippe, Duque de Alençon, nasceu a 12 de Julho de 1844. — 3. D. *Margarida* Adelaide, nasceu a 16 de Fevereiro de 1846).

3. O Serenissimo Senhor D. *Leopoldo* Francisco, nasceu a 31 de Janeiro de 1824.)

TIOS SEGUNDOS D'EL-REI.

1. A Serenissima Senhora D. Maria Thereza, nasceu a 29 d'Abril de 1793.—A Serenissima Senhora D. Isabel Maria, nasceu a 4 de Julho de 1801. — 3. O Serenissimo Senhor D. Miguel de Bragança, nasceu a 26 de Outubro de 1802. — 5. A Serenissima Senhora D. Amelia, Duqueza de Bragança, nasceu a 31 de Julho de 1812.

SIGNO DE  **AQUARIO.**

1 **DE JANEIRO.** *Sabbado.* ✠ CIRCUMCISÃO DO SENHOR *(A. 51 p. 33 e 34 e 27 de Janeiro, A. 54 p. 33). Grande Gala. Cortejo. Ind. em varias Igrejas. Festa na Graça, Barreiro e Seixal.*

2 *Domingo.* S. Izidoro, B. M. *Ind. Plen. em Santo Amaro no 1.º domingo de cada mez.*

3 *Segunda.* S. Antero, P. M. S. Aprigio, B. de Beja, Portuguez. S. Genoveva, V. *(A. 52 p. 35, A. 59 p. 81)*

4 ● *Terça.* S. Gregorio, B. S. Tito, discipulo de S. Paulo. *L. nova ás 4 h. e 49 m. da manhã:*

5 *Quarta.* S. Simeão Estelita *(A. 51, 5 de Janeiro).* S. Apolinaria, V. S. Telesphoro, P. M. *Ind. na Madre de Deus na 1.ª quarta feira de cada mez. Vesperas de instrumental na Sé e ao escurecer começão as matinas, tambem de instrumental.*

6 *Quinta.* ✠ DIA DE REIS *(A. 51, 6 de Jan., A. 53 p. 38, A. 55 p. 117, A. 56 p. 100). Ind. no Loreto. Benção no Menino Deus. Grande festa na Sé, a que assistem SS. MM. Ind. no Conv. do Desaggravo em todas as quintas feiras do anno e como a da Porciuncula na Igreja das Religiosas do Sacramento na 1.ª quinta feira de cada mez.*

7 *Sexta.* S. Theodoro, Monge. *Principião as 13 sextas feiras de S. Francisco de Paula na sua Igreja, com Ind. Começa a Nov. de N. Senhora da Divina Providencia. Abrem-se os Tribunaes e permittem-se os casamentos solemnes.*

8 DE JANEIRO. *Sabbado.* S. Lourenço Justiniano, Patriarcha de Veneza.

9 *Domingo (1.º depois de Reis).* N. Senhora de Jesus. S. Julião, M. *Festa na sua Fréguezia. Festa em Jesus. Ind. em S. Domingos para os Irmãos dos Passos no 2.º domingo de cada mez.*

10 *Segunda.* S. Paulo, 1.º Eremita. S. Gonçalo de Amarante *(A. 55 p. 119, A. 56 p. 104).*

11 *Terça.* S. Hygino, P. M. S. Honorata, V.

12 ☽ *Quarta.* S. Satyro, M. S. Taciana, M. *Q. cresc. ás 6 h. e 46 m. da manhã.*

13 *Quinta.* S. Hilario, B.

14 *Sexta.* S. Felix.

15 *Sabbado.* S. Amaro, Ab. *Festa em S. Amaro, Conceição Velha e Conv. do Desaggravo.*

16 *Domingo (2.º depois de Reis).* SS. Nome de Jesus. N. Senhora da Divina Providencia. Os SS. Martyres de Marrocos. S. Marcello, P. M. *Começão os dias de Santa Engracia na Sé de Lisboa.*

17 *Segunda.* S. Antão, Ab.

18 🌕 *Terça.* A Cadeira de S. Pedro em Roma. S. Prisca, V. M. *L. cheia ás 11 horas e 12 m. da tarde.*

19 *Quarta.* S. Canuto, Rei de Dinamarca, M. *(A. 52 p. 245)*

20 *Quinta.* S. Sebastião, M. *Festa de instrumental em S. Sebastião da Pedreira, onde foi abolido o dia santo de guarda.*

21 *Sexta (Jejum no Patriarchado).* S. Ignez, V. M.

22 *Sabbado.* ✠ S. Vicente, M. Padroeiro de Lisboa e do Algarve *(A. 52 p. 54)* S. Anastacio, M. *Festa em S. Vicente de Fóra. Festeja-se S. Sebastião na sua Igreja.*

23 *Domingo (3.º depois de Reis).* Os Desposorios de Nossa Senhora com S. José. S. Raymundo de Penafort. S. Ildefonso. *Festa da Publicação da Bulla em S. Roque.*

24 *Segunda.* N. S. da Paz. S. Timotheo, B. M. O B. Marcolino.

25 ☾ *Terça.* Conversão de S. Paulo. *Festa e Lausp. na sua Fréguezia, onde se abolio o dia santo de guarda. Q. ming. ás 8 h. e 8 m. da tarde.*

26 DE JANEIRO. *Quarta.* S. Polycarpo, B. M. S. Paula, Viuva. *Festa a S. Sebastião na Freguezia de S. Paulo.*

27 *Quinta.* S. João Chrysostomo, B. e Dr. da Igreja. *Festa a N. Senhora da Piedade em S. Paulo.*

28 *Sexta.* S. Cyrillo, B. A B. Veronica, A. Trasladação de S. Thomaz d'Aquino. O B. Matheus de Agrigento, B. *Com. a Nov. das Chagas de Christo.*

29 *Sabbado.* S. Francisco de Salles, B. S. Pedro Thomaz, C. *Festa e Lausp. nas Sallesias a S. Francisco de Salles.*

30 *Domingo (4.º depois de Reis).* S. Martinha, V. S. Jacintha.

31 *Segunda.* S. Pedro Nolasco, da Ordem do Carmo. S. Cyro, M. A. B. Luiza Albertoni, Viuva F. S. Geminiano, B.

SIGNO DE  PISCIS.

1 DE FEVEREIRO. *Terça (Jejum excepto nos bispados d'Elvas e Vizeu).* S. Ignacio, B. M. S. Brigida. O B. André de Conti *(A. 51, 1 de Fev.).*

2 *Quarta.* ✠ PURIFICAÇÃO DE N. SENHORA *(A. 51, 2 de Fevereiro, A. 52 p. 64). Festa nos Terc. do Carmo e na Sé.*

3 ● *Quinta.* S. Braz, B. M. O Bemavemturado Odorico, F. *Festa a S. Braz na Conceição Velha, em S. Luzia e nos Martyres. Lua Nova aos 28 m. depois da meia noute.*

4 **DE FEVEREIRO.** *Sexta*. S. André Corsino, B. S. José de Leonisa. O B. João de Brito, M. Jesuita Lisbonense. *Fallecimento da Princ. a Sr.ª D. Maria Amelia.*

5 *Sabbado*. S. Agueda, V. M. Os MM. do Japão, S. Pedro Baptista e seus Comp. *Matinas nas Chagas á festa do Orago.*

6 *Domingo (5.º depois de Reis)*. As Chagas de Christo. S. Dorothea, V. M. *Festa e Lausp. nas Chagas e Te Deum de tarde. Festa do Senhor Jesus dos desamparados com Jubileu para os Irmãos no Mosteiro da Encarnação.*

7 *Segunda*. S. Romualdo, Ab. S. Ricardo. *Festa a S. Urbano Martyr nas Chagas.*

8 *Terça*. S. João da Matta.

9 *Quarta*. S. Apolonia, V. M. *Festa e Lausp. nas Monicas.*

10 ☽ *Quinta*. S. Escholastica, V. S. Guilherme. *Q. cresc. ás 7 h. e 3 m. da tarde.*

11 *Sexta*. S. Lazaro, B. Os 7 Fundadores dos Servitas. A B. Joanna Valesia.

12 *Sabbado*. S. Eulalia, V. M.

13 *Domingo (6.º depois de Reis)*. S. Gregorio II, Papa. S. Catharina de Ricci, V. D. A B. Viridiana, V. F.

14 *Segunda*. S. Valentim, M. O B. João Baptista, Fundador dos Trinos Descalços. *Vesperas da Trasladação de Santo Antonio na sua Igreja.*

15 *Terça*. Trasladação de S. Antonio. Os Santos Faustino e Jovita, MM. *Festa em Santo Antonio da Sé.*

16 *Quarta*. S. Porphyrio, M. O B. Bernardo de Corleone.

17 ○ *Quinta*. S. Faustino, M. O B. Nicoláu de Longobardis. *Faz 14 annos a Seren. Sr.ª Infanta D. Antonia. Simples Gala. L. cheia ás 10 h. e 5 m. da manhã.*

18 *Sexta*. S. Theotonio. S. Simeão, B. M. *Foi abolido o dia santo de guarda nas cidades de Vizeu e Pinhel.*

19 *Sabbado*. S. Conrado, F. O B. Alvaro de Cordova.

20 *Domingo da Septuagesima*. S. Eleutherio, B. M. *Começão os Domingos da Madre de Deus.*

21 *Segunda*. S. Maximiano, B. M. S. Angela de Miricia, V. F.

22 DE FEVEREIRO. *Terça.* S. Margarida de Cortona. A Cadeira de S. Pedro em Antiochia.
23 *Quarta (Jejum).* S. Pedro Damião.
24 ☾ *Quinta.* S. Mathias, Ap. S. Pretextato, B. *Foi abolido o dia santo dispensado. Q. ming. á 1 h. e 45 m. da tarde.*
25 *Sexta.* S. Cesareo, Irmão de S. Gregorio Nazianzeno.
26 *Sabbado.* S. Torcato, M. Arc. de Braga.
27 *Domingo da Sexagesima.* S. Leandro. A B. Eustachia, V. F. A B. Christiana, V. A.
28 *Segunda.* S. Romão, Ab. O B. Thomaz de Cora.

SIGNO DE  ARIES.

1 DE MARÇO. *Terça.* S. Adrião, M. S. Rozendo, Port. A B. Mathia de Nazareis, F. *(A. 51, 1 de Março.)*
2 *Quarta.* S. Simplicio, P.
3 *Quinta.* S. Hemeterio. S. Cunegundes.
4 ● *Sexta.* S. Casimiro. S. Lucio. P. M. *L. nova ás 6 h. e 34 m. da tarde.*
5 *Sabbado.* S. Theophilo. O B. João José da Cruz, F.
6 *Domingo da Quinquagesima (Entrudo). (A. 51, 4 de março, A. 53 p. 70, A. 55 p. 153).* S. Ollegario, B. S. Colleta, V. *Ind. das 40 horas na Sé e em S. João Nepomuceno por occasião da Exposição do SS. Sacramento até á terça feira depois de Completas.*
7 *Segunda.* S. Thomaz d'Aquino. S. Perpetua e S. Felicidade, MM. *Foi abolido o dia santo dispensado em Faro e seus suburbios.*

8 DE MARÇO. *Terça*. S. João de Deus *(A. 54 p. 102.)*

9 *Quarta feira de Cinza (A. 51, 5 de março, A. 52 p. 85, A. 53 p. 71, A. 55 p. 170, A. 59 p. 138). (Jejum até á Paschoa, excepto aos domingos)*. S. Francisca Romana. S. Catharina de Bolonha. *Prohibem-se as benções matrimoniaes desde este dia até ao 1.º domingo depois de Paschoa.*

10 *Quinta*. S. Militão e seus 39 Comp. MM. O B. Pedro de Jeremias, D. *Começa a Nov. de S. José.*

11 *Sexta*. S. Candido, M. *Faz 37 annos S. A. a Ser. Sr.ª D. Januaria Maria.*

12 ☽ *Sabbado*. S. Gregorio, P. e Dr. da Igreja *(A. 55 p. 176). Q. cresc. ás 4 h. e 3 m. da manhã.*

13 *Domingo (1.º da Quaresma)*. A B. Sancha. V., Infanta de Portugal. S. Rodrigo, M. S. Eufrasia, V. *Procissão em S. Antão do Tojal, Villa Franca e Cascaes.*

14 *Segunda*. Trasladação de S. Boaventura. S. Mathilde, Rainha. O B. Pedro de Treja, F. *Faz 37 annos S. M. a Imperatriz do Brasil, D. Thereza.*

15 *Terça*. S. Longuinhos, Soldado, M. S. Zacharias, P.

16 *Quarta (Temporas)*. S. Cyriaco, M. *Faz 17 annos o Ser. Sr. Inf. D. João. Pequena Gala.*

17 *Quinta*. S. Patricio, Ap. da Irlanda. S. Gertrudes, V.

18 🌕 *Sexta (Temporas)*. S. Gabriel, Archanjo. S. Narciso, Arc. *Proc. dos Passos. L. cheia ás 9 e 9 m. da tarde.*

19 *Sabbado (Temporas)*. S. José, Esposo de N. S.ª *(A. 54 p. 112). Festa e Lausp. na sua Freg., onde foi abolido o dia santo de guarda. Festa na Igreja do Hospital de S. José, em Belem, e no Mosteiro da Encarnação com Jubileu para os Irmãos. Faz 2 annos a Ser. Sr.ª D. Maria José Beatriz, 3.ª filha do Sr. D. Miguel de Bragança.*

20 *Domingo (2.º da Quaresma)*. S. Martinho Dumiense, Arceb. de Braga *(A. 53 p. 110)*. O B. João de Parma, F. *Proc. em Sacavem. Principia a Primavera (A. 51, 21 de Março, A. 55 p. 76).*

21 *Segunda*. S. Bento, Ab. *Festa no Most. da Encarnação. Com. a Nov. de S. Catharina de Sena.*

22 DE MARÇO. *Terça.* S. Benvenuto, B. S. Emygdio, B. M. S. Ambrosio de Sena, D.

23 *Quarta.* S. Felix e seus Comp. *Matinas na Fróg. do Sacramento.*

24 *Quinta.* Instituição do SS. Sacramento. S. Marcos, M. S. Agapito, B. *Festa de instrumental e Lausp. na Fróg. do SS. Sacramento. Ind. como a da Porciuncula em todas as Igrejas em que estiver o SS. Sacramento ou que tiverem a sua invocação.*

25 *Sexta.* ✠ ANNUNCIAÇÃO DE N. SENHORA *(A. 51, 25 de Março, A. 53 p. 122, A. 55 p. 198). Festa de instrumental e Lausp. na Fróg. da Encarnação e nos Most. da Encarnação e Santa Joanna.*

26 ☾ *Sabbado.* S. Ludgero, B. S. Braulio, B. *Q. ming. ás 8 h. e 51 m. da manhã.*

27 *Domingo (3.º da Quaresma).* S. Roberto, B. *Proc. dos Passos, em Oeiras, Alverca e Arruda.*

28 *Segunda.* S. Alexandre, M.

29 *Terça.* S. Victorino e seus Comp., MM.

30 *Quarta.* S. João Climaco. A B. Angela de Fulgino, Viuva.

31 *Quinta.* S. Balbina, V. S. Benjamim, Diácono, M.

SIGNO DE  TOURO.

1 DE ABRIL. *Sexta.* As Chagas de S. Catharina de Sena. S. Macario *(A. 51, 1 d'Abril, A. 55 p. 184.) Proc. dos Passos em Belem e no Desterro.*

2 DE ABRIL. *Sabbado.* S. Francisco de Paula. S. Maria Egypciaca. *Festa e Lausp. em S. Francisco de Paula.*

3 ● *Domingo (1.º da Quaresma).* S. Ricardo, B. S. Benedicto, F. *Festa em Santa Joanna. Faz 28 annos a Ser. Sr.ª D. Adelaide Sophia, Esposa do Sr. D. Miguel de Bragança. L. nova ás 9 h. e 1 m. da manhã.*

4 *Segunda.* S. Izidoro, Arceb. de Sevilha. S. Sozimo.

5 *Terça.* S. Vicente Ferrer, D.

6 *Quarta.* S. Marcellino, M. A Bemaventurada Catharina de Pallancia.

7 *Quinta.* S. Epifanio, B. M.

8 *Sexta.* S. Amancio, B. O Bemaventurado Clemente de Osimo, A. *Faz 23 annos que chegou a Lisboa S. M. o Sr. D. Fernando.*

9 *Sabbado.* Trasladação de S. Monica. S. Procoro, M. *Com. o Septenario das Dores.*

10 ☽ *Domingo da Paixão (A. 51, 6 d'Abril).* S. Ezequiel, Propheta. O B. Antonio, M. D. *Q. cresc. ás 10 h. e 44 m. da manhã. Bênção no Menino Deus. Proc. dos Passos na Luz e Santo Antonio do Tojal. São prohibidos os espectaculos publicos desde hoje até Domingo de Paschoa inclusive.*

11 *Segunda.* S. Leão I, P. O Bemaventurado André do Monte Real, A.

12 *Terça.* S. Victor, M. Portuguez. O B. Angelo de Clavasio.

13 *Quarta.* S. Hermenegildo, M. A B. Margarida do Castello, V.

14 *Quinta.* S. Tiburcio e S. Valeriano, MM. S. Pedro Gonçalves Telmo. *Festa a S. Francisco de Paula na sua Igreja.*

15 *Sexta.* As Sete Dores de N. Senhora *(A. 53 p. 108).* S. Basilissa e S. Anastacia, MM. S. Eutychio, M. *Festa e Lausp. na Ermida das Dores e nas Igrejas onde houve septenario. Festa e Senhor Exposto na Guia. Festa de instrumental em Santo Antonio da Sé. Festa em Santa Joanna.*

16 DE ABRIL. *Sabbado*. S. Engracia, V. M. S. Fructuoso, Arceb. de Braga. *Foi abolido o dia santo de guarda na Frég. de Santa Engracia.*

17 ☺ *Domingo de Ramos (A. 51, 18 d'Abril, A. 55 p. 184.)* S. Aniceto, P. M. S. Elias, Monge Portuguez. *Festa na Sé. Procissão de tarde na Madre de Deus, Campo Grande, Loures e Almada. L. cheia ás 8 h. e 29 m. da mánhã.*

18 *Segunda*. S. Galdino, B. e Cardeal. O B. André Hilbernon, F. *Começão as férias.*

19 *Terça*. S. Hermogenes, M. O B. Conrado Miliano, da Ordem de S. Francisco.

20 *Quarta feira de Trevas (A. 51, 16 d'Abril, A. 52 p. 128.)* S. Ignez de Montepoliciano, V. D. *Officio nos Martyres, S. Roque, Sé, etc.*

21 *Quinta feira de Endoenças (✠ desde o meio dia até ao meio dia seguinte). (A. 51, 17 d'Abril, A. 52 p. 229, A. 53 p. 118, A. 55 p. 186).* S. Anselmo, Arceb. de Cantuaria. *Festa de instrumental na Sé. Com. a Nov. de Santa Catharina de Sena.*

22 *Sexta feira de Paixão (✠ até ao meio dia) (A. 51, 6 e 18 d'Abril, A. 53 p. 114, A. 54 p. 134, A. 55 p. 188).* SS. Sotero e Caio, MM. S. Senhorinha, V. Portugueza. *Proc. do Enterro na Graça, em Jesus, nos Clerigos Pobres, nas Francezinhas e em Belem. Com. a Nov. de N. Senhora do Resgate.*

23 *Sabbado d'Alleluia (A. 51, 19 d'Abril, A. 55 p. 189).* S. Jorge, M., Defensor do Reino. *Festa e Lausp. em S. Jorge, onde se abolio o dia santo de guarda.*

24 *Domingo de Paschoa (A. 51, 20 d'Abril, A. 52 p. 125, A. 53 p. 116, A. 55 p. 190).* Fugida de N. Senhora para o Egypto. Patrocinio de S. José. S. Fidelis de Sigmaringa, M., da Ordem de S. Francisco. S. Honorio, B. *Festa de instrumental na Sé. Benção Papal. Festa nos Martyres. Pequena Gala. Começa a Novena da Invocação da Santa Cruz.*

25 DE ABRIL. ☾ *Segunda (1.ª Oitava da Paschoa)*. S. Marcos Evangelista. *Foi abolido o dia santo dispensado no Funchal e o de guarda nas outras dioceses. Quarto ming. ás 4 h. e 9 m. da manhã.*

26 *Terça (2.ª Oitava da Paschoa)*. S. Pedro de Rates, 1.º Bispo de Braga. S. Cleto e S. Marcellino, Martyres. *Foi abolido o dia santo dispensado.*

27 *Quarta*. S. Tertuliano, B. S. Toribio, Arceb. de Lima.

28 *Quinta*. S. Vital, M. S. Prudencio, B. O B. Lucio, F. O B. Agostinho de Movelo, A. *Procissão da Saude.*

29 *Sexta*. S. Pedro, M. D. *Faz 66 annos Sua Alteza a Serenissima Sr.ª D. Maria Thereza. Anniversario da Carta Constitucionol e do casamento de S. M. o Senhor D. Pedro V, por procuração, em Berlim. Grande Gala e Cortejo.*

30 *Sabbado* S. Catharina de Sena, V. *(A. 52 p. 110)*. S. Peregrino, Servita. *Festa nos Paulistas.*

SIGNO DE  **GEMINIS.**

1 DE MAIO. *Domingo da Paschoela (A. 58 p. 121)*. MATERNIDADE DE N. SENHORA. S. Filippe e S. Thiago, Ap. *Festa de N. Senhora do Resgate na sua ermida aos Anjos. Festa á Senhora das Angustias em S. Francisco de Paula. Communhão dos meninos nas Fróg. do Sacramento e Magdalena. Foi abolido o dia santo de guarda no Funchal e o dispensado nas outras dioceses.*

2 DE MAIO. ● *Segunda.* NOSSA SENHORA DOS PRAZERES E DA PENA. S. Athanasio, Bispo. A Bemaventurada Mafalda, Virgem, Infanta de Portugal. *L. nova ás 9 h. e 28 m. da tarde. Festa e Lausp. na Fróg. da Pena, onde se abolio o dia santo de guarda. Festa em S. Christovão. Proc. de manhã, por voto; sahe da Fróg. de Santos para a Ermida dos Prazeres.*

3 *Terça.* Invenção da Santa Cruz *(A. 53 p. 154). Foi abolido o dia santo dispensado.*

4 *Quarta.* S. Monica, Mãi de S. Agostinho. *Com. a Nov. de N. Senhora dos Martyres.*

5 *Quinta.* Conversão de S. Agostinho. S. Pio V., Papa, D. S. Angelo M. C.

6 *Sexta.* S. João *ante portam latinam.* S. João Damasceno.

7 *Sabbado.* S. Estanisláu, B. M. S. Augusto, M. *Festa da Coroação de Espinhos de N. Senhor em Santa Joanna. Com. a Nov. de S. João Nepomuceno.*

8 *Domingo* do Bom Pastor *(A. 52 p. 144).* Apparição de S. Miguel Archanjo. *Acabão as ferias. Festa na sua Igreja e do Senhor Jesus dos Perdões na Fréguezia da Magdalena.*

9 ☽ *Segunda.* S. Gregorio Nazianzeno, B. *Q. cresc. ás 4 h. e 22 m. da tarde.*

10 *Terça.* S. Antonino, Arcebispo de Florença, D. *Festa ao Patrocinio de S. José em Santo Alberto.*

11 *Quarta.* S. Anastacio, M.

12 *Quinta.* S. Joanna, Princeza de Portugal *(A. 53 p. 161). Festa no seu Conv.*

13 *Sexta.* N. SENHORA DOS MARTYRES. S. Pedro Regalado, da Ordem de S. Francisco. O Beato Alberto de Bergamo, da Ordem de S. Domingos. *Festa nos Martyres, no Sacramento, em S. Martha, e no Conv. de Santa Clara. Com. a Nov. de S. Rita.*

14 *Sabbado.* S. Fr. Gil, da Ordem de S. Domingos *(A. 54 p. 168).* S. Bonifacio, M. O B. Francisco de Fabiano, da Ordem de S. Francisco.

15 DE MAIO. *Domingo.* S. Izidro, lavrador. O B. Egydio, da Ordem de S. Francisco. *Festa na Igreja dos Martyres a Santa Maria Egypciaca pela R. Irmandade dos Archeiros e ao Patrocinio de S. José na Igreja da Estrella.*

16 ☽ *Segunda.* S. João Nepomuceno, Martyr. Santo Ubaldo, Bispo. S. Simão de Stok, C. *L. cheia ás* 8 *h. e* 30 *m. da tarde.*

17 *Terça.* S. Paschoal Baylão, F. S. Possidonio. *Com. a Nov. de S. Filippe Nery. Faz um anno que chegou a Lisboa S. M. a Rainha.*

18 *Quarta.* S. Venancio, M. S. Erico, Rei de Suecia, M. S. Felix de Cantalicio.

19 *Quinta.* S. Pedro Celestino, P. S. Ivo, F.

20 *Sexta.* S. Bernardino de Sena, F. A B. Columba de Riete, V. D.

21 *Sabbado.* S. Manços, M., 1.º B. d'Evora.

22 *Domingo.* S. Rita de Cassia, V. S. Quiteria, V. M. e oito irmãs portuguezas (*A.* 53 *p.* 170). S. Ato, B. S. Helena, V. *Festa de instrumental na Ermida da Oliveira.*

23 *Segunda.* S. Basilio, Arc. de Braga. S. Desiderio, B. M.

24 ☾ *Terça.* S. Afra. O B. João do Prado, M. Trasladação de S. Domingos (*A.* 54 *p.* 173). *Com. a Nov. da Ascensão. Q. ming. ás* 10 *h. e* 13 *m. da tarde.*

25 *Quarta.* S. Gregorio VII, P. S. Urbano, P. M.

26 *Quinta.* S. Filippe Nery, Fundador da Congreg. do Oratorio. S. Eleuterio, P. M. *Festa na Ermida da Victoria pelos Congregados de S. Filippe Nery.*

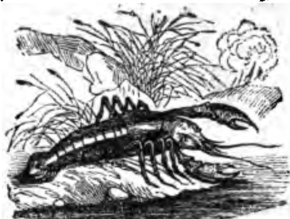
27 *Sexta.* S. João, P. M. O Veneravel Beda.

28 *Sabbado.* S. Germano, B.

29 *Domingo.* S. Maximo, B. S. Theodosia.

30 *Segunda (Ladainhas)* (*A.* 51, 26 *de Maio*). S. Fernando, Rei de Castella. S. Felix, P. M. *Nome de S. M. El-Rei o Sr. D. Fernando. Grande Gala.*

31 *Terça (Ladainhas).* S. Petronilla, V. O B. Diogo Salomonio, D.

SIGNO DE  CANCER.

1 DE JUNHO. ● *Quarta (Ladainhas, Jejum)*. S. Firmo, M. *Com. a Trezena de S. Antonio (A. 51, 4 de Junho) Embarca o Cirio do Cabo. L. nova ás 6 h. e 33 m. da manhã.*

2 *Quinta.* ✠ Ascensão *(A. 51, 29 de Maio, A. 55 p. 222)*. S. Marcellino, M. O B. Sadoc e seus 48 Comp., MM. *Festa na Frég. do Sacramento, em Santa Martha e no Conv. de Santa Clara. Faz-se a Hora na Igreja dos Martyres e no Sacramento. Festa, Lausp. e Ind. na Ermida da Ascensão aos Paulistas. São prohibidos os espectaculos publicos.*

3 *Sexta.* S. Paula. S. Ovidio. *Com. a Nov. do Espirito Santo.*

4 *Sabbado.* S. Francisco Caraciolo. S. Quirino, B. M.

5 *Domingo.* S. Marciano, M. S. Bonifacio, B. M. *Proc. do Corpo de Deus no Salvador.*

6 *Segunda.* S. Norberto, B. S. Paulina, V. M. *Desembarca o Cirio do Cabo.*

7 ☽ *Terça.* S. Roberto. *Q. cresc. ás 10 h. e 11 m. da tarde.*

8 *Quarta.* S. Salustiano, C. S. Severino, B.

9 *Quinta.* S. Primo e S. Feliciano, MM. S. Melania.

10 *Sexta.* S. Margarida. *Começa a Novena da Santissima Trindade.*

11 *Sabbado (Jejum no Patriarchado)*. S. Barnabé, Ap.

12 *Domingo de Pentecostes (A. 51, 15 de Junho, A. 54 p. 190)* S. João de S. Facundo. S. Onofre. O B. Guido, F.

13 DE JUNHO. *Segunda (1.ª Oitava).* ✠ S. Antonio de Lisboa, F. *(A. 52 p. 260, A. 53 p. 191, A. 55 p. 243.) Festa de instrumental na sua Igreja a que assiste a Camara Municipal.*

14 *Terça (2.ª Oitava).* S. Basilio Magno, B. S. Elizeu, Propheta. *Principia a Nov. do Corpo de Deus. Ind. Foi abolido o dia santo dispensado.*

15 🌕 *Quarta (Temporas, Jejum)* S. Vito, M. *Com. a Nov. de S. João Baptista e o Oitavario do Corpo de Deus no Mosteiro da Encarnação e nas Francezinhas. L. cheia ás 9 h. e 41 m. da manhã.*

16 *Quinta.* S. João Francisco Regis. S. Aureliano, B.

17 *Sexta (Temporas, Jejum).* A B. Thereza, Rainha de Leão, Portugueza. S. Manoel e Irmãos, MM. O B. Paulo de Arezzo. *Com. a Nov. da Pureza de N. Senhora.*

18 *Sabbado (Temporas, Jejum).* S. Marcos e S. Marcellino, Irm. MM. A B. Osana, V. D. *Matinas na Encarnação.*

19 *Domingo da SS. Trindade (A. 51, 15 de Junho, A. 54 p. 190).* S. Juliana de Falconer, V. S. Gervasio e S. Protasio, MM.

20 *Segunda.* S. Silverio, P. M. *Começa a Nov. de S. Pedro. Festa da Irmandade dos Clerigos Pobres, a que assiste como irmão o Sr. Cardeal Patriarcha, na fréq. da Encarnação.*

21 *Terça.* S. Luiz Gonzaga. *Princ. o Verão (A. 51, 22 de junho, A. 55 p. 259).*

22 *Quarta (Jejum).* S. Paulino, B. O B. Filippe de Placencia, A. *Com. a Nov. do Coração de Jesus. Festa e Proc. do Corpo de Deus nos Martyres, e festa do Desaggravo pelos Escravos da Irmandade do SS. Sacramento no Most. da Encarnação. São hoje prohibidos os espectaculos publicos. Anniversario do fallecimento de S. A. a Seren. Sr.ª Infanta D. Anna de Jesus Maria.*

23 🌗 *Quinta.* ✠ Corpo de Deus *(A. 51, 19 de junho, A. 52 p. 191, 367, A. 55 p. 238).* S. João, Sacerdote. S. Edeltrudes. *Proc. da Cidade. Peq. Gala. Festa nos Conv. de Santa Clara e Santa Joanna. Q. ming. á 1 h. 55 m. da tarde.*

24 DE JUNHO. *Sexta.* ✠ Nascimento de S. João Baptista *(A. 51, 19 e 24 de Junho, A. 52 p. 204, A. 53 p. 203, A. 54 p. 201, A. 55 p. 252). Festa em S. João da Praça, Penha de França, Lumiar, Almada, Alcochete, etc. Com. a Nôv. de N. Senhora Mãi dos Homens.*

25 *Sabbado.* S. Guilherme, Ab. S. Febronia, V. M. S. Tude, advogado contra a tosse.

26 *Domingo.* Pureza de N. Senhora. S. João e S. Paulo, Irmãos MM. S. Pelagio, M.

27 *Segunda.* S. Ladisláu. O B. Benvenuto, F.

28 *Terça (Jejum).* S. Leão II, Papa.

29 *Quarta.* ✠ S. Pedro e S. Paulo, Ap. *(A. 53 p. 208, A. 54 p. 206) Festa e Lausperenne na Igreja de S. Pedro em Alcantara, nos Inglezinhos, Lumiar, Cintra e Seixal.*

30 🌑 *Quinta (Jejum).* S. Marçal, B. *Festa na Graça. Proc. do Corpo de Deus na Sé de Lisboa. L. nova ás 2 h. 4 m. da tarde.*

SIGNO  DE LEO.

1 DE JULHO. *Sexta.* ✠ SS. Coração de Jesus. S. Theodorico, Ab. S. Julio e S. Arão, MM. *(A. 51, 2 de Julho) Assistem á Festa no Conv. da Estrella SS. MM., Grã Cruzes e Commendadores. Festa nas Francezinhas, no Conv. de S. Clara, e nas Religiosas do SS. Sacramento a N. Senhora dos Afflictos. Proc. de tarde em Jesus. Pequena Gala.*

2 DE JULHO. *Sabbado.* VISITAÇÃO DE N. SENHORA. *Festa na Igr. de S. Roque, cujo orago é a Visitação, e nas Salesias. Foi um dos dias santos dispensados abolidos no Funchal.*

3 *Domingo.* N. SENHORA MÃI DOS HOMENS. S. Jacintho M. S. Heliodoro, B.

4 *Segunda.* S. Isabel, Rainha de Portugal *(A.* 52 *p.* 40, 72, 105, 281. *A.* 53 *p.* 213, 372*). Festa na sua Freguezia, onde se abolio o dia santo de guarda. Faz* 58 *annos a Seren. Sr.ª Inf. D. Isabel Maria.*

5 *Terça.* S. Athanasio, M. O Bemaventurado Miguel dos Santos.

6 *Quarta.* S. Domingas, V. M. *Começa a Novena de S. Camillo.*

7 ☽ *Quinta.* S. Pulcheria, V. S. Claudio e seus Comp., MM. O B. Benedicto XI, P. D. *Começa a Nov. de N. Senhora do Carmo. Q. cresc. ás* 5 *h. e* 17 *m. da manhã.*

8 *Sexta.* S. Procopio, M. O B. Lourenço de Branduzio, C. *Principia a Nov. de N. Senhora do Carmo.*

9 *Sabbado,* S. Cyrillo, B. M. O B. João de Colonia, M. D. O B. Nicoláu e seus Comp. MM.

10 *Domingo.* N. Senhora do Patrocinio. S. Januario e seus Comp., MM. S. Amelia, V. A B. Joanna Escopeli, C. *Prinč. a Nov. de S. Justa. Dia do nome de S. M. I. a Sr.ª Duqueza de Bragança. Peq. Gala.*

11 *Segunda.* S. Pio, P. M. S. Sabino. Trasladação de S. Bento.

12 *Terça.* S. João Gualberto, Ab. S. Nabor e S. Felix, MM.

13 *Quarta.* S. Anacleto, P. M. *Faz* 12 *annos a Ser. Sr.ª Princeza D. Leopoldina, do Brasil.*

14 *Quinta.* S. Boaventura, B. Cardeal, F.

15 ⓟ *Sexta.* S. Camillo de Lelis, S. Henrique, Imp. O B. Ignacio d'Azevedo, Portuense, e seus 39 Comp. MM. *Festa na Magdalena a S. Camillo de Lelis. Faz* 22 *annos S. M. F. a Rainha. Grande Gala. Cortejo. L. cheia aos* 16 *m. depois da meia noute.*

16 DE JULHO. *Sabbado.* TRIUMPHO DA SANTA CRUZ. N. SENHORA DO CARMO. S. Sisenando, M. O B. Ceslâu, D. *Festa a N. Senhora em S. Nicoláu, nas Religiosas de Santo Alberto, e no Conv. da Estrella.*

17 *Domingo.* ANJO CUSTODIO DO REINO. S. Aleixo. *Festa e Proc. no Sacramento.*

18 *Segunda.* S. Marinha, V. M. O Bemaventurado Simão de Lipnica, F. S. Frederico, B. M. O B. Gaspar Bom. *Foi abolido o dia santo de guarda na Frég. de Santa Marinha.*

19 *Terça.* Santas Justa e Rufina, MM. S. Vicente de Paulo. O B. João de Dukla, F. *Festa e Lausperenne na Fréguezia de Santa Justa, onde foi abolido o dia santo de guarda.*

20 *Quarta.* S. Jeronymo Emiliano. S. Elias, Propheta. S. Margarida, V. M.

21 *Quinta.* S. Praxedes, V. *Faz 16 annos a Seren. Sr.ª Inf. D. Maria Anna. Pequena Gala.*

22 *Sexta.* S. Maria Magdalena. *Festa e Lausp. na sua Frég., onde foi abolido o dia santo de guarda. Com. a Nóv. de Sant'Anna.*

23 ☾ *Sabbado (Jejum).* S. Apollinario, B. M. S. Liborio, B. A B. Joanna Vanna, V. D. *Faz 13 annos o Seren. Sr. Inf. D. Fernando. Pequena Gala. Q. ming. ás 2 h. e 19 m. da manhã.*

24 *Domingo.* S. Christina, V. Martyr. S. Francisco Solano, F. O B. Antonio d'Aquila, A. *Passou para uma das sextas ou sabbados do Advento o antigo jejum a S. Thiago.*

25 *Segunda.* S. Thiago, Ap. S. Christovão, M. S. Valentina, V. M. *Festa e Lausperenne em S. Christovão.*

26 *Terça.* S. Symfronio. S. Olympio e S. Theódulo, MM. *Com. a Nov. de S. Domingos.*

27 *Quarta.* S. Pantaleão, Medico e M. A B. Cunegundes, V. *Foi abolido o dia santo de guarda no Porto.*

28 *Quinta.* S. Innocencio, Papa.

29 DE JULHO. ☺ *Sexta.* S. Martha, V. S. Olavo, M. *Festa em Santa Martha. Principia a Nov. de S. Caetano. Faz 13 annos S. A. a Seren. Sr.ª Princeza D. Isabel, do Brasil. L. nova ás 9 h. e 7 m. da tarde.*

30 *Sabbado.* S. Rufino, M.

31 *Domingo. SANT'ANNA, MÃI DA MÃI DE DEUS.* S. Ignacio de Loyola. S. Fabio, M. S. Colimerio, F. *Festa de instrumental nas Freiras de Santa Joanna e Sant'Anna. Festa e Proc. na Magdalena. Festa em Bemfica. Juramento da Carta Constitucional. Faz 47 annos S. M. I. a Sr.ª Duqueza de Bragança. Grande Gala. Cortejo.*

SIGNO DE  VIRGO.

1 DE AGOSTO. *Segunda (A. 51, 1 de Agosto).* S. Pedro *ad Vincula.* Os MM. de Chellas.

2 *Terça.* N. S. dos Anjos. S. Estevão, P. M. *Faz 35 annos a Serenissima Sr.ª Princeza de Joinville.*

3 *Quarta.* Invenção de S. Estevão, Proto-Martyr.

4 *Quinta.* S. Domingos. *Festa no Conv. de Santa Joanna.*

5 ☽ *Sexta.* N. S. das Neves. *Festa na Freguezia do Soccorro em que foi abolido o dia santo de guarda. Faz 7 annos a Ser. Sr.ª D. Maria das Neves, 1.ª filha do Sr. D. Miguel de Bragança. Q. cresc. ás 8 h. e 45 m. da tarde.*

6 *Sabbado.* Transfiguração de Christo. Sant'Iago, Eremita. *Princ. a Nov. da Assumpção.*

7 **DE AGOSTO.** *Domingo*. S. Caetano. S. Alberto, C. O B. Vicente d'Aquila, F. *Festa de S. Caetano na sua Igreja. Com. a Nov. de S. Roque.*

8 *Segunda*. S. Cyriaco e seus Comp. MM. S. Severo.

9 *Terça*. S. Romão, M. O B. João de Salerno, D. *Passou para uma das sextas ou sabbados do Advento o antigo jejum a S. Lourenço.*

10 *Quarta*. S. Lourenço, M. S. Filomena, V. M., Princeza. *Foi abolido o dia santo dispensado. Festa e Lausperenne na Fréguezia de S. Lourenço.*

11 *Quinta*. S. Tiburcio e S. Suzanna, MM.

12 *Sexta*. S. Clara, V. F. *Principia a Nov. de S. Joaquim.*

13 ● *Sabbado (Jejum)*. S. Hypolito e S. Cassiano, MM. S. Helena, Virgem Martyr *L. cheia ás* 3 *h.* 58 *m. da tarde.*

14 *Domingo*. S. Eusebio. O B. Sanches, F. A B. Juliana do Busto. S. Athanasia, Viuva.

15 *Segunda*. ✠ Assumpção de N. Senhora. *Festa de instrumental em S. Vicente. Ind. em varias Igrejas. Festa nos Clerigos Pobres. Proc. nas Flamengas ao Calvario. Festa na Ermida da Assumpção, na Rua da Prata. Festa de instrumental, SS. Sacramento Exposto e feira, em Calhariz de Bemfica. Proc. no Barreiro. Festa na Peninha em Cintra. Jubileu no Arcebispado de Braga e por oito dias no Patriarchado.*

16 *Terça*. S. Roque, F. (A. 54 *p*. 252.) S. Jacintho, D. S. Sirena. *Festa em S. Roque. Foi um dos dias santos dispensados abolidos no Funchal.*

17 *Quarta*. S. Mamede, M. *(Foi abolido o dia santo de guarda na sua Frég., em que ha festa e lausperenne)*. A B. Emilia, V. D.

18 *Quinta*. S. Clara de Monte Falco, V. A. S. Lauro, Martyr.

19 *Sexta*. S. Luiz, B. F. *Com. a Nov. do Coração de Maria e a de Santo Agostinho.*

20 *Sabbado*. S. Bernardo, Ab. e Dr. da Igreja.

21 DE AGOSTO. ☾ *Domingo*. S. Joaquim, Pai de N. Senhora. S. Joanna Francisca, Viuva. S. Anastacio, M. S. Umbellina. *Q. ming. á 1 h. e 9 m. da tarde.*

22 *Segunda*. S. Thimotheo, M.

23 *Terça*. S. Filippe Benicio. S. Liberato e seus Comp. MM. O B Jacobo de Mevenha, D. *Passou para uma das sextas feiras ou sabbados do Advento o Jejum a S. Bartholomeu.*

24 *Quarta*. S. Bartholomeu, Ap. *(A. 51, 24 de agosto)* S. Aurea, M. *Foi abolido o dia santo dispensado. Faz 4 annos a Ser. Sr.ª D. Maria Thereza, filha do Sr. D. Miguel de Bragança.*

25 *Quinta*. S. Luiz, Rei de França.

26 *Sexta*. S. Zepherino, P. M.

27 *Sabbado*. S. José de Calazans. S. Rufo, B. M.

28 ☻ *Domingo*. Sagrado Coração de Maria. S. Agostinho, B. e Dr. da Igreja. S. Hermes, M. *Festa do Coração de Maria na sua ermida ao Campo Grande e no Most. da Encarnação. L. nova ás 4 h. e 37 m. da manhã.*

29 *Segunda*. Degollação de S. João Baptista. S. Candida, V. M. S. Sabina, V.

30 *Terça*. S. Rosa de Lima, V. D. *Principia a Nov. de N. Senhora das Necessidades.*

31 *Quarta*. S. Raymundo Nonnato, C. *Festa em Santa Martha.*

SIGNO DE  **LIBRA.**

1 DE SETEMBRO. *Quinta*. S. Egydio, Ab. A B. Isabel, V. F. *(A. 51, 6 de set. A. 53 p. 268.) Principia a Nov. de S. Nicoláu Tolentino. Com. as ferias.*

2 DE SETEMBRO. *Sexta.* S. Estevão. S. Brocardo, C. *Com. a Nov. do SS. Nome de Maria.*

3 *Sabbado.* S. Eufemia, V. M.

4 ☽ *Domingo.* S. Rosa de Viterbo, F. S. Candida. *Q. cresc. ás 3 h. e 28 m. da manhã.*

5 *Segunda.* S. Antonino, M. A. Trasladação dos MM. de Lisboa.

6 *Terça.* S. Libania, V. Os Santos dos Conegos Regrantes.

7 *Quarta.* S. João, M. S. Anastacio, M. *Passou para uma das sextas ou sabbados do Advento o Jejum a N. Senhora da Natividade.*

8 *Quinta.* Natividade de Nossa Senhora. S. Adrião, M. *Festa e Lausp. na Ermida da Victoria. Festa nas Necessidades, Loreto, Luz, Guia, Linda a Velha, etc. Foi abolido o dia santo de guarda.*

9 *Sexta.* S. Sergio, P.

10 *Sabbado.* S. Nicoláu Tolentino, A.

11 *Domingo.* Santissimo Nome de Maria. S. Theodora, Penitente. O B. Bernardo de Offida, F. *Festa nas Francezinhas. Festa a N. S. da Graça e a N. S. da Guia nas suas Igrejas. Festa d'arraial na Cruz Quebrada. Festa dos cereeiros a N. Senhora Franca na Fréguezia de S. Thiago.*

12 ◯ *Segunda.* S. Auta, V. M. *L. cheia ás 7 h. 55 m. da manhã.*

13 *Terça.* S. Filippe, M.

14 *Quarta.* Exaltação da Santa Cruz. *Festa nas Francezinhas e na Igreja das Religiosas de S. Alberto.*

15 *Quinta.* S. Domingos em Soriano. S. Nicomedes, M. *Com. a Nov. de N. Senhora das Mercês.*

16 *Sexta.* Trasladação de S. Vicente, M. S. Cornelio e S. Cypriano, MM. *Faz 22 annos S. M. El-Rei o Sr. D. Pedro V. Grande Gala. Cortejo. Não ha despacho.*

17 *Sabbado.* S. Pedro de Arbues, M. As Chagas de S. Francisco.

18 DE SETEMBRO. *Domingo.* FESTA DAS DORES DE N. SENHORA. S. José de Cupertino. S. Thomaz de Villa Nova, B. *Festa em S. Nicoláu, na Ermida das Dores, e em Santos o Velho.*

19 ☾ *Segunda.* S. Januario, B. M. S. Constança, M. *Faz 6 annos o Seren. Sr. D. Miguel Maria de Bragança, filho do Sr. D. Miguel de Bragança. Q. ming. ás 9 h. e 37 m. da tarde.*

20 *Terça (Jejum).* S. Eustachio e seus Comp., MM. *Começa a Nov. de S. Miguel. Passou para uma das sextas ou sabbados do Advento o Jejum a S. Matheus.*

21 *Quarta (Temporas, Jejum).* S. Matheus, Ap. e Evang. S. Ifigenia, Princeza. *Foi abolido o dia santo dispensado. (A. 51, 23 de setembro, A. 55 p. 327, A. 58 p. 300). Principia o Outono.*

22 *Quinta.* S. Mauricio e seus 10,000 Comp.

23 *Sexta (Temporas, Jejum).* S. Lino, P. M. S. Tecla, V. M. *Com. a Nov. do Rosario.*

24 *Sabbado (Temporas, Jejum).* NOSSA SENHORA DAS MERCÊS. S. Geraldo, C. O B. João Dalmacio, D. *Foi abolido o dia santo de guarda na Frég. das Mercês. Officio e Missa por alma de S. M. o Sr. Duque de Bragança. São prohibidos os espectaculos publicos.*

25 *Domingo.* S. Firmino, B. M. S. Herculano, Soldado M. S. Pacifico de S. Severino, F. *Com. a Nov. de S. Francisco de Assiz.*

26 ● *Segunda.* S. Cypriano e S. Justina, MM. *(A. 53 p. 290.)* A B. Luzia. V. F. *L. nova á 1 h. e 19 m. da tarde.*

27 *Terça.* S. Cosme e S. Damião, MM. S. Elizeario, F.

28 *Quarta.* S. Wenceslåu, Duque de Bohemia. O B. Bernardino de Feltro, F. O B. Simão de Rochas. *Festa da Dedicação da Igreja Parochial do Sacramento na sua Frég.*

29 *Quinta.* S. Miguel Archanjo *(A. 53 p. 293). Festa em S. Miguel, na Frég. do Sacramento, no Most. da Encarnação, em S. Paulo e nos Anjos. Foi abolido o dia santo dispensado.*

30 *Sexta.* S. Jeronymo, Dr. da Igreja. *Acabão as férias. Festa e feira em Belem.*

SIGNO DE  SCORPIO.

1 DE OUTUBRO. *Sabbado.* Santos Verissimo, Maxima e Julia, Irmãos MM. Portug. *(A. 51, 4 de Out. A. 53 p. 295)* S. Remigio, B.

2 *Domingo.* SANTISSIMO ROSARIO DE NOSSA SENHORA. Os Anjos da Guarda *(A. 54 p. 297). Festa a S. Miguel em Santos o Velho. Proc. do Rosario nas Religiosas do Bom Successo. Festa nas Religiosas do SS. Sacramento, ás Necessidades, no Conv. de S. Joanna, e em S. Nicoláu, instituida pelo Sr. Manoel Ribeiro da Silva. Festa a S. Miguel em Santos o Velho.*

3 ☽ *Segunda.* S. Candido, M. S. Maximiano, B. Trasladação de S. Clara. *Q. cresc. ás 7 h. e 55 m. da manhã.*

4 *Terça.* S. Francisco d'Assiz. *Festa nas Freiras de Santa Clara, nas de Sant'Anna e no Soccorro.*

5 *Quarta.* S. Placido e seus Companheiros, MM.

6 *Quinta.* S. Bruno. *Começa a Nôv. de Santa Thereza.*

7 *Sexta.* S. Marcos, Papa. O B. Matheus Carrerio, D.

8 *Sabbado.* S. Brigida, Viuva. S. Pelagia.

9 *Domingo.* NOSSA SENHORA DOS REMEDIOS E PATROCINIO DE S. JOSÉ. S. Dyonisio, B. de Paris. SS. Andronico e Athanasia, MM. *Festa na Sé. Festa e Lausp. nas Freiras do Rato. Principia a feira do Campo Grande.*

10 *Segunda.* S. Francisco de Borja, Padroeiro do Reino. *Com. a Nov. de S. Pedro d'Alcantara. Festa das Palmelôas na Penha de França.*

11 **DE OUTUBRO.** ⓣ *Terça.* S. Firmino, B. 1.ª Traslad. de S. Agostinho. *L. cheia ás* 11 *h. e* 15 *m. da tarde.*

12 *Quarta* S. Cypriano, B. M. S. Seraphino, da Ordem de S. Francisco.

13 *Quinta.* S. Eduardo, Rei de Inglaterra. S. Daniel e seus Comp., MM.

14 *Sexta.* S. Calisto, P. M. S. Gaudencio, B. M. *Faz* 42 *annos S. A. o Sr. Principe de Joinville.*

15 *Sabbado.* S. Thereza de Jesus, V. C. *Festa no Conv. da Estrella. Com. a Nov. de S. Raphael.*

16 *Domingo.* Nossa Senhora dos Remedios. S. Martiniano, M. A. S. Gallo, Ab.

17 *Segunda.* S. Hedwiges, Viuva.

18 *Terça.* S. Lucas Evangelista.

19 ☾ *Quarta.* S. Pedro de Alcantara, da Ordem de S. Francisco. *Festa em S. Pedro em Alcantara. Q. ming. ás* 5 *h. e* 6 *m. da manhã.*

20 *Quinta.* S. Iria, V. M., Portugueza. S. João Cancio.

21 *Sexta.* S. Ursula e suas Comp., VV. MM. *Festa das* 11,000 *Virgens em Santa Martha.*

22 *Sabbado.* Dedicação da Basilica de Mafra. S. Maria Salomé. O B. Gregorio Celli, A. O B. Ladisláu, F.

23 *Domingo.* S. João Capistrano, F. S. Romão, B. S. João Bom, A. *Festa das* 11,000 *Virgens no Convento de Santa Joanna.*

24 *Segunda,* S. Raphael. S. Fortunato, M.

25 ● *Terça.* SS. Chrispim e Chrispiniano, Irmãos MM. *L. nova ás* 11 *h. e* 56 *m. da tarde.*

26 *Quarta.* S. Evaristo, B. M. O Bemaventurado Boaventura de Potenza, F. *Ind. Plen. no Conv. dos Capuchos. Faz* 57 *annos o Sr. D. Miguel de Bragança.*

27 *Quinta.* Os MM. d'Evora. S. Elesbão, Imp. da Ethyopia. *Passou para uma das sextas ou sabbados do Advento o Jejum a S. Simão e S. Judas Thadeu.*

28 *Sexta.* S. Simão e S. Judas Thadeu, Ap. *Foi abolido o dia santo dispensado.*

29 DE OUTUBRO. *Sabbado*. Trasladação de S. Isabel Rainha de Portugal. S. Feliciano, M. A B. Bemvinda, V D. *Faz 43 annos S. M. El-Rei D. Fernando. Grande Gala.*

30 *Domingo*. S. Serapião, B. C.

31 *Segunda (Jejum)*. S. Quintino, M. *Faz 21 annos o Seren. Sr. Inf. D. Luiz Filippe. Pequena Gala.*

SIGNO DE  SAGITTARIO.

1 DE NOVEMBRO. *Terça*. ✠ FESTA DE TODOS OS SANTOS *(A. 51, 1 e 4 de Nov., A. 54 p. 325.) Jubileu no Arceb. de Braga e por 8 dias no Patriarchado. Festa ao Senhor Jesus da Via Sacra, em S. Engracia, e de tarde Proc. por voto, pelo terremoto de 1755. Festa e Proc. por voto em Cacilhas. Prohibidos hoje os espectaculos publicos.*

2 ☽ *Quarta. COMMEMORAÇÃO DOS DEFUNTOS*. S. Victorino, M. *(A. 51, 2 de Nov., A. 52 p. 329, A. 53 p. 326, A. 58 p. 342) Prohibidos os espectaculos públicos. Q. cresc. ás 3 h. e 42 m. da tarde.*

3 *Quinta*. S. Malaquias, B. Primaz da Irlanda.

4 *Sexta*. S. Carlos Borromeu. *Principia a Nov. de N. Senhora do Patrocinio. Faz 12 annos o Seren. Sr. Inf. D. Augusto. Pequena Gala. Faz 48 annos S. A. o Seren. Sr. Inf. D. Sebastião, filho da Seren. Sr.ª D. Maria Thereza.*

5 *Sabbado*. S. Zacharias e S. Isabel, Pais de S. João Baptista.

6 *Domingo*. S. Severo, B. M. *Com. a Nov. de S. Gertrudes.*

7 *Segunda*. S. Florencio, B. *Com. a Nov. de S. Gonçalo de Lagos*

8 **DE NOVEMBRO.** *Terça*. S. Severiano e seus 3 Irmãos, MM.
9 *Quarta*. S. Theodoro, M. Os Santos da Ordem de S. Domingos. Dedicação da Basilica do Salvador.
10 ⊕ *Quinta*. S. André Avelino. Os Defuntos da Ordem de S. Domingos. *L. cheia á 1 h. e 20 m. da tarde.*
11 *Sexta*. S. Martinho, B. *(A. 51, 12 de Nov., A. 52 p. 338, A. 53 p. 335, 336, A. 54 p. 336, 337, A. 55 p. 364 e 365). Foi abolido o dia santo de guarda na Fręg. de S. Martinho. Festa ao Santo na Fręg. de S. Thiago.*
12 *Sabbado (Jejum)*. S. Martinho, P. M. S. Diogo, F.
13 *Domingo*. Patrocinio de Nossa Senhora. Santo Eugenio, B. de Toledo. Os Santos das Ord. de S. Agostinho, S. Bento e SS. Trindade.
14 *Segunda*. Trasladação de S. Paulo, Primeiro Eremita. O B. Gabriel, F. O B. João Licio, D. Os Santos da Ordem do Carmo.
15 *Terça*. Dedicação da Basilica do SS. Coração de Jesus. S. Gertrudes Magna. O Beato Alberto Magno, D. *Festa no Coração de Jesus.*
16 *Quarta*. O B. Gonçalo de Lagos, A. Santa Ignez, V. F. S. Valerio. A B. Luiza Narzi, V. Os Defuntos da Ordem do Carmo. *Com. a Nov. de Santa Catharina.*
17 ☾ *Quinta*. S. Gregorio Thaumaturgo, B. A B. Saloméa, V. F. *Q. ming. aos 29 m. depois do meio dia.*
18 *Sexta*. S. Romão. Dedicação da Basilica de S. Pedro e S. Paulo.
19 *Sabbado*. S. Isabel, Rainha de Hungria.
20 *Domingo*. S. Felix de Valois, Fundador dos Trinos.
21 *Segunda*. Apresentação de Nossa Senhora.
22 *Terça*. S. Cecilia, V. M. *(A. 51, 22 de Nov., A. 52 p 348.) Grande festa de instrumental na Sé, a que assistem SS. MM.*
23 *Quarta*. S. Clemente, P. M. S. Felicidade, M.
24 ● *Quinta*. S. João da Cruz, C. S. Estanisláu Kostk. S. Chrysogono, M. *Com. a Nov. de S. Francisco Xavier. L. nova á 1 h. e 6 m. da tarde.*

25 DE NOVEMBRO. *Sexta*. S. Catharina, V. M. *Festa na sua Fréguezia, onde foi abolido o dia santo de guarda.*
26 *Sabbado*. S. Pedro Alexandrino, B. M. A. B. Delphina
27 *Domingo (1.° do Advento) (A. 51, 30 de Nov.)* S. Margarida de Saboia, Viuva, D. O B. Leonardo de Porto Mauricio. Os Santos da Ordem de S. Paulo, 1.° Eremita. *Com. a Nov. de S. Nicoláu.*
28 *Segunda*. S. Gregorio III, P. S. Jacobo de Marca, F.
29 *Terça (Jejum)*. S. Saturnino, M. Os Santos das tres Ordens de S. Francisco. *Principia a Nov. de N. Senhora da Conceição. Passou para uma das sextas ou sabbados do Advento o Jejum a Santo André.*
30 *Quarta*. Santo André, Apostolo. *Foi abolido o dia santo dispensado.*

SIGNO DE  CAPRICORNIO.

1 DE DEZEMBRO. *Quinta*. S. Eloy, B. *Festa do Santo na Ermida da Victoria. Acclamação d'El-Rei D. João IV em 1640. Pequena Gala (A. 51, 1 de Dez.)*
2 ☽ *Sexta (Jejum)*. S. Bibiana, V. M. Os Defuntos das tres Ordens de S. Francisco. *Faz 34 annos S. M. o Sr. D. Pedro II, Imperador do Brasil. Q. cresc. á 1 h. e 13 m. da tarde.*
3 *Sabbado (Jejum)*. S. Francisco Xavier, Ap. das Indias
4 *Domingo (2.° do Advento)*. S. Barbara, V. M. *Off. de Santa Cecilia nos Martyres.*

5 **DE DEZEMBRO.** *Segunda.* S. Geraldo, Arceb. de Braga. S. Sabbas, Ab. A B. Isabel Bona, V. da Ordem de S. Francisco.

6 *Terça.* S. Nicoláu, B. *Foi abolido o dia santo de guarda na sua Freg., onde ha festa.*

7 *Quarta (Jejum).* S. Ambrosio, B. e Dr. da Igreja *(A. 52 p. 51).*

8 *Quinta.* ✠ NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO. Padroeira do Imperio *(A. 51, 8 de Dez., A. 53 p. 315). Assistem SS. MM. á festa de Pontifical na Sé, e são obrigados a assistir tambem com os seus mantos todos os Grã-Cruzes e Commendadores da Conceição que se acharem na Côrte. Benção Papal. Festa na Conceição, Nova e Velha, no Conv. da Estrella, nos Inglezinhos, Loreto, Freiras de S. Anna, Anjos, S. Lourenço, Santos o Velho, S. José, S. Christovão e S. Joanna.*

9 *Sexta (Jejum).* S. Leocadia, V. M.

10 ◯ *Sabbado (Jejum).* S. Melquiades, P. M. Trasladação da Santa Casa do Loreto. *L. cheia ás 2 h. e 36 m. da manhã.*

11 *Domingo (3.º do Advento).* S. Damaso, P. S. Francisco, da Ordem do Carmo. *Festa a N. Senhora da Conceição, na Guia.*

12 *Segunda.* S. Justino, M.

13 *Terça.* S. Luzia, V. M. O B. João Marinonio. *Festa em Santa Luzia e nas Chagas.*

14 *Quarta (Temporas, Jejum).* S. Aguello, Ab.

15 *Quinta.* S. Eusebio, B. M.

16 ☾ *Sexta (Temporas, Jejum).* As Virgens d'Africa, MM. O B. Sebastião Magi, D. Trasladação de S. Maria Magdalena de Pazzi. *Principia a Nov. do Natal. Q. ming. ás 8 h. e 39 m. da tarde.*

17 *Sabbado (Temporas, Jejum).* S. Lazaro, B. S. Bartholomeu de S. Geminiano.

18 *Domingo (4.º do Advento).* Nossa Senhora do Ó. *Festa em Bemfica, onde foi abolido o dia santo de guarda.*

19 DE DEZEMBRO. *Segunda*. S. Fausta, Mãi de Santa Anastacia.

20 *Terça*. S. Domingos de Sillos, Ab. *Passou para uma das sextas ou sabbados do Advento o Jejum a S. Thomé.*

21 *Quarta*. S. Thomé, Apostolo. *Foi abolido o dia santo dispensado. Festa na freguezia de S. Thomé.*

22 *Quinta*. S. Honorato, Martyr. *Principia o inverno (A. 58 p. 375).*

23 *Sexta*. S. Servulo, advogado contra a paralysia. S. Victoria, V. M. *Principia a Nov. da Circumcisão.*

24 ● *Sabbado (Jejum)*. S. Gregorio, M. *L. nova ás 5 h. e 10 m. da manhã. Ferias até aos Reis.*

25 *Domingo*. NASCIMENTO DE N. SENHOR JESU-CHRISTO. *Matinas na Sé com instrumental. Ferias até aos Reis. (A. 51, 25 de Dez., A. 52 p. 377, A. 55 p. 396). Festa de instrumental e pontifical na Sé. Festa no Loreto, S. Roque, etc. Pequena Gala. Jubileu no Arcebisp. de Braga e por 8 dias no Patriarchado. São prohibidos os espectaculos publicos. É festejada na freguezia da Magdalena no ultimo dom. de Dez. a Sr.ª da Conceição e Caridade, vestindo-se uns poucos de orphãos.*

26 *Segunda (1.ª Oitava)*. S. Estevão, Proto Martyr. *Foi abolido o dia santo dispensado.*

27 *Terça (2.ª Oitava)*. S. João, Apostolo e Evangelista. *Foi abolido o dia santo dispensado.*

28 *Quarta (3.ª Oitava)*. Os Santos Innocentes, MM. *Está patente ao publico a Santa Casa da Misericordia. Com. a Nov. dos Reis. Foi abolido o dia santo dispensado.*

29 *Quinta*. S. Thomaz, Arcebispo de Cantuaria, M. *Festa nos Inglezinhos.*

30 *Sexta*. S. Sabino, B. M.

31 *Sabbado*. S. Silvestre, P. *Foi abolido o dia santo dispensado (A. 51, 31 de Dez.)*

ALMANACH DE LEMBRANÇAS.

JANEIRO—1.

A camponeza de Nanterre.—Foi a denominação dada por seus conterrâneos a Genoveva, que a Igreja depois canonisou e os parisienses adoptaram para sua padroeira *(A. 52, p. 35)*. Em *Saint-Etienne du Mont* repousavão os seus restos mortaes em um magnifico sarcophago, elevado sobre quatro columnas de jaspe e sustentado por quatro cherubins: recentemente foram trasladados, com a maior pompa, e no meio de extraordinario concurso, para o Pantheon, hoje dedicado áquella santa. O dia de Santa Genoveva é um dos mais festivos, para os habitantes da grande capital, que por muitos e diversos modos o commemorão.



Paquetá.—Formosissima ilha, na bahia do Rio de Janeiro, a quatro léguas da côrte, e communicando com ella, em hora e meia, por um barco de vapor. Apesar de ter só meia légua de comprido, é de 1,500 almas a sua população. É tão salubre, que faz milagres iguaes aos da ilha da Madeira: doentes, não só de phtysica, mas de mui variadas molestias, depois de abandonados pelos medicos, alli têem frequentemente recuperado a saude e as forças, e alguns ahi se têem domiciliado, em testemunho de gratidão á terra que os resuscitara. Entre elles um N. Caldeira fez voto de construir na ilha um palacete, se n'ella se restabelecesse; assim aconteceu, e lá se levantou um palacio de que o dono pouco se gozou. Ainda não ha muitos annos existião n'aquelle abençoado torrão quatro macrobios; o menos velho contava 97 invernos, unica estação na velhice.

A pesca é alli abundantissima, e ha na ilha differentes viveiros de excellente peixe; n'um d'elles, que estava povoadissimo, lançou-se ha poucos annos, um *merote*, que apenas tinha os seus quatro palmos, de que metade era bôca. Cresceu o bichinho e converteu-se n'um furioso *mero*; poucos dias erão passados, e com o estomago do monstro podia fazer-se um tractado de ichtyologia, pois engolira os milheiros do fólegos vivos, seus collegas no viveiro.

As praias de Paquetá são fundas, de uma areia alvissima e finissima, e com tão suave declive e tão amoroso beijar de ondas, que mais parecem uma banheira natural. Para se admirar a prodigalidade da natureza, em todos os generos, n'estas regiões, basta dizer que alli póde o homem sustentar-se sem mais trabalho do que levantar do chão os alimentos, que duas vezes por dia lhe são depositados aos pés, como tributo. Ha alli um marisco, chamado pelos naturaes *tarioba,* mui semelhante á *cadellinha,* mui gelatinoso e gostoso, que as ondas rolão á praia na maior abundancia; basta, na maré cheia, sotopôr um cesto á areia que a agua acaba de

cobrir, e levantal'o ao ar; peneirando, cahe a areia, e fica, de cada vez, porção grande de tariobas.

N'outras praias pescão-se os *tatuys* de um modo ainda mais divertido, pois se por acaso vos escapão das mãos, não mais os tornais a vêr, por mergulharem tão instantâneamente na areia, que a vista os não póde acompanhar.

As praias mais notaveis de Paquetá são as—dos *Frades*—das *Flechas*—dos *Coqueiros*, etc.

Ha alli varias festas annuaes: a principal é a de S. Roque, em setembro, a qual se faz com o maior esplendor e alegria. Vapores em grande numero levão todo o dia á ilha milhares de habitantes da côrte, que vão, pela maior parte, á sombra das arvores, jantar, dançar, tocar e folgar: estrema-se entre aquellas arvores, perto do campo de S. Roque, certa mangueira, a cuja copa se podem abrigar 400 pessoas. Na festa da igreja préga sempre algum dos principaes oradores sagrados, e todos elles parecem inspirados por aquella admiravel natureza: a elles, principalmente, são devidos os poéticos nomes, com que a ilha é chrismada todos os annos. Paquetá é o nome dado pelos indigenas e que tem uma significação mimosa; mais se lhe ha chamado *Ilha dos Amores*, *Pérola das Aguas*, *Esmeralda*, etc. etc., expressões mais adequadas do que as de nossos pais, que tão prosaicamente denominaram outras lindas ilhas d'esta bahia—a do *Pai*—a da *Mãi*—a das *Cobras*—a dos *Ratos*, e outros semelhantes productos de uma Castalia de pernas para o ar.

Se não fossem Tejuca e Petropolis, cuja elevação assegura um refugio contra os ardores do clima, vantagem de que não goza Paquetá, seria esta o *rendez-vous* de toda a povoação aristocratica fluminense. Tinha El-Rei D. João VI uma tal predilecção por ella, que alli passava mezes, todos os annos, mal accommodado, n'uma casa particular que, ainda hoje, póde apenas receber seus nobres moradores. Um dos seus passeios predilectos era do lado oriental da ilha, onde ha um brinco da natureza, a que o Monarcha deu o nome de *Pedra da Cabelleira*, e a cuja sombra muitas vezes se sentava a re-

frescar-se. Figurai-vos uma enorme pedra granitica, bem oval, bem branca, bem lisa: encarada do lado oriental, póde a extremidade figurar o contorno do perfil de um rosto; mas do alto d'essa pedra, cahem profusa, abundante, artisticamente, os cachos de uma cabelleira do tempo de Luiz XIV, em saca-rolhas tão bem collocados, com tão destra disposição de effeitos, com tamanha naturalidade, que dirieis ser aquillo alguma divindade aquatica, algum Protheu, que em castigo da audacia com que erguera das ondas a cabeça, alli ficasse petrificado em perpétuo pelourinho. Seja como fôr, é curioso que taes plantas, sempre verdes, nunca adquirão maior tamanho, ou tomem outra disposição, do que os necessarios para que inalteravelmente se conserve o *Chinó de Paquetá*. Pena é que as auctoridades consentissem que o actual proprietario d'aquelle phenomeno recentemente o encobrisse, em grande parte, com um muro muito informe e muito prosaico. Era caso de expropriação. Toda a ilha é circumdada por pedras semelhantes á de que falamos, mais ou menos cylindricas ou pyramidaes, que fazem lembrar a *Serra dos Ovos*, em Cintra.

Sahir de bordo.—Assim se denominava um dos supplicios que os piratas infligião outr'ora aos seus prisioneiros: consistia em os arrojar ao mar, se elles espontâneamente o não fazião. Entre os sicilianos era a scena burlesca, se o infeliz condemnado era romano. Punhão-se á roda do prisioneiro, com ar contricto e humilde, e perguntavão-lhe a que nação pertencia. «*Sou romano*» dizia o prisioneiro, e a esta voz toda a tripulação fingia medo; uns tremião, outros cahião de joelhos. O infeliz, vendo os piratas a tal ponto submissos, e empenhados em alcançar perdão, lhes perdoava, porém estes, concluida já a pantomima, lhe rogavão cortezmente que *sahisse de bordo*, desejando-lhe ao mesmo tempo uma feliz viagem; e se elle voluntariamente se não atirava, zás!... lá baldeavão no mar o infeliz, que só então conhecia haver sido irrevogavel a sua sentença de morte.

Antonio Martins Leorne (Porto).

A NOITE.

A virgem da noite no azul transparente
Do lago tremente reflecte o perfil,
E o manto d'estrellas, sorrindo, desata
Em ondas de prata no ether subtil.
A terra abrasada palpita em desejos;
Nas selvas os beijos se escutam de amor;
E as auras travêssas, cahindo das ramas,
Abraçam em chammas o collo da flôr.
Trepitam regatos por entre a verdura
De branda espessura em doce gemer;
Em vago, amoroso, celeste abandono,
Parece que ao somno convida o prazer.
A mystica sombra dos bosques frondosos
Nos campos saudosos fantasmas produz;
Eterna, incessante, suave harmonia
Nos diz — poesia — nos raios da luz.
Que noite! e que immensa, profunda, tristeza
Do céu na pureza, na tarde, no ar!
Saudade infinita que as almas devora
Sentimos n'esta hora pungir, abrazar.
Poéta, silencio! curvemos a fronte
Ao vivo horisonte d'ignoto arrebol;
No seio fecundo da noite estremece,
E surge, apparece, em breve outro sol!
Extatico e mudo adoro e contemplo!
Nas aras do templo me prostro ante Deus!
Mas tu, cujos cantos o genio illumina,
Na harpa divina remonta-te aos céus!

A. E. Zaluar (Brasileiro).

Os tres sexos.—N'uma barca de banhos em Paris fez agora o dono as tres seguintes divisões: *sexo masculino, sexo feminino, sexo ecclesiastico.*

Lagarto jogando a carambola.—É o lagarto mui goloso d'ovos d'avestruz *(A. 53, p. 124)*; como porém lhe não caibão na bôca, e tenhão, por outro lado, a casca grossissima, vai-se ao ninho da ave, que é no chão, encosta-se a um ovo, e vai-o rolando até encontrar uma pedra; deixando-o então a conveniente distancia d'esta, recúa, dá um encontrão no ovo, e este, batendo contra a pedra, fica logo partido. Já se vê que é um refinado ladrão, tendo apenas a seu favor a attenuante circumstancia de que furta para comer, circumstancia que se não dá em tanto lagarto bipede, que furta e rouba, não para comer, mas sim para luxo, jogo, e para dar á comer aos que o deixão continuar no officio. Sem ser moralista dava-me panno este thema para fazer um sermão em tudo igual, menos na eloquencia, aos do Padre Antonio Vieira, mas como *prégar no deserto e lavar as orelhas a um burro com sabão, é perder tempo e sermão,* o melhor é deixar-me d'isso. E tanto mais, quanto por toda a parte é a mesma a especie humana, e os abusos d'um hemispherio se dão tambem, mais ou menos, no hemispherio opposto. Que lhe havemos de fazer?

Antonio Maria do Amaral Ribeiro
(Porto Alegre, Imperio do Brasil).

JANEIRO—5.

CHARADA I.

Sempre voto d'esta sorte,
Não me posso cohibir...... 2
Se essa cousa já o está,
Não m'a fação repetir..... 2
Dos seus falsos defensores
Apontarei os defeitos;
São infames que ser devem
Em juizo mal acceitos.

***

JANEIRO—6.

Usos do Minho.—Nas malhadas do grão batem-se os malhadores uns com os outros; os de um lado são os contrarios dos fronteiros: o desafio é com os mangoais. O rancho que mais bulha faz com elles é o vencedor, que entre gritos brada ao outro quando esse fraqueia: «*Leva a gata! Leva a gata!*» O que isto significa nem elles o sabem.

D'este uso nasce talvez outro que ha em algumas aldêas perto de Vianna do Castello. No fim das malhadas de trigo, que ainda ha pouco se fazião alli todas a braços (agora não sei) arranja-se uma pequena méda com palha da mais moida, e sobre ella se põe um gato dentro d'uma panella; deita-se depois fogo á palha, e o gato morre assado: muita vez ao estalar a panella, ainda o pobre animal salta para o meio dos espectadores de tão barbaro divertimento.

Obscura Portuense.

JANEIRO—7.

RECORDAÇÕES DA MINHA TERRA.

Que recordações tão dôces,
Que lembranças tão saudosas,
Dos innocentes folguedos
Das minhas horas ditosas!

D'aquellas tão lindas praias,
Cheias de galas e encantos,
Onde folguei tão gostosa,
E gozei prazeres tantos!

Já não vejo o lindo mar,
Meu elemento querido,
Já das suas verdes aguas
Não ouço o rouco alarido.

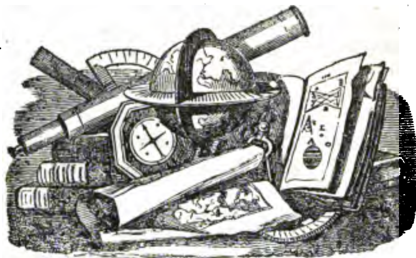
Já não vejo os prados bellos,
Que a terra minha rodeião,
Já não ouço os ribeirinhos
Que nas campinas serpeião.

Nunca, oh! nunca esquécerei
A minha terra natal;
Na mente se me retrata
Sua belleza real.

Que recordações tão dôces,
Que lembranças tão saudosas,
Dos innocentes folguedos,
Das minhas horas ditosas!

D. Hortensia Paulina de Lima Barbosa (Ponte da Barca).

Affonso Sanches, descobridor da America.—O descobrimento da America não foi devido a Colombo, mas ao piloto portuguez Affonso Sanches, natural de Cascaes, que, levado de um temporal a remota longitude, avistou a America Septentrional, no anno de 1486. Arribou depois á ilha da Madeira, e sendo hospedado em casa do genovez Christovão Colombo, alli morreu, e com elle toda a companha da caravela em que navegara. Colombo tomou conta do diario nautico de Affonso Sanches, e com a luz que d'ahi tirou, foi á procura da America, persuadido de que fazia parte da India, que por outro rumo então se demandava. Por causa d'esta supposição de Colombo, deu-se ás primeiras terras a que aportou o nome de Indias Occidentaes, que ainda conservão algumas das Antilhas: pelo mesmo motivo se appellidaram indios os povos indigenas d'aquellas regiões.—Opinião é aquella de alguns de nossos escriptores.



A respeito da viagem de Affonso Sanches, consulte-se o *Memorial Historico* de João Cardoso da Costa, e a *Chorographia Brasilica* (*A*. 51, 3 *d'Agosto*. *A*. 52, *p*. 104, 135, 153, 167. *A*. 53, *p*. 186, 221, 240. *A*. 54, *p*. 160, 351. *A*. 56, *p*. 256. *A*. 57, *p*. 262).

Pedro Diniz.

Rosas vermelhas e brancas.—As vermelhas fazem-se brancas expostas ao vapor de enxofre, e as brancas fazem-se vermelhas ao vapor de sal ammoniaco.

Commemoração.—Em igual dia do anno de 1852 ancorou no porto de Malaca a corveta *D. João I*. Poucos navios de guerra portuguezes têem visitado aquelle ponto, depois dos tempos heroicos dos Albuquerques e Leoniz. Os officiaes de marinha que desembarcaram n'aquellas praias de gloriosa recordação, trouxeram a Portugal, como reliquias, algumas pedras da muralha erguida pelo conquistador; e d'essa veneranda antigualha nos coube um pequeno fragmento, que guardamos religiosamente. É um pedaço do cunhal da unica porta que hoje se conserva de pé, adherente aos restos da muralha de Affonso. Ter-lhe-hiamos mandado fazer uma peanha d'oiro, se esta especie de *febre amarella* não andasse sempre divorciada de nós. *F. M. B.*

JANEIRO — 10.

QUEM ME DÉRA SER POÉTA!...

Quem me déra ser poéta
E ter uma lyra d'ouro!
Não trocara a minha lyra
Por nenhum outro thesouro.

Quando o sol nasce brilhante,
Ao luzir da madrugada,
Louvaria o Creador
Na minha lyra dourada.

Pelo sereno da tarde,
Quando o sol perde o fulgor,
Na lyra soar fizera
Sagrados hymnos d'amor.

Pela noute, lua fóra,
Magestosa e prateada,
Acordes sons soltaria
Da minha lyra dourada.

Quem me déra ser poéta
E ter uma lyra d'ouro!
Não trocara a minha lyra
Por nenhum outro thesouro!...

Luiz Augusto Xavier Palmeirim.

Fruta de cristal.—Não havendo acreditado alguns o que com este titulo se affirmou a pag. 263 do Almanach precedente, pedio-se ao author d'aquelle artigo houvesse por bem responder a diversos quesitos, o que assim fez:

«*É só no Arraial dos Patos que a tal fruta nasce?*

Não; tambem a ha na provincia de Goyaz.

«*Vem indistinctamente na pedra, ou em um só ponto?*

Em um só ponto.

«*Existe n'esse ponto algum humus?*

Não.

«*É essa pedra granitica, ou de outra natureza?*

Ouvi dizer que era granitica.

«*Não se reproduz a fruta por meio d'essas lascas de cristal?*

Não.

«*As lascas são transparentes e consistentes?*

Sim.

«*Permanecem no mesmo estado ou apodrecem?*

Permanecem rijas, e sempre no mesmo estado.

«*Sahe só a fruta sem raiz, folha, caule, etc.?*

Sahe apenas com um pequeno pé, da altura de tres linhas, pouco mais ou menos.

«*Qual o periodo em que desponta e em que abre?*

Não posso informar por não o saber.

«*Que denominação lhe dão no logar?*

O vulgo não lhe dá nome proprio, porém a alguem ouvi chamar-lhe polypo e stalactite.

«*Conhece-se-lhe alguma virtude?*

Não.

Ao Sr. Dr. Freire Allemão, o primeiro botanico do Brazil, foi tudo communicado, afim de que, como homem de sciencia, se dignasse esclarecer o caso, e assim respondeu:

«De todo me é impossivel reconhecer o que aquillo seja: se como se affirma, essa supposta fruta contém verdadeiros cristaes, é sem duvida corpo de formação inorganica; mas

um tal corpo desenvolvendo-se! e crescendo, segundo leis que regem os seres organisados! é para mim um enigma.»

JANEIRO—12.

Salalé.—Insecto destruidor, bem conhecido em toda a provincia d'Angola, e especialmente em Benguella, onde se encontra em grande abundancia. Tem, pouco mais ou menos, o tamanho d'um persevejo, porém é branco, molle, e de corpo oblongo e roliço. Róe e destróe tudo a que chega, excepto metaes, vidro, louça, ou pedra. Para trabalhar a salvo das formigas, que lhe fazem uma guerra de exterminio, cobre-se com uma pouca de terra, que humedece e amassa com admiravel industria. Sem isso não haja medo que principie o seu trabalho destruidor, o qual torna facil saber-se onde está o salalé, pela grande porção de terra que deixa por onde passa. Róe toda a qualidade de madeira, exceptuando as mais rijas do Brazil, como o jacarandá: a de que mais promptamente dá cabo é a de pinho. Sahe do chão, e aqui tambem das paredes, por serem feitas de adobes, formados de terra amassada, e séccos ao sol. A madeira do mangue, com quanto lhe não escape, é todavia das que mais lhe resiste, e por isso se prefere para vigamentos de casas, portaes, etc. Os unicos preservativos conhecidos contra tal bicho são, o alcatrão, a salmoura e o oleo, em quanto não seccão, e sobretudo o arsenico empregado nos reboques ou nas pinturas das madeiras. Se chega a penetrar n'um bahú, ou n'uma gaveta de roupa, corta-a toda em pedaços, deixando em seu logar uma porção da terra debaixo da qual trabalhou. Para evitar que destrua fazendas nos armazens, põem-se estas de ordinario em cima de bancos de *tunga,* de tres palmos d'altura, sendo ainda assim preciso vigial'as a miudo, pois tambem ás vezes sóbe pelos pés dos bancos. N'uma só noute destróe ás vezes uns poucos de fardos. Tecidos tintos com anil, como ganga azul e zuarte, escapão a este insecto, o que julgo ser devido ao cheiro ou gosto amargo que têem. *Anonymo* (Benguellense).

Presente papal.—Costuma o Summo Pontifice enviar aos primogenitos dos Soberanos um enxoval completo, a que nós em portuguez chamamos *faxas bentas*. O Cardeal Patrizzi, enviado por Pio IX para o representar no baptismo do filho de Napoleão III, levou-lhe de presente, em um cofre riquissimo, um enxoval todo bordado a ouro, com as armas imperiaes e as pontificias lavradas de rubis, perolas e diamantes. Levou-lhe tambem um vaso d'ouro macisso, de feição etrusca, com uma rosa d'ouro no centro, e a base de lapis-lázuli, adornado igualmente com as armas pontificias e as imperiaes—uma medalha d'ouro, com a imagem da Immaculada Virgem, e dois anjos em relevo, ornados de diamantes, rubis e amethystas—e grande copia de medalhinhas, de diversos tamanhos e lavores, para serem distribuidas pelas altas dignidades do imperio.



JANEIRO—14.

Elvas.—Na encosta de uma collina, em cujo alto se vê o *antigo castello*, e proximo a elle a parochial igreja de *Santa Maria d'Alcaçova*, na cisterna da qual se notão ainda pinturas que dão a conhecer que fôra mesquita de mouros, está situada a muito nobre e leal cidade d'Elvas, que, vista principalmente pelo nascente e sul, apresenta uma linda perspectiva: a brancura dos edificios, engrinaldados de verdura e flores, de innumeraveis varandas e quintaes, fórma na primavera um agradavel panorama.—São estreitas e irregulares as suas ruas,

porém aceadas, graças a um zeloso municipio.—É a mais forte praça do reino, inexpugnavel por suas muralhas, e pelo *Forte* (sem igual) *de Nossa Senhora da Graça*, ou de *Lippe*, dito de *Santa Luzia e Fortins*.—À sua *Cathedral* é linda, e rica de finos marmores, sobretudo os da capella mór, onde ha uma bellissima pintura, feita em Roma, da *Assumpção da Virgem*: o quadro do *Thaumaturgo portuguez*, em uma das onze capellas lateraes, só differe d'aquella em ter menos figuras. Tem uma bella *casa de capitulo*.—Os *templos*, um de Jesuitas, outro de Dominicos (extinctas corporações), são magestosos.—A ermida do *Senhor Jesus da Piedade* é aceadissima; pena é porém que a estrada que alli conduz, seja, em parte, intransitavel de inverno.—O *aqueducto* denominado da *Amoreira*, que tem uma légua d'extensão e arcos de muita altura, é uma grande obra começada pelo povo e auxiliada pelos nossos Reis; com elle teve origem o *real d'agua*, contribuição espontânea dos elvenses, destinada para esta obra, e que depois se impoz a todo o reino, e ainda hoje dura.—O *hospital civil* está sufficientemente dotado e tem sempre tido uma esmerada e zelosa administração.—O *hospital militar* é digno de elogiar-se por todos os respeitos.—A *Casa d'Asylo da Infancia Desvalida*, fundada pelo Sr. Brigadeiro e Doutor José Maria Baldy, quando meritissimo Governador d'esta praça, prospéra consideravelmente.

E apesar de tudo, é Elvas uma cidade pobre, em consequencia da paralysação do seu commercio, e menos instruida do que o devêra ser, por falta d'aulas de instrucção secundaria! Porque não haverá aqui um lyceu?—Os elvenses nada perderam ainda d'aquelle valor e patriotismo, que tanto os distinguiram na memoravel batalha das *Linhas* da cidade, ha duzentos annos, porém são prudentes e submissos ás auctoridades, e vivem socegados, presando mais o lar domestico e as doçuras da vida intima do que theatros e assembléas: ha, comtudo, aqui sociedades de recreio.—Existem ainda na plebe crenças inveteradas, prejuizos e superstições; mas é povo, geralmente, religioso. Vão lá agora tirar-lhe

93

da cabeça que os fios electricos attrahem as trovoadas! Ora, como dentro das muralhas da cidade ha sempre uma infinidade de quintaes de polvora, fica por isso mais assustado em taes occasiões. Já se fez um requerimento ao Governo para que a polvora fosse removida para o paiol, denominado dos *Mortaes*, distante da cidade um quarto de légua, que fôra edificado para esse fim, e aonde estava antigamente: Deus permitta que seja despachado, porque eu, que tambem sou povo, igualmente me assusto, lembrando-me que póde haver uma explosão, como a que teve logar em 16 de setembro de 1732 em Campo Maior, tres léguas distante d'esta cidade, explosão, que arrasou o castello e 823 casas, perecendo grande numero de pessoas.

Em todas as crises tem Elvas sido favorecida por celestes auxilios: Deus queira continuar a protegel'a no porvir!...

Manoel Justino Pires (Elvas).

JANEIRO—15.

Boas noutes de lord Byron.—Ao ir para a cama, tinha por costume lord Byron apagar a vela com um tiro de pistola. Erão as boas noutes que dava a todos os visinhos.

Lord Byron é o tal amiguinho dos portuguezes em quem falámos (*A*. 57, *p*. 172), e que tanto nos immortalisou!...

JANEIRO—16.

A estatua de Torregiano.—Havendo feito este célebre esculptor uma primorosa estatua do Menino Jesus para um fidalgo d'Hespanha, que a julgou bem paga com 300 reales, péga, indignado, n'um martello, e fal'a em pedaços. Accusado por isto á Inquisição, é posto a tractos, obrigado a confessar que fizera aquillo por ultraje á Divindade, e expira no meio dos mais terriveis supplicios!...

José Victorino Pinto de Carvalho (Santa Cruz).

Electrophoro.—Foi inventado por Volta em 1775. Consta: 1.º d'um bolo bem liso, com menos de meia polegada d'altura, de gomma lacca e de terebenthina de Veneza, que se derreteram e vasaram n'uma fôrma de páu ou de metal; 2.º de um disco conductor plano e de bordo arredondado, disco geralmente de páu, coberto de folha de estanho, e com um cabo de vidro, pelo qual se lhe péga depois de electrisado. Principia-se, para carregar o apparelho, por seccar a resina e o disco de madeira, aquécendo-os um pouco; bate-se depois o bolo com uma pelle de gato, e segurando a peça de madeira pelo cabo isolador, põe-se sobre a resina electrisada. Tocando então na folha d'estanho com um dedo, levantando o disco por meio do cabo, e aproximando-lhe outra vez o dedo, sahirá uma faisca. Tornando a descançal'o sobre a substancia resinosa, que se conserva electrisada, carrega-se de novo, e póde, por consequencia, dar nova faisca.

Quando a atmosphera está sêcca e fria, conserva-se o bolo electrisado durante mezes inteiros sem nova percussão.

O electrophoro póde, em certos casos, supprir a machina electrica, e é-lhe preferivel em algumas operações chymicas, por ser muito mais economico e maneavel *(A. 58, p. 251)*.

Alexandre Magno de Castilho Junior.

JANEIRO—18.

O cura e o sachristão.—Ha certo cura n'uma das povoações da America do sul, que ao dizer missa costuma dar ordens em alta voz ao sachristão, que é seu criado e cosinheiro. Muita vez se lhe ouve: *Vai escumar a panella; bota mais quatro batatas; engraxa as botas em quanto levanto a Deus,* etc. etc.» Um dia vem dizer-lhe o moço: *O perdigueiro entornou a panella.*» Era no momento em que o padre dizia: «*Dominus vobiscum. Forte burro!* diz o cura. *Et cum spiritu tuo,* responde o sachristão. *Anonymo* (Montevideense).

Penitencia de estupido.—Sob o titulo *Penitencias do Indostão*, referimos a pag. **212** do Almanach de **1855** algumas das mais usuaes n'aquella peninsula. A quem as houver lido pouco admirará a que um estupido agora se impoz em Agra, uma das principaes cidades da mesma peninsula, para alcançar do Eterno o triumpho, prompto e completo, das armas indigenas na Asia: obrigou-se elle a conservar-se dez horas por dia na posição indicada pela gravura e com aquelle bonito vestuario, até se dar cabo do ultimo inglez! E então!...



Fumistas de nascença.—Em Mazagão, villasinha do Pará, são as proprias mãis que induzem os filhos a fumar. Todas as mulheres d'aquella provincia fumão em grandes cachimbos, feitos d'uma cana a que alli chamão *taquari*, cachimbos que mettem na bôca aos filhinhos de mamma quando chorão. Por tal modo vão elles sendo creados n'esse habito, que aos cinco ou seis annos são já grandes fumistas. As primeiras letras é que muita vez ignorão.

Guilherme F. d'O. Guimarães (Brasileiro, Pará).

Ilha de Java.—É uma das de Sunda, cuja capital é Batavia, e a mais industrial, a mais commerciante, a mais populosa, e a mais civilisada de toda a Oceania. Ha alli porphyro, agatha, cristal de rocha, jaspe commum, e minas de prata, cobre, estanho, chumbo e carvão. Só estas ultimas são exploradas. Innumeraveis são as suas riquezas vegetaes: distinguem-se entre ellas, o café, o arroz, o assucar, o milho, a pimenta, o algodão, e o anil.



As mais antigas tradições do paiz referem-se a factos contemporâneos do primeiro século da éra christã.

Estabeleceram-se alli os hollandezes em 1595, e tamanho desenvolvimento de então para cá tomou a ilha, que não ha em todo o mundo colonia mais rica. Napoleão I a reunio á França, e logo d'ahi a pouco (em 1811) foi tomada pelos inglezes, que a restituiram aos hollandezes em 1814. É muito quente e doentio o clima de Java: febres endemicas dizimão ahi frequentemente a população. Os habitantes são 800,000, e sem numero os tigres, leopardos, rhinocerontes, serpentes, e crocodilos. Aquelle é o traje d'um chefe javanez. Não é feio.

Curiosidades da Carregosa.—Na excavação que fiz d'uma pedreira ha poucos annos, junto á Carregosa, encontrei uma cabeça humana, de enorme grandeza, em que se divisavão olhos, orelhas, bôca, nariz, queixos, etc.; estava ainda prêsa ao pescoço, e atravessado este por uma lança de páu com a ponta quebrada, e tudo petrificado. Pesava mais d'uma arroba.

Achei no mesmo sitio, agarradas a muitas pedras, conchas petrificadas, e muito unidas, como se estivessem habitadas; e sendo arrancadas com escôpros, e collocadas em cima de mêzas, enganavão a quem não sabia d'onde provinhão, tanto se parecião com as conchas de rios.

Tambem alli appareceu uma ferradura de cavallo petrificada e pegada a uma pedra.

Existe em meu poder um buzio de meio arratel, petrificado, que tambem appareceu n'esta fréguezia, mas n'outro sitio.

O que sobretudo porém me admirou, foi uma laranja, com seus gômos bem distinctos, toda petrificada: offereci-a ao Ex.mo Administrador do Concelho de Soure.

Julgo que tanto aquella cabeça como as conchas são antediluvianas, porque a Carregosa está longe de rios, e muito superior ao nivel do mar.

José Duarte Garizo (Vigario da Gesteira).

Manuscripto singular.—N'um catalogo de preciosos objeetos artisticos vem citado um manuscripto hebreu, não em pergaminho, nem em papel, mas em pelle humana: era bastante grande, quadrado, e n'elle se lião distinctamente os nomes dos filhos de Aman, todos dez sacrificados depois de precipitado o pai de sua alta posição. Com pelle humana se encadernava tambem no tempo da penultima républica franceza: materia prima devia ser essa então baratissima, pois se contavão por milhares os suppliciados.

Francisco de Paula Barbosa Nogueira.

Mosteiro de Cellas.—No célebre valle de Vuimarães e na extremidade do mais formoso arrabalde de Coimbra, se ergue o antigo mosteiro de Cellas.

Em 1210, segundo Carvalho, ou 1215, segundo Bayam, o fundou a Infanta D. Sancha, com permissão d'El-Rei D. Affonso, o Gordo.

Era raro, n'aquelle tempo, em Portugal, o uso de conventos de freiras. Se algumas mulheres piedosas resolvião consagrar-se a Deus, curavão logo de edificar e cercar de alto muro umas casinhas, entre si pouco distantes, mas inteiramente separadas, sem portas nem janellas, apenas com algumas estreitas frestas, por onde se escoasse a luz e introduzisse o alimento.

Aqui encerradas, a modo de anachoretas, consumião seus dias n'este peculiar genero de penitencia.

Cellas chamavão ás casinhas; *encelladas*, ou *emparedadas*, ás suas moradoras; e porque ao tempo em que fundaram o mosteiro, já no valle residião muitas encelladas, com estas e outras, vindas de Alemquer, o povoou a Infanta, dando-lhe o nome de *Santa Maria de Cellas de Vuimarães*.

É de nobre architectura; quandò não fôra monumento respeitavel por tão eximia fundadora, conseguira essa preeminencia pelo magnifico da fabrica.

Um portico elegante, coroado pelas armas reaes portuguezas, ainda sem castellos, orladas pelas de Leão, dá entrada para um páteo espaçoso, cantado pelo nosso Tolentino em bellas quintilhas.

Tem na frente um lindo mirante e o templo de fórma circular.

Uma numerosa communidade de religiosas, de distincta nobreza, habitava, outr'ora, esta amplissima casa, uma das mais ricas da ordem cisterciense; ao presente seis ou sete freiras, cortadas de privações e molestias, arrastão sua pesada existencia nos vastos aposentos em que suas predecessoras a passaram descuidosa e abastada.

Mais alguns dias, e desapparecerão estas venerandas **reliquias** das piedosas filhas de Sancha; mais alguns dias, e **ficará** deserto o mosteiro!...

Inda mal que poderemos dizer com um dos mais illustres de nossos poetas.

Nada quebra o remanso da morte
Pelas gothicas, vastas arcadas,
Nem dos quicios ranger vagaroso,
Nem murmurio de lentas passadas.
....

Porém como se ao sopro do archanjo
A trombeta final retumbasse,
E da vida o tumulto na terra
Ao terrivel signal expirasse,

Assim do orgão calou a harmonia,
E dos coros os hymnos calaram,
E os fulgores das lampadas, frouxos,
Das vidraças não mais transsudaram.

R. de Gusmão (Coimbra).

JANEIRO—23.

Philippolis.—É uma cidade da Bulgaria, que se eleva, parte sobre uma collina e parte n'uma planicie que se prolonga para o sul. Pela regularidade de suas ruas, e pelo gosto que presidio á construcção de seus edificios, póde passar por uma das mais bellas cidades da Turquia. O que porém offerece de mais curioso é o haver sido edificada em cima de outra, fundada por Filippe de Macedonia, e que elle denominara *Poneropolis*, ou cidade dos máus (por havel'a povoado de habitantes da Phocida que havião saqueado o templo de Delphos), nome que os habitantes substituiram pelo de *Philippolis* (cidade de Filippe), que ficou subsistindo.

As duas epochas da vida.—De duas epochas, diz um critico francez, se compõe a vida do homem; uma de esperanças, e outra de desenganos: na primeira pucha-se o cabello para traz, na segunda pucha-se para diante...



Palacio das Tulherias.—É a residencia habitual dos soberanos de França. Foi principiado em 1564 por Catherina de Medicis, no mesmo local em que se achava um palacete arruinado que pertencêra á Duqueza d'Angoulême, mãi de Francisco I, e em que houvera outr'ora uma fabrica de telhas.

Arvores monstruosas.—Asseverão os ultimos jornaes americanos que existem n'uma floresta ao pé da *Bahia da Trindade* algumas arvores d'uma grossura e copa espantosas. A maior, situada ao pé do *Rio das Enguias,* tem, logo dous pés acima da base, a circumferencia de 120 pés. Outra tem 280 pés d'altura. Outra, entre os campos de Elk e Redwood, servio de abrigo, tres semanas a fio, a 17 pessoas e 19 cavalgaduras com suas cargas. Tem outra 290 pés d'altura.

RECORDAÇÃO.

Quando os meus quinze contei,
Um tio velho que eu tinha —
Que inda choro, e chorarei
Toda inteira a vida minha, —
Disse-me um dia: — «Olhe cá,
«Está quasi um homem já:
«Para que por tal o tomem,
«Quero fazer-lhe um presente,
«Com que um homem...
«Com que um homem se apresente.»

Julguei, n'esta oração toda,
Que o tal *quasi* sobejava,
E sondei o beiço em roda
A ver se o buço apontava.
Estranhara o tratamento!
E o programma, que um portento
No tom me estava a indicar,
Fez-me, logo á introducção,
Palpitar...
Palpitar o coração!

Fiquei-me desvanecido,
Aprumando-me vaidoso;
E ouvi, meio distrahido,
Entre ufano e curioso,
O longo fim do sermão.
O bom de meu tio então,
Juntando acções a promessas,
Deu-me, para meu thesouro,
Duas peças...
Duas peças novas de ouro.

Esquécendo a gravidade,
E o valor que este incidente
Outorgara á minha idade,
Dei dous pulos de contente.
As peças mirei de perto,
E não trocara decerto,
Desdenhando regias sinas,
O meu erario infantil
Pelas minas...
Pelas minas do Brasil!

A scismar no que faria
De tão grosso cabedal
Passei o resto do dia,
E de noute dormi mal.
No meu somno, a cada instante,
Via um grupo fulgurante
De effigies taes, que não sei
Quem as tivera inventado;
E sonhei...
E sonhei que era mórgado.

Apenas rompeu a aurora,
Posto a pé antes do sol,
Fui-me a ver, por alli fóra,
Dos meus desejos o rol.
Ai! que diversos e quantos!
Erão tantos, tantos, tantos,
Que lhes não achava o fim.
O mundo tinha um defeito
Para mim...
Para mim era inda estreito!

Meditava sériamente
Se faria a acquisição
D'um relogio com corrente,
Ou d'um cavallo rabão.
Como escolhesse o cavallo,
Entrei logo a ajaezal'o...
Mas... mas o relogio!... Aqui,
Pensando com mais estudo,
Resolvi...
Resolvi-me a comprar tudo!

Era no campo. Ao sol posto—
Já fresca, outoniça aragem,
De um dia depois de agosto
Ciciava entre a folhagem:—
Fui ao moinho do oiteiro,
Onde o Domingos moleiro,
Porque ás vezes me deixara
Trotar do seu macho em cima,
Conquistara...
Conquistara a minha estima.

De o deslumbrar de apparatos
Levava a pia intenção!...
Mas fui achal'o nos tractos
D'uma asperrima sezão.
Cessara o motim festivo:
Solitario e semi-vivo,
Jazia o triste no chão,
Com as faces amarellas
No montão...
No montão das rotas vellas!

Chamei-o: nem respondia!
Busquei: tudo lhe faltava!
Quando eu afflicto sahia,
A pobre moleira entrava.
Vinha de lidar chorando,
Negro pão de dois penando!...
Em tal desarrimo e dôr,
Tirando a peça primeira,
Fui-lh'a pôr...
Fui-lh'a pôr á cabeceira.

Que nunca ninguem se esqueça
Da alheia tribulação!
Tinha saudades da peça,
Mas tinha orgulho da acção!
Metade dos sonhos meus
Fôra-se já... mas com Deus!
Pago e ufano como um rei,—
Bem que no caso a scismar,—
Caminhei...
Caminhei para o logar.

Um pardieiro, entre rosas,
Havia do povo á entrada,
Junto ás ruinas musgosas
D'uma ermida derrocada.
Vivia n'esta casinha
A tia Anna—uma velhinha
Que sabia muita historia,
E m'as contava ao serão,
Co'a memoria...
Co'a memoria da affeição.

Em versos, um tanto baldos,
Modulava-me ella ainda
As trovas de D. Reinaldos,
E o romance de Florinda.
Fugia a noute apressada
Ao sabor d'essa toada,
Em tão suspenso escutar,
Que o meu sentido primeiro
Foi chegar...
Foi chegar a cavalleiro.

Dera-lhe o mal de repente;
Para morrer alli fóra!
Meigo o olhar intelligente,
Inda carinhos implora!...
A pobre velha,—coitada!—
Sem voz, trémula e parada,
Olhava, olhava tambem,
Como quem, na dor que encerra
Mais não tem...
Mais não tem que ver na terra.

Uma vaquinha leiteira,
Alvas malhas, pêllo nédio,
Era a sua companheira,
E tambem o seu remedio.
Conhecia-lhe a canção,
E vinha comer-lhe á mão,
Quando não pascia á porta.
Chego, e a falla me abandona!..
Vejo-a morta...
Vejo-a morta aos pés da dona!

Nada disse. Que diria?
Ha desgraças tão completas,
Que da propria sympathia
São as vozes indiscretas.
A velha não se moveu...
E chorava!... E chorei eu!...
Que havia determinar,
Em miseria tão expressa,
Senão dar...
Senão dar-lhe a outra peça?

Puz-lh'a, mudo, no regaço;
E volvi a passos lentos,
Apagando, n'um só traço,
Desejos com sentimentos!
Senti o fausto perdido;
Mas não foi de arrependido!...
Dissipada já deixava
A phantastica opulencia;
Mas levava...
Mas levava a consciencia!

José da Silva Mendes Leal Junior.

Apreço ao mérito. — Todos os jornaes de Paris contaram o seguinte caso:



«Achando-se doente um octogenario de Poitiers, possuidor de uma fortuna de mais de cinco milhões de francos, pedio que lhe lessem o *Conde de Monte Christo*, de Alexandre Dumas.

Por tal fórma o deleitou essa leitura, que tratou de informar-se ácerca de seu author, e soube que possuira uma propriedade em *Saint Germain en Laye*, a que pozera o nome do seu romance, e que fôra obrigado a vender. Acto continuo, péga na penna, e lhe escreve a seguinte carta:

«Estou velho e enfermo, e possuo uma boa fortuna. Leram-me o vosso Monte Christo, e muito contribuio élle para me distrahir e alliviar os meus soffrimentos. Não tendo filhos, e esperando que Deos em pouco me chamará a si, julgo fazer uma obra meritoria, deixando parte da minha fortuna a um author a quem devo tamanho allivio em meus padecimentos: Dividila-hei pois em duas partes — metade para os pobres e desvalidos de Poitiers, e a outra metade para vós. — »

Que essa disposição testamentaria do velho de Poitiers existio, não ha duvida; o que não é certo é que subisse á elevada quantia que os jornaes affirmaram.

Por mais d'uma vez tem recebido o famoso litterato (um dos mais notaveis d'este século) honrosos testemunhos de bem justificada admiração, entre os quaes figurão habitos e commendas de quantos paizes ha no mundo, e muito particularmente na Europa, onde mais derramadas se achão as suas obras.

JANEIRO—27.

Ruinas de Monserrate em Cintra.—Não foi a mão do tempo, que transformou um palacio de elegante architectura em magestosas ruinas; foi o capricho do constructor, que não nos quiz deixar as salas que recebião os seus contemporâneos. Mas que importa! Se poude calcular o desábamento dos pavimentos, não poude evitar que nos ficasse uma soberba montanha orlada d'arvoredo, e um dos mais amenos passeios.

Se quereis gozar um bello quadro, vinde vêr o despontar da manhã de cima d'este monte, saudado pelos alegres cantos dos passarinhos!...Se esta hora vos incommoda, vinde vêr o mergulhar do sol no oceano que vos fica em frente, e admirareis a sublimidade d'essa hora de crepusculo, que nos convida a doces recordações!...Vinde vêr o declinar da tarde do cimo de Monserrate, e talvez de nada mais vos fique saudade!..

Raros são os estrangeiros que desembarquem em Lisboa, e que logo se não dirijão a Cintra: as ruinas de Monserrate são o que na alma lhes deixa mais poetica impressão.

Antonio da Cunha (Cintra).

JANEIRO—28.

ENIGMA I.

Sou valoroso soldado,
Mas sempre com odio visto,
Aos meus contrarios invisto,
Rosto a rosto denudado.
De arma aguda sempre armado,
Aos combates me abalanço;
Aquelle a quem mais me avanço,
Por mais que se afflija e zangue,
Até lhe beber o sangue,
Não socego nem descanço.

* * *

JANEIRO—29.

Povoação aquatica.—Assim se expressa o Dr. Baikie, sobre uma aldeia que encontrou na Africa central:

«Não havia alli uma polegada de terreno que estivesse sêcco; á direita, á esquerda, adiante e por traz de nós, tudo coberto d'agua. Assim que apparecemos, sahiram os habitantes de suas palhoças, e sem exageração se póde dizer que tinhão agua até aos joelhos; vi uma criança molhada até á cintura. Não poderia descrever-vos o interior d'aquellas miseraveis casas de amphibios; ha alli algumas que, a serem habitadas, obrigão sem duvida os que n'ellas morão a nadarem como os castores para d'alli sahirem.

«Atravessámos em silencio a aquatica povoação, perguntando-nos a nós proprios como é que entes humanos assim podião viver. Tinhamos ouvido falar em tribus selvagens alojadas no interior de cavernas e em excavações de rochedos; conheciamos os estranhos costumes de certos indios que andão trepados, dia e noute, pelas arvores; sabiamos que na China ha uma immensidade de familias que vivem dentro de barcas e sobre jangadas; não ignoravamos que *tuaricks* e *shanboks* errão de continuo pelos areaes, e que os *esquimáus* abrem na neve as suas habitações; nunca porém viramos, nem sequer imaginaramos, creaturas humanas, formando por gosto uma especie de colonia de castores, e com os habitos dos hippopotamos e crocodilos que infestão os pantanos visinhos.»

JANEIRO—30.

Remedio para queimaduras.—Já démos dous, a pag. 378 do Alm. de 1853 e a pag. 336 do de 1857. Ahi vai outro simplicissimo:

Ponhão-se de infusão, uns dias, em alcool (espirito de vinho muito rectificado) algumas ortigas cortadas em bocados; embeba-se um trapo no liquido, e applique-se na parte queimada, que rapidamente cicatrisará.

Aldeia de S. Pedro do Amazonas.—Lê-se o seguinte ácerca de seus habitantes no *Roteiro da 1.ª viagem do vapor Monarcha desde a cidade da Barra do Rio Negro, capital da provincia do Amazonas, até á povoação do Nauta na républica do Perú, por João Wilkens de Mattos:* «Andão nús, e só nas suas festas se apresentão com pulseiras nos braços e nos joelhos, dragonas e toucados de pennas por elles preparados. Fazem uso immoderado de uma bebida, que denominão —*chicla*— preparada de mandioca, fermentada, e com que se embriagão durante os dias festivos. São apaixonados pela dança e pela musíca. O motivo das reuniões em certa epocha do anno é arrancarem todos os cabellos da cabeça de uma criança de dous mezes, ceremonia que fazem ao som de seus instrumentos, e acompanhada de danças, em que apparecem mascarados e vestidos a caracter, representando o macaco (este é denominado *Yurupary,* diabo), a anta, o veado, a onça, o tamanduá, alguma ave de rapina, etc. A infeliz criança perece no meio de horriveis soffrimentos. Esta pratica atroz, em uso ha seculos, funda-se em monomania *(A.* 59, *p.* 137).



FEVEREIRO — 1.

Mulher soldado — Gloria Brasileira. — D. Maria Ursula de Abreu e Lencastre, natural do Rio de Janeiro, conhecendo em si propensões marciaes, assentou praça na casa da India, com o nome de Balthasar do Couto Cardoso. Mais de doze annos servio D. Ursula na Asia, distinguindo-se em varias pelejas, principalmente no cêrco de Ambonâ, aonde entrou com os primeiros soldados que tomaram a fortaleza.

El-Rei D. João V premiou os serviços d'esta heroina, fazendo-lhe mercê, por 6 annos, do paço de Pangim, e de um xerafim na alfandega de Góa, para testar em seus descendentes. Casou D. Ursula com Affonso Teixeira Arraes de Mello, que foi Governador do forte de S. João Baptista, na ilha de Góa, e ainda depois de casada, apesar de já não servir na milicia, nunca deixou de andar de espada á cinta e com todos os atavios militares. Enganara-se a natureza fazendo-a mulher.

FEVEREIRO — 2.

O Campo da Piedade.—Conta-se que por occasião de uma das erupções do Etna, quando os habitantes do territorio adjacente cuidavão de fugir, andavão reunindo todos os seus objectos de valor dois irmãos, chamados Anapias e Amphinomo; lembrados porém de que seu pai e sua mãe, já muito entrados em annos, e enfermos, não podião fugir, entenderam aquelles bons filhos que não tinhão mais precioso thesouro que salvar; e abandonando tudo o mais, tomaram os dois velhos aos hombros, e atravessaram, novos Enéas, as labaredas e o fumo que os rodeavão. Os demais visinhos, testemunhas d'aquelle acto de filial amor, celebraram os dois irmãos em suas narrativas, e ao logar por onde elles havião passado com seus pais ás costas, pozeram o religioso e poetico nome de *Campo da Piedade (A. 51, 24 de Dezembro, e A. 52, p. 124)*.

FEVEREIRO—3.

Antonio Machado.—A pag. 137 do Almanach de 1858 se dá noticia de *dous rios de pedra,* que foram feitos por Antonio Machado para o chafariz do Campo de Sant'Anna, e hoje estão nas lagôas do Passeio Publico. As memorias de Cyrillo, que na referida noticia se invocão, dizem que aquellas duas estatuas representão o *Tejo* e o *Nilo*, e foram feitas para corresponderem ao Ganges e Euphrates, executados por Alexandre Gomes. O obreiro d'ellas foi Antonio Machado, cujas obras erão desempenhadas segundo os modelos de Nicoláu Villela, do qual diz o mesmo Cyrillo que *«era muito buscado dos esculptores para inventar attitudes e fazer em barro o modelo d'ellas.»* Antonio Machado foi discipulo de José d'Almeida, esculptor que estudou em Roma (com a ajuda de uma pensão que lhe estabeleceu El-Rei D. João v) e que deixou muitas obras apreciadas, entre as quaes se notavão n'outro tempo os Passos da Paixão, que sahião na procissão do Carmo. Os discipulos de José d'Almeida forão Francisco Xavier, Francisco Antonio e Antonio Machado.

FEVEREIRO—4.

INVOCAÇÃO A DEUS ANTES DE COMEÇAR O ESTUDO.

Tu, cujo amor em canticos
Celebrão sem cessar,
O mundo dos espiritos,
O céu, a terra, o mar!

Senhor, acolhe as supplicas
De pobres filhos teus!
Illustra-nos! melhora-nos!
Ampara-nos, ó Deus!

«A luz, disseste, faça-se!»
E a noite em luz se fez:
Dissipe igual prodigio
A sombra em que nos vês!

Nas trevas da ignorancia
Não medra o santo amor:
Illustra-nos! amemo-nos!
Senhor! Senhor! Senhor!

Antonio Feliciano de Castilho.

FEVEREIRO — 5.

Judeu errante vegetal.—Trata-se agora de propagar em diversos pontos da Europa, e como substituição da batata, uma planta das mais singulares, e que só existe por em quanto em certas localidades da Lorraine e da Borgonha, em França. O seu nome botanico é *latirus tuberosus;* chamão-lhe porém vulgarmente rato de terra e castanha; *rato de terra,* pelas suas parecenças com este animal, *castanha* em razão do seu gosto, que lembra o d'este fruto. Nunca foi cultivada e pensa-se que é possivel generalisal'a tanto como a batata. O que tem obstado á sua cultura é o preconceito dos camponezes, de que anda a planta de passeio por baixo da terra, correndo de continuo de um para outro campo: funda-se essa opinião, alli geralmente acreditada, no facto de se estender extraordinariamente, com uma infinidade de rebentos, ao longo da raiz, que vai seguindo horisontalmente, sendo difficillimo encontrar-lhe as duas extremidades: por mais que se arranquem as excrescencias, não deixa de seguir o seu caminho, e por isso se diz na Lorraine e na Borgonha que fôra capaz de dar volta ao mundo, se de permeio se lhe não mettesse o mar.

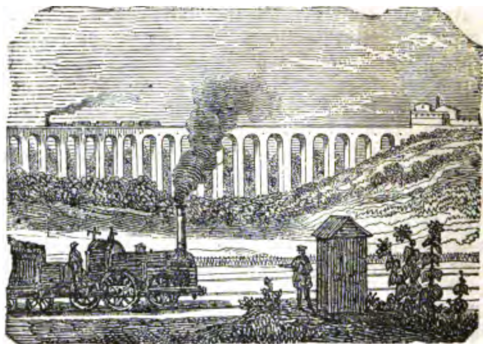
É uma planta ambulante e cosmopolita, sem apêgo ao sólo natal, de que se expatria, sem respeito á alheia propriedade, que acomette: por isso alguns lhe chamão o *judeu errante* do reino vegetal.

FEVEREIRO—6.

Listas civis.—A do Senhor D. Pedro v é de 365 contos annuaes (um conto de réis por dia). A da Rainha de Inglaterra é de 385,000 libras esterlinas (perto de cinco contos de réis diarios). A do Imperador dos francezes é de 24 milhões de francos (cerca de dozé contos de réis por dia)!

Com uma perspectiva d'estas vale bem a pena de dar golpes d'estado!

Cavallo vapor.—Frequentemente se ouve falar em



machinas da força de *tantos* cavallos, e poucos sabem o que isto signifique. Expliquemol'o pois:

Cavallo-vapor é a unidade adoptada para medir a força das machinas de vapor, e representa o trabalho necessario para elevar 75 kilogrammas (um kilogramma corresponde a pouco mais de 2 arrateis) a um metro de altura em um segundo: a machina da força de 100 cavallos é pois a que póde elevar, por modo continuo, 100 vezes 75 kilogrammas, ou 7,500 kilogrammas, a um metro de altura, por segundo.

O trabalho d'um *cavallo-vapor* é proximamente duplo do de um cavallo ordinario.

Helice natural.—Ha na Australia um insecto com umas azas supplementares, enroscadas em fórma de helice, as quaes dão meias voltas na parte posterior do animalinho, e poderosamente o ajudão a mudar de logar.

Cassange.—É um territorio vasto situado no paiz dos Jagas, a léste d'Angola; a sua maior importancia deriva-se da grande feira que alli se faz, e que é um dos melhores mercados do commercio de Loanda. Derrotado o régulo de Cassange, em 1851, pelo major Francisco de Salles Ferreira,



foi em seu logar eleito outro, que se baptisou e se fez vassallo da corôa portugueza, promettendo ao mesmo tempo acabar com os banquetes de carne humana. Para Angola foi transferido o banco de ferro que servia aos cassanges de matadouro, quando em festins solemnes os pretos servião de rezes.—Sobre a abolição d'aquelles costumes nefandos, lembra-nos o que praticou Frei Antonio de Popolo, barbadinho italiano. Passando pela *banza* de certo *sova* (era dia d'eleição), vio um preto, que estava já amarrado para o sacrificio, e não o podendo salvar d'outra maneira, comprou-o a trôco de quanto levava; depois, notando que outro preto ia ter a sorte do primeiro, armou o seu altar ambulante, baptisou o escravo que tinha comprado, e deu-lhe a liberdade, dizendo aos pretos que os homens erão todos irmãos, e que escravos só o devião ser de Jesu Christo: com a efficacia da sua palavra inspirada conseguio abolir n'aquella tribu os sacrificios humanos *(A. 57, p. 138)*.

Pedro Diniz.

Baralho religioso.—Ao ouvir missa um soldado com os outros da sua companhia, observou o sargento que em logar de livro espiritual tirara elle da algibeira um baralho de cartas e meditava mui attentamente os naipes: reprehendeu-o e ordenou-lhe que cessasse um tal escandalo, que de todos era notado; recusou o soldado, continuando a revolver todas as cartas com a maior devoção. Concluida a missa, ordenou-lhe o sargento que o acompanhasse a casa do major, a quem deu parte do occorrido.

«Meu major, lhe disse o soldado, se attenderdes ao módico de minha paga, não vos admirareis de que me não sóbre dinheiro para livros: as cousas são boas ou más segundo a intenção e o bom ou máu uso que d'ellas se faz; ora, estes naipes supprem na minha mente os livros devotos e espirituaes, como passo a provar-vos:

AZ: lembra-me um só Deus, creador do céu e da terra.
DOUS: o Velho e o Novo Testamento.
TRES: o mysterio da Santissima Trindade.
QUATRO: os quatro Evangelistas.
CINCO: as virgens prudentes que forão diante do Esposo com as alampadas accêsas, em quanto as outras cinco, chamadas nescias, forão excluidas por terem as suas apagadas.
SEIS: a creação do mundo em seis dias.
SETE: o descanço do Senhor ao setimo.
OITO: as oito pessoas que se salvaram do diluvio, a saber: Noé e sua mulher, seus tres filhos e suas mulheres.
NOVE: os nove leprosos (elles erão dez, mas só um soube render graças ao Salvador).
DEZ: os mandamentos da Lei de Deus.
DAMA: a Rainha de Sabá e a sua visita a Salomão.
VALETE: Judás, que por trinta dinheiros vendeu a Christo.
REI: o do céu e o da terra, a quem devo servir; ao do céu como Deus que é, e ao da terra como meu Soberano.

«As cincoenta e duas cartas do baralho lembrão-me, de

mais a mais, as cincoenta e duas semanas do anno; as doze figuras, os doze Apostolos e os 12 mezes.

«Já vêdes pois, meu major, que este baralho me serve ao mesmo tempo de Velho e Novo Testamento, de Cathecismo, de Folhinha e de divertimento.»

Bem está, lhe disse o major; noto porém uma falta na relação: ao valete tambem se lhe chama cavallo; que idéa vos recorda este animal?

«O cavallo, majór, é o sargento que aqui me trouxe á sua presença.»

Um couce bem applicado lhe houvera provado que se não enganava, a não ser o respeito devido á presença do major.

FEVEREIRO—10.

Os ratos ouvintes.—Em Lisboa já appareceram ratos prendados, que erão actores, e representavão differentes pantomimas. Agora vamos fallar em ratos espectadores. Dizem os *Annaes da Bastilha* que um prisioneiro d'estado pedio uma vez ao governador que lhe permittisse tocar flauta, para mitigar o tédio da prisão. Alcançada a licença começou a fazer uso do instrumento, e logo vio sahir d'um buraco um ratinho, e vir empoleirar-se a escutar: continuou a tocar e vieram mais ratinhos ouvir o novo Orpheu. Repetio-se esta scena por alguns dias, até que o preso, convencido de que tinha sempre aquelle auditorio, pedio um gato a um dos carcereiros, conservou-o escondido, e tanto que se acharam reunidos os incautos ouvintes, soltou-lhes o seu terrivel inimigo, que ainda apanhou alguns. A ratoeira era de nova invenção; porém mais admiravel ainda é o animo do prisioneiro, que fazendo isca da sua propria flauta, armou tão traiçoeiro laço aos pobres ratinhos, que lhe ião dar mostras de confiança e de sympathia.

O que elle merecia era ficar preso toda a vida por aquelle negregado acto contra animalinhos, que lhe ião tambem mitigar os horrores da prisão. Que coração aquelle!

Feitiço contra o feiticeiro.—Ao pôr-se em execução o alvará que extinguio os *Frades Mercenarios* no Pará, foi ter um d'elles com o capitão do navio em que tinha de partir, pedindo-lhe, por favor e esmola, lhe guardasse uns 400$000 réis que possuia, e que lhe não era permittido levar para bordo. Mal que o outro ouve isto, vai ter com o Capitão General e denuncia o pobre frade. Chamado este a palacio, pergunta-se-lhe por aquelle dinheiro, e responde o frade sem se alterar que o capitão o recebera, e que não erão 400$000 réis, mas sim 4:000$000 réis. Enfurecido o General contra o capitão, intimou-o para que restituisse esta quantia, que pertencia ao estado, sob pena de asperrimo castigo, e obrigado se vio o infame denunciante a executar-se por suas proprias mãos, pagando o décuplo do que fizera perder ao religioso.



Abençoado padre! ...

Antonio Agostinho de Andrade Figueira (Brazileiro, Pará).

CHARADA III.

Duro e bem duro 1
Macio, macio 1
Dos que tanto persegui
Defensor eu fui depois,
E tanto, que por meu zelo
Morte horrivel padeci.

Claudino Augusto Cesar Garcia (Bragança).

Numeros amigaveis.—Dá-se este nome a dous numeros, cada um dos quaes é igual á somma das partes aliquotas do outro (*). Taes são, por exemplo, os numeros, 284 e 220. As partes aliquotas do primeiro são, 1, 2, 4, 71, 142: as do segundo são, 1, 2, 4, 5, 10, 11, 20, 22, 44, 55, 110. Temos:

284=1+2+4+5+10+11+20+22+44+55+110

220=1+2+4+71+142.

Até hoje só se tem descoberto tres pares de numeros amigaveis, que são:

284	220
17296	18415
9363538	9437056

Foi Descartes quem primeiro falou n'esta especie de numeros, e Schooten quem os denominou *amigaveis* e achou aquelles tres pares. *João Felix Pereira.*

ENIGMA II.

Torto sou, mas assim torto
Roubo a vida ao mais direito;
Sem ser de veneno feito
Quem me engole fica morto:
Dou do sustento o conforto
Com mortifero apparato;
Dos mortos faço o meu fato,
E é minha condição tal,
Que solto não faço mal,
E quando estou preso mato. ***

(*) Chama-se *aliquota* a parte d'um todo que repetida certo numero de vezes produz o todo completo; assim 2 é *parte aliquota* de 6.

ELLA.

Desprenda-se a poesia
Em torrentes de harmonia
Para cantar meu amor!
Nas cordas da minha lyra
A mão incerta desfira
Um hymno de trovador!
Um hymno — só para ella,
Que em cada nota revela
Mysterios do coração;
Que seja todo ternura,
Todo meiguice e doçura,
Todo sincera paixão!!
Não podem vozes da terra
Dizer tudo quanto encerra
Aqui dentro o peito meu!
Mas comigo ha de juntar-se,
Hade ao meu canto casar-se
A voz dos anjos no céu!
D'aquella face formosa,
Como um botão d'alva rosa,
Quem não ama a pallidez?!
Quem não encontra poesia
N'aquella melancolia
Que tem gravada na tez?!
Nos seus cabellos escuros,
Nos olhos negros tão puros,
Quem se não hade prender?!
Quem em troca d'um sorriso
D'esse anjo do paraiso
Não se deixa alli morrer?!

Quando a vejo pensativa,
Eu não sei como se viva
Sem pensar n'ella tambem!
Se a visse chorar um dia...
Ai! eu não sei que alegria
Podesse gozar ninguem!!
Eu não conheço no prado,
De frescas flores bordado,
Mais linda e singela flor!
Eu não conheço donzella
Que se compare com ella...
Quem assim me expresse amor!
Erguei-vos da sepultura,
Poetas da desventura,
Erguei-vos, Tasso e Camões;
E dizei, depois de vêl'a,
Se houve jámais uma estrella
Como esta—d'inspirações!!
Não houve—Na minha vida
Não te veja eu escondida
De nuvens n'um triste véu!
Ó meu astro scintillante,
Brilha-me sempre constante,
Que se morres, morre o céu!
Só por ti meus ternos cantos,
Os meus suspiros, meus prantos,
Meu condão de trovador!
Só por ti minha saudade!
No mundo, na soledade,
Só por ti meu casto amor!

Francisco José Pereira Palha.

Divisibilidade da materia.—Ao que sobre este objecto dissémos a pag. 157 do Almanach de 1857 accrescentaremos hoje o seguinte:

Calculou um physico, por nome Kiel, quantos animaes microscopicos, como os que se vêem no vinagre e na agua em que se pozessem de infusão folhas de plantas, erão necessarios para occupar o pequenissimo espaço de um millimetro cubico, e achou que erão precisos 10,000.

Compõe-se o sangue de pequeninos globos organisados, de que são necessarios 30,000 para occupar um centimetro cubico.

As ovas de peixe, e particularmente as de bacalháu, compõem-se de animaes infinitamente pequenos, dos quaes, segundo Dowenbœch, serião precisos 1,800 mil milhões para cobrir um centimetro cubico; haveria logar para muitos mil na ponta d'uma agulha.

A divisibilidade das côres é ainda maior. Um decigramma de carmim deitado em agua, affirma *Barruel* que se póde dividir em 1,608 milhões de milhões de milhões de particulas!

A divisibilidade das materias odoriferas vai ainda mais longe. Um grão de almiscar (*A.* 52, *p.* 134) póde emittir o cheiro n'um quarto arejado, e durante 20 annos successivos, sem diminuir sensivelmente de peso. Calcula-se que serião precisos 350 milhões de milhões de milhões de particulas odoriferas para formar o peso d'um grão.

Maior ainda é a divisibilidade da luz, sobre o que outro dia dissertaremos.

Respeito á propriedade.—A tal ponto chegou na Inglaterra, no reinado do grande Alfredo, que mandando elle pendurar cordões d'ouro nos ramos das arvores proximas ás estradas, ninguem se atrevia a tocar-lhes sequer.

Agora roubavão-lh'os ainda que fossem de pechisbeque.

Rosa do Céu.—Foi o nome dado pelo principe do imperio do Mogol, Cháh-Djihân á sua esposa favorita, entre muitas, a formosa Nour-Djihân. Nada mais sumptuoso do que o mausoléu de marmore branco erigido por elle á memoria d'aquella princeza. Quanto a poesia oriental póde imaginar de mais bello, se acha realisado n'aquelle tumulo, unico em seu genero. O artista que o construio não quiz sobreviver ao principe, e pedio, como favor insigne, ao seu successor, lhe permittisse o ser queimado vivo em cima de sua sepultura.



Ainda hoje se mostra a pedra de marmore sobre a qual ia todos os dias orar, e pôr-se em communicação com a alma de sua esposa, o principe asiatico; foi gasta no meio, segundo é tradição no paiz, pelas lagrimas que durante vinte annos consecutivos ahi chorou o extremoso consorte, cuja constancia ficou proverbial, e com rasão.

FEVEREIRO—17.

Consciencia elastica.—Ao prestar o Conde Simeão juramento de fidelidade a Luiz Filippe, assim lhe disse:

«Senhor, é este o 17.º *juramento politico na minha vida, e muito folgarei de que seja o ultimo.»*

Não foi. Ainda depois d'isso prestou mais dous—um á republica e outro ao Imperador.

Pobres na China.—Achão-se alli arregimentados nas principaes localidades, e têem um chefe a que obedecem, chefe escolhido por elles proprios, e que a todos prescreve o modo por que devem haver-se, os sitios onde lhes é permittido implorar a caridade publica, etc., etc. O mais singular é que as leis na China lhes concedem certos privilegios, entre os quaes figura um que é dos mais extravagantes. Pódem bater á porta de qualquer, entrar nas lojas e tocar um rufo com duas vaquetas em cima do balcão até que lhes dêem esmola: emquanto assim batem, não é permittido pôl'os fóra; só depois de pago o imposto ordinario, que é uma moedinha de cobre, é que pódem ser despedidos. E assim levão os dias os taes cavalheiros, occupando-se grande numero d'elles em explorar uma só rua de Cantão, denominada *Rua Velha da China*, e habitada por opulentos negociantes. Alguns d'estes para se subtrahirem áquella continua importunação, fazem um contracto com o chefe dos mendigos, e obrigão-se a pagar-lhe uma quantia annual; outros fazem-nos esperar horas esquécidas na rua, para ver se perdida a paciencia se retirão, mas a essa tactica respondem os especuladores com uma tenaz perseverança.



Chefe de mendigos é emprego alli de certa representação e dependencia, pois traz alistados em suas fileiras 30, 40, 50 gatunos, que muita vez lhe servem em criticos momentos.

Cada terra com seu uso.

Simão Bolivar.—Fundador da républica de Colombia; nasceu em 1785 em Caracas, ao norte da America Meridional, e aproveitou habilmente das circumstancias para libertar o seu paiz do jugo dos hespanhoes; foi alma do grande movimento insurreccional que arrançou á Hespanha o Chili, o Perú, etc. etc. Eleito Director, e depois Presidente da républica de Colombia em 1819, regeu até 1830, em que espontâneamente se demittio. Opprimido de desgostos, morreu no mesmo anno, e bem póde ser citado como um novo exemplo da ingratidão popular, e victima das républicas americanas que tão poderosamente ajudara a fundar. Deve-lhe o seu nome a de Bolivia, limitada ao N. pelo Perú, ao S. e a S. E. pelo Paraguay e Buenos-Ayres, ao N. E. e a E. pelo Brasil, e a O. pelas provincias peruanas de Cusco e Araquipa. Com aquelle titulo se deu ha annos em Paris uma peça das mais apparatosas.

FEVEREIRO—20.

ENIGMA III.

Por ave nos ares vivo,
Mas da terra me sustento;
Sirvo aos homens de alimento,
E a quem me quer não me esquivo;
Presa estou, mas com motivo;
Presa estar não me entristece;
A muita gente aborrece
A minha grande dureza;
Sou quente por natureza;
Tenho lã, mas não me aquece.

D. João II de Portugal.—*«O que mais raro alli vi* (dizia ao seu Monarcha um inglez que no tempo d'aquelle Soberano viera a Lisboa) *foi um homem que a todos governa e que por ninguem é governado.»*

FEVEREIRO—21.

Nova Babel.—Grande foi a multiplicidade de linguas que se falaram em Paris por occasião da Exposição Universal de 1855; maior porém foi o numero das que alli se acharam estropeadas. Calculou um sabio haverem-se falado por aquella occasião 378 idiomas, sem contar os jargões e dialectos.

Á porta d'uma loja se lia, por exemplo:

Aqui se parla el portugazzio.

N'outra taboleta via-se em gordos caracteres a seguinte algaravia:

En ploaven kernikuifignec plô?

Dizião que significava haver lá dentro quem falasse bretão, e não ha bretão que entenda semelhante cousa.

Ás casas de pasto mandaram traduzir os seus róes d'acepipes e guizados em dez ou doze linguas differentes. N'uma das principaes havia a relação das comidas em chinez, em mogol, em malabar, em iroquez, em indostanico e em tartaro. No *Café-de-Paris* havia uma lista em sanscrito para os sabios brahmanes que se tentassem a visitar a grande Exposição.

Não seria para admirar que de tal sarapatel de linguas e de povos sahisse uma lingua nova. Até para o progresso linguistico são boas as Exposições universaes!

FEVEREIRO—22.

CHARADA III.

Sou vaso de planta.. 1
E meio fraldeiro.... 1
Arranjo caminhos
Sem ser calceteiro.

Extravagancias d'authores célebres.— Ao que a tal respeito escrevemos a 10 de outubro no Almanach de 1851 e a pag. 103 do de 1853, acrescentemos hoje alguma cousa mais.

Lamartine só póde escrever com o quarto na maior desordem, e passeando por alli soltos um cão, um gato e um papagaio.

Balzac só se sentia inspirado com tres velas de cebo, que de continuo espivitava: quanto mais claro estava o sol, tanto maior pressa elle se dava em fechar portas e janellas, e em accender as suas velas favoritas.

Jorge Sand não escreve uma linha senão de noute, fumando e tomando café.

Victor Hugo toma um banho cada vez que tem de compôr aquellas suas poesias que tantos sabem de cór.

Eugenio Sue só com luvas pegava na penna.

Anna Redcliffe nunca escreveu as suas melancolicas paginas, senão com uma vela a que servia de castiçal um crâneo.

Goldsmith não sabia escrever uma palavra senão depois de haver dado uma infinidade de murros na parede, até que lhe ficassem a arder as mãos.

Não ha nada que se pareça mais com um tolo do que é um homem de talento.

FEVEREIRO—24.

CHARADA IV.

Impostora, do que dizes
Ninguem deve fazer caso;
Póde ser que isso aconteça,
Mas será por puro acaso. . . 2

É por causa d'um maroto,
Maroto de antiga data,
Que não deixo a especie humana
Apertar bem a gravata. . . . 1

Mariola e homem vil,
Lascivo por natureza,
Equivalem a tal nome
Cá na lingua portugueza.

* * *

Reliquias imperiaes.—Em um grande cofre de prata dourada, que por toda a parte acompanha o actual Imperador dos francezes, se encontrão as seguintes reliquias de familia:



A facha tricolor que trazia o general Bonaparte na batalha das Pyramides, e em toda a campanha do Egypto e da Syria: é de *cachemire*, e deu-a o proprio General, no seu regresso do Egypto, á Rainha Hortensia.

O annel que o Papa Pio VII metteu no dedo do Imperador na ceremonia de sua coroação: é d'ouro, com um riquissimo rubim.

O annel que o Imperador pôz no dedo da imperatriz, pela mesma occasião: tem dous corações, um de saphyras e outro de diamantes, unidos pelas palavras—*Dous fazem um.*

As commendas da *Legião d'Honra* e da *Corôa de Ferro,* e as fitas das mesmas ordens, de que se servio Napoleão I.

Uma pequena medalha com dous retratos em miniatura, o do 1.° Napoleão de um lado e o de Maria Luiza do outro: é para o Imperador actual objecto de uma especie de culto, por ser presente que recebeu do proprio Napoleão I, em 20 de abril de 1815, anniversario natalicio do ex-presidente da républica.

Os retratos, em miniatura tambem, da Imperatriz Maria Luiza e do Rei de Roma: é o unico retrato de seu filho que possuia o captivo de Santa Helena, e que foi bafejado pelo sôpro do seu ultimo suspiro.

A espada que o Duque de Reichstadt, filho de Napoleão I, legou a seu primo Luiz Napoleão, actual Imperador dos francezes.

O annel de casamento do Imperador Napoleão I e da Imperatriz Josephina, e um annel, muito simples, de ouro, em que se achão tão sómente gravados estes dois nomes: *Napoleão Bonaparte*, de um lado; *Josephina Tascher*, do outro.

E, finalmente, o célebre talisman de Carlos Magno.

FEVEREIRO—26.

Á SENHORA MARIETTA LANDA

(POR OCCASIÃO DE CANTAR NO THEATRO DE S. JOÃO DO RIO DE JANEIRO).

SONETO.

Alcione, perdido o esposo amado,
Ao céu o esposo sem cessar pedia;
Porém as ternas preces surdo ouvia
O céu, de seus amores descuidado.

Em vão o pranto seu, d'alma arrancado,
Tenta a pedra minar da campa fria;
A morte de seu pranto escarnecia,
De seu cruel penar se ria o fado.

Mas ah! não fôra assim, se a voz tivera
Tão bella, tão gentil, tão doce e clara,
D'aquella que hoje n'este palco impera.

Se assim cantasse, o tumulo abalara
Do bem querido; e branda a morte fera,
Vivo o extincto esposo lhe entregara.

Laurindo José da Silva Rabello (Brasileiro).

Cada terra com seu uso.—Passeava um francez pelas ruas de S. Petersburgo, fumando tranquilla e voluptuosamente o seu charuto.

D'ahi a pouco aproxima-se-lhe um cavalheiro, vai caminhando a seu lado, e diz-lhe:

—«*Pelos modos sois estrangeiro, não é verdade?*

—«Não ha duvida; cheguei hontem de Paris.

—«*Bem se vê que ignorais ainda os nossos costumes; aqui é prohibido fumar pela rua.*

—«Ah! não sabia! aliás... Tenho por costume respeitar sempre as leis do paiz em que me acho.

E ao dizer isto dispunha-se a deitar fóra o charuto.

—«*É escusado, é escusado, acabai de fumar, que por hoje ninguem vos incommodará; mas aconselho-vos que o não torneis a fazer.*

Continuaram conversando, e d'ahi a poucos minutos separaram-se, mui cortezmente, renovando o francez os seus agradecimentos.

Gontando no dia seguinte o caso a um amigo, e descrevendo-lhe a figura e os modos do russo, lhe disse aquelle:

—«Sabeis quem era?

—«Por certo que não.

—«Pois esse cavalheiro, tão affavel e delicado, era nada menos... que o Imperador Nicoláu.

Confirmou-lh'o o presente que no mesmo dia recebeu, e que lhe foi entregue por um ajudante de serviço do Imperador; era uma caixa de excellentes charutos, com estas palavras na tampa: «*Para fumardes nas ruas de Paris.*»

Em terra de cegos quem tem um olho é rei.—Expressa-se a mesma idéa no interior de Minas Geraes com est'outro rifão: «*Em terra de fome mocotó é lombo.*»

Mocotó são mãos de vaca ou boi, cruas ou guizadas.

Curiosidades portuguezas.—Na ilha de Timôr ha um buraco de que sahe vento rijo durante seis mezes do anno, e um lago d'agua salgada, que ferve quando lhe cahe agua doce.

Em Cabo Verde não ha animaes venenosos, e as cabras parem duas vezes no anno, quasi sempre mais d'um cabrito de cada vez.

Em nenhuma das ilhas d'aquelle archipelago ha mosquitos: outro tanto acontece na Madeira.

Na ilha das Flores não ha bolor *(A. 54, p. 86)*.

Na ilha de Santo Antão colhe-se o milho duas vezes no anno, e na Brava um alqueire d'elle produz 400, o que talvez não aconteça em nenhum outro ponto do globo.

Em Moçambique ha *arroz cheiroso*, e faz-se vinho de palmeira, chamado *nipa*.

Em Dio produz-se o *vinho judeu*.

Na ilha da Boa Vista nasce o *algodão* côr de ganga.

Na de Santo Antão encontra-se *marmore* e *bolo armenio*.

Em Timôr ha uma fonte de óleo *petroleo*.

Sobre o rio *Buze* (em Sofála) ha uma ponte natural, formada pela proeminencia de um grande rochedo.

Pérolas finas.—No logar chamado Patterson, em a Nova Jersey, a poucas milhas de Nova York, se descobrio não ha muito a existencia de pérolas finas, n'uma especie de ameijoa, a uma profundidade de dous pés: são ligeiramente rosadas e quasi esphericas. Possue um dos maiores ourives dos Estados Unidos um collar com trinta e uma d'estas pérolas, a maior das quaes é do tamanho d'uma noz pequena. Esta nova fonte de industria transformou completamente a sorte d'aquella aldeia, ainda ha pouco miseravel, e hoje com brilhante perspectiva.

(A. 51, 31 de Outubro, A. 54, p. 116, A. 55, p. 219, A. 58, p. 221.)

Hygiene chineza.—Os medicos do Imperador da China só vencem ordenado quando o Soberano está de perfeita saude. Assim se explica que n'um momento se cure de qualquer enfermidade que o acometta.



Urubú.—O estrangeiro que chega a esta cidade do Pará fica admirado ao ver em todos os seus largos e praças, bandos de corvos negros, a que aqui chamão *Urubús*, passeando muito á vontade proximo á gente e mimoseando-a com o seu cheiro repugnante. Ao romper da manhã vêem-se chegar dos arredores aos centenares, e assentarem o seu campo de batalha na praça do mercado. Campo de batalha, disse bem, pois alli se guerreião estes *cidadãos*, por causa de alguma tripa de pirahiba, que os vendedores d'este peixe lhes atirão. É interessante ver essas luctas em que muita vez tomão parte 40 ou 50 combatentes, para se apoderarem de uma preza que apenas póde satisfazer a ambição d'um só. A lucta começada na praça vai frequentemente acabar nos telhados visinhos, para onde algum mais esperto levou o objecto da contenda!

O descanço e liberdade de que os urubús aqui gozão no Pará são devidos a uma postura da Camara Municipal, em que se impõe a multa de 10$000 réis a quem matar estes *prestantes cidadãos*, visto serem os unicos *zeladores* da Camara, e terem a seu cargo a limpeza das ruas e praias, cargo que desempenhão escrupulosamente!

O que é o progresso!... Quando pensarião nossos avós que até os urubús havião de vir a ser empregados municipaes!... *Guilherme F. d'O. Guimarães* (Pará).

MARÇO—2.

Brinde.—Lê-se no *Mercantil*, jornal de Porto Alegre:

«O Consul portuguez, Amaral Ribeiro, e muitos dos nossos patricios, residentes n'aquella cidade, reuniram-se e cotisaram-se entre si, para offerecerem ao nosso aprimorado poéta, o sr. Antonio Feliciano de Castilho, uma penna de ouro, cravejada de diamantes.

A subscripção que para este fim promoveram, havia ultrapassado a somma de um conto de réis; mas por um sentimento de delicadeza muito apreciavel, e afim de que a exaggeração da offerta lhe não désse o caracter de pagamento de uma divida, resolveram que o valor da prenda offerecida não excedesse a somma de trezentòs mil réis.

Com este delicado mimo, que ia ser enviado ao nosso harmonioso poéta, parece que os portuguezes residentes n'aquella parte do Brazil quizeram, não só galardoar os serviços por elle prestados ao desenvolvimento da instrucção publica em todo o imperio, mas tambem, e muito principalmente, commemorar um acto de verdadeira caridade christã, por elle praticado quando alli residio, e que vamos narrar em poucas palavras.

N'um casal das immediações da villa d'Uruguyana, n'aquella provincia, vivia um pobre e honrado agricultor, nosso compatriota, cercado d'uma numerosa familia, que o amava, e de quem era o unico amparo, querido e respeitado de to-

dos os que o conhecião, pelas suas virtudes e exemplar comportamento.

Uma noite, á hora em que entre os seus repousava das fadigas da sua vida laboriosa, vio entrar-lhe em casa, trémula, lavada em lagrimas, ensanguentada e pedindo protecção, uma parenta sua, que fugia aos máus tractos de seu marido, homem vicioso, odiento e brutal.

O pobre aldeão deu-lhe guarida, e contente com a boa acção que praticara, dormio a noite socegado, mal pensando nos perigos que o ameaçavão.

Na manhã seguinte, quando curvado sobre a enxada, regava a terra com o suór do rosto, e procurava no trabalho a subsistencia da familia, foi acomettido pelo verdugo da sua parenta, que armado de um punhal tentava assassinal'o.

A lucta foi violenta. A idéa de deixar viuva a esposa, os filhos orphãos, e entregue á furia do seu perseguidor a victima que salvara, o instincto da propria conservação talvez, venceram n'elle os naturaes sentimentos de humanidade; a enxada com que revolvia a terra converteu-se em instrumento de morte, e erguida sobre a cabeça do assassino, em breve o derrubou morto aos pés, ficando não obstante elle gravemente ferido.

A justiça do céu tinha sem duvida ordenado aquelle castigo e preparado semelhante desenlace.

Mas a justiça da terra, que é cega, e parece que só existe para punir, interveio. Vio um cadaver, e junto d'elle o ancião, de pé e immovel. Era-lhe precisa uma victima para desaffronta da sociedade; o morto não podia responder pelo crime; por tanto, condemnou o pobre velho a dez annos de trabalhos publicos.

Debalde se interessaram pelo infeliz todos quantos o conhecião, e ainda as pessoas mais qualificadas da provincia; a justiça tinha condemnado, e o que ella sentenceara réu, força era que soffresse a pena.

Então occorreu ao nosso poéta uma idéa magnanima; a de commover o coração do Monarcha em favor do seu desgra-

çado patricio. Victor Hugo, para salvar a vida de um condemnado, atreveu-se a ir collocar, á meia noite, junto da cabeceira de Luiz Filippe, estes quatro versos:

«Par votre ange envolée ainsi qu'une colombe!
«Par ce royal enfant, doux et frêle roseau!
«Grâce encore une fois! grâce au nom de la tombe!
«Grâce au nom du berceau!»

E quando na manhã seguinte, o Rei dos francezes, ao levantar-se, leu aquella supplica singela, o condemnado foi salvo.

O sr. Castilho escreveu então á virtuosa esposa do Imperador D. Pedro aquella famosa epistola que ahi corre impressa, e que todos conhecemos. Era pela semana santa. A supplica chegou ás mãos do imperador por intervenção de tão excellente medianeira, e o pobre velho, que já soffrera dois annos de prisão, foi perdoado.

É para commemorar esta acção tão louvavèl, que os nossos patricios residentes em Porto Alegre, resolveram enviar ao sr. Castilho a graciosa offerta que mencionamos.»

Guerra aos persevejos.—Estes animaesinhos incommodão tanto, mordem com tal ousadia, e deixão ficar uma baba tão grande e tão incommoda, além do fétido que exhalão como meio de defeza quando são perseguidos, que fazer-lhes guerra e destruil'os é ha muito objecto de experiencias e estudo. Quem achar pois o meio de extinguir tão damninhos e diabolicos insectos fará um grande serviço á humanidade. Ahi vai uma receita:

Perfume-se a casa com folhas de arruda, de tabaco, de absinthyo e de camphora. Esta fumigação, para ser efficaz, deve ser feita depois de se haverem calafetado bem portas e janellas, de maneira que não saia fumo e não entre ar.

«São animaes com entranhas de tigre»—dizia um páteta: onde as alojão é que não sei.

José Pereira Canavarro (Brasileiro).

ENLEIO.

Como esta noite sem lua,
Sem uma estrella acordada,
Assim minh'alma está núa
De esp'rança e abandonada!
Mas guardo ainda a lembrança
Do teu olhar de criança,
Com seus assomos de dôr;
Ah! então troquei o antigo,
E doce nome de amigo,
Por um momento de amor!

Eras rosa debruçada
Nas orlas do meu caminho!
Quiz colher-te na jornada,
Mas tive medo do espinho!
Minh'alma porém voava
Em torno da flor, — escrava
Que em vez de gemer sorria!
E como foi transparente
Aquelle enleio innocente,
Aquelle amor d'um só dia!

Aquella hora assim passada
Entre a esp'rança e o temor,
Encheu-me a noite apressada
De louros sonhos de amor!
Réstea de luz, pelo escuro
Das brumas do meu futuro,
Aquéceu-me o coração...
Mas veio (quem sabe?) a calma
Lançar-te no fogo d'alma
O gêlo da reflexão!...

Que importa! — Sonho comtigo
Nas horas de mais saudade,
N'aquelle lethargo amigo
Que acorda co'a mocidade!
E quem viveu de esperanças,
Vive agora das lembranças
D'aquelle sonho d'um dia;
D'aquelle scismar que tinhas,
Com tuas mãos entre as minhas
N'aquella noite sombria.

Encheste o livro dourado
De minha existencia inteira!
Já não caminho isolado,
Como por terra estrangeira;
Que tenho accêsa a lembrança
Do teu amor de criança
Nos meus sonhos matinaes;
Tenho esse enleio bebido
No teu seio, inda aquécido
Pelas azas maternaes.

E levo agora a saudade
D'aquelle instante d'enleio,
Em que a minha mocidade
Envelheceu em seu seio!
Pobre rosa emmurchecida,
Que vens dizer-me que a vida
Da ventura é flor d'um dia!
Que se apagou de repente
Aquella luz innocente,
Que tanto amor promettia!

José Alexandre Teixeira de Mello (Brasileiro) (Rio de Janeiro).

Valentão da Idanha.—Era tal o terror no tempo da invasão franceza, que apenas em alguma localidade, e sobretudo nas terras pequenas, se dizia: «*Elles lá vem*», davão todos ás de Villa Diogo. Foi o que aconteceu a Lucas de Sequeira, na villa de Idanha a Nova. Assim que tal ouve, desata a correr pela estrada fóra, e mais aterrado ainda fica, ao sentir de continuo baterem-lhe nas costas! desfallecido e meio morto, pára, ajoelha, e exclama... «*Senhor francez... ren... rendo-me... por quem é... não me mate!...*

O inimigo, o desalmado, o francez... era o rabicho do poltrão!...

Luiza Maria.

MARÇO—5.

Prodigiosa fabrica de fiação.—Na ilha de Kronholm, proximo a S. Petersburgo, se lançou agora a primeira pedra d'uma fabrica de fiação que será a maior do mundo. O predio terá 672 janellas, e será illuminado por 20,000 bicos de gaz. Empregar-se-hão alli uns 3,000 operarios. A fazenda d'ahi sahida formará a carga exclusiva de uns 60 a 80 navios de grande lotação.

A UMA MENINA.

Glorinha, não antecipes
Uma idade que ha de vir;
Goza da infancia... não queiras
Trocar pelo pranto o rir.

A infancia gosa mimos,
Da innocencia tem a paz...
Outra idade é lindo sonho,
Que como tal se desfaz.

A infancia tem sorrisos,
A mocidade o amor,
Para a mulher os pesares,
Co'a velhiçe vem a dor.

Amor nem sempre é bonito,
Ás vezes com pranto vem...
Da vida pura alegria
É só a infancia que a tem.

R. da Cunha (Brasileiro) (Pernambuco).

Apontamentos historicos.—*Os Muros de Babylonia*, mandados construir pela Rainha Semyramis, tinhão 50 milhas de circumferencia, 200 pés d'alto e 50 de largo. Havia na sua extensão 200 portas de bronze. O fosso era de tal largura, que pelo meio corria o Euphrates, e era navegavel. Em cada porta havia uma ponte que atravessava o fosso. Tinha na esplanada fontes e jardins *(A.* 51, 18 e 25 *de Març.)*

A *Torre dos pharoes* no Egypto, perto de Alexandria, mandada levantar por Alexandre Magno, no rio Nilo, para guiar de noute os navegantes, custou 700,000 talentos, e era tão alta, que olhando do cimo d'ella para baixo se não enxergavão os homens e cavallos que passavão perto da sua base.

O *Colosso de Rhodes* era uma estatua de metal, na embocadura do Ponto, com um pé em cada margem, e por baixo da qual passavão os navios; um homem não lhe podia abraçar um dedo das mãos, e dentro de qualquer d'elles cabia facilmente uma pessoa. Abatido no anno de 653, foram precisos 100 camêlos para carregar os seus fragmentos.

O *Templo de Diana*, em Epheso, fundado n'uma làgôa, tinha 125 columnas de marmore precioso, todas de uma só peça, de 70 pés de altura cada uma. Ia-se alli por quatro pontes.

O *Mausoleu de Arthemisa*, em Caria, erigido por ella em honra de Mausolo, tinha quatro fachadas que rematavão em uma pyramide, e no cimo d'esta se erguia a estatua do Rei, que era de grandes proporções e toda coberta de pedras preciosas.

MARÇO—7.

EPIGRAMMA.

Se me lembro, Elia, tiveste
De bellos dentes a posse:
N'uma tosse dous se foram,
Foram-se dous n'outra tosse.

Segura noutes e dias
Pódes tossir a fartar;
Pódes, que tosse terceira
Já não tem que te levar.

Bocage (Traduzido de Marcial).

Entrudo.—É uma reminiscencia dos antigos tempos do paganismo, e uma parodia das extravagancias e folias das saturnaes, menos as indecencias de muitos de seus folguedos, que a actual civilisação não permittira. O entrudo nivela todas as condições, que logo no dia immediato reassumem o seu logar.



D'este soneto feito no século passado constão as costumeiras de tal festa n'aquelles tempos. Felizmente que desappareceram de todo muitas d'ellas, que erão realmente vergonhosas, e só proprias de tempos barbaros. Pois não vai ainda longe o tempo dos pós e laranjadas!

SONETO.

Filhós, fatias, sonhos, mal assadas,
Gallinhas, porco, vaca, e mais carneiro,
Os perús em poder do pasteleiro,
Esguichar, deitar pulhas, laranjadas;

Enfarinhar, pôr rabos, dar risadas,
Gastar para comer muito dinheiro,
Não ter mãos a medir o taberneiro,
Com resteas de cebolas dar pancadas;

Das janellas com tanhos dar na gente,
A bozina tanger, quebrar panellas,
Querer em um só dia comer tudo;

Não perdoar a arroz, nem cuscus quente,
Despejar pratos e alimpar tigelas,
Estas as festas são do gordo entrudo.

Porto de Iquitos.—«Situado na margem do Amazonas. Contém 33 casas e uma igreja cobertas de palha. A população não excede a 250 indios, exceptuando meia duzia de familias brancas e mestiças. O sarampo e as catarraes ceifão annualmente muitas vidas. Estavão os habitantes soffrendo d'essa affecção, de que morrera um indio menor, cujo cadaver se achava amortalhado sobre uma esteira no centro da casa, tendo á cabeceira e aos pés duas candeias de barro accesas, e os parentes e amigos da familia reunidos em torno, cantando e chorando. Para o jantar com que tinhão de solemnisar esse dia funebre, segundo o costume, havião matado um porco, alguns porquinhos da India e aves domesticas. O vaso da caicuna (bebida que preparão da mandioca) estava á disposição de todos. Um joven, empunhando uma lança de páu, velava o cadaver. O jantar devia ser servido ao meio dia, e á tardinha dar-se-hia á sepultura o corpo, conjunctamente com as armas do finado, um paneiro de aipins e um cacho de bananas.»



É extrahido da obra a que nos referimos a pag. 108.

CHARADA V.

Sou veloz por natureza........ 2
Nasço e ponho-me a correr..... 2
«Apontar!.. Fogo!.. Atraquemos!
Meus amigos, toca a encher.»

***

Quarta feira de cinza e o cemiterio da Lapa.—Foi instituida a ceremonia da cinza pelo Papa Gregorio I (o Grande), em 596: consiste em fazer o sacerdote, com cinza, uma cruz na testa dos fieis, pronunciando o versiculo do Genesis (cap. 3.º, v. 19).

Memento, homo, quia pulvis es, et in pulverem reverteris.

Á entrada do cemiterio da Lapa, na cidade do Porto, digno de se ver por seus ricos mausoléus, se acha o mesmo pensamento nos seguintes versos, escriptos por cima da porta:

Eis ossos carcomidos, cinzas frias,
Em que parão da vida os breves dias!
Mortal, se quanto vês te não abala,
«Lembra-te, homem, que és pó, e que dest'arte,
«Em pó, ou cedo ou tarde, hasde tornar-te.»

No Maranhão costuma sahir todos os annos a procissão de cinza, á testa da qual vai um preto tocando corneta, attrahindo assim a vista dos espectadores para as figuras allegoricas da frente. Os penitentes que pegão aos andores, vestem-se de farricócos, e logo pela manhã se apresentão na rua, armados de cordas, juncos, ou archotes. Adiante d'elles correm alguns moleques, gritando:

Farricôco, dá cá o meu côco,
Penitente, dá cá o meu pente:

E desgraçado do preto que passa ao pé de taes *devotos!* Leva bordoada de criar bicho.

Como ninguem quer ir tocar a corneta, por já se saber a paga, agarrão os penitentes no primeiro preto que encontrão a geito, e com vontade ou sem ella, lá vai na procissão esquisitamente vestido, e muito bem acompanhado por alguns soldados, para lhe não darem cabo da pelle.

Quando a procissão se recolhe, o preto da corneta recebe uma pequena gratificação e uma grande sova, se não tem a habilidade de se escapulir a tempo.

Antonio Martins Leorne (Porto).

MARÇO — 11.

Dilemma sagaz.—Assim que Filippe II tomou posse de Portugal, pediram-lhe a devida recompensa alguns portuguezes que para isso tinhão concorrido; remetteu-os El-Rei para a Mésa da Consciencia, em Lisboa, onde tiverão o seguinte despacho:

«*Se concorrestes para entregar o reino de Portugal a Sua Magestade Catholica, por entenderdes que lhe pertencia, não tendes que pedir premio do que era obrigação; se porém o tirastes a seu proprio senhor, sois traidores, e mereceis ser enforcados.* Tres dias se vos dão para a resposta.» —Não responderam.

MARÇO —12.

ROSA E ESPERANÇAS.

Ó virgem formosa,
Não colhas a rosa,
Que fresca e mimosa
Começa a brilhar!
    Não queiras colhel'a,
    A rosa tão bella,
    Qual fulgida estrella,
    Que vês scintillar.

À flor deslumbrante,
Qual sol radiante,
Esp'ranças de amante
Não queiras roubar-lhe.
    Não vês, ó querida,
    Que sendo colhida,
    Lhe tiras a vida,
    Que não podes dar-lhe?

Quem sabe se ella ama
O ar, que embalsama,
Deitada na cama
De verdes folhinhas?
    Mas já a colheste!
    A morte lhe déste,
    Como já fizeste
    Ás esp'ranças minhas.

Anonymo Fundanense.

Abbades filhos e netos.—Os abbades na religião benedictina, e na cisterciense que d'ella precedia, tomavão os titulos de pai, filho, neto, bisneto, avô, e bisavô, segundo a fundação de suas abbadias. Chamava-se abbade pai o do mosteiro de que sahião monges para fundar outro mosteiro, e segundo estes se multiplicavão, ião os abbades tomando os titulos referidos. Assim pois, o abbade do mosteiro de Cister era pai do de Claraval, avô do de Alcobaça, e bisavô do de Bouro.



MARÇO — 14.

Epitaphio polido.—Na campa do Sr. Domingos Claudio Polido, ultimamente fallecido em Barrancos, escreveu em um artigo necrologico o Sr. André Maria Ferreira Villa-Lobos (artigo publicado na *Revolução de Setembro*) que devera ser gravado o seguinte epitaphio: julgamos conformar-nos com o pensamento do author, reproduzindo-o:

Aqui jaz o illustre Domingos Claudio Polido,
De honra, honestidade, e austera virtude,
E da misera humanidade protector e amigo,
Merecieis de ouro um ataude.
Para ser este epitaphio melhor lido,
Porque em pedra as letras o tempo confunde,
E não seria perenne o pranto sentido,
Que suggere a Barrancos a gratitude.

Macáu.—Poucos sabem que o nome por inteiro d'esta nossa provincia ultramarina é *Santo Nome de Deus de Macáu.* Desejaramos que alguem de lá nos dissesse a derivação.

Mestres do Senhor D. Pedro IV. — O Senhor D. Pedro IV, primeiro Imperador do Brasil, teve por mestre, em 1804, José Monteiro da Rocha, que lhe deixou em testamento a sua livraria. Depois de partir para o Brasil, em 1807, recebeu alli o Augusto Principe as doutas lições de Frei Antonio da Arrabida, depois Bispo de Anemuria, e que successivamente lhe ensinou latim, réthorica, logica, mathematica e ethica. Pelo mesmo tempo, o Brigadeiro Martiniano José de Andrade ensinava ao Real Discipulo arithmetica, algebra e principios de geometria. O cavalheiro Rademaker, Official de secretaria no Rio de Janeiro, foi depois nomeado pelo Senhor D. João VI para dar ao Senhor D. Pedro lições de historia, geographia, direito natural, publico e das gentes. E finalmente, em 1817, foi mestre do citado Principe, na lingua franceza, o abbade Boiret, antigo professor do Collegio dos Nobres, e em litteratura franceza, Mr. Laserre, que leccionou o Senhor D. Pedro de Bragança em 1823 e 1824.



Fr. Thomaz da Costa.—Foi um dos mais distinctos monges do Convento da Serra de Almeirim. Merece ser lido o que a seu respeito escreveu Fr. Luiz de Sousa «*Subio ao pulpito pouco depois da morte de ElRei D. João* III*; viu, estendendo os olhos pelo auditorio, que lhe faltava o maior e melhor ouvinte, e disse: Onde está ElRei D. João? E tal foi o tom da voz, tal o meneio de rosto e olhos, que arrebentaram em lagrimas, gemidos e soluços, quantos havia na Igreja; e foi o pranto tão seguido, que não houve logar para dizer mais.*

Tanque de punch.—Convidou um dia o Almirante inglez Russel os officiaes e tripulação da sua esquadra para tomarem com elle um copo de *punch*. Fizera construir para isso no seu jardim um magnifico tanque de marmore, em que deitara 600 garrafas de cognac, 600 de rhum, 120 de vinho de Malaga, 4 toneis d'agua a ferver, o sumo de 2,600 limões, 600 arrateis d'assucar, e as raspas de 200 nozes moscadas. Um pagem representando Hebe navegava n'um barquinho d'acajú, servindo mais de 600 inglezes, que avidamente esperavão a sua vez á roda do tanque.

Em menos de cinco minutos estava o barquinho a sêcco.

MARÇO—17.

LOGOGRIPHO.

Junta terceira e primeira,
Nome proprio encontrarás,
Remontando á antiguidade;
Procura bem, acharás.

A primeira com a quinta,
Escuta bem!... que surpreza!
Que maravilha descobres
Na secreta natureza!

A quinta e segunda juntas
Denotão fructo exquisito,
Não creado em nossas terras,
Mas sim nas do periquito.

Tambem no outro hemispherio
Feio animal acharás;
Se queres saber qual seja
Quarta e segunda unirás.

Se fores qual é meu todo,
Rico de certo serás;
E se activo tambem fores,
A mais rico chegarás.

Claudino Augusto Cesar Garcia (Bragança).

Ordem de São Miguel.—Instituida na Baviera em 1695 por Thiago Clemente, Duque de Baviera e Eleitor de Colonia, e confirmada pelo Rei Maximiliano José em 1812. Traz-se suspensa de fita azul.

CHARADA VI.

Eu nasci com uma irmã,
Que me nutrira e creara,
E sem mim, sem meu abrigo,
Ella um dia não durara.

O que eu fiz a essa pobre,
Faço com mão liberal
A quem m'apresta a seu geito
Sem receber um real...... 1

Era assim a mulher minha amada
Docil, meiga, d'encantos ornada.. 2

De dia não posso ser util,
Por isso ninguem me procura;
Mas se ha tempestade,
Quando é noute escura,
Me vem inquiétar,
E os passos incertos
Eu lá vou guiar.

José Corrêa Nogueira dos Santos (Sobreira de Farinha Podre).

MARÇO—19.

Cajack.—Unica embarcação dos gróenlandezes. É uma especie de canôa, do feitio d'uma casca d'ôvo: dous ou tres pedaços de barba de baleia e uma pelle de phoca é quanto basta para a construir. É tão leve, que o navegador a leva ás costas depois de saltar em terra. Parece incrivel a destreza e audacia com que o groenlandez manobra na sua embarcação, e se aventura a viagens de longo curso, dando caça ás phocas e a todos os monstros marinhos que apparecem por aquellas costas. Quer esteja furioso o mar, quer tranquillo, quer se levante o cajack no dórso esverdinhado das vagas, como uma penna, quer vá sulcando sereno a superficie das aguas, não sabe o groenlandez o que seja ter medo; para elle não ha perigos; tempestade ou bonança, nada o tira da posição em que marêa a sua barquinha; encruza

as pernas no fundo, maneja os seus dois remos, e que venhão os vendavaes.

Quem sabe se, em grande parte, a tradição immemorial dos homens-marinhos não terá alguma relação com estes navegadores! assim como a dos centauros, ou homens-cavallos,



só procede (é de crer) da insolita impressão que os primeiros domadores do nobre quadrupede produziram no espirito de povos grosseiros e supersticiosos!

Aquillo é um groenlandez, uma groenlandeza e um groenlandezinho, todos rachyticos e mirrados, como não póde deixar de acontecer a quem só poucos mezes do anno vê o sol, mas sem que o aqueça e refrigere. Horrorosos paizes!

O melhor vinho do mundo.—Aos seus augustos hospedes, o Imperador dos francezes e o Autocrata, offereceu o Rei de Wurtemberg em seu paço, no anno de 1857, o célebre vinho de Rosewein, de que muito orgulhosas são a Allemanha em geral e a cidade de Bremen em particular. Tão precioso é o tal vinho como o decantado mel da Grecia, que Apollo julgou digno de seus labios. Está fechado a sete chaves n'um dos subterraneos da camara municipal d'aquella cidade, uma das anseaticas, e não é permittido dar uma só gotta senão a altas personagens. Tem nada menos de dous seculos e meio de existencia. Foi em 1624 que para alli se desceram doze toneis, a que se deu o nome dos doze apostolos. Quando em occasiões extraordinarias se tira uma garrafa, é logo substituida por outra da mesma qualidade, e que alli vai envélhecer, collocada á ilharga da ultima; só d'ahi a seculos, e Deus sabe quantos, lhe chegará tambem a vez de ser bebida. Dizem que anda uma garrafa d'aquelle vinho primitivo por onze milhões, fazendo-se entrar em linha de conta os gastos de arrendamento e seguro do subterraneo, e quanto é necessario para o guardar cuidadosamente e trazel'o sempre nas condições necessarias para que o vinho corresponda á sua alta reputação, bem como as contribuições. os juros e os juros de juros, durante seculos, do valor primitivo do vinho, valor que era já alto, etc., etc.



Todo e qualquer cidadão tem direito a uma garrafa, se

por ventura hospéda em sua casa pessoa de grande distincção, afamada na Europa em geral, e particularmente na Allemanha.

A Goethe mandava ás vezes a cidade uma d'aquellas tão ambicionadas garrafas no dia dos seus annos, e confessava elle ser a melhor prenda que n'essa occasião recebia : não houvesse medo que d'ella désse uma só gotta fosse a quem fosse.

Durante a dominação franceza beberam muitos generaes do imperio grande quantidade do precioso liquido; por isso geralmente se diz alli que Bremen pagou assim á França uma contribuição muito maior do que todas as outras cidades da Allemanha reunidas.

Alli é que os inglezes erão gente, se os deixassem!...

É pena que taes apostolos não corrão tambem o mundo!..

(A. 52, p. 308.)

MARÇO — 21.

Giboia.—É não só a mais mansa, como tambem a mais util de todas as cobras.

Usão muito no Pará trazel'as soltas, principalmente nos armazens e casas de commercio, para destruir os ratos, o que ellas fazem melhor do que os gatos, em razão da magnetica e invencivel attracção que n'elles exercem. É mui curioso ver como a giboia attrahe o rato sem se incommodar. Mettida n'uma caixa vazia, deita-se-lhe um rato, que apesar da facilidade com que trepa, não procura fugir-lhe. Então a giboia, sem sahir do seu canto, fixa no pobre animalinho um olhar penetrante, e assim o obriga a vir metter-se-lhe na bôca!... Parece incrivel, mas é exacto!

As giboias que andão por casa são pequenas: regulão por uma a duas varas de comprido.

A sua mordedura não é venenosa, e até se affirma que pessoa mordida por ellas o não será por mais cobra alguma.

Tambem dizem — e eu acredito — que a tal mordedura livra de sezões... depois de morto!... *(A. 51, 11 d'Abril)*

O. G. (Pará).

A primavera. — É esta a mais linda das estações, e a que mais encantos offerece á nossa admiração. Tudo que n'esta bella quadra se vê, é digno de contemplar-se com uma especie d'extase. É debalde que a minha imaginação procura expressões que possão corresponder ás deliciosas impressões que ella experimenta. Com a volta da primavera tudo é vida na natureza.

Depois que as nuvens agglomeradas para o lado do occidente se tingem do mais bello encarnado em razão dos ultimos raios solares; depois que resplandecentes auréolas de purpura e azul, que se juntão em brilhantes ondulações, se extinguem; quando, emfim, o rei dos astros está prestes a ir alumiar o outro hemispherio; é então, é a essa hora da melancholia e saudade, que eu mais te amo, ó primavera! Já os botões das flores a desabrochar permittem ás suas folhas ver o dia, apresentando pela variedade de côres, elegancia de fórmas, frescura e suavidade de perfumes, um magestoso panorama, que surprehende e encanta a attenção e a vista do curioso observador. Tudo no campo se reveste de seus mais ricos adornos, como para saudar e celebrar a volta da mais formosa das estações. Ó primavera, como eu te amo!...

Maria da Conceição Cabral T. M. Quintella.

CHARADA VIII.

Serás tu mesmo a primeira 2
Encontrando a derradeira 2

Ou serás talvez meu todo
C'o a primeira juntamente,
Ou o todo só por si,
Ou a primeira sómente,

Ou o todo e a segunda,
Ou do todo separada
Serás tu mesmo a segunda
Por todos tão procurada?

Manoel... (Coimbra)

As barbas de D. João de Castro.—Pergunta se a pag. 351 do Almanach de 1858 o que foi feito das barbas d'aquelle respeitavel varão. Eu respondo.



Estão em poder do Illmo Exmo Sr. Conde de Penamacor, D. Antonio de Saldanha Albuquerque Castro Ribafria, descendente d'aquelle 13.º Governador e 4.º Vice-Rei da India. Algum tempo estiveram com D. Marianna de Noronha e Castro (fallecida a 25 de maio de 1681), bemfeitora principal do Hospicio e Igreja de Nossa Senhora da Divina Providencia, onde jaz sepultada, no seu carneiro, em sarcophago de marmore. Por morte d'ella, entregaram os Clerigos Regulares Theatinos aquella memoravel reliquia ao representante da casa do heróe de Diu

Abbade de Castro.

MARÇO—24.

O BEJO.

Quando hontem, Marilia,
Comigo te achaste,
Desejo mostraste
D'um bejo me dar.

Não temas recusa,
Eu cedo ao desejo,
Com tanto que o bejo
Me deixes pagar.

Mas tremes e córas
Tocada de pejo?...
O que tem um bejo
Que faça córar?

Os astros se bejão,
Seus raios cruzando;
O infante brincando
Aprende a bejar!

S. R. (Brazileiro)

Profanação americana.—Nas fréguezias ruraes de algumas républicas da America do Sul, ao morrer alguma criança, levão-na para a sala, põe-na em cima de uma mêsa cheia de velas accêsas, e dão os pais um baile.

Litteratura portugueza.—O mais antigo documento da nossa litteratura é o famoso livro achado no castello da Louzã, quando esta villa foi conquistada aos mouros. Não são acordes os escriptores na epocha e na pessoa que o achou: suppõe-se que fôra escripto por D. Rodrigo, ultimo Rei dos gôdos.

Começa assim:

«O rouço da cava imprio de tal sanha
«A Juliam et Horpas a saa grey daninhos,
«Que eencembra co os netos de Agar fornezinhos
«Hua atimarão prasmada façanha.»

Salvé! padrão venerando! Possão os homens respeitar-te como os seculos o têem feito.

Ha tambem uma canção anonyma, que se acredita ser do anno 1112, e cujos primeiros versos são estes:

«No figueyral figueyredo
«A no figueyral entrey»

que não deixa de ser tambem uma reliquia apreciavel *(A 52, p. 53)*.

Ha outro documento d'esse tempo, que nos mostra a litteratura portugueza no seu berço ainda; são as cartas do enamorado Egas Moniz Coelho para a sua Violante, que no mesmo castello da Louzã se encontraram:

«Ficaredes bos embora
«Taom coitada
«Que ei boime por hifora
«De longada.»

A segunda carta é escripta quando, ao voltar da guerra, a encontrou casada, e assim começa:

«Ben satisfeita ficades
«Corpo d'oiro,
«Alegrade a quem amades
«Que ei já moiro.»

Então se achava nas faches da infancia a lingua assim manejada por Camões quatrocentos annos depois:

«Não acabava quando uma figura
«Se nos mostra no ar, robusta e válida,
«De disforme e grandissima estatura,
«O rosto carregado, a barba esqualida,
«Os olhos encovados, e a postura
«Medonha e má, e a côr terrena e pallida,
«Cheios de terra e crespos os cabellos,
«A bôca negra, os dentes amarellos.»

Avançai agora mais duzentos annos, e admirai o fluente Bocage:

«Meu ser evaporei na lida insana
«Do tropel de paixões, que me arrastava;
«Ah! cego eu cria, ah! misero eu sonhava,
«Em mim quasi immortal a essencia humana.
«De que innumeros sóes a mente ufana
«Existencia fallaz me não dourava!
«Mas eis succumbe a natureza escrava
«Ao mal que a vida em sua origem damna.
«Prazeres, socios meus, e meus tyrannos,
«Esta alma, que sedenta em si não coube,
«No abysmo vos sumio dos desenganos!
«Deus! oh Deus! quando a morte a luz me roube,
«Ganhe um momento o que perderam annos,
«Saiba morrer o que viver não soube.»

Passai agora ao século XIX, e admirai Garrett, cantando *Camões* e *D. Branca*.

«Correi sobre estas flores desbotadas,
«Lagrimas-tristes minhas, orvalhai-as,
«Que a aridez do sepulchro as tem queimado.
«Rosa d'amor, rosa purpurea e bella,
«Quem d'entre os goivos te esfolhou da campa!»

Escutai ainda o harmonioso vate que nasceu com o seculo actual, e que cego como o amor, enfeitiça os corações com os seus doces cantos. Escutai Castilho no seu *Amor e Melancho-*

lia; na *Noite do Castello*, na sua *Primavera*, risonha sempre, e mais que tudo nos seus *Ciumes do Bardo*:

«Quem soubera dos tumulos o arcano!
«Se álem d'esta outra vida nos aguarda
«(E aguarda, igual paixão morrer não póde),
«Se livres d'este envolucro terrestre,
«De puros ares habitantes puros,
«Póde a justa vingança inda abrazar-nos,
«E o que o vivo soffreu punil-o o morto,
«Juro vir cada noite ás mesmas horas,
«Fantasma nebuloso, envolto em nuvens,
«Pairar da infame pelo céu turvado.
«Se uma janella abrir, ver-me-ha fronteiro,
«Encostado sobre a harpa vaporosa,
«Mudo, choroso. Se vagar na selva,
«Sobre a selva serei: se a vir sósinha,
«Ajoelharei, e as mãos alevantando,
«Perdão para a infiel aos céus supplico.
«Mas se outrem a acompanha, a afaga, a anima,
«Se lhe diz—«Vãs imagens não te assustem;
«Nuvens são, vem com o vento, o vento as leva»—
«Se lhe falla de amor, se ousa um suspiro!..
«Ai d'elles, ai! Tartareas Potestades,
«Espiritos de luz, amor, pureza,
«Elementos indomitos, Abysmos,
«Noute, Cahos, e tu, Divina Essencia,
«Vós sereis meus; do meu conjurio ao grito
«Rebentareis vingança igual da offensa;
«Embora para a haver, para forçar-vos,
«Vos dê por troca o meu futuro inteiro.»

Em que estado a acharão os nossos netos?

É de crer que bem adulterada, pois em vez de seguir tão bellos modêlos (Camões, Bocage, Garrett, Castilho), parece comprazerem-se quantos hoje escrevem em passar para a nossa lingua todas as locuções francezas!... Que profanação!...

Antonio Francisco Barata (Coimbra).

O passado.—Napoleão, nos dias da sua mais brilhante gloria, nunca se esquécia do tempo da sua infancia, e da vida saborosa que então passara. Dizia elle que lhe lembrava com saudade o cheiro da terra de Corsega, e que o periodo mais venturoso da sua vida fôra quando vagava pelas ruas de Paris, sendo artilheiro subalterno, á procura de uma casa de pasto, onde podesse jantar por pouco dinheiro. Que differença (dizia) d'aquella vida placida ao estrepito das batalhas!



Apesar d'isso, se aquella trombeta, tocando a rebate, o podesse ainda despertar, fôra um momento emquanto sahirá da sepultura para impôr novamente a lei a toda a Europa attonita. Elle que não sahe é que não póde!........

Flor no peito.—A certo ecclesiastico, que se apresentou um dia com um cravo ao peito, fez o Abbade de Jazente (Paulino Cabral) a seguinte decima:

Tendes o cravo no peito,
O logar improprio é;
Pois se o tivesseis no pé,
Era o logar mais perfeito:
Não julgueis que o meu conceito
Vos faz a menor censura;
É só com doce brandura,
E sem vos fazer aggravo,
Dar-vos pancada no cravo,
Sem tocar na ferradura.

Foi o Abbade de Jazente um dos mais mimosos e delicados poétas satyricos do seu tempo. Oh! que se vivesse hoje!...

Benzedeiras.—Ha em Fafe, e n'outras mais partes, d'essas *mulheres de virtude,* que curão com palavras os *desfiamentos* dos braços ou das pernas.

Põem para isso ao lume um pucaro com agua, fazem-na ferver, e quando a fervura se activa, vasão então a agua n'um alguidar ou bacia, e põem o pucaro sobre ella com a bôca para baixo, collocando depois a parte aberta ou desfiada do doente por cima do dito pucaro.

Toma então a benzedeira uma maçaroca de linho crú, fiada de proposito para semelhante objecto, enfia uma agulha n'esse linho, e passa-a d'este modo por baixo da parte doente, dando voltas successivas com o fio enfiado do linho, até á total, ou quasi total, absorpção da agua pelo pucaro, travando-se então o seguinte dialogo:

Benzedeira—*Eu que é que aqui coso?*
Doente—Carne aberta, fio torto.
Benzedeira—*Isso mesmo é que eu coso:*
Em louvor de S. Silvestre,
Quanto eu fizer, tudo preste.

E se o pucaro, durante este tempo da repetição das *palavras de virtude,* chegar a absorver a agua toda, ou quasi toda, sobre a qual está de fundo para cima e de bôca para baixo, ficará então a parte torcida de todo sã da abertura ou desfiamento; aliás não poderá o enfermo sarar d'aquella vez, e ficarão *sem virtude* as palavras da benzedeira.

Não é o primeiro pucaro que se enche na fonte, mas só o decimo, depois de cheios e despejados a fio os nove primeiros, o que se põe ao lume.

E quando, depois da fervura, o despejão e emborcão sobre a agua, costumão collocar-lhe no fundo e em cruz, umas contas, um pente e uma thesoura, antes de repetir a formula.

Esta benzedura porém soffre algumas variantes de processo n'algumas terras visinhas.

F. M. da Cunha (Fafe).

Catacumbas. — São excavações subterraneas onde os antigos depositavão em tumulos os corpos que não queimavão.



As mais famosas são as de Roma, chamadas de S. Sebastião.

As de Napoles, primeiramente destinadas a sepulturas de pagãos, foram no seculo IV reservadas só para christãos, e n'ellas se construio grande numero de igrejas e capellas.

São célebres tambem as de Syracusa, que foram outr'ora as famosas *Latomias* de Dyonisio o tyranno.

Serviram muitas vezes as catacumbas d'asylo aos christãos dos primeiros seculos, nos tempos de perseguição; alli se reunião para celebrarem em segredo os mysterios religiosos. As catacumbas que minão quasi toda a cidade de Paris foram primitivamente umas pedreiras como as precedentes. É n'aquella vasta necropole que se tem recolhido de 1786 para cá os restos encontrados nos antigos cemiterios da cidade e as ossadas extrahidas dos carneiros das igrejas. Duraram essas trasladações até 1813.

O municipio de Paris mandou fazer um atlas das excavações. M. de Fourcy foi encarregado do texto que lhe hade servir d'explicação, para dar idéa dos trabalhos importantes que se têem feito para consolidar aquella especie de labyrintho escuro e subterraneo, composto de ruas e galerias, que formão uma segunda cidade. Esses trabalhos estão concluidos, e só figuraram no orçamento em 10:400$000 réis.

(A. 51, 15 de fev. e 30 de julho, A. 54, p. 48, A. 56, p. 99.)

Á UM POÉTA.

É triste, poéta, a historia
Que em nossos versos se lê;
É triste, poéta, a gloria
Que á terra deixa em memoria
Aquelle que chora e crê.

Que o poéta é qual proscripto,
Errante, vago, e sósinho,
Da magoa soltando o grito
Sobre o marco de granito
Da beira d'algum caminho.

As turbas parão, ouvindo
A harmoniosa canção,
E dizem: «O canto é lindo!...»
Dizendo, passão sorrindo,
Sorrindo, passando vão.

Nossos ais e nossas dores
São nossos mais bellos cantos,
E o mundo nos seus clamores
Dá-nos um ramo de flores
Em paga de nossos prantos.

Não falemos pois da gloria,
Que érmo jaz o coração;
Que é uma sombra illusoria,
Que é, nas paginas da historia,
O nome dos que lá vão?

Como a campa, onde mão pia
Vem triste rosa depôr,
Assim noss'alma sombria
É pó, é cinza já fria,
Da gloria sentindo a flor.

Pobre flor, que não acorda
Dentro d'alma um sonho vão,
Nem um echo d'essa corda,
Que do caminho na borda
Erguia triste canção!

E se o poéta procura
Ter sublime inspiração,
Hade encontral'a segura
Na folha triste, mas pura,
Do livro do coração.

A. de Serpa.

ENIGMA IV.

Com quatro letras sómente
O meu nome escreverás;
Tira-lhe uma, e de repente
Uma só encontrarás.

* * *

MARÇO—31.

Macrobio brasileiro.—Antonio Ribeiro de Andrade, advogado e padre em Minas Geraes, tambem é poéta, e apesar de sua avançada idade, ainda faz seu verso com bastante sal. Retirando-se d'Ouro-preto, onde exercia sua profissão, para a fréguezia da Itáverava, onde actualmente reside, fez o soneto que passamos a transcrever: tinha então noventa annos de idade, o que lhe dá dobrado mérito.

SONETO.

Adeus, nobre Ouro-preto, adeus, cidade!...
Eu me ausento de ti!... N'esta partida,
A minha alma se torna dividida,
Vacilla... fica e vai... cede a vontade.

Favores, distincção, firme amizade,
Sinceras relações, fé decidida,
Eis o embate da minha despedida,
Eis os laços do amor e da saudade.

A todos sem reserva estou ligado;
Todos tem seu direito aos meus abraços;
Ingrato não serei, serei lembrado:

N'este trance, cortando os embaraços,
Os olhos limpo ao lenço já molhado...
Parto em fim... porém como? em dous pedaços.

Acompanhava o soneto esta nota do proprio author:—*Dizem os poétas que o cysne só canta quando está para morrer: longe vá o agouro!...* Parece que valeu o esconjuro, pois de 1847, em que isto se passou, até hoje, contão-se dez annos, e o padre Ribeiro ainda está de perfeita saude *(A. 58, p. 265)*.

C. de A. (Brasileiro, Barbacena).

Anjo do céu.—Passava ha dias em Paris uma linda menina, de 10 ou 11 annos, junto a uma vendedeira de flôres, proxima á qual pedia esmola uma pobre céguinha. Tentada pelo aroma, aproxima-se, péga n'um d'esses ramalhetinhos de violetas que alli se vendem por um soldo, deita á mulher uma peça que vale o dobro, e pede-lhe a demazia.



—«Não sr.ª, lhe responde ella grosseiramente; cada raminho custa dous soldos; não lh'o dou por menos.»

—«Dous soldos!.. exclama a menina; e por um espontaneo impulso do coração, larga o ramalhete, péga outra vez na moeda de cobre, e a dá á pobre céga que a dous passos estendia a mão, resistindo assim ao seu desejo, dando uma lição á cubiçosa vendedeira, e fazendo uma obra de caridade. Quantas idéas n'um simples movimento!...

«A esmola entre os anjos converte-se em rosas;
«Na vida em delicias; no peito em amor;
«Quem lagrimas furta co'as mãos caridosas
«Traz n'ellas diamantes de eterno esplendor.»

....

....

Emilia Augusta de Castilho.

ABRIL — 2.

Como foi pranteado na India ElRei D. Manoel.—Francisco de Andrade, Chronista d'ElRei D. João III, diz a este respeito o seguinte: «*Chegaram á India as novas da morte de ElRei D. Manuel, primeiro e verdadeiro pai d'aquella monarchia. Estava o Vice-Rei na Sé ouvindo o sermão, e tanto que lhe deram a triste nova, lançou a capa sobre o rosto, e fazendo todo o auditorio o mesmo, começaram a chorar em gritos, e se levantou o maior e mais lastimoso pranto que jámais se vira. Metteram os capuzes na cabeça até ao peito, cobriram os olhos, e assim choraram tão sensivel morte.*»

Provavelmente choraram tanto como eu.

ABRIL — 3.

Esparto.—É uma especie de junco branco, sêcco e delgado, que nasce em terrenos desprovidos d'humidade, no que se differença dos outros juncos, que só em pontos humidos prosperão, e são até indicio de proximidade d'agua. Encontra-se em muitos sitios da Hespanha, particularmente na costa oriental, e sobretudo nos arredores de Carthagena, o que deu ao campo visinho d'esta cidade o nome de: *Spartarius campus*. Applica-se o esparto a muitos usos; fazem-se cordas com elle, e até cabos e amarras de navios, esteiras, e tecidos de varias sortes.

CHARADA VIII.

Sou de páu.... 1
De páu sou.... 2
De bronze a arte
Me fabricou.

José Joaquim Mendes Cavalleiro (Pará).

Musica dura.—Executava a orchestra de Luiz XIV o *Miserere* de Lully. O Rei e toda a sua comitiva se conservaram sempre ajoelhados. «*Que tal achas* perguntou no fim o Monarcha ao conde de Grammont — *a musica d'este Miserere?*

«Muito agradavel para o ouvido, Senhor, porém durissima para os joelhos.»

ENIGMA V.

Eu a todos sou pesado,
E a todos dou alegria;
Agradeço a quem me cria,
Com quanto tenho ajuntado:
Caro me sahe o bocado,
Que me trazem com bons modos,
Se depois d'estes engodos,
Para tudo lhes pagar,
Nú e crú me hãode deixar,
Posto á vergonha de todos.

ABRIL—5.

Teu-teu.—Esta ave, que muito se parece com a gallinhola, é um despertador commodo e natural. Ouve-se-lhe todas as manhãs, por volta das 6 horas, o canto agudo e sonoro; depois fica silenciosa todo o dia. De duas syllabas só é composto o seu cantar —*teu-teu* — syllabas que repete uns poucos de minutos sem parar, principiando muito baixo, elevando-se gradualmente até ao mais alto som que póde, e baixando outra vez até se lhe extinguir a voz.

Come de tudo; prefere todavia carne, crua ou cosida. Nos mattos d'esta provincia, onde abunda, sustenta-se de raizes de plantas, de fructos e de insectos *(A. 58, p. 191)*.

O. G. (Pará)

Actor ambicioso.—Em Fontainebleau se deu ha pouco, no theatro do paço e na presença do Imperador, da Imperatriz e de toda a côrte, a comedia que tem por titulo *Batalha de Damas*, em que o célebre actor Provost desempenhou magistralmente o papel de prefeito.



— «*Sabe que mais?*—lhe disse no fim Luiz Napoleão — *faz de prefeito, perfeitamente*.

—«*Senhor*, lhe respondeu Provost, *á falta d'homens aqui me tem V. M. quando queira.*

— «*Deus me livre! Bons prefeitos não me faltão, e actores do seu mérito são raros.*»

ABRIL—7.

CHARADA IX.

Eu não me importa fazel'o	A isso mesmo me obriga
Quando vejo precisão..... 1	Impulso do coração..... 1

Ninguem dos males que eu causo
Se deve de mim queixar,
Porém sim de quem me emprega
Para os outros maltratar.
«Menino, não brinques!...
Oh! tem dó de mim!...
Ai! ai! 'stou morrido!...
Pois antes assim!»...

Longevidade.—Lê-se no *Progressista* de Sabará:



«Hontem, 8 de abril de 1857, sepultou-se na capella do Rosario d'esta cidade Bernardo Fagundes, contando 133 annos de idade! Era crioulo, e natural d'esta cidade, onde assistio a preparar-se o terreno, e trabalhou mesmo de alavanca, no desmonte do morro em que está collocada a capella do Carmo, e a lançar-se a primeira pedra de seu fundamento: dotado de uma compleição forte, e amigo do trabalho de mineração como faiscador, ha um anno transportou á cabeça toda a terra que raspara sobre o assento de uma casa em que antigamente houve venda, na distancia de 500 passos pouco mais ou menos, para a praia do rio Sabará, onde a lavou em uma canôa, apurando n'ella alguns vintens de ouro. Sempre robusto, teve até ha pouco tempo em sua companhia uma mulher com quem vivia! No principio do presente anno a vida o foi desamparando, perdendo o conhecimento das pessoas com quem lidava, até que no dia 7 pelas 5 horas da tarde, Atropos lhe cortou o fio de uma vida que passára toda sem nota. «A terra lhe seja leve.»

Soneto altisonante.—O brasileiro Manoel Mathias Fialho de Mendonça, conhecido pelas suas amostras da traducção da Eneida em bellos versos, e pela guerra catilinaria de Sallustio vertida em excellente prosa, foi um dos estudantes da Universidade de Coimbra que mais tradições deixaram de bons ditos. N'um abbadessado do convento de Santa Clara, elle e outros poétas havião passado todo o serão em sonetos e decimas de amores. Uma religiosa, já madura, e notavel pela sua circumspecção doutoral, pedio, lá do seu mirante, aos srs. poétas que se deixassem de ternuras, que não erão proprias, nem do logar nem da festa, e fizessem poesia altisonante. Manoel Mathias inclinou-se respeitosamente, e lançou com toda a solemnidade o seguinte improviso:

Prestem-se as attenções, cale o zabumba,
Que eu vou cantar acções, acções d'arromba,
Acções d'aquellas de abaixar a tromba,
Acções d'aquellas que não vão á tumba.

D'esta prelada a fama aurea retumba
Desde onde nasce o sol té onde tomba;
E esteirando no ar, como uma bomba,
Faz zas tras zas tras tras zas tras pa bumba.

Sua fé e virtude não é bamba,
A sua rara gloria não tem rombo,
Nunca no mar dos vicios se descamba:

Oh! peito illustre! Oh! coração de pombo!
Se houver alguem que o teu louvor não lamba,
Havemos todos nós saltar-lhe ao lombo.

No mesmo genero ouvimos varios outros sonetos, e fizemos tambem alguns em iguaes solemnidades, no nosso tempo da Universidade!... Tempo saudoso e esperançoso!...

Contrapeso ao soneto precedente.—Bocage, o rei dos improvisadores portuguezes, e talvez nunca excedido por outro algum da Europa, achava-se n'uma sociedade, onde um poéta de cãs, e todo recheado de erudição, moia o auditorio com poesias historicas, notaveis pela emphase e pela semsaboria. Apenas este se interrompeu para respirar, levantou-se Bocage e exclamou: *«Se eu não componho versos eruditos como este senhor, é porque não quero, e não porque não saiba; e para prova lá vai:*

«Quando os povos da Dalmacia
Quizeram entrar na Grecia,
Sahio muita gente secia
De casa do Rei da Thracia:
Estes, temendo a falacia
D'alguns pimpões da Fenicia,
E receando a malicia
De gente tão pouco socia,
Se foram para a Beocia,
P'ra se curar da ictericia.»

ABRIL—11.

Rio da Prata.—Chamou-se primeiramente *Rio de Solis*, porque foi descoberto por João Dias de Solis, que a Hespanha enviou a proseguir no mar do sul as explorações encetadas por Balboa. Solis, depois de tocar no cabo de S. Roque a 5° 28′ 17″ de latitude meridional, navegou para o sul e achou o rio a que deu o seu nóme, e que hoje se chama *Rio da Prata;* ahi foi assassinado com mais oito dos seus companheiros, em agosto de 1516. O Rio da Prata é formado pela reunião do Paraná com o Uruguay, e tem 30 leguas de largura na sua foz. D'estas monstruosidades só as ha na America, onde tudo é grandioso e collossal *(A. 53, p. 332).*

Taverna do vinho fino. — Querendo um taverneiro d'esta cidade uma taboleta que lhe custasse pouco dinheiro, mandou chamar o pintor para combinarem o modo de resumir o letreiro o mais possivel. Depois de longa conferencia, concordaram em que apenas se escrevesse isto=*Vinhos finos*=, e ajustaram um tanto por cada letra.



O locandeiro, não satisfeito com o laconismo, entendeu que ainda podia dispensar uma letra, no que poupava esses tantos réis, e mandou pintar assim a taboleta:

VINHO } S
FINO }

Não se conformou o pintor com a ecónomia, allegando que o trabalho de fazer a chave era maior que o de fazer um S, e que por isso devia receber, pelo menos, o custo da letra, muito embora se supprimisse esta.

O taverneiro, que não estava para ahi virado, cortou o nó gordio mandando escrever na taboleta:

VINHO
FINO.

Ficou pois a taverna sendo conhecida pela denominação de

Vinho fino, nome que ainda conserva, apesar de já não existirem, nem o economico taverneiro, nem a laconica taboleta.

A. M. Leorne (Porto).

ABRIL—13.

LYRA.

De que te queixas,
Mortal ingrato?
D'esse apparato,
D'essa grandeza,
Com que a riqueza
Deslumbra e cega
Os olhos teus?
Ah! não te illuda
A falsidade:
Só a verdade
Existe em Deus!

Se as gallas hoje
Ufano traja
O que viaja
Em molle assento,
E' vive isento
Do mal que arrasta
A precisão;
Talvez á noute,
Bem desgraçado,
Haja mudado
De condição.

Têm baqueado
Altos colossos,
Madeiros grossos,
Torres altivas,
Imagens vivas
De força ingente,
D'alto poder:
Nada resiste
Á lei do fado;
Quanto é creado
Tem de morrer.

Só a virtude
Zomba da morte:
Futura sorte,
Doce porvir,
Hade fruir;
Será eterno
O imperio seu,
Porque a virtude
Do céu descida,
É conduzida
De novo ao céu.

Inhato-Mirim (Brasileiro, S.[ta] Catharina).

ENIGMA VI.

Quando tem agua, bebe vinho,
Quando não tem agua, bebe agua.

DESPEDIDA.

Adeus, ermo tão triste e saudoso,
Onde vi ledos dias passar,
Onde a idade de amor, de ventura,
Vi alegre p'ra mim despontar!...
Adeus, tempo feliz que eu passei,
Adeus, bello, risonho existir;
Bella idade feliz que eu pensava
Ter um bello risonho porvir!...
Adeus, bellas serenas manhãs,
Que eu passava contente a cantar,
Sem que a sombra de um leve desgosto
A minh'alma viesse enlutar.
Adeus, tardes formosas d'estio,
Em que o limpido céu contemplava,
E um porvir só de amor, de ventura,
Encantada, na mente affagava.
Adeus, noutes serenas, formosas,
Adeus, puro, saudoso luar,
Adeus, brisa fágueira do norte,
Adeus, puro, celeste sonhar.
Adeus, tempo de tanta ventura,
Adeus, dias de amor, de paixão!!...
Adeus, sonhos formosos d'outr'ora,
Adeus, pura e divina illusão!!
Adeus, ermo onde fui tão ditosa,
Onde vi a ventura sorrir!...
Vou distante de ti, com saudade,
Meus desgostos e penas carpir!
Adeus, lindas e verdes campinas,
Adeus, sitio tão triste e isolado;
Vou deixar-vos de dôr opprimida,
E cumprir o rigor de meu fado.

Maria Augusta Villar (Porto).

Camphora.—Ao que sobre ella dissemos já a 29 de novembro de 1857 acrescentemos alguma cousa mais:

A *laurus camphora*, de que mais particularmente se extrahe aquella substancia, que tanta voga tem, cresce abundantemente nas florestas de Sumatra e de Borneo. É um dos maiores vegetaes d'estas regiões; a casca é escura e parecem-se as folhas com as do loureiro do Japão: folhas e sementes exhalão um cheiro fortissimo de terebentina. O tronco chega a ter seis e sete pés de diametro; antes d'isso apenas dá um óleo espesso, o qual, na opinião dos indigenas, é o primeiro estado por que passa a camphora. Não ha meio algum infallivel para saber com certeza quaes as arvores em que se acha uma ou outra d'aquellas duas substancias; nas arvores velhas ha todavia maxima probabilidade de encontrar sempre camphora no estado de solidez. Para haver essa materia resinosa, é preciso fazer uma incisão profunda na base da arvore; quando não sahe de dentro senão óleo, deixa-se a arvore, que no fim de 7 ou 8 annos, como dissemos, é muito provavel que dê camphora. Acontece muita vez mutilarem-se 20 e 30 arvores antes de encontrar uma que a dê. As que se suppõe terem-na, são deitadas a terra, cortadas em pedaços de tres a seis pés de comprimento, e abertas depois em duas ou quatro partes afim de se lhes tirar aquella importante substancia. Uma arvore de tamanho regular dá uns dez a doze arrateis de camphora.

A maior parte da que se vende na Europa vem da China e do Japão, e é extrahida do *laurus camphora*.

Pena é que d'um remedio tão salutar em certos casos haja quem tanto abuse por esse mundo!...

Novo Jano.—Nasceu agora em Paris uma criança com duas caras, uma para diante, outra para traz. Em Portugal, se os filhos se parecessem sempre com os pais, nascião muita vez com vinte. Um Jano cá não fazia fortuna.

Sentença de Poncio Pilatos.—«Ao decimo setimo anno do Imperio de Tiberio Cesar, e vigesimo quinto dia do mez de março, na cidade santa de Jérusalem, sendo Annaz e Caiphaz Sacerdotes e Sacrificadores do Povo de Deus, Poncio Pilatos, Governador da Baixa Galiléa, sentado na Séde Presidial do Pretorio, condemna Jesus de Nazareth a morrer n'uma cruz entre dois ladrões, visto que os grandes e notaveis testemunhos do povo dizem:—1.º Que Jesus é seductor;—2.º Que é sedicioso;—3.º Que é inimigo da lei;—4.º Que se diz falsamente filho de Deus;—5.º Que se diz falsamente Rei de Israel;—6.º Que entrou no templo seguido de grande multidão e com palmas na mão.—Ordena ao 1.º Centurião, Quirilo Cornelio, o conduza ao logar do supplicio.—Prohibe à todas as pessoas, pobres ou ricas, que impeção a morte de Jesus.—Assignados como testemunhas, Daniel Robani, Phariseu. Thomás Zorobatel. Raphael Robani. Capet. Jesus sahirá da cidade de Jérusalem pela porta Struenea.»



Foi achada esta sentença em 1820, na cidade de Aquila, reino de Napoles, pelos commissarios do exercito francez na expedição ás Duas Sicilias; encontrou-se dentro de um vaso antigo, encerrada n'uma arca de ébano, e estava gravada n'uma lamina, ao lado da qual se lião as seguintes pa-

lavras: —*Igual lamina foi enviada a cada tribu.*—Tanto a inscripção como a sentença era em hebreu.

Acha-se actualmente o tal vaso na capella de *Caserte.* Aquella sentença e muitas reliquias que alli estão preciosamente archivadas, attrahem annualmente grande numero de peregrinos á pequenina localidade, quasi destruida pelos ultimos terremotos, que mataram cérca de 40,000 pessoas.

ABRIL—17.

Pelicano.—Julgava-se antigamente que rasgava o estomago para tirar d'elle o sustento dos filhos; foi origem d'essa crença a propriedade que têem estes animaes de recolherem e guardarem grande parte da sua pesca n'uma bolsa que lhes acompanha toda a parte inferior do bico, e de expulsarem d'alli o peixe quando chegão aos seus ninhos. Aproveitão-se d'esta faculdade os chins e alguns povos barbaros da America para terem sempre peixe fresco, costumando os pelicanos a lançarem o que poscão para fóra da bolsa: assegura-se que n'ella póde conter cada uma d'estas aves peixe bastante para o sustento de seis homens durante um dia.



É aquella a fórma exacta do pelicano; só omittio o gravador a bolsa a que nos referimos.

QUE VALE A VIDA...

Que importão desejos, esp'ranças que valem!
Prazeres e gloria, que valem tambem?!
Que valem!... são fumos que o tempo dissipa,
Esquecem co'a morte, não vivem álem!

Na face da terra as gérações passão!..
Paixões bem diversas as vão agitando!
São poucos os risos, immensos os choros,
Ao som das algemas que vão arrastando!

E as gérações morrem!... Na senda da vida,
Em longo tumulto, succedem-se mais!...
Depois, já d'aquelles que a lousa cobrira
Não se ouvem sorrisos, nem prantos, nem ais!

E a todos que tinhão affectos no mundo
A morte lhes trouxe saudosa afflicção!
O impio na morte receia o castigo,
O triste só n'ella verá redempção!

Ah! não, não lamente ninguem seu destino,
Tormentos e magoas que a sorte lhe deu!
Coróa d'espinhos, que cinge o martyrio,
Coróa de flores se torna no céu!

A vida não vale, não vale o trabalho,
Não vale os cuidados, que em susto nos tem;
É sonho inconstante, que o tempo dissipa;
Os nomes se apagão, as glorias tambem!

Sómente a virtude merece desvélos...
Exemplos sómente devemos deixar!...
São balsamo santo nos males da terra,
Que premios eternos nos faz alcançar!

C. Maxima de Figueiredo (Guyães).

Descobrimentos Portuguezes.

Porto Santo...........	Gonçalo Zargo e Tristão Vaz...............	1418
Madeira..............		1419
Cabo Bojador..........	Gil Eanes............	1432
Ilhas de Arguin........	Antonio Gonçalves.....	1442
Açores...............	Gonçalo Velho.........	1444
Cabo Verde...........	Diniz Fernandes.......	1447
Guiné..............	Pedro de Cintra.......	1462
Cabo Mesurado........		
Fernão Pó............	João de Santarem......	1471
Mina...............	Fernão Gomes.........	1471
S. Thomé.............		
Principe............		
Anno Bom............		
Congo..............	Diogo Cão............	1484
Zaire...............		
Benin...............	Bartholomeu Dias......	1486
Cabo das Tormentas....		
Calecut.............	Vasco da Gama.........	1498
Terras de Santa Cruz....	Alvares Cabral........	1500
Estreito de Anian......	Côrte Real............	1500
Santa Helena..........	João de Nova..........	1501
Zanzibar............	Revasco.............	1503
Socotrá.............	Fernandes Pereira......	1505
Sofala..............	Pedro de Raja.........	1506
S. Lourenço...........	Tristão da Cunha......	1506
Sumatra.............	D. Antonio d'Almeida...	1506
Molucas.............	Antonio d'Abreu.......	1511
Abyssinia............	Lopes de Sequeira......	1514
China...............	Pires d'Andrade.......	1516
Filippinas...........	Fernando de Magalhães .	1521
Japão...............	Antonio da Motta......	1542

Um portuguez de direitas.

A avó e o neto.—Havia uma dama de 18 annos a quem o poéta Guerreiro chamava sua avó, e ella a elle seu neto: é sabido que neto, em tauromachia, é o indispensavel papel de um bobo que a cavallo, em praça de touros, foge á fera, em vez de a investir; como o pobre Guerreiro não tivesse prenda que dar á sua avó no dia de seus annos, offertou-lhe este soneto (que depois foi parodiado com outro, mui conhecido e tambem de grande valor):

Faz annos minha avó? então que tem?
Eu heide desfazer-lh'os? isso não;
Certo os fará com toda a perfeição,
Pois ella tudo faz mil vezes bem.

Desejara eu agora achar alguem
Que os soubesse applaudir com discrição;
Mas já me persuado que a funcção
Séria não hade ser, que não convem.

Haja fogueiras! mandem-se buscar
Seis barris d'alcatrão e seis de breu,
Para a gente esta noute aqui brincar.

E ámanhã, por maior obsequio seu,
Se de tarde quizerem tourear,
O *Neto* já se sabe que sou eu.

ENIGMA VII.

Nada me tem,
Tudo me tem.

José Joaquim Corrêa d'Almeida (Brasileiro, Barbacena).

Sermão da paixão.—Certo prégador, em seixta feira de paixão, subio ao pulpito, e logo depois de ter dito: *In nomine Patris,* parou, e fazendo que se admirava, tornou a dizer o mesmo: *In nomine Patris,* e tornou a ficar suspenso. Fez isto três vezes, até que a gente se começou a remecher, entendendo que ao prégador lhe tinha esquécido o sermão; porém elle, com voz maviosa acrescentou: *Senhores, não vos sobresalteis: eu buscava o Filho, e não o acho; sem duvida que os seus inimigos lhe tiraram a vida.*



E foi prégando da paixão.

Valor do trabalho.—Fez um écónomista um calculo singular sobre o augmento de valor que a um objecto póde ser dado pelo trabalho.

Com um arratel de ferro, que valerá talvez meio tostão, faz-se aço, e com este aço molas reaes de relogios d'algibeira; cada uma d'estas molas poderá pesar um decimo de grão e vender-se por 800 réis; ora, com um arratel de ferro fabricão-se 80,000 d'aquellas molas, e leva-se a materia primitiva, de valor de meio tostão, a uns 73 contos de réis.

Relampago, trovão e raio.—Relampago é a luz forte que se espalha quando parte a faisca das nuvens carregadas d'electricidade. Ha quatro especies de relampagos: 1.º Os que se movem em zigue zague e com grande rapidez, semelhantes á faisca das machinas electricas, e perfeitamente contornados; 2.º Os não contornados que abração todo o horizonte, e que lembrão o clarão produzido por uma explosão de materias inflammaveis (são os mais frequentes); 3.º Os chamados de calor, porque só se vêem nas noutes calmosas do estio, quando está o céu perfeitamente limpo, e a que se não segue estrondo algum; 4.º Finalmente, os relampagos em fórma de globos de fogo, e que muitas vezes são visiveis por mais de dez segundos; algumas d'essas espheras descem inteiras até á superficie da terra, outras desfazem-se na atmosphera, rebentando com grande estampido.

O trovão é a detonação violenta que acompanha o relampago; são sempre simultaneos estes dous phenomenos, provindo o intervallo d'alguns segundos que geralmente medeia entre elles, de percorrer o som apenas 337 metros por segundo, emquanto a luz gasta um tempo inapreciavel para vir das nuvens aos olhos do observador. A bulha do trovão é devida ao choque das differentes partes da nuvem e do ar, determinado pela descarga electrica: é sêcca e de curta duração nos logares proximos ao da descarga; ouve-se mais longe uma série de detonações, succedendo-se rapidamente, e ainda mais para longe sente-se primeiro um ruido fraco, substituido depois por um rebombo prolongado e de intensidade desigual. Apesar das muitas hypotheses que se têem apresentado para explicar o fragor do trovão, nenhuma satisfaz completamente.

Raio é a faisca electrica que se vê no momento em que as duas electricidades, a d'uma nuvem carregada e a do sólo electrisado pela influencia d'aquella, vencendo a resistencia do ar, se vão combinar. É sobre os objectos mais visinhos

d'uma nuvem electrisada, e sobre os melhores conductores da electricidade, que de preferencia cabem os raios, sendo por isso que, em occasiões de trovoada, se não deve procurar abrigo debaixo das arvores, e especialmente debaixo das que são boas conductoras, como carvalhos e olmeiros. O raio fulmina os animaes; inflamma as materias combustiveis; funde os metaes; despedaça os corpos máus conductores; penetrando no sólo, funde as areias e outras materias siliciosas, formando os tubos vitrificados, chamados *fulgurites;* passando finalmente perto de barras de ferro, magnetisa-as, e muitas vezes inverte os pólos ás agulhas das bussolas.

Alexandre Magno de Castilho Junior.

ABRIL—23.

Sabbado d'Alleluia em Idanha a Nova. —Lê-se no Almanach de 1856, a pag. 361, que é costume no Porto, em dia de S. Nicoláu, dar o Abbade d'esta fréguezia uma rasa de castanhas. Outro tanto acontece no sabbado d'Alleluia á noute, na villa de Idanha a Nova, districto de Castello Branco. Reunem-se alli as raparigas em dous ou mais bandos, e munidas de pandeiros, vão ao adro tocar e cantar a *Nossa Senhora do Almotão*, festejando assim á Resurreição de Christo; d'alli voltão á porta do Vigario e á do Cura, a darem-lhes as boas festas, e d'elles recebem castanhas e passas.

Consta-me que actualmente fazem estes senhores ouvidos de mercador, desejosos de acabar com tal usança.

Luiza Maria....

Bens castrenses.—Os filhos-familias, na legislação romana, mesmo quando chegavão á virilidade, nada tinhão de seu. Havia porém uma excepção feita em favor da gente de guerra: o filho-familias que era militar, possuia o esbulho que lhe competia na guerra, e esses bens assim adquiridos denominavão-se *peculio,* ou *bens castrenses.*

Fabrica de graxa.—A seguinte historia merece ser contada e deve ser moralisada. A primeira parte corre por nossa conta, a segunda por conta dos leitores.



Aqui haverá uns 32 annos, entra um pobre soldado na réles e miseravel lojita de um barbeiro de Londres, e assim lhe diz: *«Amanhã acaba-se-me a licença, e eu a pé mal posso chegar ao ponto em que o meu regimento se acha de guarnição; se me não metto na diligencia que parte d'aqui a uma hora, estou perdido; tomar-me-hão por desertor e serei arcabuzado; o mestre vale-me n'este apuro?»*

O barbeiro pegou n'um guinéu e deu-o ao soldado.

«Deus lhe pague, que eu nunca o poderei fazer; permitta não obstante que lhe manifeste o meu reconhecimento: aqui tem uma receita para fazer graxa excellente.»

E ao dizer isto, tirava da algibeira um papel sebento, em que se declaravão os ingredientes da tal graxa.

O barbeiro meditou no caso, vio no homem um enviado da Providencia, vendeu a sua lojinha, principiou com o seu commercio de graxa, e graxa tem ella sido, que a firma *Day & Martin* é hoje acreditadissima em Londres, e possue uma fortuna de mais de milhão e meio de libras esterlinas, que todas sahiram d'aquelle abençoadinho guinéu!

CHARADA X.

Porque me déstes, **SENHOR,**
D'entre as graças a primeira? } 1
Hoje, velha, sem miolos,
Deixão quem foi prasenteira! } 3

Evito ataques bravios
De grande, pesado ferro!
Mas taes boléus me vão dando,
Que ás vezes no mar me enterro.

N. B. É da mesma **AUGUSTA PERSONAGEM** de quem já démos outra charada no Almanach de 1857. Por haver sido recebida já tarde, lhe não poude ser dado o primeiro logar n'este livrinho, como lhe competia.

A VIRGEM DO MOSTEIRO.

Quão feliz é a donzella,
Que prefere ao mundo a cella,
Que descrê das illusões!
Vive a Deus só consagrada,
É por Deus abençoada,
São de Deus suas canções!

Para ella o mundo é nada!
Não supporta, atribulada,
Mil cruentas amarguras;
Não lamenta a dura sorte,
Sem terror encara a morte,
Goza ao pé das sepulturas,

Porque lê em cada lousa,
Lê na campa, onde repousa
Terna irmã, que muito amou.
«Que de Deus está no gremio,
«Recebendo largo premio
«Das acções que praticou!»

Do jardim entre as verduras,
Saboreia mil doçuras
Ao tomar à linda flor:
Colhe a rosa nacarada,
A açucena prateada,
E respira o seu olor.

Inda o céu, todo azulado,
De brilhantes cravejado,
Suas galas nos ostenta,
Já a virgem no seu leito
Sente arfar-lhe o casto peito,
E no côro se apresenta!

Alli ora, alli prostrada
Pede á Mãi Immaculada
Do Divino Redemptor,
Que encaminhe os caros filhos
A seguir os puros trilhos
Da vereda do Senhor.

Quando vem festivo dia,
Quando o templo se atavia
De roupagens scintillantes,
E repicão bronzeos sinos,
Canta a virgem magos hymnos,
Mil canções harmonisantes!

Cada nota que ella solta,
Vai, na aragem branda envolta,
Echoar aos pés de Deus,
Que do throno seu derrama
Da divina luz a chamma,
Que fulgura lá nos céus!

Se na terra algum castigo,
Que nos rouba o pai, o amigo,
Vem do céu aqui pousar,
É a virgem quem implora
Á celeste Protectora
Rosa mystica sem par,

Queira ouvir os ais sentidos,
Os lamentos, os gemidos
De seus filhos na afflicção;
Ella quem faz penitencia,
Quem a Deus pede clemencia,
Quem implora aos céus perdão!

Assim a vida lhe corre,
Té que um dia alegre morre,
E lhe vôa a alma ao céu,
Desprendida de martyrios,
Tão casta como esses lyrios
Que a cingem no mausoléu.

Quanto invejo uma tal vida,
De venturas mil tecida!
Quem podera assim morrer!
Oxalá que n'um mosteiro
O suspiro derradeiro
Entre irmãos eu vá render!...

José Pedro Gervasio da Rosa (Leiria).

ABRIL — 27.

Jararaca. — Estando um fazendeiro d'este municipio na sua roça, munido de uma grande faca de mato, a ver o serviço de seus escravos, vê chegar um d'elles assustadissimo. — «*Que tens homem?*» lhe pergunta. O preto perdera a fala, e tudo era apontar para uma monstruosa jararaca que o perseguia. O senhor puxa pela faca e corta a cobra pelo comprimento d'um palmo da cabeça; vai senão quando, continúa esse pedaço a perseguir o escravo, que trepa, ligeiro como um gato, a uma cêrca de páus que dividia a roça; ahi não poude subir tambem o animal, porém dava saltos altissimos, obstinado sempre em morder o escravo. Chegando o senhor, poude com algum custo esmagar a cabeça do venenoso reptil.

Poucos se salvão dos mordidos por taes cobras. Andão quasi sempre as jararacas aos casaes; morto o macho ou a fêmea, procura vingar-se aquelle que sobreviveu dos dous animaes. Factos são esses aqui frequentissimos. A jararaca anda por 8 a 10 palmos de comprimento; a pelle é preta, escamosa e com raias encarnadas; é grossa no corpo, tem 12 polegadas de circumferencia, e a cauda mui fina; anda quasi sempre com a lingua de harpão deitada de fóra e a cauda erguida; é o signal de estar furiosa. Se a virdes assim (ou seja como fôr), deitai a fugir.

Vicente Feliz de Castro (Silveiras, S. Paulo).

É pena que um paiz abençoado pela natureza como o Brasil tenha o desconto de tanto bicharoco!...

ABRIL—28.

O poder aggravador.—O Rei de Wurtemberg que reinava em 1809, assignava ordinariamente a sentença de todos os condemnados, e tinha sempre o cuidado, pouco generoso, de aggravar a pena dos réus. Apresentando-se-lhe um dia uma sentença que condemnava um a galés por toda a vida, escreveu á margem: «E mais cinco mezes.»

ABRIL—29.

O Bemtevi.—Ha um passarinho no Brasil assim chamado, porque ao cantar parece dizer aquillo. Costuma pousar nas franças das mais crescidas e frondosas arvores, como a *Gamelleira*; por isso de um individuo de estatura baixa montado em grande cavallo se diz que está feito *bemtevi na gamelleira*. O mesmo se poderia dizer de certos pygmeus que occupão elevadas posições.

Um poéta antigo (Joaquim José Lisboa), celebrando em Portugal os dotes do patrio Brasil, assim se exprimio a tal respeito:

Verás um passaro lindo,
Todo de peito amarello,
Cujo canto é muito bello,
Porque explica bem-te-vi.

Padre José Joaquim Correia de Almeida
(Brasileiro) (Barbacena).

ABRIL—30.

CHARADA XI.

É democrata.... 1
É aristocrata.... 2
Quanto alcança
Ferra na pança.

MAIO—1.

O mez de maio em Lagos.—Era costume n'esta cidade festejar o 1.º de maio com uma procissão em que ia toda a gente da terra, e na frente, montado no melhor cavallo, um rapazote ornado de muitas flores e tambem de joias, que se pedião emprestadas; succedeu porém um anno que o rapazinho, ao passar a procissão junto a uma das portas da cidade, olhou para si, e ao ver-se tão ricamente adornado, metteu esporas á cavalgadura, deu ás de Villa Diogo pela estrada fóra, e ainda hoje se espera por elle em Lagos, onde se não fala no mez de maio, mas sim *no mez que hade vir.* *R. F. V.* (Ferreira.)

MAIO—2.

EPIGRAMMA.

Que junte un rico avariento
Los doblones ciento a ciento,
Bien puede ser;
Mas que el succesor gentil
Nò los gaste mil a mil,
Nò puede ser.



A UMA VIUVA INCONSOLAVEL.

A FLOR PENDIDA.

Linda flor, que venturosa
Te ostentavas tão viçosa.
No matutino frescor!...
Tão pura, tão engraçada,
Parecias destinada
Aos altares do Senhor!

Um zephyro te afagava,
E no teu seio gozava
Delicias de um casto ardor!
Sorrião-te a noute e ō dia;
Comtigo o prazer sorria;
Era tudo em ti fulgor!

Mas ai!... tufão improviso
Te converte o paraiso
Em negro abysmo de horror!...
O teu zephyro adorado
Foi de repente elevado
Ao seio do Creador! ...

E só por Deus te deixara
Quem a ti só consagrara
Sua vida e seu amor!
Miseranda!... succumbiste!...
Em deserto escuro e triste
Vais perdendo o brilho e a côr!

E hasde sobranceira emtanto
Vicejar, com esse pranto
Da aurora em seu puro alvor!
Hade esse fogo abrazar-te,
Que o sol amigo reparte
Comtigo, mimosa flor:

E da vida no deserto
Sentirás de ti bem perto
Um gemer de intensa dor!...
É a viuva rolinha,
Que vai deplorar, mesquinha,
Da morte o fatal rigor:

E verás n'esse ermo agreste,
Pousando álem n'um cypreste,
Da noite o meigo cantor,
Carpindo a fiel consorte,
Que lhe arrancou dura morte,
Ou mão d'impio caçador:

És qual pendida saudade
No exilio, na soledade
Do sepulcro aterrador!
Oh! não!..ergue-te animosa!..
Um dia verás, ditosa,
Lá no céu o teu amor;

E no murmurio das agoas,
E no som de eternas magoas
Do mocho presagiador,
E dos echos no gemido,
E no tremendo estampido
Do trovão assustador:

Tudo verás igualar-te!...
Hade tudo acompanhar-te
No exilio consumidor!...
Ah! deixa... deixa essas trevas!
Sim!... que do abysmo te elevas
Ao seio do Creador!

Faze alegrar as campinas!...
Reanima essas boninas
Que vivem co'o teu vigor!...
Sorri, que a tormenta acalmas!...
Torna a paz que a tantas almas
Roubou tua immensa dor.

D. Antonia G. Pusich.

MAIO — 4.

Bailes canario-americanos. — Ha muitos hespanhoes das Canarias n'uma das républicas da America do Sul: ao querer n'um de seus bailes um rapaz convidar uma rapariga para dançar, põe-se-lhe na frente, e diz-lhe em alta voz:

«Senorita! con el permiso de la madre, del padre, y del galan que la adora, salga, si es salidora.»

Dá depois uma volta, e se a rapariga o acceita para par, responde:

«Salgo porque soy salidora.»

E se o não acceita,

«No soy hoy salidora.»

Como as perguntas e as respostas são feitas em alta voz, nada mais original do que aquella confusão de vozes masculinas e femininas, *salga, salidora, salidora, salga,* e as observações que de ordinario se lhes seguem.

Relogios e damas.—Que differença ha entre os relogios e as damas?

Os relogios lembrão-nos as horas e as damas fazem-nol'as esquécer.

Ilha de Maio.—Esta ilha é uma das de sotavento da provincia de Cabo-Verde. A sua área é de 5 leguas de comprido sobre 3 de largo.

Deriva o nome do mez em que foi descoberta. É quasi toda plana, e o seu sólo, pela maior parte, esteril, deparando-se conseguintemente, apenas de longe em longe, com algum terreno amanhado. Servem as vastas e solitarias planicies de que é formada (e a que os indigenas chamão *achadas)*, após as chuvas, que ordinariamente são nos mezes de agosto, setembro, outubro e novembro, de viçosas e abundantes pastagens a grandes rebanhos de gado vaccum e cabrum, que vagueião pela ilha, causando não raras vezes bastante prejuizo ao lavrador (em lingua creoula *vádio!!!)*, prejuizo que se torna tanto mais sensivel, quanta é, como já disse, pequena a porção de terreno amanhado. Na povoação principal, a agua potavel que se gasta, obtem-se por meio de covas que se fazem na areia, distantes do mar cêrca de 16 a 20 braças; a uma ou duas de profundidade é immediatamente encontrada: estas fontes são provisorias, pois que só durão poucos dias, vindo depois a escacear a agua: apenas isto se começa a notar, entulhão-se, indo-se abrir outras covas pouco distantes das abandonadas; passados dias, comtudo, já as exhaustas fontes dão agua outra vez. Esta agua é algum tanto sálôbra.

O principal, ou para melhor dizer, o unico ramo de commercio actualmente d'esta ilha, é o sal: exporta tambem algum gado e pelles, mas em pequena quantidade.

E. A. P. de Balsemão e Sá Nogueira (Angola).

Nosso pai de noute.—Levando uma vez, já fóra de horas, certo vigario, no Pará, o sagrado viatico a um doente, tropeçou, esmurrou o nariz, e exclamou: «*Eu não estou sempre a dizer que nosso pai de noute não presta para nada!...*»

F. Liborio F. (Brazileiro, Pará).

Peixes electricos.—Os mais conhecidos são; o gymnoto, (representado na gravura) a tremelga e o syluro, e d'entre elles o que dá commoções mais fortes é o gymnoto. Frequenta este os regatos e lagôas da America Meridional e é da feição da enguia. Dá taes descargas que derruba homens, cavallos, e ainda maiores animaes, com o que se defende de seus inimigos e mata os peixes de que se hade manter. Os primeiros tiros que dispara são fracos, mas vão-se a pouco e pouco reforçando até ao maior auge, d'onde vem depois decrescendo até de todo fenecerem. Então descança e recomeça pelo mesmo theor. Dos intervallos é que os americanos se aproveitão para o agarrarem, o que fazem obrigando a entrar na lagôa em que elle habita cavallos bravos, que logo aos primeiros choques se baqueião, ás vezes mortos; cançado que seja o gymnoto, fisgão-no ou harpôão-no.



São as tremelgas muito parecidas com as raias, e mais fracas do que o gymnoto. Encontrão-se em grande numero junto ás costas de França, da Africa Meridional, etc.

O syluro é um peixinho com 18 a 20 polegadas de comprido. Frequenta o Senegal, o Nilo e alguns outros rios da Africa.

Alexandre Magno de Castilho Junior.

Andorinhas-correios. — Por quem forão inventadas? As andorinhas?... Não; as *andorinhas-correios*. Dizem que por Cecina, que usava levar comsigo d'estas avesinhas quando ia de jornada. Querendo mandar nóvas suas á familia, soltava uma d'ellas, que lá regressava ao ninho. A noticia, lião-na ou adivinhavão-na os ausentes, pelos signaes de convenção que o passarito levava nas azas.

No theatro em Roma, os pais de familia tinhão pombos junto a si, e quando querião mandar dizer alguma cousa aos seus familiares, davão-lhes a liberdade, atando cartas ou bilhetes aos seus correios aéreos. E tão industriados andavão n'isso, que elles mesmos voltavão ao espectaculo com a resposta. D. Brato servio-se d'estes postilhões estando sitiado em Murina, ou Módena, como hoje lhe chamão. Késa a historia de mais alguns.

Digão lá o que disserem, a antiguidade era mil vezes mais poética do que o são os nossos dias. O telegrapho electrico faz milagres de transmissão, é verdade; mas que differença não vai para a imaginação entre o communicarmos os nossos pensamentos com a mulher a quem adoramos ausente, por meio d'uns arames estirados, ou mandar-lhe noticias nossas nas azas d'um pombo ou d'uma andorinha!... Por outro lado, é necessario pôr o telegrapho electrico na confidencia do nosso pensamento, em quanto a avesinha discreta só a quem ella interessa transmitte a nossa communicação.

MAIO—8.

Victoria regia.—Esta linda planta aquatica (a que já nos referimos, *A. 53, p. 324*) tem causado um tal furor na Inglaterra, que o parlamento votou a somma de 3,600 libras para a accomodar em uma lagôa, dentro d'uma grande estufa, em que o calor artificial imita o clima dos tropicos. *D. Henriqueta Amalia de Castro.*

MAIO — 9.

ENIGMA VIII.

Subio a uma pereira
Um homem por lhe ver peras;
Elle peràs não comeu,
Tambem a ninguem deu peras;

Não botou peras ào chão,
Comsigo não trouxe peras,
Mas consta que na pereira
Tambem não ficaram peras:

Pergunta-se agora a todos
Como foi isto das peras?
Quem quizer dar n'este enigma,
Decerto tem para peras. * * *

MAIO — 10.

Pirarará. — É um peixe que abunda no rio Amazonas. Assemelha-se a um bagre. Logo que se sente fóra da agua, deixa ouvir uns sons iguaes aos latidos de um cão. Tem a pelle toda pintada. Os indios servem-se da sua gordura para mudarem a côr aos papagaios, empregando-a em quanto estes se conservão com a penugem primitiva. Quem o come repetidas vezes, fica cheio de manchas brancas pelo corpo.

D. Emilia C. C. B. (Brasileira, Rio de Janeiro).

MAIO — 11.

CHARADA XIII.

Dá-me cá e n'um momento } 2
Tens veste de comprimento;
Encontras-me n'um momento, } 2
Se buscas n'um elemento.
Vai-se o prazer n'um momento
E ás vezes fica o tormento.

Antonio Manoel da Cunha Belem (Coimbra).

MAIO—12.

Tumulo imperial.—Quando é coroado um Imperador da China, começa-se logo a fazer o seu tumulo, que a cidade paga antes de se principiar. No dia da coroação, todos os esculptores de Pekim apresentão ao Imperador pedaços de marmore, para elle escolher o de que hade ser feito o monumento. A ceremonia da apresentação do marmore effectua-se com grande pompa, pois se considera como uma grande lição de mortalidade, tanto para o Imperador, como para os seus subditos. Não ha paiz onde os costumes se hajão conservado mais invariavelmente.



MAIO—13.

INFANCIA, MOCIDADE, VELHICE.

A velhice tem vigilias,
Luta em graves pensamentos,
A mocidade tem sonhos,
A infancia presentimentos.

Leva a morte a cada instante
Uma esperança perdida—
Sonhar, presentir, pensar...
E n'isto se esváe a vida.

Dr. Francisco Octaviano Rosa (Brasileiro, Rio de Janeiro).

Os meus desejos.—Lê-se o seguinte n'um manuscripto árabe, que se acha na Bibliotheca d'Oxford, e é anterior a Mahomet:

1.º *Quizera ter nascido mulher e não homem*, pois a mulher dirige-se como um cavallo *(pois não dirigistes!...)*, emquanto o homem se guia a si proprio qual leão.

2.º *Quizera ter nascido mudo*, pois muita vez me tenho arrependido de haver falado.

3.º *Quizera ter nascido surdo*, para não ouvir os conselhos dos falsos amigos, que traiçoeiramente nos induzem ao mal, revestindo-se com a mascara da amizade.

4.º *Quizera ter nascido cego*, para não ver as lagrimas do crocodilo sobre a sua prêsa moribunda.

5.º *Quizera ter nascido pobre*, para não imitar o Oceano, que enriquece com as aguas dos rios *(Entendão-no lá!)*.

6.º *Quizera*, repito, *haver nascido pobre*, para me não ver cercado de ladrões, de parasitas, de vagabundos, e para não sentir o remorso, muitas vezes filho da opulencia.

7.º *Quizera ter nascido fera, ou disforme*, para que as nymphas dos montes e dos lagos me não armassem ciladas ao coração *(Ellas se arranjarião para outra parte)*.

8.º *Quizera não saber ler*, para me não affligir com tantos escriptos, mais vasios do que o vácuo, mais escuros do que as trevas, mais confusos do que o cahos, mais frios do que o inverno, mais leves do que uma penna.

9.º *Quizera que fosse sempre verão, ou habitar junto ao sol*, para não mudar de trajo duas vezes no anno *(Não foi escripto por alfaiate, decerto)*.

10.º *Quizera que todos os homens tivessem um escalpéllo sobre o coração*, para se lhe poderem observar por meio d'elle os seus mais occultos movimentos, conhecendo-se quaes os verdadeiros amigos e quaes os lisongeiros e enganadores *(Tudo isto se conhece com um escalpéllo)*.

11.º *Quizera ter uma mulher cega, surda e muda*: só assim

gozaria de tranquillidade no meu lar domestico *(E se ella em vez da palavra se servisse das unhas!...)*.

12.º *Quizera que fosse monstruosamente feia,* para que ninguem m'a cobiçasse *(Assim mesmo Deus sabe o que seria!)*.

13.º *Quizera que fosse prohibida a caça*: todos os animaes têem direito á vida; ora, não podendo dar-lh'a, não devemos tambem tirar-lh'a *(Isso está visto)*.

14.º *Quizera que toda a moeda enthesourada por avareza se transformasse n'uma serpente venenosa.*

15.º *Quizera que os matrimonios se consummassem na idade madura* (é quando têem mais graça), pela mesma razão que só maduros se colhem os figos e maduras se apanhão as espigas de trigo *(A razão é de cabo de esquadra)*.

16.º *Quizera que ao homem que pede de comer se lhe désse de beber* (que tal está o mariola!) *e de comer ao que pedisse de beber,* para o habituar a domar as suas paixões *(Que bonita receita!)*.

17.º *Quizera que por cada mentira diminuisse o mentiroso um palmo da sua estatura* (Dezesete palmos tinha já diminuido, se os tivesse, o author de todo este aranzel). Serião as mulheres quasi imperceptiveis, e os homens verdadeiros pygmeus.

18.º *Quizera que todos os ingratos fossem lançados ao mar.* Dentro em pouco tornar-se-hia impossivel o navegar *(É só o que disse com geito)*.

Recapitulemos: Queria ser mulher, queria ser mudo, queria ser cego, queria ser pobre, queria ser fera, queria ser disforme, queria não saber ler, queria que fosse sempre verão, queria um escalpéllo no coração, queria ter por mulher uma cega, surda e muda, quēria que ella fosse um monstro, queria que se não caçasse, queria transformado em serpente o dinheiro enthesourado, queria os matrimonios consummados só quando já tremesse o queixo, queria que se désse de beber a quem tem fome e de comer a quem tem sêde, queria que cada mentira nos custasse um palmo, queria todos os ingratos de cambulhada ao mar.

Se ao que désse mais apreço fosse ao ser tolo, tinha-lhe Deus feito completamente a vontade.

AMOR DE MULHER..

Inda ha pouco sorria-me a vida,
De ventura e de gloria enlevado;
Era um anjo a mulher, minha qu'rida,
Fui, qual anjo, por ella adorado.
De ser minha, p'ra sempre, mil vezes
Pelo céu nos meus braços jurou;
Da fortuna a inconstancia, os revezes,
Ella vio e submissa arrostou.
De extremosa em ciumes ardia,
E sem mim protestava morrer;
Sua vida era a minha; o que eu qu'ria,
Tambem ella! era um só nosso qu'rer!...
Quanto amor, quanto affecto e ternura!
Em tres lustros ninguem mostrou mais:
De repente é ingrata e perjura!...
Inconstante hoje ri dos meus ais!
Insensata! não vê que ao abrigo
Não ficara da minha vingança,
E que eu posso applicar-lhe um castigo,
Que p'ra sempre lhe fique em lembrança?!...
Posso e heide, que a um Deus profanou,
E perdeu-me, e deixou-me a carpir;
Alma, vida e prazer, me roubou,
Sem esp'rança sequer no porvir!...

José Corrêa Nogueira dos Santos
(Sobreira de Farinha Podre).

CHARADA XIII.

Por nada não sou medida...... 1
Por um triz não sou igreja 1
Mesmo de adornos despida
Pobre e rico me deseja.

Juramento de sangue.—É antiquissimo uso entre os Malgachos, habitantes da ilha de Madagascar, o *juramento de sangue*, solemne e fraternal alliança contrahida por dous individuos que se obrigão a auxiliar-se mutuamente. Assiste á ceremonia a auctoridade principal da terra, diante da qual se ferem os dous amigos na bôca do estomago; molhão depois no sangue



que vertem as feridas dous pedaços de raiz de gengibre, e come cada qual o pedaço tinto no sangue do outro; apresenta em seguida a ambos o mestre de ceremonias um vaso com agua doce, agua salgada, vinagre e polvora, e molhando duas azagaias n'esta mistura, exclamão os dous com religioso fervor:—*Grande Deus! Senhor do céu e da terra, dignai-vos*

ser testemunha d'este indissoluvel juramento; seja fulminado o primeiro de nós que o quebrantar, e devorem os cães a mãi que o gerara.—Concluido o juramento, bebe cada um metade da porção do liquido contido na taça.

MAIO—17.

Morte de Ali.—Ali Pachá, governador de Albania, tinha-se já tornado obnoxio pelos seus crimes, quando mandou matar um confidente seu, de quem andava desconfiado: então a Porta o demittio, substituindo-o por um de seus inimigos. Ali resistio com as armas na mão, e refugiou-se n'uma parte da cidadella de Yanina, em um edificio de tres andares. O pachá e o seu pequeno séquito occupavão o terceiro andar; no segundo estavão guardados os



seus immensos thesouros: o andar baixo estava cheio de polvora para se lhe pegar fogo ao primeiro signal. Ameaçado Ali de morrer na explosão, rendeu-se, pedindo que lhe conservassem a vida, e foi mandado para uma ilha. N'essa especie de exilio foi visitado por varios pachás, que se dizião seus affeiçoados; entre elles, Mohammed-Pachá o foi ver, no dia 17 de Maio de 1825, levando comsigo a sentença de morte: depois de uma conversa amigavel, Mohammed levantou-se para sahir, e fez a Ali uma reverencia profunda; Ali tambem se inclinou respeitosamente, e antes de levantar a cabeça, Mohammed tirou-o seu yatagan, e cravou-lh'o nas costas com tanta força, que a ponta varou o coração, e veió sahir pelo peito. Ali cahio logo morto, e Mohammed chamou os soldados para lhe cortarem a cabeça, como o firman determinava.

O que depois se passóu com ella, vêl'o-ha quem quizer a pag. 205 do presente Almanach.

MAIO—18.

Cavallos de Luiz XV.—Luiz XV, para poder supprir os enormes gastos quo lhe occasionavão as guerras da successão d'Austria, chegou a mandar vender cincoenta cavallos da sua cavallariça; como crescessem porém as murmurações do povo contra os conselheiros da corôa, e muito principalmente contra o cardeal de Fleury, appareceu logo o seguinte pasquim:

Par conseil de l'Eminence,
En diminuant ses dépenses
Louis croit soulager nos maux;
Conseil très malin et profâne!..
Ah! sire! conservez vos chevaux,
Et défaites-vous de vos ânes.

Luiz XV foi dos monarchas francezes o menos poupado pela critica. *Jorge Cesar de Figanière.*

A ROSA.

Eu tinha no meu jardim
Uma rosinha sem par;
Pedi-lhe amor; era linda,
Vaidosa não m'o quiz dar.

Era composto perfeito
De lindeza e de candura;
Das flores do meu jardim
Era a mais linda, a mais pura.

Era rainha formosa
Do imperio dos jardins,
Sobre um throno d'esmeraldas,
Cravejado de rubins.

Mas a mesquinha vaidosa,
Por ser linda d'encantar,
Despresou-me quando eu quiz
Os seus encantos gozar!

Tinha espinhos e ferio-me
Bem dentro do coração;
Ferio-me só por vaidade,
Ou maldosa ingratidão!

Um dia após, desfolhada
Pelas azas d'um tufão,
Meia morta e já mirrada
Se rojava pelo chão!

Chorou então o passado,
E a belleza já perdida;
Chorou ter-me desprezado,
E morreu arrependida!

E a pobresinha, desfeita
Á furia do vendaval,
Reconheceu d'esta feita
Que ser vaidosa faz mal!

José Joaquim Mendes Cavalleiro (Pará).

MAIO—20.

Hespanholada.—D'onde vem o senhor tão cedo? D'um desafio á pistola com o *meu amigo* Alberto.

—E então? matou o *seu amigo?*

—Qual! elle e eu somos dous atiradores como ha poucos

—Sim! como foi isso?

—Como foi? Apontámos ao mesmo tempo, desfechámos ao mesmo tempo, e as duas balas, encontrando-se justamente no meio do caminho ... zás! achataram-se como dois patacos.

Voz innocente.—Diz Chateaubriand, no seu Itinerario, que os turcos, quando se vêem ameaçados de alguma grande calamidade, vão ás columnas do templo de Jupiter Olympico, em Athenas, com um cordeirinho, e voltando-lhe a cabeça para o céu, o obrigão a balar. Não podendo encontrar entre os homens voz bastante innocente para implorar o favor celeste, vão procural'a entre os mais innocentes dos irracionaes.



Vinho branco e vinho tinto.—Gregorio e Matheus são amigos. Levantou-se entre elles uma disputa das mais acaloradas, que ia quasi acabando por murro sêcco, ácerca da precedencia entre o vinho branco e o vinho tinto. Gregorio tomava regularmente a sua camoéca com o branco e Matheus a sua moafa com o tinto. Era uma paixão por demais.

Dizem que já não ha amigos no mundo! Olhem lá se Gregorio pelo seu vinho branco, e Matheus pelo seu vinho tinto, não erão capazes de dar até a alma, elles que tantas vezes a um e a outro entregavão o corpo.

No calor d'aquella disputa, e antes que o fumo do succo da uva lhes toldasse as idéas, sahe lá d'um canto da taverna o bom Pedro, amigo commum, alma compassiva, coração excellente, que lamenta ver assim desunidos aquelles que tão intima affeição ligara, e com voz de Stentor lhes brada: *«Alto lá, meus amigos! Que é isso? Que ides fazer? Esmurrarvos as ventas por uma questão de lana caprina!»* Qualquer d'el-

les todos os santos dias do anno ficava como uma cabra, e foi talvez por isso que Pedro julgou fazer-se entendido, falando-lhes em lana *caprina*.

«Isto só pelo diabo! dizia Gregorio; querer que o vinho tinto, que não presta para o demonio, abaixe a prôa ao branco, que faz as delicias da vida! T'arrenego, diabo!...

«Isto só uma almadesampa rada de Deus póde dizer!... vociferava Matheus. Que o vinho branco metta n'um chinello o tinto, que todos os dias me regala e conforta o estomago! Cruzes, canhoto!...

E com a mesma eloquencia houvera por muito ainda progredido a contenda, se para a terminar, a Pedro não occorresse um excellente alvitre. Vejamos, diz, tragão-me os autos; eu é que pertendo ser juiz: mandem-me vir um copo de vinho branco e outro de vinho tinto.»

«*Apoiado, apoiado!* exclamão ambos; Pedro é que hade decidir: ólá, patrão, um copo de vinho branco; ólá patrão, um copo de vinho tinto...».

E mais depressa do que se anda pelo caminho de ferro, ahi caminhavão um após outro os dous copos de vinho para o estomago de Pedro.

«Então, então? perguntão ambos ao mesmo tempo: qual de nós tem razão?

Alto lá, alto lá, devagar com isso!... Pois vocês não sabem que os dous vinhos são inimigos declarados? O mesmo que vocês estavão a fazer inda agora, que era guerrearem um com o outro, estão elles agora a fazer cá dentro... É preciso mandar-lhes reforço...Venha outro copo de vinho branco para ver se vencemos o tinto.

«Bravo! bem fallado! diz Gregorio. Patrão, outro copo de vinho branco!...

«E lá vai outro copo de vinho branco para o estomago de Pedro, que tem as guelas mais largas que a barra do Rio da Prata.

«Então? pergunta Gregorio.

«Isto não é bonito, replica Pedro; que diabo de gloria pó-

de haver em vencerem dous contra um? São forças muito desiguaes; é preciso igualal'as, e depois falaremos; venha outro copo de tinto....

«É verdade, é verdade, grita logo Matheus; lealdade em tudo! Não quero que me comão! É verdade que de beber é que se trata; patrão, outro copo de tinto...»

E de uma assentada dá com elle em baixo o conciliador e honesto Pedro.

«Então, então? perguntão ambos ao mesmo tempo.

«Então? Não sei; deveras lhes digo que não sei... São tão bonsinhos, os dous... Olhem, eu para dizer a verdade, prefiro-os a ambos... Mas ha um modo muito simples de decidir o caso... É ir eu bebendo sempre, ora do branco, ora do tinto, até não poder mais; o ultimo que eu beber é que ficará vencedor; não é boa lembrança?»

Não se lhes figura muito luminosa a idéa, aos dous beberrões, e só então conhecem a caçoada, e principião aos murros a Pedro, que lá se vai defendendo como póde, até que chegão uns esbirros, e pespegão com elles todos em casa do regedor. O 3.º acto da comedia passou-se no tribunal de policia correccional, onde compareceram todos tres, e onde Gregorio continuou a advogar a causa do vinho branco, Matheus a do vinho tinto, e Pedro a do branco e a do tinto.

O juiz, que não gosta de nenhum (pelo menos no tribunal) quiz ser severo, mas achou a causa tão burlesca, e persuadio-se tanto de que na conta corrente dos sôcos e murros que os tres se deram, não houvera saldo a favor de nenhum, ficando tudo liquidado (a questão era de liquido), que a todos absolveu, e d'alli foram outra vez para a taverna, onde escarranchado cada um em seu tonel, e com um copo do seu predilecto na mão, fizeram um tractado perpetuo de paz e alliança.

Pedro, fiel á sua primeira opinião, e não querendo escandalisar, nem o branco nem o tinto, empunhou na direita um copo de tinto e na esquerda outro de branco.

D'ahi a meia hora fraternisavão todos tres, estatelados no meio do chão, e roncando que se ouvia a uma legua.

Inquilino de quasi meio seculo.—Morreu ha dias na Inglaterra um veterano que na batalha de Waterloo (1815) apanhara uma bala no pulmão esquerdo. O homem restabeleceu-se da ferida, mas a bala é que nunca lhe sahio do corpo. Ao fazer-se-lhe autopsia, foi achada dentro do pulmão, onde se conservara quarenta e dous annos!



Outro tanto aconteceu ao Marechal Oudinot, que levou para a cova uma bala que apanhara n'aquella memoravel batalha, e que lhe corria por todas as partes do corpo, como por um canal.

MAIO—23.

Um livro de Carlos Magno.—Um dos objectos que em Paris mais admirão os antiquarios no museu dos fallecidos Soberanos, Rainhas e Principes francezes, é o livro d'orações de Carlos Magno, livro feito em 780, sob a direcção do grande Monarcha. É em 4.º, encadernado, coberto de velludo verde já muito gasto, e com os cantos de prata.

Pretendentes. — «Segundo a experiencia, e queixa commum, ou seja com razão ou sem ella, acho eu que os pretendentes das côrtes em seus requerimentos são como os nossos argonautas e primeiros descobridores da India; senão que navegão ao revez e fazem a viagem ás avessas. Os nossos descobridores primeiro passaram o cabo de Não, e depois o cabo de Boa Esperança; os pretendentes pelo contrario; começão pelo cabo de Boa Esperança e acabão pelo de Não. Quereis saber qual é a dureza de um não? A mais dura cousa que tem a vida é chegar a pedir, e depois de chegar a pedir, ouvir um não: vêde o que será! A lingua hebraica, que é a que falou Adão, e a que mais naturalmente significa e declara a essencia das cousas, chama ao negar o que se pede, envergonhar a face. E porque se chama envergonhar a face negar o que se pede? Porque dizer não a quem pede é dar-lhe uma bofetada com a lingua. Tão dura, tão aspera, tão injuriosa palavra é um não.»



Padre Antonio Vieira.

Padre, Filho... e mais nada.—N'uma tribu do Egypto pedio um rapaz a seu pai que trocasse por alguns dias o seu quarto, sêcco e espaçoso, no andar superior, por outro, humido e pequeno, em que o rapazote dormia em baixo.



O pobre velho annuio, mas não houve depois tornar a haver o seu querido quarto. Queixando-se ao pachá,

«De que religião és tu?» Perguntou ao filho.

«Da religião christã.»

«Persigna-te.»

O rapaz fez o signal da cruz.

«Ó maroto! pois tu dizes que o pai está na cabeça e o filho no peito, o pai em cima e o filho em baixo, e tu trepas para cima e mandas teu pai para baixo! Ora vamos, restitue-lhe o seu quarto, e já; quando não, tambem te mando a cabeça de cima para baixo.»

O rapaz virou-se para o pai e disse-lhe: *«Ha lá couves? couves ha; pois venha para cá, que eu vou para lá.»*

E mudaram-se outra vez.

Justiça de mouro é boa ás vezes. *Obscura Portuense.*

Chapeleta ou ricochete.—Assim se chamão os circulos que vai abrindo a agua estanque, ao lançar-se-lhe dentro uma pedrinha, e tambem o salto que dá uma pedra atirada á superficie da agua, e que se vai levantando e abatendo em quanto lhe dura a força de impulsão.

Entretinhão-se frequentemente gregos e romanos em fazer chapeletas ou ricochetes. Era o divertimento favorito de Scipião Africano e de muitas outras personagens de grande nomeada. Como para aquelle exercicio se empregavão as cascas d'ostras que se achavão á beira do mar, derám-lhe os gregos o nome de *ostracismo*. Em Athenas, a lei que impunha o exilio, tambem se chamava *ostracismo (A. 51, 31 d'agosto)*, pois, como é sabido, escrevia o povo os seus votos em cascas d'ostras. Talvez que o virtuoso Aristides, condemnado pelo ostracismo, se desenfadasse das aborrecidas magoas do desterro com o jogo d'aquelle nome.

Quando se atirava a concha, fazendo-a resvalar ao de leve pela superficie das aguas, contavão-se os saltos que dava, e d'ahi se tiravão presagios. O numero impar, como o das graças e o das musas, era bom annuncio.

N'este ponto de agouros, bons ou máus, não lhes ficamos nós atraz, principalmente pelas nossas provincias, que ainda estão inçadas de muita superstição tradicional.

Recreamo-nos ás vezes a dobrar uma folha de rosa, fazendo com ella uma especie de folle, com que batemos na testa de fórma que dê um estalinho, não é assim? Pois Anacreonte já se divertia tambem com isso, e cuidava que d'ahi podia tirar agouros mais ou menos favoraveis, segundo a força do estalinho.

Um costume tinhão tambem os gregos, que era apertarem pevides molhadas de diversos fructos entre as extremidades do polegar e do index, fazendo-as saltar a grande distancia; o agouro era tanto mais favoravel e promettedor para as suas emprezas, quanto mais longe ião parar as pevides.

A superstição, amorosa as mais das vezes, com que se desfolha um malmequer, parece não ter sido conhecida pelos antigos; a sua origem data, segundo alguns romanceiros, dos poéticos dias da idade média.

Que longo capitulo se não poderia fazer de superstições! E foram ellas que nos fizeram fugir do objecto principal. Já agora, a pedrinha do ricochete foi ao fundo.

E aqui damos nós fundo tambem.

MAIO—27.

O Neva n'uma noite de verão.—Imaginai o soberbo rio que banha S. Petersburgo, estendendo preguiçoso innumeros e tortuosos braços por entre formosas ilhas, coroadas de sumptuosos palacios e ornadas de extensos jardins, cujas myriades de flores aromatisão uma atmosphera temperada, que indolentes zephyros suavemente agitão! As noites são alli clarissimas: toda a creação pareco acordada; as aves não cessão de fazer ouvir os seus trinados; centos de navios, gondolas e botes, se cruzão em todas as direcções, como airosos cysnes brincando á flor d'agua. Aqui a falua, de brancas velas, d'um capitão inglez, que orgulhoso faz ver a sua pericia; álem o burguez allemão, com toda a sua familia, abandonando-se ao doce prazer do *far niente*, depois da fadiga d'um dia trabalhoso; mais longe uma reunião de camponezes russos, fazendo ouvir no seio das aguas as melodias das canções da sua patria; ou, finalmente, a esplendida barca d'um nobre russo, seguida d'uma banda de musicos, nascidos escravos do senhor que acompanhão: todos animão o magnifico e risonho quadro que n'uma noite de verão se gosa sobre as aguas do Neva. *Manoel*... (Coimbra.)

O lord e o pintor.—Apresentando-se a lord Brougham, na exposição de Paris, um célebre pintor de cavallos e leões. «*Muito folgo de o conhecer,* lhe disse o lord, *pois sempre fui apaixonado de animaes.*»

MAIO—28.

O JURAMENTO.

Tu dizes, ó Mariquinhas,
Que não crês nas juras minhas,
Que jámais cumpridas são!
Mas se eu não te jurei nada,
Como hasde tu, estouvada,
Saber se eu as cumpro ou não?

Tu dizes que eu sempre minto,
Que protesto o que não sinto,
Que todo o poéta é vario,
Que é borboleta inconstante!
Mas agora n'este instante,
Eu vou provar-te o contrario.

Vem cá:—sentada a meu lado,
Com esse rosto adorado,
Brilhante de sentimento,
Ao collo o braço cingido,
Olhar no meu embebido,
Escuta o meu juramento:

Espera... inclina essa fronte...
Assim!... — Pareces no monte
Alvo lyrio debruçado!
Agora, se em mim te fias,
Fica séria, não te rias,
O juramento é sagrado:

«Eu juro sobre estas tranças,
«E pelas chammas que lanças
«D'esses teus olhos divinos,
«Eu juro, minha innocente,
«Emballar-te docemente
«Ao som de meus ternos hymnos.

«Pelas ondas, pelas flores,
«Que se estremecem de amores
«Da brisa ao sôpro lascivo,
«Eu juro por minha vida
«Deitar-me a teus pés, querida,
«Humilde como um captivo.

«Pelos lyrios, pelas rosas,
«Pelas estrellas formosas,
«Pelo sol que brilha agora,
«Eu juro dar-te, ó Maria,
«Cento e dois beijos por dia,
«E vinte abraços por hora!»

O juramento está feito!
Foi dito co'a mão no peito,
Apontando ao coração:
E agora — por vida minha —
Tu verás, ó moreninha,
Tu verás se o cumpro ou não!

Casimiro Abreu (Brasileiro, Rio de Janeiro).

MAIO—29.

CHARADA XIV.

Sahindo das trevas.... 1
Ao sol me expozeram .. 2
A gente e a terra
Meu nome pozeram.

A cabeça de Alí.—Quando se executou Alí Pacha, a cabeça foi exposta no páteo do serralho, e um negociante inglez que ahi a vio, julgando que fazia bom negocio offereceu por ella alto preço, para a mandar para Londres, pois a pessoa de Alí tinha causado grande interesse na Europa. O contracto porém não foi concluido, porque um derviz, que tinha sido companheiro e confidente de Alí, offereceu maior quantia, para dar sepultura honrada á cabeça d'aquelle que fôra seu amigo e seu amo. Tendo effectuado a compra, o derviz levou comsigo a cabeça, enterrou-a n'um jardim, e poz-lhe por cima uma pedra com o seguinte letreiro: *Aqui jaz o célebre Tepedelenly Alí Pachá, governador de Yanina, que por mais de cincoenta annos procurou sustentar a independencia da Albania* (Veja-se a pag. 194 do presente Almanach o modo barbaro e desleal porque foi morto Alí Pachá).



MAIO—31.

Valle de Marinha.—Entre os limites de *Lagoaça,* concelho de Freixo d'Espada-á-Cinta, e *Quintas das Quebradas,* concelho de Mogadouro, corre em sitio ameno a *Ribeira de Valle de Marinha.* Na sua margem esquerda e junto ao alveo existe uma fonte denominada *Fonte Santa*: é tradição que são milagrosas as suas aguas para a cura de molestias de pelle, taes como sarna, tinha, lepra, etc., e até para as ulceró-cancerosas. Ha junto á dita fonte os restos d'umas casinholas que indicão haverem servido d'alvergue aos que antigamente alli concorrião a gosar do beneficio d'aquellas aguas salutares.

Do lado do norte, á direita da indicada ribeira, defronte da Fonte Santa, elevão-se umas serranias; é tambem tradição antiquissima que os pastores que alli apascentão seus

rebanhos, na estação invernosa, lhes atirão com pedaços de ouro em vez de pedras. Indo muita vez áquelle sitio, examinei minuciosamente a côr e o som de taes pedras, e achei-as sempre amarellas e sonoras como o rei dos metaes.

Nas faldas e ao abrigo d'aquellas ingremes montanhas, quasi junto á ribeira mencionada, existe um cerrado (cortinha pequena), cujas paredes, de descommunal e enorme altura, revelão haver já affrontado alguns seculos: chamão os habitantes das povoações circumvisinhas áquelle rustico monumento *Casal dos Mouros*, pois dizem lá nos seus cantares que Valle de Marinha foi por elles habitada.

Miguel Antonio Lopes Soeiro (Freixo d'Espada á Cinta).

JUNHO—1.

Desfiladeiro da miragem.—Eis como um official d'Africa narra o que alli lhe acontecera:

«Enviado ao romper do dia para reconhecer um alcantilado desfiladeiro, cortado por horrorosos barrancos, sentei-me no pincaro de um rochedo talhado a pique. O céu cobria-se de vez em quando de uma densa névoa, que me impedia de ver as cumiadas do Djurdjura; o ar estava pesado e carregado de electricidade; sentia-me como que tomado de vertigem; forçoso foi, não obstante, continuar.

«Lançando em redor um olhar, o primeiro objecto que enxerguei foi um homem, como eu collocado em cima de uma rocha elevada, na distancia de uns 60 metros, e que parecia fitar-me com attenção; caminhei, elle caminhou; tinha o uniforme de official do meu regimento; á medida que eu avançava, avançava elle tambem, imitando os meus passos, copiando todos os meus gestos.

«Podeis suppôr qual seria a minha admiração e o meu terror quando, achando-me a pequena distancia d'elle, reconheci que esse homem era eu proprio: estendi os braços para o espectro, que igualmente estendeu os seus para mim: estupefacto, soltei um grito que ouvi repetir-se como um écho.

«Envergonhado de tanta pusillanimidade, desembainhei a espada, o phantasma tambem desembainhou a sua; corri sobre elle, elle correu sobre mim; porém apenas eu dera alguns passos, sumio-se.

«Alguns officiaes meus amigos têem presonceado iguaes factos, e o desfiladeiro da Kabylia, onde apparecem tão extravagantes visões, é por isso denominado *Desfiladeiro da miragem*.»

JUNHO—2.

Porto do bahú.—O rio Parahybuna é um dos grandes e magestosos que regão o grande imperio brasileiro. Corta a provincia de Minas, dividindo-a do Rio de Janeiro. No sitio denominado Ericeira, banhado tambem por elle, existe um logar em que outr'ora se extrahio muito ouro. Aconteceu porém que dando isso origem a sérias contestações entre seus ambiciosos exploradores, Deus os castigou. A grande excavação de que se tiravão centenares de arrobas de ouro, appareceu um dia tapada de areia, frustrando assim as esperanças de muitos que alli julgavão enriquecer, e para esse fim recorrião a todos os excessos. Por tal modo cobrio a areia o logar, dando-lhe a fórma de um bahú, que ainda hoje conserva o nome de *Porto do Bahú*.

Francisco Ignacio Pereira (Fayalense, Juiz de Fóra).

JUNHO—3.

A JARRA DE FLORES.

Não fui eu, gentis florinhas,
Que das basteas vos roubei,
Porém sim que n'esta jarra
Com desvélo vos pousei.

Quiz conservar-vos a vida,
Mas a meus olhos murchais!...
Que o desterro é qual a morte,
Bem claramente o mostrais.

Maria do Patrocinio de Sousa (Porto).

Homens altos.—Um philosopho comparou os homens de estatura elevada e pouco talento com as casas de muitos andares, em que as aguas furtadas são a parte do edificio que tem menos e peór mobilia.



Longevidade dos sabios.—O habito do estudo e os trabalhos da intelligencia não são prejudiciaes á saude senão quando se não sabem conciliar com um exercicio sufficiente das forças physicas e um conveniente regimen hygienico. Não são menos abundantes os exemplos de longevidade entre os sabios e os philosophos, do que entre as demais classes da sociedade. Boerhaave viveu 70 annos; Locke, 73; Galileu, 78; Newton, 85; Fontenelle, 100; Baylle, Leibnitz, Volney, Buffon e outros muitos homens illustres do seculo passado, chegaram á

idade muito avançada. Podem-se citar muitos sabios e eruditos allemães macrobios. O professor Blumenbach morreu ha pouco tempo de 88 annos de idade, e o doutor Olbers, o célebre astronomo de Bremen, era já tambem octogenario quando falleceu.

JUNHO — 5.

Cathedral de Cordova. — Foi construida por Abderam I no século VIII. É um dos maiores templos do culto



c…olico e o maior dos monumentos mouriscos de que haja m…oria. Aqui damos a frente d'essa obra monumental.

QUEIXUMES DE AMOR.

J'aime, je souffre et je garde le silence.

* * *

Não tenho no mundo um ente,
Que me afague docemente
Nos transes da minha dor;
Achei só n'elle torturas,
Mil magoas, mil desventuras,
Vida cruel de amargor:

Não tenho a quem o meu canto,
As minhas trovas, meu pranto,
Possa sem medo offertar!
N'este mundo tormentoso
Calix amargo é forçoso
Por toda a vida libar!

Foi-me vedado esse seio
Onde a mulher sem receio
Pende a frente, ebria de amor!..
Do homem jámais um riso
Me deu n'alma o paraiso,
Me deu ao peito calor!

Não tive uns olhos bondosos,
Que trocassem, carinhosos,
Seus sorrisos pelos meus!...
Não tive a voz de um amante,
A dizer-me, delirante:
«Os meus affectos são teus!...»

E achei, em vez de carinhos,
Pesada c'rôa de espinhos,
Sem uma esp'rança de amor;
E em meu céu nem uma estrella,
A brilhar pura e singella,
Mesmo com curto fulgor.

Nem achei em toda a vida
Uma esp'rança, que nascida,
Fosse em meu peito crescer:
E o marco, por que anhelava
Quem da vida nada esp'rava,
Jámais o vi appar'cer!...

E cheguei então á praia
Aonde a vaga se espraia
Pedir ao céu menos dor!...
E os rochedos só falaram,
Que nem os céus escutaram
Os meus queixumes de amor!...

D. M. Emilia de M. (Coimbra)

Conquista do fundo do mar.—Os sinos de mergulhar foram bom invento, mas são dispendiosos e de mui difficil maneio. O chamado *tritão* mereceu tambem louvores e tem seu prestimo: no tritão andava porém o explorador submarino em demasia tolhido. No anno de 1857 apresentou o francez *Jean Jacques Daudurand* cousa que desbanca todos quantos tritões e sinos póde haver. O seu apparelho já no decurso do inverno anterior fôra por muitas vezes experimentado no Sena, em Paris, com optimo exito; mas para a devida sanctificação, e para bem lhe quadrar o nome de *salvador*, carecia ainda de baptisado com agua salgada. Em Junho d'aquelle anno lá o foi com effeito no Havre, d'onde sahio triumphante, abonado da opinião publica, e com todos os requisitos para sancção official. São por alli as aguas marinhas vivas e turbulentas, o fundo aparcellado e desigualissimo, as correntes contradictorias e confusas; não obstante, com o tal apparelho desceu um homem até á fundura de trinta pés, e lá esteve um quarto de hora sem se humedecer nem levemente; logo depois desceu outro uns 40 a 50 pés, com a mesma limpeza; e por derradeiro se engolphou outro por um abysmo de 78 pés, não diremos com a mesma frescura, mas igualmente livre de frescura.

«O que mais encanta n'esta invenção — diz um jornal d'aquella cidade — é ver o mergulhador, liberto de toda aquella immensa tramoia, tão perigosa, de capacetes, de couraças, de mascaras e de calafetos, que ainda ha pouco alli no Havre pregaram com um pobre inventor em vasa barris. Com a obra de *Daudurand* é outro cantar. Cá o amigo agarra o touro, como dizem, pelas pontas. Que ao embravecer de repente o mar, se tope lá por baixo com uma corrente imprevista ou um penhasco inesperado, de tudo zomba; e (grande maravilha, em que havemos de martellar, pois n'ella vai muito á vida de um homem) quando o mergulhador, por qualquer motivo, deseja vir ao de cima da agua, para logo a es-

pecie de campana que o cobre da cabeça até aos hombros, lhe ministra infallivelmente ar livre.»

Não poucos são os thesouros que o mar encerra no fundo; uns originariamente seus, outros legados pelos naufragios: os imitadores de *Daudurand* de hoje em diante lh'os irão roubar; não como quem bebe um copo d'agua, mas sem beberem nem um gôlo.

A descripção do precioso apparelho não se publica ainda, em rasão de ser por ora a invenção propriedade do author.

JUNHO—8.

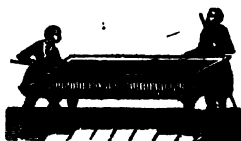
Benzina.—É um liquido incolôr, de cheiro bastante activo e empyreumatico, composto de carbonio e hydrogenio, que se obtem distillando o acido benzoico sobre cal viva. Apenas servira até hoje para tirar nodoas; acaba porém de se descobrir que pódem com elle ser instantâneamente destruidos os microscopicos bichinhos que originão a sarna.

Foi devida esta descoberta ao Dr. Barth, o qual observou que a benzina asphyxiava immediatamente uma mosca ou pulga, e por isso a empregou tambem contra esses animalinhos parasitas que tanto abundão nas cabeças das creanças, sendo tambem rapido o effeito que n'elles produzio. No fim d'um minuto achava-se limpa de mais d'um milheiro dos taes insectos a cabeça d'uma camponeza, sem que do remedio lhe sobreviesse o menor incommodo, nem lhe cahisse o cabello, nem lhe ficasse alteração alguma na pelle do casco. O mesmo resultado se deu em varios animaes, sem que se lhes notasse differença no pêllo.

É este o modo de applicar o remedio aos sarnentos: esfrega-se primeiramente o logar atacado com um panno secco, e quando a pelle se acha um pouco vermelha com a fricção, applica-se-lhe immediatamente aquella substancia. O contacto produz uma forte sensação de calor nos pontos atacados, mas é um momento emquanto a sarna desapparece.

É vulgar a benzina nas fabricas de productos chymicos.

Jogo do bilhar.—É antiquissimo e foi o entretenimento favorito dos soberanos da dynastia de Valois, em França. Estava Carlos IX a jogar o bilhar no dia da matança de S. Bartholomeu *(A. 51, 24 d'Agosto)*, quando lhe foram dizer que os protestantes atravessavão o rio a nado para se evadirem; foi um momento em quanto o *pai do povo* largou o taco para pegar n'uma clavina, e fazer fogo, quasi á queima roupa, contra aquelles infelizes. Ainda hoje se vê nas Tulherias, e qual era n'esse tempo, a janella por onde atirava para o rio o filho da perversa Catherina de Medicis.—O ministro Chamillard foi célebre, no tempo de Luiz XIV, por sua pericia ao bilhar, o que lhe valeu o seguinte epitaphio:



Ci-gît le fameux Chamillard,
De son roi le protonotaire,
Qui fut un héros au billard,
Un zéro dans le ministère.

(A. 51, 5 de Junho e 14 d'Agosto, A. 53, p. 212, A. 54, p. 261, A. 57, p. 302.)

JUNHO — 10.

Escada admiravel.—Se fordes um dia á Vizeu, pedi que vos conduzão ao seminario, situado no edificio que foi dos Nerys, e encontrareis um prodigio de architectura: é uma escada que leva aos tres andares de que o edificio se compõe, formada de degráus de pedra, postos uns sobre os outros, mas com a singularidade de que só o primeiro é firmado no chão junto á parede e o ultimo se acha igualmente encostado á parede opposta, ficando os outros desamparados de todos os lados, e com tal solidez que têem durado seculos.

Batalha de Marengo.—É Marengo hoje em dia uma pequena herdade, a uma legua apenas d'Alexandria, e situada n'uma immensa planicie, memoravel nos fastos militares pela batalha que os francezes, commandados por Napoleão, então 1.º Consul, ahi travaram com os austriacos, á 14 de junho de 1800: ficaram victoriosas as suas armas, e isso decidio da sorte da Italia, pois d'ahi se seguio ficarem o Piemonte e a Alexandria pertencendo á França.

Por 120,000 francos, ou 21:600$000 réis, se vendeu agora o campo em que se deu a célebre batalha. Um italiano o adquirira ha já muito e alli consummira sommas fabulosas. Mandou levantar, no sitio onde existira uma estalagem em que Napoleão pernoutara, e d'onde arrogantemente dictara as suas condições de vencedor ao Imperador d'Austria, mandou ahi levantar, dizemos, um sumptuoso palacio e um museu, em que se vião pintados ou esculpidos todos os episodios da batalha, e em que se reuniram destroços de toda a qualidade colhidos no campo. No palacio se acha incluida aquella estalagem com os seus moveis, a cadeira em que o Imperador se sentou, a mêsa sobre que escreveu o seu *ultimatum* aos vencidos, o tinteiro, a penna etc. Vê-se mais adiante um poço, de cuja agua bebeu Napoleão, e a capella em que jazem os restos mortaes dos que morreram na acção.

Tudo isso foi vendido por aquella insignificante quantia!...

Tencionava Napoleão mandar alli construir uma cidade, que se denominaria *Victoria*, em commemoração da que alli alcançara, e a que, entre todas, deu maior apreço.

CHARADA XV.

Sou bem como o creador... 2
S. Thomé faz ás avessas... 2
Comigo venha ajustar-se
Quem quizer fazer remessas.

Anonymo Charadista.

João do Ó. — Quantos ouvirão este nome pela primeira vez! é todavia o de um portuguez distincto; o de um portuguez que nos honra, e que por isso cumpre fazer conhecido áquem e álem-mar.

Não se trata d'um litterato, d'um poéta, d'um artista, d'um valente militar, d'um homem ennobrecendo-se, emfim, n'uma alta posição, ao serviço da patria, mas de um obscuro e humilde operario, unico porém na sua especialidade, e que difficilmente será excedido.

João do Ó foi um simples canteiro.

Disse que se não tratava de poéta ou artista: enganei-me; o escopro foi a penna com que escreveu as suas poesias, foi o buril com que gravou obras d'arte delicadissimas.

Se o duvidais, ide ver a copia por elle feita d'uma janella da Alhambra em Granada, copia que em mimosissima obra de cantaria está ornando a porta que dá para o páteo do castello da Pena, ou Penha, em Cintra; ide, sim, e ficareis attonitos ao ver aquelle arrendado, aquelle mimo de execução, aquelle primor artistico, de continuo admirado por nacionaes e estrangeiros. Eu propria, que tantas vezes o tenho visto, e estou vendo, nunca passo por aquella digna entrada do paraiso cá da terra, sem me inclinar mentalmente ante a magestade do genio d'esse obscuro e desconhecido operario!...

Servio João do Ó como soldado até á constituição de 1820, anno em que deu baixa: desprovido de bens da fortuna, foi aprender a canteiro na escola do palacio da Ajuda, e ahi trabalhou até que El-Rei o Senhor D. Fernando mandasse dar principio ás obras na Pena, para onde foi, e onde se conservou até o anno de 1845, em que falleceu.

Falleceu, não digo bem, vivirá sempre a sua memoria nas obras immortaes com que dotou a sua patria *(A. 57, p. 285)*.

Paço das Necessidades, 12 de Junho de 1858.

Dona H. C. d'O. e A.

Santo Antonio de Padua. — «Levante Padua glorioso mausoleu ás sagradas reliquias de Antonio, e veja-se esculpida nas quatro fachadas d'elle a obediencia dos quatro elementos sujeitos a seu imperio. A terra com os animaes prostrados, o mar com os peixes ouvintes, o ar com as tempestades suspensas, o fogo com os incendios parados. Pendurem-se nas pyramides por trophéus os despojos innumeraveis de sua beneficencia, as bandeiras dos vencedores, as ancoras dos naufragantes, as cadeias dos captivos, as mortalhas dos resuscitados e dos enfermos de todas as enfermidades, os votos. Dispa-se a fama, para fazer cortinas a este sacrario, bordadas (como fazia a antiguidade) de olhos, de linguas e de orelhas; das orelhas com que deu ouvidos a tantos surdos, dos olhos com que restituio a vista a tantos cégos, das linguas com que desimpedio a fala a tantos mudos. E por alma de todo este corpo milagroso, veja-se (como hoje se vê) e adore-se em custodia de cristal a mesma lingua de Antonio, depois da morte, viva; antes da resurreição, resuscitada; apesar da terra, incorrupta; apesar das cinzas, inteira; apesar da sepultura, immortal; e apesar dos tempos, eterna.»

P.^e *Antonio Vieira.*

JUNHO — 14.

Plantas inodóras. — Curiosa é a descoberta que acaba de fazer um horticultor italiano. Assevera elle que toda e qualquer planta inodóra póde adquirir o aroma que se quizer. Basta para isso pôr d'infusão n'uma essencia tirada da flôr cujo perfume se trata de transmittir, a semente ou raiz da planta, fazel'a seccar depois, e semeal'a ou plantal'a. Nada ha mais facil de verificar: pedimos a quem porventura o faça, nos communique o resultado — Poucos se embaração com taes recommendações.



CHARADA XVI.

A materia d'este livro
Tal impressão em mim fez,
Que só segunda leitura
De todo me satisfez. 2

Como aos filhos de Titan
Sem isto se chamaria?. . 1
E o reino de Sião
Como se terminaria?. . . 1

O potente que as riquezas
Em catastrophes perdeu;
O nauta que devorado
Se vê por negro escarcéu;

A consorte que o marido
Entre dores vê finar;
O pobre que n'umas palhas
Vai na penuria acabar;

Todos, em fim, se nos vemos
Em tormentosa afflicção,
N'esta mãi, dôce, extremosa,
Achamos consolação.

José Victorino Pinto de Carvalho (Santa Cruz).

Turaqué.—É o nome de um peixinho que tem a propriedade de paralysar por algum tempo qualquer parte do corpo em que toque, tornando-se por isso perigosissimo nadar nos rios em que habita.

Desconfia-se que no Guajará (rio que banha a cidade de Belem, capital da provincia do Grão-Pará) existem d'estes peixes; pelo menos a isso se attribue o terem alli desapparecido optimos nadadores. *O. G.* (Pará)

Tal pai, tal filho.—Ao transitar a cavallo por um olival certo individuo, foi acomettido por um touro, tratou de trepar para uma oliveira, e ao deixar o cavallo em baixo, exclamou, apontando para elle: «Não, lá isso, morrer por morrer, morra meu pai que é mais velho!...»

A penha de Muxagata.—Ha n'esta povoação do concelho de Fornos d'Algodres uma penha bastante sahida da terra e com a frente lisa; têm dous lados, e por cima outras penhas bastante grandes, que fórmão uma especie de gruta impenetravel ao sol e á chuva: se em tempos calmosos e sêccos apparece no meio da dita penha certa malha humida e parda, é signal certo de chuva, o mais tardar dentro em tres dias; se pelo contrario o tempo está chuvoso e a malha desapparece, ha com toda a certeza mudança para bom tempo, tambem no mesmo curto espaço de tres dias! Isto serve de barometro aos habitantes.

JUNHO—17.

UM CONSELHO

POESIA OFFERECIDA Á EX.MA SR.A D. R. P. DE S.

Eu quero, donzella, dar-te
Um conselho não pedido,
Mas dou-t'o por ser nascido
Do fundo do coração;
E o que o peito nos ensina
Acaso deve occultar-se,
E só n'elle sepultar-se,
Para sempre...? oh! isso não.

Donzella, toma o conselho,
E tu verás no futuro,
Quão util e quão seguro
O caminho te mostrei:
Se viver feliz quizeres
No regaço da ventura,
Não o esqueças, pois é pura
A tenção com que t'o dei.

Donzella, foge p'ra sempre
Do bulicio da cidade;
Não queiras, em tal idade,
Inexperta lá viver:
D'ouropel o falaz brilho,
Que os olhos seduz, que mente,
Vem depois, e de repente,
Tal qual é apparecer.

Lá tudo parece bello,
Mas occulto está veneno,
Que ao mais brando, leve aceno
Vem no meio penetrar!!...
Tudo lá semelha a rosa,
Em que o áspide escondido,
Vem ferir, enfurecido,
Novel mão que a vai tocar!!...

Não creias, virgem, não creias
N'aquellas mentidas falas,
Que da cidade nas salas
Diz mancebo adulador:
Não creias mentidos votos,
Não dês incautos ouvidos
A protestos, que fingidos
Fazem crêr fingido amor!!

Oh! vem, os doces encantos
Gozar dos campos virentes,
Gozar gozos innocentes,
Sem ter males a carpir:
Oh! vem... a cidade deixa...
Vem viver entre as zagallas,
Que as suas mui castas fallas
Não sabem inda mentir!!!...

Donzella, esquece a cidade;
Esquécendo-a, tu me provas
Que ás minhas singelas trovas
Prestaste alguma attenção:
Oh! vem na paterna casa
Viver da mãi entre os braços,
E prendão-te só os laços
Do sangue e do coração...

Antonio Pereira Ferraz Junior (Felgueiras).

JUNHO—18.

S. Roque e S. Diogo.—Ha, proximo a Loures, uma ermida dedicada a S. Roque e em que tambem se venera S. Diogo.

Quem tem um filho com usagre (que é uma especie de sarna), leva-o alli, despe-o, faz uma cova no chão, mette dentro o fato do enfermo, e isso, combinado com certa lavagem n'um poço visinho, o cura para todo sempre da molestia.

S. Diogo tem outra applicação: quem tem fastio, vai-se ao santo, tira-lhe uma lasca, faz chá com ella, bebe-o, e volta-lhe immediatamente a vontade de comer. O que n'isto ha de mais certo, é que o santo, a principio gordo e anafado, está hoje magro e rachytico. Não lhe bastou ser martyr antes de morrer, devia continuar a sel'o tambem depois!

Luiza Maria...

Relogio monstro, ou folhinha brasileira.—O sr. José de Souza Luz, natural da cidade de Guimarães, em Portugal, residente n'esta cidade de Santos, provincia de S. Paulo e Imperio do Brasil, acaba de fabricar um relogio para sala, cuja descripção deve figurar no livro mais popular que em terras portuguezas e brasileiras se publica—o *Almanach de Lembranças*.

A quadratura d'este relogio trabalha em 19 rodas, contendo: 1.º A lua, que apparece quando nova, em quarto crescente, cheia e no quarto mingoante, sem discrepar um só segundo das horas em que tem suas phases. 2.º O movimento do sol e da terra. 3.º Dias da semana. 4.º Festas moveis até o anno de 1887. 5.º Dias do mez. 6.º Dias santificados e de gala no Brazil. 7.º Demonstrações dos annos bissextos. 8.º Horas. 9.º Segundos simples e segundos mortos.

O mostrador, que é de ferro, tem de largura 30 polegadas e 42 de altura. Trabalhão no centro d'elle 10 ponteiros, e tem 8 mostradores pequenos, os quaes são representados por pintura, assim como a lua, o sol e a terra, tendo porém estes um giro continuo. O machinismo é todo de latão e aço, e o relogio com escapamento de cavilhas.

Repete as horas todas as vezes que bate meia hora; por exemplo, quando são 10 horas e meia, bate meia hora, e em seguida dá as 10. O sol tem seu apparecimento ás horas em que deve nascer, e quando chega ao seu zenith dá o relogio meio dia; declina depois até que se recolhe. Tem corda para mais de oito dias.

O author é hoje relojoeiro, pela sua habilidade e pratica, pois nunca aprendeu esta arte; porém suas obras se tornão recommendaveis pela perfeição com que são feitas, e já por aquella peça lhe forão offerecidos 1:500$000 réis.

José Joaquim de Sousa Airam (Santos).

Recahiria optimamente em tão distincto merito um testemunho da regia munificencia!...

O Bigamo e o Juiz.—Accusado um homem de bigamia, ante o tribunal de Versalhes, entre o juiz e elle se travou o seguinte dialogo:



Juiz: Então quantas mulheres tem vossê?

Bigamo: Não tenho senão uma.

Juiz: Mas eu tenho aqui duas certidões de casamento suas; e não só vm.^{ce} casou com 2.ª mulher, tendo a 1.ª ainda, mas até está vivendo com ambas ao mesmo tempo.

Bigamo: Ó sr. Juiz, V. S.ª é casado?

Juiz: Sou, sim sr.; porque?

Bigamo: E como chama V. S.ª á sua mulher? não lhe chama a sua cara metade?

Juiz: Chamo sim.

Bigamo: Pois tambem eu; ora, quantas metades fazem um todo? duas; logo eu, vivendo *com duas caras metades*, não vivo senão com *uma só* mulher. A cousa está clara!...

Foi por estar clara que o mandaram para uma prisão escura, onde nenhuma das metades lhe foi fazer companhia.

Gruta de Condeixa.— Foi ha muito descoberta, proximo a Condeixa, uma gruta em que havia arbustos, raizes, e dous corpos humanos, petrificados, que manifestavão a apparencia de um somno profundo. Foi feita essa descoberta por vandalos que tudo despedaçaram, e apenas existem hoje fragmentos d'aquellas preciosidades.

AS QUINAS.

Salve! Quinas gloriosas
Do meu nobre Portugal!
Salve! memorias saudosas
D'esse estandarte real!
Foi lá, no campo d'Ourique,
Que o grande filho de Henrique
Tua existencia firmou,
E que pela vez primeira
Em ti a Europa guerreira
Attentos olhos cravou!

Foi alli que o Rei soldado,
Entre os vivas da victoria,
Ao teu escudo bordado,
Para perpetua memoria,
As cinco chagas juntou;
Pois se a batalha ganhou,
Foi por celeste favor:
É sagrada a tua origem,
Por ti véla a Santa Virgem,
Véla por ti o Senhor!

Quando o clarim musulmano
Soltou a voz desabrida,
E o velho Rei castelhano
Julgou a c'rôa perdida,
Tu voaste apresurado,
E nas margens do Salado,
Ao teu raiar alvejante,
Perde o mouro a liberdade,
Sorri toda a christandade,
E tu ficas triumphante!

Depois de vida tão bella,
E longos annos passados,
Quer o sceptro de Castella
Ver os teus brios provados:
Nega que João primeiro
Possa de ti ser herdeiro,
Mas em completa derrota
Vai seu desdouro occultar,
E tu ficas a brilhar
Nos campos d'Aljubarrota!

Já no solo portuguez
Não retine o yatagan;
Só lá em Tanger e Fez
Se esconde a raça d'Islam:
Treme Ceuta, treme Arzila,
Que já pelo mar fuzila
De Zarco o novo canhão!
E em breve o mestre d'Aviz
Te irá domar a cerviz
Á sombra d'este pendão!

Salve, outra vez, ó bandeira
D'essa terra lusitana!
Tu vais ser aguia altaneira
Em toda a plaga indiana!
Já tens a Africa sujeita,
E por ser esphera estreita
A costa que se derrama
Desde o cabo Tormentorio,
De Ceylão no promontorio,
Te erguerá Vasco da Gama!

Tu vais romper a cortina
Que esconde o rico Oriente;
Vais espalhar a doutrina
Do Senhor Omnipotente!
De Melinde a Cananor,
Malaca, Diu e Timor,
E até o reino do Ormuz,
Tudo a teus pés se curvou,
E a Abyssinia escutou
A santa lei de Jesus!

A este feito espantoso
Deve seguir-se outro igual!
Ao novo mundo formoso
Aportou Pedro Cabral:
Esta immensa região
Troca o preceito pagão
Pela verdadeira luz,
Pois até será chamada
Pela forte gente ousada
A Terra da Santa Cruz!

Foste açoute d'inimigos,
Quando erão traiçoeiros,
E protectora d'amigos,
Se fieis e verdadeiros:
Este praser de servir
Levou-te a Alcacer-Quibir,
Onde captiva ficaste,
E depois a dura Hespanha,
Menos por força que manha,
Cortou-te a rigida haste!

Nova era se remonta,
E o guerreiro Portugal
Vingou-se d'aquella affronta
Em Montijo e Louriçal;
E os portuguezes preclaros
Mostraram em Montes-Claros
O mesmo antigo poder,
E todo o mundo assombrado,
Por toda a parte arvorado
De novo te torna a vêr!

Entre as hostes alliadas
Da guerra peninsular,
Viram-te em lides ousadas
Nos Pyrineus tremular:
Vencedora em Badajoz,
Ou em Albuera apoz,
De Pamplona os tropheus
E os de São Sebastião
Levas ao som do canhão
A Tolosa e a Bordeus!

Inda tem rivalidades
Quem mil batalhas ganhou,
E quem reinos e cidades
Por tantas partes creou!
Bate, formoso pendão,
Nas auras d'essa amplidão;
Faz tua gloria crescer;
As azas no mar sacode;
Não deve, nem mesmo póde,
Quem é divino morrer!

Francisco Gonçalves de Medeiros Branco (Pará).

Cidade naval.—Todos sabem que ha na China cidades construidas de barcos e de casas assentes sobre estacas, onde familias inteiras nascem, vivem e morrem, sem terpisado uma só vez a terra. D'estas, talvez a mais curiosa era a visinha de Cantão, situada sobre o rio Tigre, brilhante de pagodes, de prostibulos, de jardins suspensos, e sobre tudo de movimento, de ruido galhofeiro, de vida. Nunca scena



mais deslumbrante se apresentou de certo aos olhos de nenhum europeu do que o espectaculo maravilhoso que se gosa em um passeio nocturno por aquellas ruas, praças e travessas aquaticas, rescendendo ao aroma da laranjeira, flanqueadas de porticos dourados, illuminadas por balões de mil côres.

Que será feito d'esta cidade das *Mil e uma noutes?* Deixarião os inglezes, não pedra sobre pedra, mas madeira sobre agua, no logar em que, ha poucos annos, visitámos aquella povoação?

É de crer que fosse reduzida a cinzas, e que nem as cinzas pousem no logar que foi cidade, porque a impetuosa corrente do rio as terá levado ao oceano, e ás praias de Wampu e da ilha do Tigre. *F. M. B.*

JUNHO—23.

Cabritos municipaes.—Entre os véreadores da camara municipal de Londres e o seu presidente *(lord maire)* se travou ha dias esta conversa:



Lord maire.—Tenho que chamar a attenção da camara para uma questão de privilégio. É costume antigo mandar a corôa todos os annos oito cabritos montezes ao lord maire; viramnos este anno os senhores véreadores? pois nem eu!... apesar de os ter reclamado *(Riso)*.

Um véreador.—Não se admire v. s.ª; tambem eu nunca recebi em quanto fui *sheriff* os cabritos a que tinha direito *(Riso)*.

Outro véreador.—Ninguem ignora que todos os véreadores dão o cavaquinho por caça *(gargalhada geral)*; é pois uma barbaridade prival'os d'este acepipe *(Riso)*. Uma boa idéa!... Costuma esta camara fornecer as librés aos funccio-

narios do estado; uma vez que nos levantão á cesta com os cabritos, deixemo-nos de ceremonias, e os funccionarios que se vistão como quizerem *(Hilaridade geral)*.

Lord Maire.—Aqui está tambem o senhor archivista que se queixa de nunca lhe terem mandado os seus cabritos, apesar de os haver cincoenta vezes reclamado: é um abuso com que esta camara se não deve conformar.

Archivista.—Não se trata aqui, senhores, d'um privilegio, mas do direito expresso e formal que tinhão outr'ora os cidadãos de Londres de caçar nas tapadas reaes, direito que foi supprimido, sob a condição de que aos véreadores fosse dada certa quantidade de caça. Já vêem pois, senhores, que a faculdade de só poder o chefe do estado caçar alli, caduca uma vez que se viole a condição em que se funda. Insistamos pois, senhores, pelos nossos cabritos.

A corôa respondeu que tomara ella mais.

JUNHO — 24.

Festa dos cavalleiros em Obidos.—Nossos pais não forão escravos tão apouquentados como por ahi diz muita gente: se não se divertião com revoluções, assembléas eleitoraes, discussões parlamentares, periodicos, e outras cousas d'este genero, que tanto recreião a gente da nossa idade, tambem tinhão os seus divertimentos, e por signal que muito mais *confortaveis* para a vida. Apresentemos a descripção de um: a *Festa dos cavalleiros em Obidos*.

A camara d'esta villa, padroeira do convento de *S. Miguel das Gaeiras*, situado a um quarto de légua d'ella e pertencente aos religiosos arrabidos, costumava ir collocar todos os annos o estandarte municipal na igreja do referido convento, em comprovação da sua regalia, practica que durou até á invasão dos francezes. Fazia-o da fórma seguinte: na vespera do dia de S. João, os camaristas vinhão á praça da villa, acompanhados do seu presidente, vestidos todos de capa e volta, com chapéus enfeitados de plumas brancas, e montados em cavallos

bem ajaezados. O estandarte tremulava na frente, desfraldado aos ares. Achando já alli reunidos, e montados da mesma sorte em cavallos enfeitados segundo o gosto de cadaum, todos os cavalleiros da villa e concelho, começava a cavalgata, indo o alcaide á frente, seguindo-se os cavalleiros em duas alas, e depois o corpo municipal com todos os empregados publicos. Chegados ao convento, collocado o estandarte na igreja, feita uma curta oração, e comprimentados os religiosos, regressavão á villa. Entrando n'ella, davão tres voltas pelas ruas principaes, uns correndo a toda a brida, outros caracolando, outros conservando o passo aconselhado pela sua idade. No dia de S. João pela manhã, nova cavalgata ao convento, na mesma ordem da vespera. Ao chegar lá, depois de entrarem na igreja e de tornarem a orar, passavão a divertir-se pelas sombras da matta, a colherem flores no jardim, e a desalterarem-se com a preciosa agua da mina, sempre acompanhados pelos religiosos, que então ainda erão respeitados e amados como *frades,* ou irmãos. Á hora competente, tomavão um refresco preparado por estes e ajudado com uma propina da camara. Á tarde, tornando a ir á igreja, orando, tomando o estandarte que alli ficara na vespera, e despedindo-se dos religiosos, marchavão para a villa, trazendo capellas de flores enfiadas nos braços, nas mãos cucurutos de canas verdes e ramos dos freixos seculares que alli existem ainda como monumento da antiguidade d'aquella fundação religiosa, e davão, transpondo a sua porta mourisca, as mesmas voltas da vespera. Á cavalgata terminava, despedindo-se os cavalleiros na praça do corpo municipal, e indo cadaum para sua casa (que achava cheia da gente que não cabia nas janellas) a entregar as capellas ás pessoas da sua maior affeição, contar anecdotas da festa, e celebrar a vespera e o dia de S. João.

A sociedade é certo que não marchava com isto para diante, mas deixava-se ir n'um agradavel remanso. Faz dó, ou saudade?!... É pena que a liberdade não seja menos fogosa, e que não reuna ao util do presente o confortavel do passado!...

Francisco Raphael da Silveira Malhão (Obidos).

JUNHO—25.

NOITE DE PRIMAVERA.

Noite de primavera!
oh noite de harmonia!
por ti nas almas gera
amor sons de poesia!
Ri, pendido no muro, o jasmineiro em flor;
ao fundo do jardim, todo envolto em verdura,
rescende o laranjal, se embalança e murmura;
e talvez que entre si medite em Vós, Senhor.
Oh! porque não terão
as arvores bemditas,
que albergue e fructos dão
ás vossas avesitas,
um coração que falle á tarde ao arrebol,
quando toda é saudade e canto a natureza?
á aurora que é doçura? ao luar que é tristeza?
e se aquente, e se anime, á luz do grande sol?!
Nas abas da ermidinha,
aos pés sombrios do álamo,
á soidão montezinha
alegra a voz do calamo,
que, mixta co'o silencio, enleva os corações.
Noite de primavera! oh noite de harmonia!
Se por ti gera amor n'alma sons de poesia,
infunde o ceu por ti fervor nas orações.

Julio de Castilho.

JUNHO—26.

Os nossos defeitos.—São sombras que augmentão na mesma proporção em que vai declinando o sol de nossa prosperidade.

Daguerreotypo.—É um apparelho destinado a fixar sobre corpos sensiveis á luz as imagens formadas por lentes convergentes n'uma camara escura.



Foi o chymico suéco Scheele, quem reconheceu, em 1770, que o chlorureto de prata (formado pelo gaz chloro e por prata) escurecia debaixo da influencia da luz; aproveitando-se d'esta propriedade, chegou a obter a reproducção de gravuras, mas que álem de outros defeitos tinhão o de só poderem conservar-se na obscuridade, por ennegrecerem completamente e desapparecerem quando expostas á claridade.

Em 1839, e no fim de dez annos d'estudo, conseguio Daguerre fazer com que as imagens uma vez formadas ficassem insensiveis á luz, e não houvesse n'ellas a inversão de claro e d'escuro que se notava no methodo de Scheele.

O processo de Daguerre consta de cinco operações principaes: 1.ª, brunidura da chapa de cobre revestida de prata sobre que se deve formar a imagem; 2.ª, deposição da *camada sensivel* sobre a chapa, isto é, da substancia que a faz impressionavel á luz; 3.ª, exposição da chapa na camara escura á acção dos raios luminosos; 4.ª, exposição da chapa aos vapores mercuriaes que fazem apparecer a imagem; 5.ª, finalmente, a fixação d'essa imagem.

É com bonecas d'algodão em rama molhadas em alcool e polvilhadas com tripoli que se esfrega a chapa, polindo-se em seguida com *ruge* e por meio d'um brunidor de couro: depois de bem alisada, mette-se n'uma caixa rectangular, onde se deixa dous minutos, pouco mais ou menos, exposta aos vapores do iodo; conhece-se que está convenientemente preparada quando toma a côr de ouro e se avermelha nos bordos; feito isto póde-se empregar na reproducção de paisagens, mas ainda

não para tirar retratos, por serem necessarios oito a dez minutos para a impressionar: afim d'evitar esta demora submette-se a chapa aos vapores d'uma dissolução aquosa de bromio ou de bromureto de calcio solido, durante cêrca de trinta segundos, ou d'um minuto, até que tenha tomado a côr vermelha carregada sem passar á rôxa; torna-se então a expor por um minuto á acção dos vapores do iodo. Todas estas operações devem ser feitas n'um logar escuro, mettendo-se depois a chapa n'um quadro de madeira, e cobrindo-a do lado prateado com uma tampa tambem de madeira que possa escorregar entre corrediças. Segue-se leval'a para uma camara escura portatil, a que ordinariamente se dá o nome de *daguerreotypo*, e que se compõe de duas partes, uma fixa e outra movel, prendendo-se áquella um tubo de cobre onde está a objectiva, que é uma lente convergente e achromatica, posta em movimento por meio d'uma haste dentada e d'uma rodinha tambem dentada. Querendo-se tirar um retrato faz-se sentar a pessoa a 4 ou 5 metros da objectiva, collocando-se a chapa no foco e sujeitando-a á luz por espaço de 8 até 50 segundos, conforme fôr a objectiva, a preparação da camada sensivel, e a intensidade dos raios luminosos: formar-se-ha então a imagem invertida.

Se a acção da luz tiver sido excessivamente prolongada, sahirá branca a imagem; mostrar-se-ha negra se a exposição houver sido curta em demasia. Leva-se depois a chapa para um quarto completamente escuro, onde, dispondo-a com a inclinação de 45° na parte superior d'uma caixa propria de madeira e que tem no fundo uma cavidade com mercurio, se sujeita aos vapores d'este metal, que sendo aquecido por meio d'uma alampada d'alcool, se vai depositar em gottinhas nas partes que foram fortemente esclarecidas, formando-se alli um amalgama de prata e de mercurio (isto é, uma liga d'esses metaes), d'onde resulta ficarem brancas essas partes, passando as outras a tomar uma côr escura. Para depois fazer desapparecer a côr avermelhada ou arroxeada com que fica a chapa, especialmente nos logares assombreados, lava-se n'uma dissolução de hypo-

sulfito de soda. Segue-se a operação final que tem por objecto fixar a imagem, o que se consegue, mergulhando a chapa n'uma dissolução fraca de chloruneto d'ouro e de hyposulfito de soda. *Alexandre Magno de Castilho Junior.*

JUNHO — 28.

Mossamedes.—É uma nascente villa, assente em uma vasta planicie arenosa, que se desenvolve no fundo da linda e espaçosa bahia do mesmo nome. Não ha vegetação alguma na povoação; a uns 3 quartos de legua porém estão as denominadas *hortas*. Os transportes são alli effectuados por bois que fazem todo o serviço, incluindo o de cavallos. Eu mesmo já andei em alguns, e não desgostei do passo; o trote, comtudo, é demasiado incommodo.

Estabeleceu-se, ha pouco tempo, na *Huilla* (distante 5 dias de jornada) uma caudelaria, que é d'esperar que prospere, em consequencia das bellissimas e abundantes pastagens alli existentes.—Foi tambem n'este ponto que se fixou a colonia, não ha muito, vinda de Lisboa, e que até ás ultimas noticias dava as melhores esperanças de vir a florecer.

É de crêr que Mossamedes, attenta a sua salubridade, venha a ser, em remotó futuro, competidora da capital do reino d'Angola, a mais importante de nossas provincias ultramarinas.

Eduardo A. P. de Balsemão e Sá Nogueira (Loanda).

JUNHO — 29.

O presente e o futuro.—Casava-se uma rapariga só por interesse e nada mais. Levou-lhe uma modista, por ordem do noivo e na vespera das bódas, uma grande caixa em que ia um riquissimo enxoval; e como não podesse a noiva disfarçar a alegria que lhe causavão todas aquellas preciosidades, maliciosamente lhe disse a modista: «*V. Ex.ª, pelo que vejo, gosta mais do presente que do futuro!*»

Francisco de Paula Barbosa Nogueira.

Diamante bruto.—Era conhecido o afamado sir Isaac Newton pelo seu genio brando e pela força com que domava as primeiras impressões. Tinha elle um cão, por nome *Diamante,* que havia sido companheiro fiel, posto que mudo, das sabias investigações de seu dono. Succedeu um dia ficar o cão só no gabinete; e como era travêsso, fez tombar uma vela accêsa, e pegou fogo n'alguns papeis importantes em que se achava o fructo de muitos annos de trabalho. Depois de reduzidas a cinzas aquellas preciosidades scientificas, entrou Newton, e vendo com grande magoa tanto estrago, apenas soltou esta exclamação: «Ah! Diamante, Diamante, mal sabes tu o damno que fizeste.»



Por muito menos se tem visto espancar desapiedadamente a infancia.

Quem sabe se a não ser o tal diamante se não acharia hoje a sciencia muito mais adiantada!...

Taverna meritoria.—Assim chamavão os romanos a uma casa, ou asylo, onde se acolhião os soldados velhos e enfermos que valorosamente havião servido a patria, e que até o fim da vida alli erão sustentados á custa do povo.

É de antiquissima tradição que Deus Nosso Senhor, no dia do seu nascimento, assignalou aquelle sitio com um estrondoso milagre, apparecendo alli inesperadamente uma fonte, que todo o dia e toda a noute lançou azeite, em vez d'agua, com tanta abundancia, que chegou ao rio Tibre.

Acha-se hoje aquella casa transformada em igreja, denominada *Santa Maria de Nive.*

João Manoel Fernandes de Magalhães (Felgueiras).

Caça do leão.—Differentes são os meios que para a effectuar empregão os povos da Africa e Asia, sobresahindo entre elles o de que usão os cafres das fronteiras da colonia ingleza no Cabo da Boa Esperança; consiste no seguinte:



Arma-se de azagayas o troço de cafres que vai caçar, e leva o mais animoso d'elles um escudo elliptico, muito concavo, de couro de buffalo, grosso e duro, e de tamanho tal que possa cobrir-lhe bem todo o corpo; apenas se avista um leão, destaca-se este caçador do bando e dirige-se para o animal; quando está a pequena distancia d'elle, fere-o com a azagaya, e deita-se immediatamente ao chão, cobrindo-se com o escudo; atira-se-lhe o leão enfurecido, e aproveitão-se d'esta occasião os outros caçadores para arremetterem com o animal e lhe enterrarem as suas armas, retirando-se depois para longe; o leão, que se persuade terem-lhe sido feitos todos os ferimentos pelo homem que tem debaixo de si, redobra d'esforços para despedaçar o escudo, e vai-se a pouco e pouco esvaindo em sangue, até cahir ao lado do cafre.

JULHO — 2.

Nomes pequeninos.—São estes os do 1.º e 2.º Reis de Sião que hoje governão.

1.º Phrabath Somdet Phabaramend Mahamakout Southasamouti Thephaya Phongsavongsadit Vorakrasatri Vorakhatya Raxani Karodom Chaturanta Boroma Maha Chakraphati Raxa Sangkat Boroma Thamika Maha Raxathirat Boromanaroth Bophiih Phra Chom Klao Chao You Houa.

2.º Phrabath Somdet Phrabovorentharamesoum Mahisvaret Raxan Mahantavoradexo Xaya Moholan Khoun Adoundet Sarapha Thevesaranouraka Bovora Choula Chakraphati Raxa Sangkat Bovora Thamika Raxa Bophith Phra Pin Klao Chao You Houa Soroteff Khinkatuff.

JULHO—3.

O MEU CONFIDENTE.

Meu querido pensamento,
Confidente do meu ser,
Guarda bem nos teus arcanos
As queixas do meu soffrer.

Quando a mente maltratada
Busca triste isolamento,
Só tu, fiel, me acompanhas,
Meu querido pensamento!

Se o mundo cruel me exprobra
A causa do meu gemer,
Tu me escutas os suspiros,
Confidente do meu ser.

Se o mundo, por meu sentir,
Contra mim urde seus planos,
O que sinto, e que tu sabes,
Guarda bem nos teus arcanos.

Ai! mesmo na desventura
Não me deixes fallecer!
Esconde, ainda álem campa,
As queixas do meu soffrer.

Francisco José Rodrigues (Brasileiro).

Cabindas.—É uma raça de pretos robustos e bem apessoados que habitão a região de Cabinda, ao norte das possessões portuguezas de Angola, sobre cuja costa reserva a corôa portugueza seus direitos. Industriosos, activos e emprehendedores, espalhão-se por todas estas visinhanças, empregando-se, como maritimos que são, em remeiros de embarcações miudas, que se occupão do commercio costeiro, mister para que têem negação os outros pretos da mesma costa.

Aprendem com muita facilidade as linguas portugueza e ingleza, pois são muito intelligentes. Atrevidos e dados á ladroeira, rarissimo é encontrar-se um fiel. Gostão de andar bem vestidos, com grandes pannos de chita fina de ramagem, lenços de seda, argolas d'ouro nas orelhas, bons casacos, etc., etc., não perdendo por isso o ensejo de roubarem os brancos, muito embora se empreguem no seu serviço. Em Benguella anda, termo médio, por 2,000, o numero dos que se achão empregados, já nas embarcações de remo, já como caixeiros de tavernas, ou atravessadores de negocio que vem do sertão, e se denominão *comboladores;* ha tambem muitos desoccupados e espreitando a occasião de roubarem de noute alguma casa. Duas terças partes dos processos crimes que forão julgados pelo juiz d'esta comarca nos annos de 1855 e 1856 forão de roubos practicados por cabindas. Concorre muito para isto a inteira e absoluta falta que ha de policia, vendo-se os moradores na precisão de defenderem suas casas. Têem os taes heróes adoptado ultimamente este modo de roubar: fazem, alta noute, um buraco na rua, que vão continuando até ao meio da casa que pertendem assaltar; introduz-se por alli um, abre a porta, e entrando depois a quadrilha, leva quanto acha. Tem chegado a roubar até fardos inteiros de fazendas. Como estão quasi certos da impunidade, vão continuando.

Sobre os seus usos e costumes particulares outro dia falaremos.

Anonymo Benguellense.

JULHO—5.

Mil e uma noutes.—O Schah da Persia é muito affeiçoado á calligraphia e á pintura. Mandou elle ha pouco fazer em Teheran a mais bella e a mais nitida edição das *Mil e uma noutes* que até hoje se tem publicado, e que reune grande numero de poesias que faltão na obra arabe. Ricas pinturas e bellissimas paginas calligraphicas tornão esse livro um monumento de arte no Oriente. Havia 17 annos que uma sociedade de artistas, dirigida pelo proprio Schah, trabalhava n'essa obra monumental, que importou em nada menos de 300,000 francos, ou cincoenta e quatro contos de réis.



JULHO—6.

UMA FLOR

Á morte de minha irmã

D. ALEXANDRINA DO CARMO NUNES LEAL.

Onde está, mimosa flor,
O teu brilho, o teu carmim?
Onde o viço que ostentavas
No seio do teu jardim?

Onde está, mimosa flor,
O perfume que exhalavas?
Aonde as lustrosas galas
Que entre as flores ostentavas?

A flor murcha, mas mimosa,
Assim respondeu graciosa:

«Minha verdura, meu viço,
Ninguem da terra os murchou;
Foi decreto de mais alto
Que meus dias acabou.

D'esta vida transitoria,
Consagrada aos ais e á dor,
Vou na outra embellezar
O throno do Creador.»

Antonio Caetano Nunes Leal (Santa Comba dos Olleiros).

Santarem.—Foi fundada por Abidos, filho d'Ulysses, doze séculos antes de J. C. Abandonado por seus pais, foi conduzido a um valle escabroso entre Alcaçova e o Pereiro, dois bairros de Santarem, onde foi creado por uma loba; do prodigioso sustento e do nome do heroe—*Esca Abidis*—se formou a palavra *Scalabis*, que designou por muito tempo esta povoação, a qual, por sua feliz posição na margem direita do Tejo, sobre alcantiladas montanhas circumdadas de fecundissimos campos, representou por muitos séculos o primeiro papel nas Hespanhas, logo depois de Toledo. Quando os romanos se assenhorearam da Lusitania, apoz 200 annos de combates, era Santarem a sua maior povoação, e tão bem fortificada, que Julio Cesar a escolheu para seu presidio: *Presidium Julii* foi o seu nome romano.

Augusto a visitou e ennobreceu com tantos privilegios, que os santarenos reconhecidos mandaram representantes a Roma, a fim de sollicitarem licença do Imperador para lhe ser levantado alli um templo, ao que elle annuio; é essa a origem do famoso templo de S. João de Alprão, que ainda hoje existe, á excepção de uma grande varanda (que a Camara demolio ha 60 annos), na qual se publicou o célebre édicto —*Ut adscriberetur universus orbis*—quando nasceu J. C.

Bem sabidos são os grandes esforços de D. Affonso Henriques para a conquistar, os grandes privilegios e reaes monumentos com que a enriqueceu, as continuas e baldadas diligencias do Rei de Sevilha para a recuperar.

Os nossos primeiros monarchas a distinguiram muito: ahi vivião grande parte do anno; ahi levantou o fundador da monarchia um grande palacio junto á capella real d'Alcaçova, reedificada pelos Templarios sobre as ruinas de um templo romano; ahi se estabeleceu a primeira Relação do reino que D. João I transferio para Lisboa; factos estes comprovados todos por lápidas venerandas; ahi construio D. Affonso III varios conventos; ahi deixou D. Pedro I o Paço d'Alcaçova e

deu começo ao grande palacio de fóra da villa, Paço dos Reis muitos annos, e hoje Seminario Patriarchal; ahi empregou, emfim, o afortunado Rei D. Manoel grande parte dos thesouros da India em templos grandiosos, fontes, calçadas, na grande Ponte d'Asseca, e na célebre Torre das Cabaças.

Em todas as crises politicas seguiram sempre os santarenos a causa nacional; nas guerras de D. João I contra Castella, acclamaram o Mestre de Aviz, a despeito de alguns nobres que prestaram obediencia á Rainha, e depois ao soberano hespanhol. Por morte do Cardeal Rei, ahi foi muito bem recebido o Prior do Crato (A. 54, p. 262), e ahi formou um corpo de tropa. Na acclamação de D. João IV, em 1640, foi Santarem a primeira terra, depois de Lisboa, que seguio tão nobre exemplo, sem para isso receber ordem alguma. Sobre o modo por que se houve na grande lucta entre os Senhores D. Pedro e D. Miguel, nada temos a dizer, pois de todos é sabido.

JULHO—8.

Modestia de Newton.—Assim se exprimio este grande homem, pouco tempo antes de morrer:

«Eu não sei que idéa o mundo de mim fará! parece-me ter sido como uma criança brincando á borda do mar, entretendo-me de quando em quando a procurar um seixinho mais luzidio, ou uma concha mais bonita do que as ordinarias, em quanto o infindo mar da verdade jazia velado ante meus olhos!...»

Que lição para a vaidade e presumpção, principalmente d'aquelles que nunca em seu caminho encontraram nem um seixinho mais luzidio, nem uma concha que não fosse ordinaria!

Manoel... (Coimbra)

JULHO—9.

Aranhas e mulheres.—As aranhas, diz um philosopho inglez, fazem as suas teias para apanhar as moscas; e as mulheres...

Nada, não digo, que não é bonito.

JULHO — 10.

Arvore de Saturno e arvore de Diana. — Encha-se um frasco de vidro com uma dissolução d'acetato de chumbo; tape-se com uma rolha de cortiça a que se tenha fixado um pedaço de zinco, em contacto com fios de latão que mergulhem, divergindo, na dissolução. Passados alguns dias ver-se-hão muitas laminasinhas brilhantes de chumbo cristallisado depositando-se nos fios de latão, e formando uma especie de vegetação, a que se chamou *Arvore de Saturno* em attenção ao nome que os antigos alchymistas davão ao chumbo.

Procedendo igualmente com o mercurio e uma dissolução de nitrato de prata se obtem a *Arvore de Diana*.

Alexandre Magno de Castilho Junior.

JULHO — 11.

Febre d'ouro. — Foi nos primeiros dias de maio de 1851 que se descobriram as minas auriferas situadas em a Nova Galles, na Australia. N'um momento se propagou a noticia; milhares de pessoas, de todas as classes e de todas as profissões, deixaram o seu modo de vida, e deitaram a correr para as minas. As tripulações dos navios fundeados nas immediações desertaram em massa, sem se embaraçarem com o que se lhes estava devendo. Em menos d'uma semana augmentou 25 por cento em Sidney o preço do assucar, do arroz, do tabaco, do vestuario e do calçado.

Em todas as cidades da colonia só se vendião generos alimenticios, fato, enxadas e picaretas para os mineiros. Quantos podião trabalhar se punhão a caminho. Por toda a parte se viram as estradas cobertas de vehiculos, transportando de cambulhada, medicos, lavradores, advogados, caixeiros, magistrados, mendigos, negociantes, marinheiros, etc. etc. etc. As lojas fecharam-se todas, os salarios de criados e operarios elevaram-se ao triplo e ao quadruplo, e para conservar os seus empregados foi preciso que o governo lhes aug-

mentasse extraordinariamente o vencimento. Suspendeu-se por falta de braços a construcção de casas, pontes, etc., e não havia fazer trabalhar ninguem por maior que fosse a paga. Nem sequer se fazião as sementeiras e ficavão os rebanhos sem pegureiro. A febre d'ouro apossou-se tambem das



mulheres; criadas e costureiras foram arrastadas pela torrente que a todos invadia, e damas da primeira cathegoria se viram obrigadas, por falta de quem as servisse, a temperar a panella e a cosinhar por suas proprias mãos

(A. 52, p. 195, A. 56, p. 146.)

Castor. — Muito mais se póde acrescentar ao que ácerca de tão industrioso animal dissemos a pag. 152 do Almanach de 1852.



É um genero de mammiferos da ordem dos roedores, cujos principaes caracteres são: ter os pés inteiramente palmados e a cauda horisontalmente achatada. São os maiores de quantos roedores actualmente se conhecem. Têem, em geral, sete decimetros de comprido, sem contar a cauda; a altura anda por um terço de metro. A côr é variavel; uns são brancos de todo, outros pretos, e a maior parte castanhos. A pelle é coberta de pêllos muito finos, muito compridos e muito luzidios, que de todo escondem uma pennugem subtilissima, espêssa e impermeavel á agua, de côr cinzenta atirando para prateado. Os olhos são pequenos e a voz uma especie de grito lamentoso. Servem-se das mãos para agarrar e manejar os objectos, no que mostrão tanta destreza como o esquilo. Os pés servem-lhes, pelo contrario, de remos, e a cauda de leme. Muito se ha falado no prodigioso instincto dos castores. Vivem em sociedade por toda a parte em que o homem os não inquieta, construem cabanas de dous andares de particular architectura, e n'ellas se alojão: estão sempre situadas na margem d'um rio ou d'um lago, de cujas inundações têem cuidado em se preservar por meio de fortes diques. Empregão os castores em seus trabalhos todas as regras da mechanica e da industria!...

Amor filial. — Fóra Mademoiselle de la Rochefoucauld sentenceada á morte conjuntamente com seu pai, durante a guerra da Vendée; teve porém artes de occultar este em casa de um seu antigo criado, refugiando-se a si propria n'outra parte. Confiscados os seus bens e cançada já a caridade publica dentro em pouco se acharam exhaustos os recursos dos dous infelizes. Chega á noticia da donzella que o pai está prestes a perecer á mingua, e é um momento em quanto se decide a soccorrel'o, sacrificando-se por elle. Passava por alli n'essa occasião um general républicano; escreve-lhe, pinta-lhe com as mais vivas côres a misera situação do author de seus dias, e offerece-se para morrer, comtanto



que elle se obrigue a dar prompto auxilio ao pai moribundo. Commove-se o guerreiro, corre a vêl'a, mais ainda se enternece com as suas lagrimas, salva a filha, vôa em auxilio do pai, e passado o 9 *thermidor*, obtem-lhes a revisão do processo e a restituição dos bens.

Jacintho Augusto d'Araujo e Campos (Tondella).

JULHO—14.

O pai da esquadra russa.—Assim se chama ainda na Russia um bote que Pedro Grande ajudou a fazer com as suas proprias mãos, afim de navegar sobre as aguas do Neva durante a construcção de S. Petersburgo e dos grandes vasos da esquadra. Foi lançado por elle ás aguas do Baltico e conserva-se na *Fortaleza,* d'onde é tirado em dias solemnes para correr as ruas da metrópole, saudado por tóda a artilheria da esquadra, que em seu obsequio dá uma salva d'honra, como a um principe que se mostra ao seu povo. Tem 30 pés de comprimento, 8 de largura, e 3 vélas. Vê-se-lhe na pópa uma imagem esculpida em madeira, representando um pontifice russo, de compridas barbas, com um braço estendido sobre o mar, em acção de o abençoar.

É pena que uma reliquia, por tão justos titulos sagrada aos olhos dos russos, não haja sido religiosamente guardada do contacto de mãos profanas, que aplainaram, pintaram e substituiram as velhas placas de cobre pregadas pelas mãos do grande Pedro, por outras cuidadosamente polidas e trabalhadas.

Cabana de Pedro Grande.—É o mais antigo dos edificios de S. Petersburgo, e por Pedro Grande ajudada a construir para seu aposento, junto do Neva, até que se fizesse uma habitação digna de tal hospede. Tem 20 pés d'altura e 40 de comprimento. As paredes interiores são forradas de lona. Está situada defronte do palacio d'inverno, magnifica e sumptuosa habitação dos Czares.

Manoel... (Coimbra)

Peór que Nero. — Nos arredores de Neuilly aconteceu um caso dos mais singulares. Havia já tempo que alli apparecião n'uma herdade, patos, gallinhas, frangos, perús, esvaidos em sangue pelo pescoço, onde se lhes notava um golpe bastante profundo. O mesmo aconteceu depois a carneiros, vitellas, vaccas, e até cavallos. Todos os animaes resistiram porém a essa mutilação, excepto um cordeiro.

Que se havia de pensar? Que algum bicharoco entrava de noute em casa e accomettia os animaes. Tomaram-se precauções, rondou-se pelos arredores, e acabou-se por descobrir que erão aquellas façanhas obra de um rapazito de 15 annos, que singelamente confessou ser o seu maior prazer beber sangue, e por isso se ia aos pobres animaes, lhes dava um golpe no pescoço, e se lhes filava depois, em ar de sanguesuga, regalando-se de beber alli á tripa forra!...

JULHO — 16.

ENIGMA IX.

Sou pai de um filho que não é meu filho,
Porque sendo meu filho elle é meu pai;
Eu não lhe dei o ser, sendo seu pai,
Elle m'o deu a mim, sendo meu filho.
Fui sempre casto, e tenho-o por meu filho;
Sou virgem e elle diz que sou seu pai;
Eu bem sei que elle é filho de outro pai,
E não posso negar que elle é meu filho.
Não sou primeiro que elle, e sou seu pai,
Porque sendo primeiro este meu filho,
Elle é feito primeiro que seu pai.
Heide morrer primeiro que meu filho,
E não herdando o filho os bens do pai,
O pai é que hade herdar os bens do filho. * * *

Previdente instincto dos avestruzes.— Exceptuando, quando fosse real, essa fabulosa ave de que trata o engenhoso author das *Mil e uma noutes*, é o avestruz *(A. 53, p. 124)* a maior das aves: tem o corpo todo coberto d'um vello, ou pennugem cinzenta escura, e só nas azas, que são mui curtas, e sobre a cauda, algumas pennas, mais escuras que chumbo; não vôa por isso, mas em compensação corre tão ligeira como o cavallo mais veloz. Quando selvagem, sustenta-se de vérmes e de hervas, e no estado domestico devora quanto encontra, até mesmo objectos de ferro: tem o pescoço compridissimo, e desde a cabeça até os pés alguns seis palmos de altura. Andão sempre aos pares, e encontrão-se bandos d'elles a cada passo nas vastas campinas do Rio Grande do Sul: uma cova mui rasa lhes serve de ninho e ahi depositão uns 16 a 20 ovos; pesa cadaum cerca de duas libras, e conterá meio quartilho de liquido: não repugnão ao paladar, principalmente fritos. Quando incuba, põe de parte um dos ovos, e nas proximidades de descascar, quebra-o, para que apodreça; as moscas, attrahidas por semelhante manjar, acodem em cardume, e servem de sustento aos filhos, maiores que um frango com pertenções a gallo. Em pequenos apanhão-se com facilidade e se domesticão por galanteria; depois de adultos só a bolas ou a laço se apanhão n'um bom ginete; não se deve porém aproximar muito com o cavallo na desparada, pois, quando menos se espera, acoçado o avestruz, abre intencionalmente as azas para espantar o cavallo, e em quanto o cavalleiro *cahe não cahe*, desapparece.

Pintão os poétas a mãi de Cupido em um carro puxado por pombas; se fossem avestruzes, seria mais provavel a ficção, e mais segura a viagem de Venus, viagem que com as pombas pôe o travêsso do filho em risco de ficar orphão. É verdade tambem que o carro ficaria muito menos poetico.

Antonio Maria do Amaral Ribeiro
(Porto Alegre, Imperio do Brasil).

CHARADA XVIII.

Tem havido a meu respeito
Seiscentas opiniões
E de sabichões,
Mas inda não conseguiram
Dizer certo como sou,
Nem aonde estou 2

Se examinardes attentos
A natureza em geral,
Vereis, que para formal'a
Eu sou parte essencial 1

As outras letras que restão
Por syllaba nunca as vi;
'Stão antes do i:
Separadas, nada valem,
Unidas, fazem um par,
E adivinhar............ 2 letras.

É um jardimsinho
Mui delicioso,
Onde um jardineiro
Muito primoroso,
Para o enfeitar,
Mui lindinhas flores
De diversas côres
Alli vai plantar.

José Victorino Pinto de Carvalho (Santa Cruz).

Terreno abençoado.—Ha junto a Trancoso uma grande extensão de terreno (em que se comprehende uma povoação), de que nada se póde comer ahi creado sem grande repugnancia: os animaes, terrestres e aquaticos, são de máu gosto; e tanto assim que se impunha outr'ora multa a quem vendesse caça ou mandasse para os talhos carne creada n'aquelles sitios. Os gados que de fóra vão áquelles campos tambem não comem os pastos.

Entrada do Inferno.—Por este titulo, consagrado pela tradição, se torna célebre uma parte do monte *Ungen*, situado no Japão, entre *Nauguzaqui* e *Ximabarra.*—Pouco alto, porém muito extenso, de cume agreste e esbranquiçado e de medonho aspecto, distingue-se em alguns logares pelo grande calor que exhala. É, em geral, tão esponjoso, que difficilmente por elle se póde caminhar, notando-se ás vezes um ruido subterrâneo assustador. Tolda-o sempre um fumo pouco espêsso, visivel a tres leguas de distancia sómente. O fortissimo cheiro de enxôfre que alli se sente, só a umas poucas de milhas deixa pairar as aves. A agua pluvial é fervente e só se deposita em pequenas cavidades, que alternadas com precipicios se mettem de permeio entre algumas elevações. Com o andar dos tempos parece haver-se formado n'uma d'essas cavidades uma abertura de fórma circular, de diametro aproximadamente de seis pés, abertura que, pelas suas exhalações infectantes, a tradição alcunhou de *Entrada do Inferno*. Differe esta em não conter, como as outras cavidades, agua a ferver, mas um aggregado de enxofre e de outras materias inflammaveis, algumas vezes em effervescencia, o que se não póde ver sem grande terror, e justifica o nome que no paiz lhe dão.

D. Maria Luiza Quintella.

CHARADA XVIII.

Sou parte de Portugal 1
De Loanda o sou tambem .. 1
Vivo em climas quentes, frios,
E com todos me dou bem.

Vigilante guardo sempre
Minhas damas com cuidado;
Minha historia, das mais bellas,
Fez meu nome respeitado.

J. M. dos Santos (Bragança).

Perigo dos cogumelos.—Era no outono de 1857 e na fréguezia de Santa Eulalia de Constance: achou ahi certa velha um cogumelo bom (*vulgo* sentieiro); com elle e com outros máus (*vulgo* tortulhos) preparou para a noute um abundante guisado, de que comeram ella, o filho, um netinho e o gato. O pequeno passou uma noute horrorosa; ainda se levantou de manhã, mas cahindo logo depois em lethargia, deixou de existir pela tarde; a avó sentio iguaes incommodos e expirou no dia seguinte; o filho tambem d'ahi a 24 horas era cadaver; outro tanto acontecia ao gato.

Ha dous annos houve um facto semelhante lá para Campello, e òutro ha mais tempo em Canavezes, onde varias pessoas estiveram a braços com a mòrte. São muitas as especies de cogumelos e pouquissimos os que não sejão venenosos. Sirvão estes casos de lição a quem temerariamente os come sem os distinguir. *G. T. Q.* (Marco de Canavezes)

JULHO—21.

Castellos de nozes e castellos de cartas.—Foram as cartas de jogar inventadas no seculo XIV. Não poderam os gregos e os romanos fazer, como nós, castellos de cartas, porque as não havia então, mas fazião muitos no ar: divertião-se os elegantes da capital do mundo em construir *castellos de nozes*: collocadas estas caprichosamente umas em cima das outras, por mão destra e paciente, ião formando phantasticas edificações, mais ou menos arrogantes, até que a mais leve aragem, ou descuido do jogador, vinha esbandalhar àquelles torreões imaginarios.

Conta-se do Imperador Galliano que passava horas e horas a construir castellos de maçãs e outras frutas. Não era máu, porque podia ir manducando ao mesmo tempo.

Achava o mesmo soberano grande prazer em construir edificiosinhos de rosas na primavera.

Lanterna magica. — Consta d'uma caixa com um



espelho concavo e duas lentes convergentes; no foco do espelho colloca-se uma luz, cujos raios, depois de reflectidos por elle, atravessão a primeira das lentes, que os concentra em figuras pintadas n'uma chapa de vidro, e que se põem, invertidas, entre as duas lentes. A certa distancia da lanterna se irão reproduzir em um alvo aquellas pinturas, porém augmentadas, e na sua posição natural. Foi inventada no século XVII.

Alexandre Magno de Castilho Junior.

JULHO — 23.

Ovos frescos e ovos podres. — Ha um meio facillimo de saber se um ovo está fresco ou não. Basta para isso tocar com a ponta da lingua as suas duas extremidades; se se acha mais fria a extremidade aguda, está o ovo fresco.

Por pequena que seja a differença, está ainda bom.

Se a temperatura é a mesma nos dous extremos, é deital'o fóra, que está podre.

Outra receita: deitar o ovo n'um vaso com agua; se vai para o fundo, está fresco; se boia ao de cima, está podre.

Os dous pastores.—D. Fr. Manoel do Cenáculo Villas-Boas, Bispo de Béja, varão preclarissimo em letras e virtudes, a quem o nobre Marquez de Pombal chamava *poço sem fundo e sem lodo,* apreciava muito os improvisos dos nossos vates camponezes, célebres cantores da *desgarrada,* que tinhão por costume entreterem-se aos domingos e nos dias de grande solemnidade em certâmes poéticos, não sem mérito. D'estes jógos de espirito scintillão ás vezes pensamentos finos e delicados, idéas sublimes, que maravilhavão então o santo prelado, e ainda hoje assombrão os finos apreciadores da verdadeira poesia, quando logrão a ventura, já mui rara, de os ouvir. Consta que o digno pastor, de saudosissima memoria para todos os bejenses, tendo noticia de que na fréguezia das *Neves,* ou *Balleizão,* havia um maioral de gado, notavel entre os seus collegas pela facilidade com que poetava, o chamara á sua presença, e lhe experimentara o estro, dando-lhe este mote:

Nós ambos somos pastores!

O camponez respondeu:

Senhor meu, batei as palmas,
Que nós não somos iguaes!
Vós sois o pastor das almas,
E eu cá pastor de animaes:
Passo frio, soffro calmas,
Sinto do tempo os rigores;
Vós brilhais entre os doutores,
Servindo aos sabios de exemplo:
Eu no prado, vós no templo,
Nós ambos somos pastores!

P.^e *Manoel Henriques de Menezes Feio* (Salvada).

Livrarias communs.—N'uma cidade de provincia, onde outr'ora residio um amigo nosso, era tão circumscripto ainda o circulo litterario, tão pequenas dimensões tinha então o tráfego de letras e livros, que á falta de bibliothecas publicas e de livreiros que satisfizessem as exigencias de seu amor pela leitura, imaginaram alguns de seus mais estudiosos habitantes trocar entre si copias dos cathalogos, mais ou menos ricos, de suas livrarias, e com ellas formaram depois um pequeno Vaticano *(A. 57 p. 264)*.

De poucas centenas, e mesmo dezenas, de volumes que apenas cadaum d'elles possuia para a especialidade do seu mister, ou para recreação do espirito, passaram desde então a dispôr todos elles de alguns milhares de livros, graciosamente prestados, e com as necessarias indicações, dadas por aquelles que mais de perto os tratavão. Havendo cada membro d'aquella especie de associação bibliographica escolhido para diaria convivencia os authores por onde mais se moldavão as suas intellectuaes propensões, resultou que da indispensavel necessidade da divisão do trabalho, que em letras não é menos efficaz do que na economia social, muito lucrasse a communidade.

O exemplo parece-nos digno de ser imitado, por isso aqui o offerecemos á consideração dos nossos leitores provincianos.

Quem sabe se do seguil'o não resultará porventura a creação d'alguma d'essas sociedades scientifico-litterarias de provincia, onde a ausencia de mais ruidosas distracções faz medrar tão sasonados os fructos da intelligencia e da meditação? A França e a Belgica estão cobertas de tão fecundos gremios.

CHARADA XIX.

Que está debaixo da terra	Ha já muito que eu deixei
O letreiro significa 1	A minha terra natal:
Mas o ponto em que elle está	Não me dava lá melhor,
Nenhum letreiro o indica . . 3	Que me dou em Portugal. ***

Raposa astuta.—É o *Times* de Londres que dá parte do seguinte estratagema empregado por uma finoria d'aquella raça n'um lago contiguo á capital:

Andava por alli a passear um guarda barreira, de espingarda ao hombro. N'aquellas aguas cristalinas ostentavão suas galas dous bellos e elegantes cysnes. Ao vel'os uma raposa, cubiçou-os e ideou o modo de os atacar. Que faz? junta uma pouca de herva, faz um molho com ella, chega-o á borda do lago, empurra-o adiante de si, tendo bem cuidado de ficar escondida por traz d'elle, dirige-se para os cysnes que não desconfião da cilada, e mal um d'elles lhe fica proximo, arroja para longe a herva, ataca-o denodadamente, e foge com elle para terra, onde em poucos instantes seria morto e devorado, se o guarda barreira não disparasse um tiro, que estendeu redondamente no chão o matreiro animal.



Era digna de melhor sorte uma tal sagacidade!

CHARADA XX.

Sou principio de demandas.. 1
Dos quadrupedes, uns tem
Um sómente, e outros dous; 2
Adorno jardins tambem.

Procura-me entre pintores
E entre damas, meus amores.

H. F. B.

O conde e o chefe da policia.—Passando uma vez por Lyão o conde de Alets, personagem mui considerada na côrte de França, foi a casa do chefe da policia, que ignorando quem elle era o recebeu desdenhosamente.

—«Com que então, vem de Paris? que dizem lá de bom?

—«*Dizem missas,* respondeu o conde.

—«Bem sei, bem sei, mas que corre? que rumores ha?

—«*Correm cavallos e ha o rumor das carruagens.*

—«O que eu lhe pergunto é o que ha de novo?

—«*Ha cerejas e ervilhas verdes.*»

E n'este tom continuou a conversar mais meia hora, até que o magistrado reconheceu no conde um homem de espirito, e o principiou a tratar com toda a consideração, achando n'elle depois um perfeito fidalgo e cavalheiro.

As attenções no mundo devem ser reciprocas, seja qual fôr a differença das classes.

Francisco de Paula Barbosa Nogueira.

CHARADA XXI.

Se assim me vira por mercê do fado
Entregue á dôr e pranto, que consome,
Livre do jugo de profanas vistas,
Fizera aos bosques aprender teu nome! } 1

Não é terrestre essencia a essencia tua,
É fogo ethereo, que desprende lumes;
E se em delirio te consegue o amante,
Oh! delicias d'amor!.. é mais que os numes!.. } 2

Tal é no polo amontoado gêlo,
E no peito tambem d'Annalia bella;
Tal é nos olhos meus o pranto amargo,
Sorriso enganador nos labios d'ella.

Anonymo.

Chocalho véxador.—Ao tomar posse em 1851, na qualidade de parocho, d'esta fréguezia de Santa Comba dos Olleiros, no bispado de Lamego, encontrei debaixo d'um caixão da sacristia um grande chocalho, d'aquelles que os almocreves costumão pôr aos seus possantes machos. Perguntei admirado qual o motivo de se achar em logar sagrado tão estranho objecto, e soube que era *«para com elle se fazer grande chocalhada aos que se confessão passado o tempo determinado pelas leis do bispado.»* Foi preciso que o visse para o acreditar! Veio um meu fréguez desobrigar-se do preceito da quaresma depois do domingo do Bom Pastor; mal que sahio da igreja, ouvi uma grande algazarra e o rouco badalar do grande chocalho; sahi fóra immediatamente, mas já não pude obstar a que o pobre homem pagasse caro a tardança em se confessar: até á porta de casa o foram apupando e zurzindo. O que mais me admirou foi dizerem-me pessoas fidédignas que o vigario meu antecessor, quando alguem vinha desobrigar-se depois do tempo prescripto pela constituição diocesana (o que é muito usual em parochias populosas), lhe promovia taes véxames! Prohibi este costume, ameaçando com penas legaes os renitentes.

Se o meu antecessor considerava o tal chocalho como um estimulo para se obedecer ao preceito da igreja no praso de tempo sanccionado, eu o chamo véxador, e mais proprio para affastar do tribunal da penitencia.

Aonde não fulgura o facho da civilisação tudo são trevas!!

O Vigario *Antonio Caetano Nunes Leal* (S.[ta] Comba dos Olleiros).

CHARADA XXIII.

Na iberica peninsula
Sou d'illustres ascendentes. . 2
Terno, adoro o Ser Supremo,
E venero os meus parentes. . 2

Um modelo de virtudes
Julgão vai apparecer?
Pois os bolsos acautelem,
Senão, limpos tem de os ver.

Anonymo Charadista.

Presente regio. — A Duqueza (viuva) d'Alba, Camareira-mór da Rainha de Hespanha, apresentou-se no dia 29 de julho á Condessa de Salvatierra, Camareira da Virgem que se venera na igreja de Atocha, para lhe entregar o magnifico vestido que a Soberana estreara quando alli foi dar graças por se achar grávida, bem como os brilhantes e adornos com que ia toucada. O vestido e manto de rica tella tinha primorosas ramagens d'ouro e prata. Os brilhantes imitavão flores de cujo centro sahião perolas symetricamente collocadas. Seis soberbos alfinetes de brilhantes prendião o manto. Avaliou-se em altissima quantia o preço de todas aquellas preciosidades.

INDIA.

Ardendo em nobre desejo
D. Manuel o Afortunado
De fazer tão alto feito,
Que désse no mundo brado;
Por não d'antes conhecido
Mar, á India envia o Gama,
Sujeito de grandes partes,
E já remontado em fama.
Parte o Gama do Rastelo;
Dobra o Cabo Tormentoso;
Chega á India; e traz o sceptro
Do mar, ao Rei venturoso.
Depois o imperio dilatão
N'aquelles sitios da Aurora
Pacheco, Albuquerque, e Almeidas,
«Por quem sempre o Tejo chora.»
Ai dor! Da India afamada
Só resta prisca memoria,
Escripta em virentes folhas,
Que dizem — esforço e gloria.

Pedro Diniz.

Charruas do Uruguay.—Ao descobrirem os hespanhoes o Uruguay acharam-no habitado por differentes raças de indios, sendo os mais numerosos os *charruas,* que foram por elles violentamente perseguidos, e a final exterminados em 1830 pelo general D. Fructuoso Rivera, no logar hoje chamado *Salsipuedes.* Apenas alli restão hoje treze pessoas, d'ambos os sexos e de



differentes idades, d'aquella raça indigena, e entre ellas um cacique, por nome *Sepé.* Habitão na estancia do rico proprietario D. José Nadal, em o departamento de *Taquarembó,* no arroio de *Batovi;* mudão porém de acampamento de quando em quando. A cargo d'este cavalheiro está um d'aquelles indigenas, menino d'oito annos, de grande talento, e que elle tenciona mandar educar. Quem sabe se não sahirá d'alli algum portento!

Ibyci grues. — Eis o que deu origem a este proverbio:



Ibyco, poéta lyrico de muita reputação e natural de Reggio, foi morto por uns salteadores na occasião em que passava um bando de gralhas. D'ahi a tempo vio um dos malfeitores as mesmas aves e disse para os companheiros: *Alli vão as testemunhas da morte de Ibyco.*

Alguem ouvio estas palavras, que foram ao conhecimento do magistrado, e mandando este prender os salteadores e pol'os a tractos, confessaram o delicto e foram mortos.

Antonio Martins Leorne (Porto).

AGOSTO — 1.

O BEBADO E O MEDICO.

EPIGRAMMA.

Devoto amante de Baccho,
Unico Deus que adorava;
Apesar de quasi cego,
Inda o vinho não deixava.

Um dia, que o vê o medico
As guelas a regar,
«*Que faz, homem! isso é birra,*
Esse vinho hade-o cegar.»

— «Deixál'o! — responde o bebado;
Pois não é maior prazer
Beber-me os olhos na terra
Do que dar-lh'os a comer?

F. Liborio F. (Brasileiro, Pará)

Cabellos brancos. — Respeitemol'os — e mais que tudo os nossos.

Arthur Napoleão no Rio de Janeiro. — Partio no dia 15 de outubro passado para o Rio da Prata, depois de dous mezes e quatorze dias de residencia aqui, este menino extraordinario, esse genio que fascina quantos o ouvem, e ainda mais quantos o tratão de perto. Chegara ao Rio de Janeiro no dia 1 de agosto d'este anno; a sua vinda a esta capital foi uma verdadeira alegria para aquelles a quem Deus dotou de uma alma capaz de comprehender as divinas harmonias. O seu nome, apregoado por todos os jornaes da Europa, já aqui era conhecido. — Foi dado o seu 1.º concerto no *Theatro Lyrico Fluminense* na noute de 25 de agosto; a sala achava-se apinhoada de espectadores anciosos de ouvirem a decantada maravilha. Assim que acabou a primeira peça, estrepitosos applausos romperam de todos os lados, e outro tanto aconteceu no fim das immediatas, sendo chamado por mais de uma vez á scena, principalmente no fim do espectaculo, em que foi victoriado como nunca aqui o fôra artista algum. — Annunciou o 2.º concerto para 5 de setembro; os bilhetes de entrada desappareceram como por encanto, e muitos ficaram ainda d'esta vez sem gozar o prazer de o ouvir: os applausos erão cada vez mais vivos e sinceros. — No dia seguinte foi-lhe offerecido, no *Hotel dos Estrangeiros*, um sumptuoso jantar por 25 negociantes, seus compatriotas aqui estabelecidos, e que lhe offereceram em testemunho de admiração um alfinete de brilhantes do valor de tres contos de réis. — No 3.º concerto foi igual a concorrencia e nada faltou para um verdadeiro triumpho; corôas e flores choveram de todos os lados, sendo-lhe offerecida no fim do espectaculo, por um seu admirador, uma rica batuta guarnecida de ouro e diamantes. Ao sahir do theatro uma banda de musica o acompanhou até casa, onde lhe deram um *copo d'agua* alguns dos seus enthusiastas. — Bom e compassivo, quiz Arthur concorrer tambem com o seu genio para allivio dos necessitados. No dia 16 de setembro fez no theatro de S. Pedro a socie-

dade portugueza *Dezeseis de Setembro*, patriotica e humanitaria, o seu beneficio, a que o joven artista prestou o seu concurso. Foram-lhe então dados um soberbo relogio e uma riquissima côrôa, e mais tarde o diploma de socio honorario. —No dia 26 do mesmo mez teve logar o espectaculo por elle concedido á *Sociedade Portugueza de Beneficencia* d'esta cidade; a concorrencia para este acto de caridade foi extraordinaria, e o joven artista conquistou ainda novas palmas, recebendo por essa occasião o diploma de benemerito e bemfeitor da sociedade, e um annel de brilhantes de subido valor.—No dia 27 foi-lhe offerecido um magnifico almoço no *Hotel de Inglaterra* por 20 dos seus compatriotas.—Em 5 de outubro teve logar o espectaculo em beneficio do *Recolhimento de Santa Thereza*, ao qual prestou desinteressadamente o seu auxilio. Dias depois foi convidado pelo presidente, o Ex.mo Sr. Marquez de Abrantes, a jantar no seu palacete, e ahi lhe foi offerecido pelo mesmo Ex.mo Sr. um rico annel de brilhantes.—No dia 12 foi o seu ultimo concerto no *Theatro de S. Pedro de Alcantara*, e apesar do tempo chuvoso, estava o theatro cheio, e teve o artista n'essa noute de despedida uma completa ovação. Foi-lhe offertado o seu retrato em miniatura por um artista portuguez. Findo o espectaculo, Arthur foi acompanhado a casa por muitos dos seus amigos, e ahi o esperavão uma banda de musica e uma mêsa ricamente servida.—Arthur Napoleão teve no Rio de Janeiro uma recepção brilhante: nunca artista algum aqui foi tratado com tanta distincção; todos á porfia desejavão obsequial'o; o seu nome andava na bôca de todos, e em cada habitante da cidade encontrou elle um admirador do seu raro talento. Toda a imprensa fluminense o recebeu com bravos enthusiasticos e lhe teceu os mais ardentes elogios. Foi Arthur convidado e obsequiado pelas familias mais distinctas da capital, e bem póde lisonjear-se de ser o artista que mais doces recordações e saudades deixou no Rio de Janeiro.—É de pasmar a enorme quantidade de musica que sabe de cór! parece incrivel que n'uma cabeça de tão poucos annos se possão conter tantas e

tão impetuosas torrentes de harmonia! Com que prodigiosa facilidade e com que gosto executa as mais difficeis composições de Thalberg, Listz, Hertz, Wallace, e outras, e tambem algumas proprias, de extraordinario mérito. — Fala algumas linguas com uma pureza e correcção admiraveis, especialmente o francez e o inglez: tem para tudo, emfim, a mais rara comprehensão.

Bento Rodrigues Marques Junior (Rio de Janeiro).

AGOSTO — 3.

CHARADA XXIII.

Dó, tristeza, ou alegria	Pequeno espaço na Europa;
Eu muitas vezes declaro ... 2	Meu Rei é o de Portugal;
Os meus Reis muito differem	Erão d'alli os Reis Magos?
Do Rei do céu, se os comparo .. 2	Dizem, mas não creio em tal.

Prejuisos em Moncorvo. — Quando uma mulher anda gravida, e pertende saber se dará á luz menino ou menina, fazem uma bola de estopa, e sobre um plano horisontal a incendeião com geito; se ao acabar de arder, a cinza dá um tombo, é menino; se não, é menina.

Uma criança, em quanto não tem ao menos seis mezes, não se deve levar á rua de noute, sem lhe pôr na mão uma códea de pão centeio, por via dos máus ares. E se adoece, seja de que molestia fôr, deve trazer pendurado ao pescoço um rosario de cabeças d'alhos enfiados n'um cordel, afim de se livrar de feiticeiras e lombrigas. E se ao ter idade de falar não pronuncia bem, dá-se-lhe de beber por um chocalho de gado, para que não seja gaga.

Quando dá alguma molestia n'um rebanho d'ovelhas, deve-se procurar uma cobrazinha o mais pequena possivel, mettel'a dentro do chocalho que traz a ovelha guiadeira, e tapal'o com uma rolha de cortiça: alli se conserva a cobra viva, por milagre, até o gado estar curado. É remedio infallivel.

M. A. F. D. (Moncorvo)

Carruagem Imperial. — Foi ha dias expedida de Bruxellas para S. Petersburgo uma carruagem de caminho de ferro, destinada ao Imperador da Russia. Anda pelo tamanho de tres diligencias ordinarias, e rivalisa, tanto por sua engenhosa disposição interior, como pela riqueza e bom gosto da mobilia e dos ornatos, com quanto até hoje se tem feito de mais notável em tal genero. Compõe-se de tres compartimentos e foi construida no estylo das carruagens de Luiz XIV.

O primeiro compartimento fórma o vestibulo destinado aos ajudantes d'ordens e ao séquito do Monarcha, o segundo é a sala do Autocrata, o terceiro um quarto de repouso. Admirão-se alli moveis de rarissima elegancia, cortinas de seda Pompadour e magnifico damasco, quentes e fôfos tapetes, e espelhos de luxo. O tecto é de ébano e lindamente esculpido. Ao pincel de um dos mais afamados pintores belgas são devidas as soberbas pinturas exteriores, que dão lógo uma idéa das magnificencias do palacio ambulante em seu interior.

Á MEMORIA DA EX.MA SR.A

D. EMILIA AUGUSTA GODINHO VALDEZ,

FALLECIDA EM 4 D'AGOSTO DE 1857.

Era bella e virtuosa!...
Lustros quatro só contou!!
Era um anjo!! e pressurosa
Para os altos céus voou:

Não a choreis... mas piedade
Tende dos pais, que a saudade,
Effeito d'alta amizade,
Inconsolaveis deixou!!!

Manuel Justino Pires (Elvas).

AGOSTO — 5.

Caldeira de Aljubarrota. — Depois da memoravel batalha de Aljubarrota achou o portuguez *Gonçalo Rodrigues* na bagagem do inimigo uma caldeira tão grande, que, dizem os historiadores, podião cozer-se n'ella quatro bois. Quando Filippe I de Portugal e II de Hespanha esteve no mosteiro de Alcobaça, onde ella se guardava, alguem lhe advertio que mandasse destruir este padrão de opprobrio, lembrando que a maneira de o fazer sem causar espanto, era fabricar com ella um sino para o mesmo mosteiro. A isto replicou um fidalgo castelhano: *«No senor, dexenla estar asi, que si suena tanto siendo caldera, que será si llegar á ser campana?»*

Gonçalo Rodrigues havia recebido de alviçaras o appellido de Caldeira e ficara-se chamando *Gonçalo Rodrigues Caldeira.*

João Felix Pereira.

AGOSTO — 6.

A corôa do regente. — Celebrando-se em Barbacena, no anno de 1836, a festa do Espirito Santo com divertimentos publicos, appareceu na cavalhada um correio mascarado distribuindo cartas em verso. Era então menor o Senhor D. Pedro II, e estava confiado o governo do estado ao regente Feijó. Uma copla d'aquellas cartas resava assim:

Sobre o imperio do Brasil
Ha muita anecdota boa;
Até dizem que o regente
Já traz na cabeça a c'rôa.

Houve quem n'isto visse allusão a querer Feijó usurpar o diadema imperial; qual historia! é que o regente era padre e andava de corôa, como expressamente determina a todos os sacerdotes o Concilio Tridentino.

P.e *José Joaquim Corrêa d'Almeida* (Brasileiro, Barbacena).

Remedio para dores de parto. — Ao ler alguma mulher grávida aquelle titulo, é de crer que o coração lhe dê um pulo, esperando ver acabada a terrivel sentença =*In dolore paries filios*= do Genesis: infelizmente porém não é assim: é mais um prejuiso, como outros muitos que ha n'este nosso Portugal.

N'uma das fréguezias do concelho de Foscôa, quando uma mulher casada chega ao termo da sua gravidez e o parto se lhe difficulta, vai o marido, alta noute (e não outra pessoa por elle), á igreja da parochia, e alli volta como póde, debaixo para cima, uma das telhas que a cobrem, e com o espirito socegado, pelo grande e custoso sacrificio que fez, volta para casa, esperando que a sua cara metade dê á luz um menino... já se sabe pela virtude ou milagre da telha virada!!!...

O que vale é ser pequena a fréguezia; se fosse muito populosa, não chegavão as telhas da igreja, que terião d'andar sempre n'uma roda viva.

Pena é que os srs. parochos, sobretudo das fréguezias ruraes, não considerem como um de seus rigorosos deveres extirpar semelhantes prejuisos!... *Anonymo Foscoense.*

AGOSTO — 8.

Carvalho monstro. — Ao ir da Guarda para Coimbra, em agosto de 1857, tive occasião de admirar no sitio da *Folgosa do Salvador* um enorme carvalho, fronteiro a uma capella á sahida da povoação; medi-o, e achei que tinha o tronco 33 palmos de circumferencia, e a copa ou ramagem 42 passos communs de diametro. Havia um anno que uma forte ventania lhe tinha derrubado o seu maior ramo, que jazia alli proximo, e era do tamanho de uma arvore vulgar.

(*A.* 52, *p.* 202, *A.* 53, *p.* 352, *A.* 55, *p.* 252, *A.* 57, *p.* 201, *A.* 58. *p.* 121.)

Augusto Butler Elerperk (Pinhel).

Potentado persano. — São estes os titulos com que se assignou, no recente tractado entre a Inglaterra e a Persia, Ferrouck-khan, delegado do Schah:



A bode da grandeza, favorito do Rei, antigo óoi-molk, grande embaixador do poderoso estado da Persia, possuidor do retrato regio e do cordão azul, condecorado com o cinto de diamantes, etc.

Quando não ha mais nada, é que se põe um *et cætera*.

AGOSTO — 10.

CHARADA XXIV.

Primeira das vinte e quatro.. 2
Das vinte e cinco final...... 1
Na prima como na ultima, } 1
Pois nosso fim é igual.
A sécca activa meu cheiro,
Que queimado inda mais val.
Antonio Manoel da Cunha Belem (Coimbra).

AGOSTO — 11.

Cemiterio de Calcuttá. — Quem passear, ao amanhecer, em Calcuttá, proximo ao rio ou junto aos canaes que por tres lados circumdão a cidade, presenceará um espectaculo asqueroso e repellente; verá uma immensidade de porcos a comerem os cadaveres



dos indigenas, cadaveres que alli são atirados á agua e que ella repelle. É com esses animaes que, depois de bem gordos, se faz a salmoura!... Pouah!

AGOSTO — 12.

Principes mechanicos. — Todos os principes da familia real na Prussia são obrigados, por habito immemorial, a aprender um officio qualquer. Têem alli havido sapateiros, alfaiates, carpinteiros, tudo.

O principe Frederico Guilherme, recem-casado com a princeza Alice de Inglaterra, entrou ha dias para uma grande imprensa de Berlim, onde promette ser um habil compositor. Isto deu alli realce agora á arte typographica.

Melhor era que promettesse ser um bom Rei!

E melhor ainda que para isso tratassem de o habilitar!

Isto não é duvidar das boas qualidades do principe e de que venha a ser um optimo soberano, mas só lamentar — de passagem — que para a mais difficil das artes (a arte de reinar) se não achem quasi nunca preparados os principes ao investirem o poder supremo.

Juiz colerico. — Curioso e chistosissimo foi o caso que ha pouco se passou n'um tribunal d'oeste dos Estados-Unidos.

Discutia-se alli certa causa, e quiz a má sorte d'um advogado que se julgasse obrigado a combater a opinião do juiz que tinha de dar a sentença. Aqui se assanha um contra o outro, palavra puxa palavra, e n'esse *dize tu direi eu* principião os improperios, as injurias, as regateirices. Encarniçado o juiz de ver assim contrariada a sua opinião, dirige-se a um dos escrivães, e diz-lhe com um ar dos mais resolutos e decididos:

«*Sr. escrivão, declare a audiencia suspensa por dez minutos.*»

O escrivão obedeceu.

Que faz então o juiz? desce lá de cima da cadeira em que estava encarapitado, e sem outro pregão, sem mais *tir-te nem guar-te,* sem dizer *agua vai,* e sem outra fórma de processo, vai-se-me aos queixos do advogado, e aqui m'os principia a soccar, que aquillo só visto.

O advogado deu-se por convencido com tão fortes argumentos, e o juiz, que *arregaçara as mangas,* abaixou-as, e tornou muito sério para o seu logar.

Passados alguns instantes sobrevem nova questão entre os dous, e lá mesmo de cima começa o juiz a *despir a béca,* exclamando por segunda vez:

«*Sr. escrivão, declare suspensa a audiencia por VINTE MINUTOS.*»

—Nada, nada, não é preciso, acudio logo o advogado, que no dobro de segundo intervallo vio tambem dobrada dóse de sôccos. Já conheço de mais, sr. juiz, a força dos seus argumentos; tenho o hombro direito derreado e o nariz todo esmurrado. Safa! que logica!...

Se D. Diniz fez quanto quiz, tambem d'alli em diante aquelle juiz disse quanto quiz, sem que o advogado tornasse a pensar em lhe ir á mão, com medo de que elle lhe fosse ás trombas.

Matta de Penhaverde em Cintra.—Ao actual conde de Penamacôr pertence a quinta ou matta de Penhaverde, outr'ora do grande D. João de Castro. Foi concedido a este herôe, por El-Rei D. Manoel, um pedaço da serra de Cintra, no começo do século XVI, e legado pelo primeiro possuidor, como vinculo, a seus descendentes; é porém da instituição o não se poderem alli cultivar nem plantar arvores de fructo: tal era o brioso desintèresse do 4.º Vice-Rei da India.

É um dos mais lindos passeios de Cintra: cheio de tortuosas ruas, cobertas de espêsso arvoredo, que ora circumdão montes, ora cortão em suaves curvas uma planicie, convida aqui e alli ao descanço em toscos assentos cortados na rocha, ou levantados de pedra, coberta de antigo musgo.

Não é só um clima temperado no meio de intenso calôr que alli se disfructa; é a vista d'um horisonte limitado pelo oceano e pelos montes do norte; são melancholicas recordações ao remontarmo-nos por um instante ao século XVI.

Quem poderá entrar em tal recinto sem elevar o pensamento ao immortal D. João de Castro! sem invejar a memoria do varão, que só quiz, em recompensa de tantos serviços, algumas geiras de terra inculta, junto de asperas penedias! terra em que só vegeta a arvore silvestre, de cujos ramos brota, a travez dos séculos destruidores, a gloria dos feitos e virtudes de tão distincto portuguez!... *Antonio da Cunha.*

Duas martyres da honra.—Em 1835, durante a revolução que devastou a provincia do Pará, uma senhora cujo marido acabara victima da ferocidade dos revoltosos no districto do *Acará*, presentindo que pertendião violental'a e a uma sua filha já crescida, pega n'um pouco de veneno, deita-o n'um copo, e diz á innocente: *«Não ha que hesitar; vida sem honra não é viver; morramos puras.»* E abraçando-se ternamente, expirão nos braços uma da outra!...

Antonio Agostinho d'Andrade Figueira (Brasileiro, Pará).

Descoberta dos Açores. — Foi por mandado do Infante D. Henrique, 3.º filho d'El-Rei D. João I, e reinando este soberano, que o Commendador de Almourol, Frei Gonçalo Velho Cabral, Senhor de Cardiga, Bezelga e Pias, no termo de Thomar, e parente de Pedro Alvares Cabral, descobridor do Brasil, deu com a ilha de Santa Maria, no dia 15 de agosto de 1432. Foi esse mesmo Fr. Gonçalo o seu primeiro capitão donatario. As outras ilhas não se sabe ao certo quando forão descobertas, mas pela proximidade em que estão, é muito provavel que o fossem pelo mesmo tempo, e pelo mesmo Frei Gonçalo. Á memoria d'este navegante se deveria erigir um monumento em todas as ilhas d'este formoso archipelago.

A proposito: Que seria feito da estatua que Goes diz se achara quando se descobrio a ilha do Corvo, estatua que apontava com uma das mãos para o occidente, como indicando o Novo Mundo, que em 1492, sessenta annos depois da descoberta da primeira ilha dos Açores, Christovão Colombo desencantou? A achar-se esse padrão historico, devera restituir-se ao sitio onde mysteriosa mão o collocara.

Anonymo (Fayalense).

Rodas de expostos. — Passeava um dia, em 1198, o Papa Innocencio III pelas margens do Tibre, quando lhe vierão dizer que um pescador tirara nas redes tres creanças mortas. Commoveu-se tanto o Pontifice, que mandou fazer immediatamente uma roda no hospicio do Espirito Santo, onde se podessem depôr os meninos abandonados, e prohibio que se seguissem ou espiassem as pessoas que os vinhâm expôr. Estas creanças adoptadas pela caridade, que tinha mãos para receber, e não devia ter olhos para ver, erão, e são ainda hoje, criadas e instruidas até aos dezesete annos no grande estabelecimento pio do Espirito Santo. Tal foi o primeiro asylo, permanente e regular, aberto na Europa áquellas innocentes victimas votadas á morte (*A.* 57, *p.* 193).

Endoenças em Campo Maior. —Decidio um de nossos Reis (não me lembra qual) ir á caça a Villa Viçosa, e d'alli á praça de Campo Maior. Corria o mez de agosto e ardia tudo em calor no Alemtejo. Constando aquillo á Camara de Campo Maior, ordenou o presidente uma sessão extraordinaria para se deliberarem os festejos e demonstrações de publico regosijo pela vinda do Real Hospede. Dizião uns que se dessem umas cavalhadas; querião outros um torneio; outros, fogo de vistas; etc. etc.; até que a final pede a palavra um dos mais atilados camaristas, e diz: «*Acertei, meus senhores; devem-se fazer umas endoenças na igreja principal.*»

D'ahi a dous dias (a 14 ou 15 d'agosto), estafado El-Rei, da caça e do calor, entrou em Campo Maiór, julgando que o *Te Deum* seria pequeno, e que em breve se poderia ir pôr á fresca no paço; qual não foi porém a sua admiração, quando ao chegar á igreja com a sua côrte, vê tudo de luto, e lhe impingem musica da semana santa, e logo após lhe ferrão um sermão de duas horas, que El-Rei se vio obrigado a aturar, jurando todavia que nunca mais o pilharião em Campo Maior, por não achar graça a endoenças em agosto.

Eis o motivo por que ainda hoje se dá alli grande cavaco ao perguntar-se *quando são lá as endoenças?*

R. F. V. (Béja)

CHARADA XXV.

Ora saber-me-hão dizer	Que bella cabeça fui!
Se o vento pousa no chão?	Amor, poesia, facções,
Pois sendo esse o meu forte,	Céus, inferno revolvi,
Tambem ao vento me dão. . . 1	Andei c'o Papa aos baldões . 2

Aos ignorantes imponho;
Sempre de mim satisfeito,
De pouco que sei ufano,
Olho os sabios com despeito.

Anonymo Charadista.

O DOM DA PALAVRA.

De todas quantas quesilias
N'este mundo póde haver,
A maior é ser forçado
A mil cartas escrever.

Se é verdade, como disse
Um dos maiores talentos,
Que a palavra nos foi dada
Para encobrir pensamentos,

Nada ha que mais obrigue
A mentir, a ser fingido,
Do que as cartas d'etiqueta,
Que ás vezes nem têm sentido.

Mas nem só as d'etiqueta
Tem sina d'aborrecidas:
Iguaes são cartas d'amores,
De hypocrisia tecidas.

«Meu amor, meu bem querido,
Enleio do coração;
Doce objecto de meus votos
E de minha adoração!...

Por ti vivo e por ti morro,
Das bellas bella sem par;
Se mil vidas eu tivera,
Por ti as quizera dar.»

E apesar de tanta léria,
E de ser a moça bella,
Nem por ella vive o falso,
Nem morre d'amor por ella.

Dizem que é tudo perfeito
Quanto Deus lançou ao mundo!
Qual historia! pensar tal
É erro, e erro profundo.

N'umas cousas ha sobejo,
E n'outras ha grande mingua!
Para o homem ser perfeito
Não havia de ter lingua.

Amelia Carolina d'Oliveira.

O azeite e o gaz. — Um honrado lavrador, que tinha parte de sua fortuna em azeite, exclamou ao ver a illuminação a gaz em Coimbra: «Agora se o gaz se applica tambem á comida é que o azeite perde todo o valor.

Mafoma e o vinho.—Dous anjos, Azoth e Mazoth, havião baixado á terra por ordem do Ser Supremo para investigar as acções dos homens. Uma mulher tão judiciosa quanto bella (phenomeno raro em todos os tempos) os convidou um dia para jantar, e como elles achassem o vinho muito bom, embriagaram-se. A formosura da sua hospeda causou grande impressão na imaginação exaltada dos dous anjos, mas ella a tudo se recusou, até que elles lhe dissessem as mysteriosas palavras que os fazião elevar ao céu.

A embriaguez é má conselheira, e por isso os anjos revelaram o seu segredo, e a formosa mulher subio até ao throno de Deus, que a transformou n'uma estrella resplandecente. Os dous criminosos anjos forão condemnados a jazer, atados pelos pés, no fundo d'um dos poços de Babel, até ao dia do juizo.

É d'este acontecimento que data, na religião de Mafoma (segundo affirmão os árabes de Bagdad), a prohibição do uso do vinho, pois que sendo até os anjos do céu victimas da sua influencia, muito mais devem temer os fracos humanos o seu malevolo influxo. *Francisco de Paula Barbosa Nogueira.*

Superstições mineiras.—Para curar uma quebradura, vai-se a um monte de terra, que terá cinco palmos d'alto, fabricado pelo capim; enche-se um saquinho d'ella; põe-se e conserva-se uma noute inteira em cima da hernia; no dia seguinte vai-se de noute ao monte, atira-se com o saquinho, sem olhar para traz, para o mesmo ponto em que a terra fôra apanhada, e ahi está a cura completa.

Outra: está um burro, um porco, ou outro qualquer animal, com uma *bicheira,* o que é muito commum n'este paiz. Vai um homem, põe-se-lhe na frente, agarra uma palha, faz uma laçada que abranja todo o logar occupado pelos bichos, e zás, aperta a laçada, atira-a para trás das costas, e ahi fica morta a bicharia toda.—Juiz de Fora 18 d'Agosto de 1857.

Francisco Ignacio Pereira (Fayalense).

Pratinhos de mimo. — Ao ir um cosinheiro para casa d'um fidalgo, disse-lhe um companheiro:



«Cuidado comtigo! olha que elle hade te fazer estas quatro perguntas: que ha de melhor na gallinha, no capão, no boi e no porco? não te atrapalhes, homem! responde-lhe a correr, que o melhor da gallinha é o ovo, do capão a pelle do pescoço, do porco o lombo e do boi a lingua.

«Não tenhas duvida, lhe responde o outro; heide dar conta do recado.

Chegando a casa do fidalgo, faz-lhe este as quatro perguntas, e responde-lhe o cosinheiro, muito ancho:

«Pois isso tem lá que ver! o melhor da gallinha é a lingua, do capão o lombo, do boi a pelle do pescoço, e do porco o ovo.

F. J. G. V. (Paredes)

Nabos da Guarda. — Não sr., não admitto que os nabos da Suecia sejão superiores aos d'este districto. Chegão aquelles, segundo se lê a pag. 167 do Almanach de 1858, a doze libras de pêso; ora que grande admiração! em quasi todo o districto da Guarda os ha mais pesados. Na Meda chegão a ter 15 e 20 arrateis. *Anonymo de Celorico da Beira.*

Nostradamo.—Foi um medico e historiador da Provença que viveu no século XVI, se occupou de astronomia, e publicou uns quartetos propheticos em rima. Estavão então em grande voga a astrologia, a chiromancia, e toda a supposta sciencia de adivinhar, e por isso tiverão grande voga tambem as prophecias de *Nostradamo*. Catherina de Medicis o chamou



á sua côrte e o encheu de favores. Morreu em 1566 com a reputação de propheta, reputação que ainda dura aos olhos de alguns. Quiz um dos filhos especular com ella, e por isso deitou fogo á cidade de Pongin, que elle predissera dever ser em breve incendiada; foi porém apanhado em flagrante e assassinado—É aquelle o fidelissimo retrato de Nostradamo.

Senhora d'Antime. — É uma romagem de maxima nomeada no concelho de *Fafe* e na parte oriental inteira do districto de Braga. Chama-se-lhe tambem romaria da *Senhora do Sol* e romaria da *Senhora da Misericordia*, em virtude do ferver das supplicas e do intenso da fé com que os povos se endereção a esta *Senhora*, nas faltas de chuva ou de sol.

A imagem da *Virgem* é de *pedra fina (granito metamorphico)*, com braços postiços, e sem pés nem pernas, nem feitio algum de estatuária, além do rosto unicamente. Tem outo arrobas de pêso, e está collôcada em um tosco andor antigo de outo arrobas tambem, a que dão o nome de *charola da Senhora*.

Dá a tradição por apparecida esta imagem no *Monte de S. Jorge*, entre *Fafe* e *Cepães*, e entre a fréguezia *d'Antime* igualmente; monte d'uma boa legua de comprido e meia legua de largo, onde abundão grandes pedreiras de *pedra fina (granitos metamorphicos* especialmente), d'envolta com *granitos effusivos* durissimos, entre os quaes apparecem ás vezes bellos *granitos porphyroides*; granitos explorados todos incessantemente, e os metamorphicos sobre tudo, para as construcções nas convisinhanças de *Fafe* em redondo, até uma boa legua ás vezes.

Tambem n'este mesmo monte «*do S. Jorge Magno*», venera o povo o *penedo da pègadinha*, em commemoração da crença que tem, *das pègadinhas que no dito penedo deixara impressas o jumentinho da Senhora, indo ella uma vez a cavallo por estes sitios*.

Celebra-se a funcção da Senhora d'Antime, com vesperas, no 2.º domingo de Julho, na sua fréguezia reitoral de *Santa Maria* do mesmo nome, a um quarto de legua para o sul da villa de *Fafe*; fazendo-se pela manhã o *anniversario das almas*, com seu sermão appropriado á festa. No domingo de manhã, pela volta das 10 horas, sahe *d'Antime* para a igreja de *Fafe* a procissão da Senhora, fazendo-se então n'esta igreja matriz exposição do Sacramento, com sua missa cantada, e o competente sermão, e pela volta das 6 horas da tarde regressa para

a respectiva fréguezia, no meio de numerosissimo concurso de romeiros, como na sahida d'*Antime* para *Fafe*.

Era outr'ora ainda mais galhofeira do que hoje, esta *romagem d'Antime*: chegava quasi a delirio o affervorado das salvas da *companhia de mosqueteiros da procissão*, não só na sahida e na volta d'ella, mas sobre tudo no acommettimento de um castello ficticio, de proposito erigido para dar mais realce á funcção e para a tornar mais estrepitosa; o castello a final tomado era abrasado em chammas pelos mesmos mosqueteiros, depois de finjido um apparatoso conflicto de sitiantes e sitiados, e vencido a final o Rei mouro acastellado. Dá a tradição por origem d'esta finjida peleja, muito victoriada dos romeiros em chusma, a commemoração d'antigos feitos dos povos da localidade na expulsão dos mouros, quando era senhor e povoador de *Fafe*, nos primeiros tempos de nossa independencia, *D. Egas Fafes*, filho aguerrido do aguerrido *D. Fafes Luz*, alferes do *Conde D. Henrique*, primitivo tronco genealogico da nossa dynastia affonsina.

No meio das folias e extravagancias da romaria, tem ficado algumas vezes esmagados alguns dos conductores da *charola* debaixo do seu excessivo pêso. Costumão ser 16 em geral, para pegarem revesados aos oito braços, ou *banzos* da dita *charola da Senhora*, os valentões da procissão, valentões que se offerecem com antecipação de um ou dois annos ás vezes, e que não conseguem esta graça especial dos mesarios da *Senhora*, senão a poder de supplicas, empenhos e sollicitações. Não é todavia a mera ostentação de forças e de robustez de corpo a que assim faz deprecar a graça de carregar com os *banzos da charola* aos hombros; é especialmente porque têem para si os mancebos da localidade *(Fafe* e *Antime sobre tudo)* não serem bem succedidos nos seus casamentos, se não pegarem primeiro ao andor da *Senhora*. N'essa occasião, para elles da maior expansão de coração juvenil, costumão collocar *esses mancebos dos banzos* os seus ramos de *perpetuas* na *charola*, aos quaes se dá o nome sacramental de *pinhas da Senhora d'Antime*. *J. J. da S. Pereira-Caldas* (Braga).

AGOSTO—22.

Cobra das Molucas.—Ha nas ilhas Molucas, se se deve dar credito a Manoel de Faria, uma especie de cobras que ao terem fome mastigão certa herva venenosa, e subindo



ás arvores que pendem sobre o mar, a atirão para alli; acodem logo os peixes, engolem-na com avidez, e é um momento emquanto morrem; entrão então as cobras no mar e comem sem difficuldade os peixes mortos.

AGOSTO—23.

Supplicio das cinzas.—Consistia, entre os persas, em precipitar o padecente do alto d'uma torre n'um monte de cinzas, onde morria suffocado.

AGOSTO—24.

Religião.—Consolação unica dos infelizes! Os que fervorosamente te amão poucas vezes se lanção nos braços do desespero.

Quando a dor se reclina, e cruzando os braços, se nutre com avidez das proprias lagrimas, tecendo côres sombrias na tella que a imaginação orna com todos os horrores da eça funeral—quando a dôr suprema nos circumda, e se enrosca em torno da nossa alma ameaçando esmagal'a—lá surges tu, filha do céu! lá assomas no horisonte sombrio, abraçada á cruz do Redemptor! E murmurando palavras de consolação á alma ulcerada, enxugas as lagrimas que escaldão a face e recahem como chumbo derretido no miserrimo coração d'onde dimanão. Quando as tribulações se multiplicão, não te occupes em luctar com as suas ondas turvas! não tentes nada contra a corrente! refugia-te no seio da religião; cumpre com fervor os deveres que Deus e a sociedade te houverem imposto; e o Archanjo das consolações tirará o espinho pungente á tua dor, fertilisando o presente e espargindo flores novas, que a tua resignação e fé terão purificado sob a benefica influencia da santa religião. *Sybilla Stephana* (Londres).

AGOSTO—25.

CHARADA XXVI.

O velho Sá de Miranda
D'isto fez em tempo antigo.. 2

É raro o que sem mim vive,
Mas todos morrem comigo.. 1

De castellos em castellos,
Da lua ao pallido alvor,
Este pobre vagabundo
Só pede esmolas d'amor.

Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho Leal (Fermedo).

Ermida da Piedade em Lagos. — A bahia de Lagos é formosa e célebre pelas recordações da nossa historia maritima. O pontal denominado da Piedade, em rasão da ermida n'elle sita, é um rochedo a pique, onde houve uma bateria de duas peças; d'alli se descobre o mar sem limites desde o cabo de Santa Maria até o de S. Vicente, extrema d'esta nossa terra portugueza por aquella parte. A léste fica a magestosa bahia, orlada ao norte por uma extensa praia, quasi semi-circular; mais ao longe se divisão os alcantis sombrios da serra de Monchique, em que remata a perspectiva, cercando em fórma de amphitheatro toda a paisagem inferior. A ermida da invocação de Nossa Senhora da Piedade está no rochedo mais escarpado, proeminente sobre o oceano, a pouca distancia ao sul da cidade: a solidão do logar e a vastidão dos mares inspirão profundas e religiosas meditações.

Não póde assignalar-se ao certo a epocha da fundação da igreja primitiva; conjectura-se que data de remota antiguidade por algumas ruinas que a cercão, e cujos fragmentos se aproveitaram em reedificações posteriores, manifestando que a fabrica em sua origem foi mais ampla do que se apresenta aos modernos visitadores. A frente do lado d'oeste e as de outros dous lados são guarnecidas de cantaria; dividem-nas pilastras da mesma, já bastante carcomida pelo tempo: as pilastras dos quatro angulos são terminadas por uma especie de pinaculos, que findão n'uma pyra, onde as chammas fazem lembrar as symbolicas do fogo sagrado, mantido sempre pelas Vestaes. D'aqui veio o presumir-se que muitas das pedras da ermida christã serião tomadas de algum pequeno templo dos romanos, que os edificavão nas costas e promontorios, sagrando-os aos numes maritimos, e que de ordinario erão dispostos para que os marinheiros salvos de naufragio viessem cumprir ahi suas promessas e votos arrancados na afflicção do perigo. — Não fazendo caso de tão remota origem, o local da

ermida é digno das visitas dos curiosos que frequentão a muito antiga e nobre cidade de Lagos, quando outro motivo não houvesse senão a bella perspectiva, que faz com que seja um dos sitios mais concorridos da cidade.

Francisco Nunes Lobo (Lagos).

AGOSTO—27.

A ESPERANÇA.

Ha uma nuvem mimosa,
Ténue, ligeira, dourada,
Como as que tinge o sol posto
De vaga luz combinada.

Pequeninos, inda fracos,
Mal nossos olhos abrimos,
Acenando-nos risonha,
Logo entre sombras a vimos.

Crescemos, ella contente,
Bella, encantada, fagueira,
Os nossos passos dirige,
É-nos fiel companheira.

Dormimos, ella constante
Vem deitar-se ao nosso lado;
Sonhamos, povôa os sonhos
Do seu reflexo dourado.

Somos tristes, lacrimosos,
Triste véu lhe empana a luz;
Sorrimos, com brilho novo,
Novo encanto, nos seduz.

Vêmos já aos pés a campa,
E ella, bemfazeja ainda,
É um lenitivo ás magoas
Da existencia que finda.

Esta nuvem nossa amiga,
Nosso penhor de bonança,
Nosso esteio na desgraça,
Esta nuvem é a Esp'rança.

Esp'rança, oasis florido,
Deliciosa miragem,
És sobre a terra a ventura,
Ou és d'ella a doce imagem?

Sejas uma, ou outra cousa,
Realidade, ou visão,
Sou feliz porque te sinto
Dentro do meu coração.

Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro (Leiria).

Prodigiosa força da humidade.—O famoso obelisco que o Imperador Caligula mandara vir do Egypto para Roma estava enterrado atraz da igreja de S. Pedro, quando o Papa Xisto V se resolveu a levantal'o na praça do Vaticano. Julio II e Paulo III havião tido o mesmo designio, mas a magnitude da empreza os tinha desanimado. O novo Papa venceu todas as difficuldades em 1587. Encarregou da direcção dos trabalhos o architecto Fontana, que empregou grande quantidade de homens e de cavallos para fazer operar as numerosas machinas que devião levantar aquella enorme massa, de cem pés de altura. Depois de quatro mezes e dez dias de trabalho, mandou o Papa fazer preces solemnes, e ordenou, sob pena de morte, que se guardasse o mais profundo silencio no dia da inauguração. Chegado elle, concorreu immenso povo ao espectaculo. Já o soberbo monumento estava no ar e quasi ao nivel do pedestal; mas tendo-se as cordas distendido com o enorme pêso, havia-se por baldado tanto trabalho, quando do meio da multidão sahio esta voz: «*Molhem as cordas.*»— Molharam-se effectivamente e o obelisco subio. Foi devido este resultado á porosidade das cordas, que ao humedecerem encurtão e augmentão de diametro (*A*. 51, 14 *de Outubro*, *A*. 52 *p*. 272, *A*. 54 *p*. 192, *A*. 55 *p*. 145).

João Felix Pereira.

CHARADA XXVIII.

A quem adivinhar isto
Dou a commenda de Christo:

Descendo dos montes, Acabo no mar:	1	Se já entre os deuses Me deram logar,
Andando bastante Não posso avançar.	1	Agora aqui mesmo Me podes achar.

Esta é que é uma charada
Difficil e complicada.

Augusto de Lima.

Pêras supplementares. — Disse-se no Almanach do anno passado que apparecêra no quintal d'um pádeiro d'Yvetot uma pêra extraordinaria. Era-o porque da extremidade opposta ao pé sahia outra pêra, e d'esta ainda outra. Procuraremos explicar aquelle phenomeno do modo mais claro que podermos.

Ha na maior parte das flores um sustentaculo ou pé, a que os botanicos chamão *pedunculo*. Na sua parte superior o pedunculo dá inserção aos orgãos que compõem a flor, os quaes, como se póde facilmente verificar no cravo ou na rosa, se dispõem em quatro series concentricas, que se podem representar por quatro circulos traçados dentro uns dos outros.

A primeira serie dos orgãos floraes, isto é, a mais exterior, chama-se *cálice*, e as peças de que é formada denominão-se *sepalas*. A segunda serie tem o nome de *corolla*, e o de *petalas* as suas peças. A terceira serie dos orgãos floraes é designada pelo nome de *androcêo* e são chamados *estames* os individuos que o constituem. *Gynocêo* se chama a quarta e mais interior das quatro series, e *carpellas* ou *pistillos* as partes de que é formada.

O cálice e a corolla são orgãos unicamente destinados a protegerem os estames e as carpellas. Os estames são os orgãos masculinos, que contêem o pó fecundante (é o pó, d'ordinario amarello, que se vê nas flores, e que até ás vezes polvilha os dedos dos que as colhem). São as carpellas os orgãos femininos, que na sua porção mais inferior, a que se dá o nome d'*ovario*, encerrão os *ovulos* ou *germes* de novas plantas, como as mãis abrigão no seio os filhinhos que lhes hãode succeder.

Duas observações muito importantes devemos acrescentar a esta breve exposição, para que melhor se comprehenda o como se produzio o phenomeno que desejamos explicar. A primeira é que as flores são verdadeiros ramos, mas profundamente modificados; mais claro — que as sepalas, petalas, estames e carpellas são folhas, não obstante o diversificarem,

apparentemente, tanto d'aquelles orgãos. É a segunda, que as quatro series dos orgãos floraes, comquanto pareça que estão assentes no mesmo plano, estão realmente inseridas em espiral. Note-se, finalmente, que ha flores em que existe um só ovario, e que as ha, e n'este caso estão as flores da pereira, em que existem muitos.

Depois do desabrochamento da flor, chega uma epocha em que o pó fecundante, penetrando no ovario, fecunda os germes; os estames murchão, a corolla cahe, o cálice ou cahe ou persiste, o ovario ou ovarios começão a desenvolver-se, até attingirem a grandeza que devem ter: são o *fructo* — Appliquemos o que fica dito á pêra d'Yvetot. Uma das flores d'aquella pereira desabrochou; o pó fecundante, tocando os germes contidos nos ovarios, poz estes em circumstancias de se desenvolverem, conjunctamente com o cálice (a parte externa das pêras é o calice da flor que encerra os ovarios). Por uma causa, que não é possivel averiguar, o eixo, sobre que estavão dispostos *em linha espiral* os ovarios, alongou-se, e com elle o cálice. Os ovarios que ficaram na base do eixo cresceram e originaram a primeira pêra; os que ficaram na parte superior do eixo, que sahio pelo cume da primeira pêra, desenvolveram-se tambem d'igual modo e produziram o segundo fructo; e como o crescimento do eixo era, póde assim dizer-se, indefinido, e os ovarios estavão affastados, por se terem alargado muito as voltas da espiral que descrevião, repetio-se o phenomeno que se déra na primeira, na segunda pêra, e podéra, talvez, continuar-se.

Provavelmente as pêras irião sendo cada vez mais pequenas.

Partindo do principio de que a natureza não erra, embora ás vezes as suas obras nos pareção menos perfeitas, cremos que o estudo das anomalias vegetaes revelará aos botanicos importantes leis physiologicas.

É pena que as pessoas que encontrão taes anomalias as não enviem a quem devidamente as estude.

É este um ramo novo e curiosissimo da botanica em que ha muito que investigar. *João José de Sousa Telles.*

Romaria de S. Luiz Rei de França. — Ha nos suburbios de Montemór-o-Novo (Alemtejo) uma ermida, ou capella, de S. Luiz Rei de França, situada n'uma herdade pertencente hoje a um cavalheiro d'aquella villa, e onde se faz todos os annos uma festa de romaria no dia 25 d'agosto, em que a Igreja solemnisa o Santo Rei. Consiste em missa cantada, sermão, arraial, bailiques ao som da classica e antiga gaita de folles, ou tambor e pifano, cujo tocador costuma trazer a cabeça amarrada com um lenço. Os devotos que têem gado, especialmente cavallar, alli vão prestar homenagem ao Santo: dão tres voltas á roda da igreja, a cavallo, com o chapéu na mão, e offerecem-lhe um animalsinho de cêra, conforme foi a especie que o Santo preservou do mal. Em tempos antigos vinhão os festeiros a cavallo, em procissão, de noute, com archotes accêsos, até á villa, onde percorrião as ruas ao som de tambores e pifanos, levando na frente uma bandeira com a imagem do Santo. Quando o vinho estava barato, divertião-se frequentemente em quebrar as cabeças uns aos outros, não dando pouco que fazer á policia, que não podia muita vez com taes devotos. Não sei o motivo d'esta devoção com S. Luiz Rei de França, quando é S. Luiz Bispo o advogado dos animaes!



Balthasar Mousinho de Vasconcellos Almadanim (Coimbra).

Os bailes d'hoje. — Vou-me *despír* para ir ao baile, diz uma das nossas elegantes que ahi mais gosta de *se mostrar*. E se bem o diz, melhor o faz.

Stereoscopo. — Foi inventado ha poucos annos, e serve para se verem em relevo n'um desenho as partes que devem destacar do fundo. Compõem-se os stereoscopos mais perfeitos d'uma caixinha de madeira, a cuja face superior se fixão dous tubos, munidos de lentes convexas, e destinados a dirigirem os eixos opticos; outros ha em que não existem esses oculos, em que uma lamina de madeira divide a caixa, de alto a baixo, em duas partes iguaes, e em que só ha na face superior duas lentes convexas. É no fundo da caixa que assentão duas imagens do mesmo objecto (feitas no mesmo papel), e representando aquelle segundo as perspectivas exactamente correspondentes aos eixos opticos dos olhos d'uma pessoa collocada a pequena distancia. Em virtude d'esta disposição, quando se olha pelos tubos ou pelos vidros para o desenho, recebe cadaum dos olhos a mesma impressão que receberia, se estando o observador perto do objecto representado e n'uma certa posição, olhasse para elle. *Alexandre Magno de Castilho Junior.*

SETEMBRO — 2.

A BORBOLETA.

Nascer co'a primavera, ir-se co'as rosas;
N'um céu puro nadar na aza da aragem;
Librando-se no seio das florinhas,
Descerradas de ha pouco, embevecer-se
De luz, de azul, de aromas; inda joven,
Sacodindo das azas a poeira,
Como um sôpro voar lá ás eternas
Celestiaes abobadas; tal vemos
Da borboleta o fado deleitoso!
Semelha-se ao desejo, que não pousa,
E que, tocando em tudo, sem fartar-se,
Volta por fim ao céu a achar delicias.

(A. de Lamartine) *Sebastião José Pedroso.*

Convento dos jesuitas d'Angra.—Grandezas, riquezas, alegrias, emblemas, alfaias de fino quilate e de valiosos tecidos, e todos os signaes festivos, rodearam a mui vistosa procissão que faz hoje duzentos e oito annos, promovida pelos padres da companhia, se celebrou n'esta cidade pela mudança do SANTISSIMO para a nova igreja do collegio dos jesuitas d'Angra, e a que concorreram todo o clero, communidades, confrarias e irmandades. Foi uma procissão solemne e que deixou por muito tempo gratas recordações; porém, como diz o curioso e infatigavel escriptor *Maldonado*, «o que mais a exaltou foi a compostura de nove figuras, que «representavão o nome e qualidade das nove ilhas de que «se compõe o archipelago dos Açorés.» Eis como as descreveu aquelle escriptor:

«*Ilha de Santa Maria.*—Era a primeira a ilha de Santa Maria, que se adiantara ás mais por ser a primeira dos Açores que foi povoada; vestia á tragica com roupas de primavera, espartilho com guarnição de perolas, morrião de plumas, escudo embraçado em que se via gravada a cruz do habito de Christo, como para denotar ser do mestrado d'esta Ordem; levava um pendão por modo de trophéu com um algarismo que dizia «1432 aos 15 de agosto», como dizendo que n'aquelle mez e anno fôra povoada.

«*Ilha de S. Miguel.*—Seguia-se S. Miguel com roupas varonis, peito d'espaldar, morrião de plumas, bastão de general, escudo embraçado com um algarismo que dizia «1444 aos 8 de maio», denotando no bastão que dera generaes na guerra, titulos na côrte, e no algarismo que n'aquelle mez e anno fôra povoada.

«*Ilha Terceira.*—Seguia-se a Terceira, significando ser *terceira* na povoação; vestia roupas de tella guarnecidas de palhetão fino, espartilho de ricas e preciosas joias, ornada com corôa e sceptro, mostrando ser côrte em que residio o snr. Rei D. Antonio, e que n'ella houvera Relação, Mêsa da Con-

sciencia, Desembargo do Paço, e Casa da Moeda; era sua insignia uma palma, em signal das victorias que teve contra os castelhanos, expulsando-os de si, e que n'esta mesma palma levava a palma ás mais ilhas no tracto, abundancia e fidalguia: embraçava um escudo com um algarismo que dizia «1450», como dizendo que n'este anno fôra povoada.

«*Ilhas do Fayal e Pico.*—Seguia-se o Fayal, com roupas varonis de varias e diversas côres, e trunfa de Bretanha, significando assim que fôra o seu primeiro povoador flamengo; ornava-se com espada e rodella, mostrando que já se vira em guerras em que padecera as oppressões que n'ellas se experimentão: levava por insignia um ramo de faya unido a uma folha de inhame, em que mostrava ser o fayal seu brazão e que dos fructos da outra planta se mantinha. Levava o Fayal a seu lado esquerdo o Pico, no que mostrava serem aquellas ilhas ambas povoadas em um tempo; vestia o Pico á tragica, com gala varonil de menor custo, meias e alparcas, dando a entender, que já nunca em tempo algum passaría sem alparcas, e que por pobre e miseravel lhe faltavão os cabedaes para luzir com gala de mór custo. Era sua insignia uma parreira, em que denotava o abundantissimo fructo dos vinhos de que abundava; esta parra com submissão a offerecía ao Fayal, como confessando ser seu subdito, e que dos fructos d'aquella parra que erão seus, tinha o Fayal os lucros.

«O que mais era para ver, e em que todos se enlevavão, foi a trunfa por modo de pyramide de que se compunha a cabeça da figura do Pico, que com ser de uma desproporcionada altura, era toda composta de aljofar, significando na altura o alto e desproporcionado promontorio de que se intitula, e na brancura do aljofar a neve de que de ordinario e a todo o tempo está coberto.

«*Ilha de S. Jorge.*—Seguia-se S. Jorge com borzeguins, calção, samarra, tudo de diversas côres, como dando a entender que forão diversos seus primeiros cultores, e que por ser ilha tão aspera necessitava de botas e borzeguins; levava chapeu de varias e diversas plumas, com a jactancia de que ti-

nha parentesco com as principaes familias da Terceira, diversificadas nos nomes e appellidos. Era sua insignia uma silva, confessando n'ella que fôra o seu primeiro povoador Silveyra.

«*Ilha Graciosa*.—Seguia-se a Graciosa, vestida de roupas brancas, porque foi o seu primeiro nome Ilha Branca; cingia um alfange pelo haver ganhado na occasião em que fôra de sete náus truquescas acommettida; levava cabello solto, e cabeça descoberta, em signal que é tão limpa que não contém em si matta alguma, nem palmo de terra que se não fabrique; erão sua insignia umas espigas de cevada, significando n'ellas que era aquelle o fructo de sua mór cultura; ostentava no braço esquerdo um escudo d'armas, denotando a nobreza dos seus primeiros, de que tomão hoje seus habitadores o nome de fidalguia, que não ha nenhum que se não jacte de fidalgo.

»*Ilhas das Flores e Corvo*.—Seguia-se a Flores vestida á tragica; toda semeada de varias flores com capella e grinalda, denotando n'ellas o seu nome. Levava por insignia uma cruz, confessando n'ella a veneração do seu senhor da terra, que é o excellentissimo conde de Santa Cruz. De uma e outra banda levava um côrvo, figurados com tal engenho e artificio, que não differião no parecer e representação da semelhança d'aquellas aves, porque buscando-se dous negritos de igual altura, n'elles se formou na parte extrinseca o corpo e feitio d'aquellas aves, que cobriram de penna com tal curiosidade que parecia natural. Estes corvos denotavão o ilhéu do Corvo suffragâneo d'aquella ilha.» *Insulano*.

SETEMBRO—4.

Supplício das pias.—Era posto o infeliz entre duas pias, sobrepostas, mas com a cabeça de fóra; alli recebia os alimentos, picando-se-lhe os olhos se se recusava a tomal'os, e ahi vivia uns dias até que os bichos déssem cabo d'elle. Onde era isso? na Persia. *F. J. Silva* (Cadaval).

Celibato.—É tanto contra a natureza, que não deve admirar se formem contra elle importantes sociedades. É nos departamentos do *Vár* e *Gironda* que ellas mais têem fructificado. Ha já quatro annos que funcciona a de Lyão que lhes servio de modêlo. Divide-se em 10 secções e comprehende 200 donzellas. Paga cada uma d'ellas a quota annual de 100 francos; é pois de 20,000 francos annuaes o fundo da sociedade, quantia a que deve juntar-se o producto de duas loterias de 6 em 6 mezes, loterias cujos premios são offerecidos pelas socias e por quantos sympathisão com o objecto de taes associações. No fim do anno dispõe a sociedade de 30 ou 40,000 francos, os quaes são destinados para dotes de tres donzellas tiradas á sorte: se estas não casão dentro em curto praso, reverte o dote ao fundo commum e dotão-se mais raparigas no anno immediato. As socias depois de casadas continuão a pagar a sua quota dez annos mais, e devem interpôr toda a sua influencia para que a sociedade fructifique. Tão poderosa se tornou a de Lyão que dotou o anno passado dez donzellas. É verdade que bastão algumas vezes dous ou tres mil francos para determinar certos casamentos, que se não farião sem auxilio pecuniario, e sem a influencia ou protecção que todos os membros empregão a favor das futuras esposas.



Ahi fica uma boa idéa, que bem conviria adoptar em terras portuguezas e brasileiras: é ás damas sobretudo que mais compete fazel'a prosperar.

SETEMBRO — 6.

Insectos. — O que passamos a dizer é affirmado por juiz muito competente, por um dos maiores sabios d'este século, por Latreille:



«As collecções entomologicas, apesar de imperfeitas e incompletas, contêem umas cem mil especies de insectos.

«Nutre cada planta, pelo menos, tres differentes especies d'estes animaes; se se attende ao numero de plantas actualmente conhecidas não serão menos de 360,000 as diversas especies de insectos que n'ellas se contenhão.

«Considerando, por outro lado, a sua immensa fecundidade, facilmente se conhece que a mais pequena legião d'estes animaes deve comprehender mais milhões do que dezenas e centenas comprehendem os animaes superiores.

«Reflectindo, por outro lado ainda, que todos os seres nutrem outros á sua superficie e dentro de seus tecidos e fluidos, bem póde ser olhado cada insecto como um pequeno mundo habitado por outros insectos.

«Digamos, a proposito de animaes d'extrema pequenez, que ha nas massas mineraes e inorganicas, pela maior parte compostas de restos fosseis, animaes a tal ponto microscopicos, que se tem calculado serem precisos nada menos de 48 milhões d'elles para formar o volume d'um grão d'areia. De

uma só especie se compõe uma parte dos Apenninos; foi essa mesma especie que tambem formou as maiores cordilheiras da America.»

Admiremos prostrados a magnificencia da creação e o illimitado poder do Creador!

SETEMBRO — 7.

Embarcações chinezas. — É geralmente sabido que uma grande parte da população chineza passa a vida no mar. Não será por isso destituida de interesse uma descripção abreviada das differentes embarcações que lhes servem de morada, taes quaes eu as vi ha bastantes annos, e taes quaes existem de certo hoje, porque os chins, com a singela expressão de que usão — *já tem o seu costumado* — explicão bem, em portuguez máu, a sua antipathia por tudo o que é innovação.

Cinco são os nomes por que em Macáu se designão as construcções e armações maritimas dos chins: *soma, lorcha, chapatião, tancar*, e outro, que por soar mal na nossa lingua, me dispenso de repetir. As *somas*, com a sua fórma alterosa, sem differença entre pópa e próa, com as suas velas de esteira e as suas ancoras de páu, fazem a navegação commercial no alto mar, e chegão até á Cochinchina, á Batavia, e a Calcuttá. Os *chapatiões*, especie de escaleres mui compridos, com duas extensas ordens de remos, fornecem o maior contingente para a guerra. As *lorchas*, que tambem armão com duas velas de esteira, occupão-se da pesca e conduzem mercadorias e passageiros de uns para outros pontos do littoral. As embarcações cujo nome julguei decente omittir, subdividem-se em duas especies, e ora desprovidas de adornos e enfeites servem para receber e conduzir carga, ora repartidas em compartimentos, com janellas envidraçadas, e pintadas de diversas côres, servem de habitações permanentes, com especialidade a um enxame de bellezas faceis, em que sobresahe o contrafeito pé pequenino, tão appetecido no imperio celes-

tal. Mal iria comtudo ao *fanquei* (europeu) que alli quizesse penetrar!... Os *tancares* são barquinhos, com fundo chato, de não mais de 15 palmos de comprimento, cobertos com tejadilhos de palha, e conservados sempre no mais escrupuloso aceio, apesar de servirem de habitação a familias, que alli dormem, fazem a comida, e guardão todos os seus haveres.

Recordo-me com saudade do tempo em que nos meus verdes annos era conduzido para bordo do meu navio, a trôco de algumas *sapecas*, por um d'estes barquinhos, ordinariamente tripulados por duas mulheres ainda novas, de olhinhos abertos á canivete, muito lavadas, mas trescalando-lhes a azeite de côco o cabello, negro e luzidio como se fôra azeviche, e cahido pelas costas abaixo em longo rabicho entrançado. Umas calças largas de ganga preta ou azul clara, e cabaia correspondente, e uma manilha de metal branco no pulso ou por sobre o tornozello do pé, descalço, mas natural, porque o luxo do pé contrafeito não chega ás classes industriosas, completão a *toilette* d'estas barqueiras, de que uma rema sentada á prôa, em quanto a outra, de pé, á pôpa, e muitas vezes com uma criança debruçada sobre os hombros, suspensa de uma especie de mochilla, dirige a navegação com um remo mais comprido a que chamão *lio-lio*.

Joaquim Honorato Ferreira.

Á GLORIA.

(FRAGMENTO.)

Qual em globos, uma a uma,
Tenue espuma se desfaz;
Qual atraz da leve corça
Já sem força o mastim vai;
Qual a bella que inconstante,
Delirante, pede amor;
Qual a flor, que sem ventura,
Pouco dura, e murcha cái;

Tal a gloria surde e foge!...
Amor hoje, odio ámanhã!
Tanto affan, tamanha lida,
Curta vida não vos val.
Remontai ao ponto summo
Vêdes fumo e nada mais;
Encontrais os bens sonhados
Já trocados pelo mal.

. . . .

José Feliciano de Castilho.

Nossa Senhora de França.—Vem cheios os jornaes do meio dia de pormenores estatisticos sobre a estatua de *Nossa Senhora de França* que não ha muito se concluio n'uma das principaes fundições do departamento do Rheno. Essa estatua, feita com o metal de peças d'artilheria russas tomadas em Sebastopol, deve ser erigida no monte *Corneille*, á roda do qual se abre em fórma de leque a cidade do Puy, e que a domina de grandissima altura.



O monte Corneille é uma das curiosidades geologicas do meio dia da França; é de lava volcanica e de fórma pyramidal. Proximo a elle se acha o monte de S. Miguel que se eleva a maior altura ainda e que tem litteralmente a fórma de um pão de assucar. Edificou-se lá em cima uma capella onde se vai por uma escada exterior aberta na rocha. Remonta a sua fundação aos primeiros tempos do estabelecimento do christianismo nas Gallias. Todos os annos se diz alli missa no dia de S. Miguel, em que ahi se vai em pere-

grinação de todos os pontos do departamento, e até dos departamentos visinhos.

A estatua fará pois symetria á capella do monte de S. Miguel, augmentando assim o pittoresco effeito que de longe apresenta a vista d'essas duas estranhas e agigantadas rochas.

O modêlo da estatua tem 62 pés desde a base até ao extremo opposto, e a estatua só por si 48 pés. Muito escreveriamos se foramos a contar as numerosas e engenhosissimas combinações por meio das quaes se fez aquella transformação. Os andaimes que foi necessario construir, e que se vêem de muitas leguas de distancia, dão vertigens!...

Principiada a estatua monumental a 14 de dezembro de 1856, achava-se já de todo concluida a 2 de outubro de 1857! A Santa Virgem está de pé sobre uma esphera em que se enrola uma enorme serpente cuja cabeça ella esmaga debaixo dos pés. Tem nos braços o Menino Jesus que abençôa o Puy.

A serpente tem 51 pés de comprido, e os pés da Virgem cêrca de 6 pés cada um. Por aqui se poderá fazer idéa das incriveis proporções da estatua, cuja circumferencia é de 52 pés. Os cabellos da Virgem, desgrenhados sobre o manto, têem 21 pés de comprido. O antebraço tem mais de 5 pés, e a mão, desde o principio do punho até á extremidade dos dedos, 4 e meia. A largura da mão é de mais de 3 pés.

O modêlo da estatua é de gesso e pesa 80,000 arrateis ou 2,500 arrobas, ou 625 quintaes. Só o Menino Jesus pesa 36,000 arrateis, ou 1,125 arrobas, ou 281 quintaes. A estatatua inteira, de ferro fundido e feita por aquella, pesa 1,562 quintaes e o Menino Jesus 700.

Nada até hoje se fundio com tão extraordinarias proporções em metal. A estatua de S. Carlos Borromeu no Lago Maior tem 63 pés, mas não foi fundida; é toda ella de chapas de cobre rebatido.

Sobe-se ao interior da estatua por uma escada que leva a tres andares, cada um dos quaes recebe luz por 4 janellas que se abrem para os quatro pontos cardeaes, e d'onde se admira o immenso panorama que se desenrola aos pés do monte Corneille

A cadella de Tanger. — Sendo D. João de Menezes capitão mór de Arzilla, e D. Rodrigo de Castro capitão mór de Tanger, succedeu o seguinte caso. Informado Menezes, por um espia, de que El-Rei de Fez sahirá com doze mil cavalleiros a seu mando, para talar as campinas de Tanger, e tomar, se podesse, a cidade, lidou por dar noticia a D. Rodrigo do perigo que o ameaçava; e ouvindo dizer que um cidadão de Tanger deixara por esquécimento uma cadella sua em Arzilla, aonde poucos dias antes tinha vindo tratar negocio, mandou apanhar o animal, é pendurou-lhe ao pescoço uma carta, na qual dava conta a D. Rodrigo de quanto o espia lhe relatara. Depois determinou que logo que anoutecesse pozessem fora de portas a cadella e rijamente a fustigassem. Assim se fez. A cadella chegou ante-manhã ás portas de Tanger, e D. Rodrigo, avisado a tempo, mandou a toda a gente vestir armas, para acudir aonde o Rei mourisco andava já devastando campos e rebanhos. Esta sortida não foi coroada de feliz exito, porque assoberbado da grande quantidade de inimigos, o capitão mór houve de recolher-se á cidade, gravemente ferido no rosto, e morto já seu filho. Quando os portuguezes entravão em Tanger, o ultimo d'elles, Lopo Martins, deitou o ferrolho só á meia porta, para não mostrar medo aos mouros, e acommetido por elles lhes aparou só com o seu esforço o assalto, até que, ajudado d'outros seus camaradas, conseguio sacudir fóra das muralhas os mahometanos.

Pedro Diniz.

SETEMBRO — 10.

ENIGMA X.

Em certo jogo ha um que vale um,
É mais d'um, mas como um tambem é visto:
Procura-me no meio de tudo isto
Afim de não ficares em jejum.

José Lopes Viegas (Olhão).

E não poude dizer tria.—No tempo em que ainda se não achava arrefecido de todo o enthusiasmo por assumptos politicos, era costume nos theatros, em noutes de gala e regosijo, pôrem-se em pé nos seus bancos poétas e não poétas, baterem palmas, e recitarem versos, ou cousa a que davão esse nome, e que muitas vezes era prosa a mais desenxabida. N'uma d'essas occasiões, lembrou-se um filho d'Apollo de commemorar o patriotismo de Gomes Freire, justiçado, como se sabe, em 1817. Foi este o seu *improviso*, feito em casa de manhã:

Gomes Freire, meus senhores,
Só na patria é que pensava;
Dia e noute meditava
Só na patria, seus amores:
Oh! quem dissera os horrores
Que a má sorte lhe traria!
Nos seus hombros (que agonia!)
Estava o carrasco já,
Quando afflicto exclama: «PA...»
E não poude dizer «TRIA.»

Por muito tempo passou em anexim aqui em Lisboa, quando alguem estacava no meio de uma empresa, de uma narração, de um dito, a phrase—*E não poude dizer tria.*—

SETEMBRO — 12.

CHARADA XXVIII.

Faça assim, ó bella Marcia,	Seja assim, linda Marilia,
Se pertende ser amada.... 2	E estará logo casada...... 2

Todos dizem que sou nova;
(Que disparate profundo!)
Por mais nova que me chamem,
Sou tão velha como o mundo.

Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho Leal (Fermedo).

Gerrha.—Era uma colonia chaldéa, situada perto da Arabia feliz, n'um terreno esteril, e encravada n'um oceano d'areia: alli morava um dos povos mais ricos do mundo, e que tinha ajuntado grossos cabedaes com o transporte das mercadorias procedentes da India e da Arabia. Os habitantes de Gerrha levavão aquellas mercadorias, em caravanas, para o interior do paiz, ou pelo mar, para Babylonia: não agricultavão, não erão productores, mas com aquellas recovagens enriqueceram.



SETEMBRO—14.

CHARADA XXIX.

Ai misero o mortal, que me supporta!
Ai d'elle, que entre dores desatina! 3
Eu nasço, e o meu nascer não tem limites,
Eu morro, e o meu morrer nunca termina. . 2

Lá bem ao cabo
D'Africa ardente
Os pés eu lavo
No mar fremente:
Por largos annos
Desconhecido,
Entre os humanos,
Luso atrevido
Me devassou,
E revelou
Os meus arcanos;
Porém com damnos,
Damnos sem conta
Que aos seus causei,
Eu d'esta affronta
Já me vinguei.

Antonio Lino Leão de Vasconcellos (Amarante).

SETEMBRO — 15.

Telegraphia africana. — O célebre missionário L. Krapf fala na sua ultima relação do interior da Africa, d'um systema telegraphico dos mais singulares. O rei de Kaffa teve a engenhosa lembrança de mandar pôr soldados com grandes tambores ao pé das arvores chamadas workas. De espaço a espaço trepão lá acima, e á primeira nova de que o inimigo entra pelo territorio devem tocar a rebato. Dado immediatamente o signal pelo tambor da fronteira, os outros que estão de alcatéa por cima das arvores lhe respondem. Assim se diffunde a noticia por todo o paiz, e em quanto lá por cima dobrão os rufos, tratão de pegar em armas e marchar contra o inimigo todos que se achão em estado de defender a patria.

SETEMBRO — 16.

A UMA TESTA MONSTRUOSA.

SONETO.

Com a fronte abalara o céu rotundo
Desmedido penhasco alcantilado;
Julgavão ser Adamastor ousado,
Que surgira outra vez do mar profundo.
Ao ver um tal prodigio, sem segundo,
Grita o naturalista enthusiasmado:
«Eis um volcão terrivel e inflammado,
«Que se acaso rebenta, ai pobre mundo!!...»
Mil preces faz a géração mundana,
E cada qual para morrer se apresta,
Pois crê que em seu presagio não se engana.
Miseros homens, que loucura é esta!
O que ahi vedes é cabeça humana,
E o que julgais volcão, é uma testa!...

Dr. *Julio Amando de Castro* (Brasileiro).

Nazareth.—Povoação na Extremadura, de mais de 1:000 habitantes, pertencente ao districto de Leiria, concelho d'Alcobaça, freguezia da Pederneira, e que outr'ora tambem foi concelho. É mui frequentada, principalmente no mez de setembro, em que é grandissimo o numero de pessoas que de todas as partes do reino vem em romaria á *Senhora da Nazareth*, e a uso de banhos do mar, que mui commodamente se tomão na praia do mesmo nome. Deve a sua denominação, a sua origem e o seu augmento, ao culto e veneração prestados áquella Imagem, que foi levada da cidade da Nazareth por um monge grego, chamado *Cyriaco*, ao *Augustiniano Convento de Columbiana*, distante de Merida duas léguas, no tempo em que n'aquellas partes do Oriente se levantou uma heresia contra a veneração e culto das imagens: conduzio-a depois a este sitio um religioso d'aquelle convento, por nome *Romano*, quando os mouros invadiram as Hespanhas. Achando-se aqui occulta na cavidade d'um rochedo, foi descoberta no reinado de D. Affonso Henriques por D. Fuas Roupinho (então Capitão de Porto de Moz), por um assignalado milagre.

Quasi todos os nossos Monarchas, incluindo o Senhor D. Pedro V quando Principe Real, visitaram esta povoação e Nossa Senhora da Nazareth, que se venera em um magnifico templo, obra d'El-Rei D. Fernando I. Apresenta este sitio um lindo panorama: o seu mar abunda em variadas especies d'excellente peixe, de cujos direitos o Estado recebe todos os annos avultadas sommas *(A. 51 p. 287)*.

José Antonio Ferreira d'Abreu (Nazareth).

SETEMBRO — 18.

CHARADA XXX.

Nada tenho de fiel 2	Sou fiel aos sitiados,
Mas fiel já fui chamada . . 2	De quem estou na avançada.

M. A. Magalhães e Almeida (Cerva).

O elephante sagrado do Sião. — A religião dominante dos habitantes do reino de Sião é o *bouddhismo* com suas mais extravagantes praticas.

Adorão estes povos os elephantes brancos, que tanto abundão nas regiões do sul.

A um d'elles, havido na conta de representante de *Bouddha* cá na terra, se elevou um bello templo e um palacio em Banghok. Por occasião da recente embaixada de M. de Montigny forão os marinheiros francezes admittidos por especial favor a visitar essa mysteriosa habitação, confiada ao cuidado d'um sacerdote.

O animal parecia bem penetrado do papel que lhe fazia representar a crédula ignorancia d'aquella gente, o que manifestava por certo ar de gravidade. Tinha nas pernas, pouco a cima dos joelhos, argolas d'ouro encrustadas de pedras preciosas, e na cabeça um magnifico diadema de pérolas e diamantes.

Todos os dias, ao nascer do sol, apparece o elephante á porta do templo, e dá o signal da oração, olhando para o céu, e levantando a tromba coberta d'ouro. Não haja medo de que uma só vez falte; elle proprio é o primeiro a velar pelo cumprimento exacto d'aquella sua rigorosa obrigação, e parece fazel'o bem dominado de sentimentos religiosos.

Se bem que d'um caracter mui docil e benigno, ha circumstancias em que o povo de Sião é grosseiro e cruelmente fanatico. Havendo morrido o elephante sagrado em 1853, attribuio o povo esse acontecimento ao padre que lhe faltara com alguma cousa, e correu ao palacio, exigindo freneticamente a sua morte: muito custou a fazel'o escapar á geral indignação.

Não ha em Sião quem não trocasse a sua sorte pela do elephante sagrado, e o não julgue felicissimo, apesar de andar sempre de tromba.

(A. 52, p. 260, A. 55, p. 147, A. 56, p. 141 e 187.)

PALLIDA!

Como foi, conta-me, ó rosa,
Que assim mudaste de côr?
Déste os risos da ventura
Pelos espinhos do amor?

Porque o rubor pois trocaste
Por tão rara pallidez?
Quem te transformou em lirio?
Quem tão pallida te fez?

Essas tão mimosas faces
Quem, oh! quem as desmaiou?
Quem da alegria o sorriso
Nos teus labios apagou?

D'onde vem tanta tristura?
D'onde vem tanto soffrer?
Dize, dize, oh! rosa pallida,
Quem assim te faz viver?

Deixa essa amarga existencia,
Despe a tristeza de ti,
Que um meigo e vasto futuro
Por Deus, por mim, te sorri!..

Quem como tu sempre póde
Tanto perfume emanar,
Outra sorte, outra ventura,
Bem deve ainda esperar.

O jugo que hoje te opprime,
E que vem tambem por mim,
Diz-me o coração, ai diz-me,
Que mui breve hade ter fim!...

A primavera inda é tua,
A esp'rança.. oh! tenho-a eu!..
Como é, rosa, que mentir-nos
Podem pois a terra e o céu?...

S. P. M. Estacio da Veiga.

SETEMBRO—21.

Cinzas da secretaría.—Tinhão por costume os moços da secretaría da fazenda, em Paris, quando era ahi costume fazer-se a barrela com cinza, juntar n'uma casa a de todos os fogões e cheminés que no inverno ardião n'aquella repartição, cinzas que depois vendião por bom preço. Por cima da porta lhes mandou pôr um gracioso o seguinte letreiro:

«Aqui repousão as cinzas dos moços da secretaria.»

Throno do Pavão.—Assim se denominava outr'ora o do Imperador do Grão Mogol. Era d'ouro macisso, cravejado de diamantes, e tinha, em fórma de docel, uma palmeira carregada de fructos, que eram todos de diamantes e outras pedras preciosas. N'um dos ramos via-se um pavão, com as azas abertas, como para com ellas cobrir o Monarcha, e ostentando a sua variegada e formosa cauda, toda composta de esmeraldas e outras pedras de grande valor, que reproduzião com admiravel primor as brilhantes côres com que a natureza dotou aquella ave. A seu lado se mostrava radiante um papagaio de tamanho natural, e feito de uma só esmeralda.

Entre as immensas riquezas accumuladas n'essa morada da vaidade, admirava-se tambem um rubim preciosissimo e sem rival no mundo, rubim que Tamerlão, antepassado dos Imperadores do Mogol, tomara em 1398 ao Rei de Delhi.

Por tudo isto se conhece até onde chegava o prodigioso fausto d'esses Soberanos, que amontoavão com desvelo em seus palacios todas as riquezas que o commercio e as minas tornavão abundantes em seus estados. A belleza dos jardins condizia com a magnificencia do paço. Frondosas alamedas de platanos, deliciosas grutas, elegantes caramanchões, onde não penetravão os raios do sol, offerecião amena sombra aos que desejavão passear ou repousar, ouvindo os suaves gorgeios dos passaros ao abrigo dos ardentes raios do sol. De milhares de flôres e de infinitos arbustos odoriferos rescendião os mais delicados aromas. Tanques, lagos, repuxos, cascatas, labyrinthos, completavão esses jardins encantados, cujo plano fôra dado por um architecto de Veneza, a quem Schah-Djihan o encommendara.

Remedio para enchaqueca.—Uma rodella de limão na fonte do mesmo lado. É remedio facillimo e dos mais efficazes.

Volcões d'ar. — A seis léguas de Carthagena (Nova Granada, America Meridional) se encontra a aldeóla de Zurbano, afamada pelos seus volcões d'ar: levanta-se sobre uma penedia que remata n'um plaino horisontal e é pittoresca ao ultimo ponto. D'alli se avistão fechados e extensos bosques, e se descobrem, em dias claros, os alvos cumes da Serra Nevada. É a uma légua para o lado do oriente, e no meio d'um bosque de palmeiras, que se abrem os referidos volcões, em numero de vinte, n'um plano bastante regular, formado pela natureza. É conica a sua configuração, têem uns vinte pés de altura, e na parte superior uma abertura circular de quatro varas de diametro, cheia d'agua, continuamente agitada. Têem-se alli contado mais de vinte irrupções d'ar em dez minutos. Ouve-se lá dentro, de quando em quando, um rumor semelhante ao de uma torrente que se despenhasse entre rochas escarpadas.

Dos volcões ordinarios tambem ha boa porção n'aquelle paiz, em que se contão por centenas as crateras de volcões extinctos.

SETEMBRO — 24.

Pão nosso de cada dia. — É costume em varios de nossos collegios interrogar as meninas sobre alguns periodos das orações que aprendem de cór. Entre a mestra de um dos nossos mais acreditados e uma rapariguinha de sete annos se travou um dia o seguinte dialogo;

«Menina, diga o Padre Nosso.

«*Padre nosso, que estais nos céus*, etc.

«Explique-me uma cousa.

«*Se eu souber*...

«Porque rasão pedimos nós a Nosso Senhor o pão nosso *de cada dia*, em vez de lh'o pedir logo para cinco ou seis dias de cada vez?

«*É porque endurecia.*

SETEMBRO — 25.

Anagramma. — Ao nome do Sr. Agostinho Antonio do Souto, um dos mais distinctos estudantes da Universidade, foi feito, quando cursava no oitavo anno os trabalhos academicos, o seguinte anagramma, que não tem outro merecimento senão o ser verdadeiro, e o ser feito em curto espaço de tempo no fim de uma prelecção academica:

«'Studo o ignoto ha oito annos.»

Dando publicidade ao anagramma a dou tambem á estima que consagro ao Sr. Souto.

Antonio Manoel da Cunha Belem (Coimbra).

SETEMBRO — 26.

AS GRAÇAS, VENUS E ULINA.

SONETO.

As Graças, certo dia reunidas,
Prolongado debate começaram,
E entre si pertinazes disputaram
Se em belleza podião ser vencidas?
As formosas pelo orbe repartidas
Então ás Graças tres se apresentaram;
E mal estas, Ulina, te avistaram,
Curvas, submissas, prostrão-se rendidas!...
Venus, que o sabe, corre, em furia accêsa,
Escumando de raiva concentrada,
E lança em rosto ás Graças tal fraqueza!
Mas apenas te encara, ó minha amada,
Diz: «Eu te entrego o sceptro da belleza,
«Sobe em meu carro á abobada azulada.»

Elnida (Brasileiro, Cidade d'Areia, Parahyba do Norte).

S. Pedro de Roma. — É a maior das 364 igrejas d'aquella capital, e o mais formoso templo que até hoje se haja construido: póde-se até dizer que é o edificio mais bello do mundo. Uma praça immensa, um magnifico peristilio circular ornado com



duas lindas fontes e um dos mais bellos obeliscos egypcios formão, por assim dizer, a avenida d'esta basilica; o seu duplice zimborio, tão vasto como o do Pantheon d'Agrippa e a 160 pés do sólo, é considerado como a obra mais assombrosa e atrevida que a architectura moderna haja executado. É por baixo d'esse immenso zimborio que está collocado o altar mór, coroado por um docel que assenta em quatro columnas de bronze dourado: esta peça, tão notavel por sua magestosa architectura e por sua elevação, é a maior obra de bronze que se conhece: pésa uns 3,700 quintaes. Acha-se no pavimento inferior ao altar mór a riquissima capella subterranea, denominada *Confissão de S. Pedro*. As estatuas collossaes, de bronze, dos 4 Evangelistas; os preciosos quadros de mosaico em que se imitaram as obras primas dos grandes mestres; os mausoléus de varios Papas; a *Capella Clementina* e outras são o que mais alli assombra o espectador. A pag. 264 do Almanach de 1857 démos a gravura da praça de S. Pedro, do exterior da igreja e do Vaticano; apresentamos hoje a vista interior do sumptuoso templo.

Bambaras. — O povo bambara é um dos mais bellicosos da Africa central; o amor das conquistas e a ambição do saque são os unicos moveis que o dirigem nas suas expedições. Algumas vezes lhe succede ter que defender-se dos povos mahometanos, que se lhe avisinhão com o sentido de engrossarem o numero dos sectarios do propheta.



Usão os bambaras de fetiches *(boli)* para fazer mal aos seus inimigos e até para os matarem.

São os *beledugús* que arranjão os feitiços. Quem quer um fetiche vai fóra de horas, e muito ás escondidas, ter com o *beledugú*. É preciso levar um bocadinho de panno que pertencesse ao inimigo. Á falta d'este ingrediente basta um punhado de terra por onde elle tivesse recentemente andado.

Feitos os ajustes entre os dous e combinado o maleficio,

principia o tal *beledugú* por cortar a cabeça a uma gallinha ruiva; besunta com o sangue o chifre ou a cauda d'um boi, e acompanha a ceremonia de conjuros e carêtas. Depois toma o farrapo ou a terra, deita-lhe sangue de gallinha, e torna a dar aquella bruxaria ao fréguez, recommendando-lhe que a esconda em casa muito bem escondida, e espere pela pancada.

Estas drogas varião de preço conforme a importancia do feitiço. O que se faz com a ponta de boi, dizem lá elles que dá cabo d'um homem emquanto o demo esfrega um olho.

As outras misturadas têem quesilia com os animaes domesticos, destróem as plantações, e fazem pegar fogo nas cubatas. Lá o lêem, lá o entendem.

No tempo da influencia da escravatura, dizia-se que erão os bambaras os pretos mais estimados e mais caros. Eu é que os não queria em casa nem de graça.

SETEMBRO—29.

CHARADA XXXI.

Juntando outras tantas letras
Á minha primeira parte,
Acharás mulher robusta,
Bem capaz d'estrafegar-te. } 1

Rasguei em tres uma pagina
Do livro do meu viver;
Duas, mandei-as ao vento,
Tenho uma em meu poder. } 1

Agora o fim da charada
Não sei bem se o conheceis;
Procurai nas mãos de Ceres,
Lá do espigas me achareis. } 2

Roma, patria d'heróes, entre seus filhos
Bem distincto logar me deu vaidosa;
Dos louros que Minerva aos seus concede
A historia me teceu c'rôa frondosa.

Uma Conimbricense.

306

Maranhão. — A cidade de S. Luiz, capital da populosa provincia do Maranhão, é a 4.ª do imperio, opulenta em riqueza e commercio, e geralmente havida pela primeira em aceio e gosto de architectura. Está situada n'uma ilha em frente de uma bahia, na confluencia de dous rios, denominados *Bacanga* e *Anil*, que a extremão por esses lados.

Tres fortes (*S. Marcos*, *Ponta d'areia*, e *S. Luiz*, ou baluarte) a defendem com 55 canhões de grosso calibre.

Tem 16 praças e largos, cheios de arvoredo, 60 e tantas ruas e travessas, de 4 a 6 braças de largura, todas calçadas, sendo a maior parte d'ellas de pedra branca. Sua edificação consta de 2,700 e tantas casas, quasi todas de pedra e cal, entre as quaes se conta um grande numero de sobrados, ou antes palacetes, álem dos predios publicos, em que se distinguem os seguintes: palacios do governo e episcopal, cathedral, tribunal da relação, paço da municipalidade, arsenal de marinha, ponte e casa d'alfandega, theatro, lyceu, seminario, bibliotheca, cadeia, quartel, hospitaes de caridade e militar, casa dos expostos, estabelecimento dos educandos artifices, armazem da polvora, e o dique, que ainda não está concluido, bem como o cáes da sagração.

O palacio do governo, de bella perspectiva, com 47 braças e 8 palmos de frente e 37 de fundo, serve não só de residencia ao presidente da provincia, como de assento á thesouraria de fazenda, collectoria geral, armazem de artigos bellicos, administração de obras publicas, e correio. O theatro é do risco do de S. Carlos; tem 11 braças de frente e vinte e tantas de fundo, uma grande platéa, quatro ordens de camarotes, largos corredores e um vasto salão; em completa enchente póde accomodar perto de duas mil pessoas. O arsenal de marinha tem 37 braças e meia de frente e 64 de fundo, e o quartel edificado no centro de uma extraordinaria praça, 31 de frente com 81 de fundo. Todos os edificios publicos, á excepção d'estes dous ultimos, são de sobrado.

Conta 15 grandes igrejas, 2 capellas, 4 conventos, sendo 1 de recolhidas, e 4 cemiterios, incluindo o dos protestantes.

Sua illuminação publica é feita a *gaz liquido*.

As suas fontes publicas mais notaveis são — *Apicum*, *Ribeirão*, *Pedras* e *Mamoim* — Ainda que os arrabaldes da cidade sejão muito abundantes d'agua potavel, organisou-se ultimamente uma companhia para encanar e trazer, da distancia de uma légua, as do *Anil* á capital, devendo estabelecer-se para isso quatro chafarizes, obra que vai em progresso.

O seu commercio exteriòr mais forte é com a Inglaterra, Portugal, França e Estados Unidos; e o de cabotagem com o Pará, Piauhy, Ceará e Pernambuco, valendo-lhe muito a caixa filial do governo e o banco commercial e agricola, cujos fundos sobem a mais de tres mil contos.

A população de toda a provincia é orçada em perto de quatrocentas mil almas; a da ilha em que está situada a cidade, de 35 a 40,000; e a da cidade propriamente dita em 24,000. A receita geral da provincia passa de mil contos e regula a da municipalidade da capital por 40 e tantos.

Antonio Bernardino Jorge Sobrinho (Brasileiro, Ceará).

OUTUBRO — 1.

AOS ANNOS DE UMA GRACIOSA MENINA.

Se eu fôra da velha Arcadia
Um cantor de Marcias vesgas,
Far-te-hia, aqui, duas nesgas
De um poema sem verniz:
Dir-te-hia que a bella aurora
Se veste de côr de rosa,
Para saudar, jubilosa,
Teu horoscopo feliz.

Mas sou vate chòramigas,
E aqui tambem a lamuria
Não é somenos injuria
Que um soneto ou madrigal:
Olha... vive muitos annos,
Sê de teus pais muito amiga,
Faze a Cupido uma figa,
Que eu faço ponto final.

Joaquim Guilherme Lobato Pires.

Casamentos no Jarmello.—Duas igrejas edificadas em uma elevada montanha são alli as matrizes de muitas povoações espalhadas e um pouco distantes. É curiosa a ceremonia dos casamentos por aquellas terras.

Vai o noivo com os seus parentes e convidados buscar a noiva a casa, onde os parentes e amigos d'esta mostrão resistencia em a deixar sahir, cedendo porém a final, e partindo todos caminho da igreja. Concluida ahi a ceremonia, voltão todos para casa, tendo grandes difficuldades a vencer pelo caminho fóra: n'umas partes encontrão-se mêsas cobertas de alvissimas toalhas e açafates de ramalhetes, que são offerecidos aos noivos e mais pessoas da comitiva a trôco de alguns patacos, ou quartos de pão, que os mais previdentes levão já partidos em burnais ou lenços; n'outros sitios apparece a estrada interceptada com uma fita ou cordão, e é necessario pagar a portagem segundo a generosidade de cada um; mais adiante topa-se com outro obstaculo, que é preciso vencer á força de dadivas. Chega-se a final a casa da noiva, aonde ha ainda a pagar alguma esportula: proximo á entrada, recolhe-se a noiva, e o noivo marcha com os seus convidados para sua casa. Sahem então de dentro da casa da noiva duas ou tres mulheres, cada uma com seu taboleiro de papas estendidas sobre toalhas, e cortadas já em quadradinhos, e mesmo á mão os distribuem a todas as outras mulheres e crianças que por alli se achão. Para os homens vem tambem dois ou tres serventes, com açafates de cuscureis e um copo de vinho para cada um. Acabada a distribuição, entrão os convidados e achão já a mêsa servida; assentão-se indistinctamente, o amo com o criado, o parocho com o moleiro, o barbeiro com o cavador, e principia o abundante banquete patriarchal: ao empinar o ultimo copo, apparece o noivo com os seus convidados para conduzirem a noiva, e então é que são os maiores trabalhos: os de fóra querem entrar para tirar a noiva, os de dentro oppõem-se, e trava-se uma lucta, em

que figurão principalmente os trovadores, que em versos á sua moda pedem a sahida da noiva ou recusão entregal'a a seu marido, a quem por fim se dá licença para a levar; é então acompanhada em triumpho por todos os que assistiram ao casamento, e com isto acaba a funcção.

OUTUBRO — 3.

A D. IGNEZ DE CASTRO

SONETO.

MOTE.

Nos saudosos campos do Mondego.
Camões.

GLOSA.

Bella Castro infeliz, cuja memoria
Promove sempre universal ternura;
Cuja infanda catastrophe, tão dura,
É nodoa vil na lusitana historia;
Se de Rainha posthuma a vangloria
Dous dias te isentou da sepultura,
Fama illustre te deu, que eterna dura,
O cantor immortal da lusa gloria.
Mil vezes lido o caso miserando,
Sempre excita cruel desasocego,
Almas inda as mais cruas traspassando!
Dos algozes se antolha o furor cego,
Vê-se correr teu sangue, e Echo ululando
Nos saudosos campos do Mondego.

Manoel Fulgencio Gomes (Lobriges).

OUTUBRO — 4.

Igreja de S. Francisco d'Assiz. — Na cidade d'Assiz, que está situada na encosta de um monte elevado, proximo ao Tibre, se admira a magnifica igreja dedicada ao veneravel Patriarcha, igreja que propriamente se póde dizer compôr-se de tres, sobrepostas. Na inferior, quasi subterranea, se conserva o corpo de S. Francisco; a do meio é algum tanto escura, mas ornada com bellissimas pinturas *a fresco* d'autores célebres, serve de côro aos frades, e é por baixo do seu altar mór que na igreja inferior se acha collocado o corpo do Santo. A ultima de todas é clara, magnifica, e está preciósamente adornada.

As maiores curiosidades que alli se admirão, são um enorme dente de marfim e umas varas de ponta de veado que certo Rei de Babylonia deu de presente a S. Francisco: não diz a tradição qual elle fosse.

No sino maior se lê esta inscripção: «*Cum ista campana Sanctus Franciscus populum ad prædicationem convocabat.*»

OUTUBRO — 5.

Convento de Penhalonga em Cintra. — Antigo mosteiro, cuja fundação remonta aos tempos de D. João I: foi o primeiro convento que tiverão os monges de S. Jeronymo em Portugal. Varios Reis, como D. Manoel e D. Sebastião, alli habitaram e fizeram grandes melhoramentos.

É singular o caso que por antiga tradição contavão os monges. Dizião que no refeitorio estava pintado n'uma parede o retrato d'El-Rei D. Sebastião, retrato feito ao achar-se presente o Monarcha: depois de haver partido para a Africa, e estando um dia á mêsa toda a communidade, sentio-se um grande estrondo! abrira-se a parede e desfizera-se o retrato D'ahi a pouco chegava a noticia de se haver perdido a batalha d'Alcacer Quibir, e de ter perecido o joven soberano!

Antonio da Cunha.

BRASIL.

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá;
As aves que aqui gorgeião
Não gorgeião como lá.

Nosso céu tem mais estrellas,
As nossas varzeas mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em scismar sosinho á noute
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá.

Não permitta Deus que eu morra
Sem que eu volte para lá;
Sem que disfructe os primores
Que não encontro por cá;
Sem que inda aviste as palmeiras
Onde canta o sabiá.

Antonio Gonçalves Dias (Brasileiro).

Uso dos diccionarios.—A um dos conservadores da bibliotheca de París se apresentou ha dias um sujeito:

«Faz-me o obsequio de me mandar dar um diccionario?

«Diccionario de que?

«Do que quizer.

«Não percebo; é diccionario da lingua, diccionario geographico, diccionario......

«O que quizer, o que quizer.

«Ó senhor, eu não o percebo; explique-se.

«Olhe, em sendo grande e grosso, é quanto me basta.

«Cada vez entendo menos; para que especie de trabalho é, faz favor de me dizer?

«É para me sentar.»

PORTUGAL.

(PARODIA.)

Minha terra tem collinas,
Onde canta o rouxinol;
Minha terra é mais amena,
Mais saudoso o pôr do sol.

As flores têm mais perfumes,
Nossos fructos mais sabores,
Tem mais mimo a natureza,
Mais paixão nossos amores.

Mais prazer encontro eu lá
Em scismar ao pôr do sol;
Minha terra tem collinas,
Onde canta o rouxinol.

É mais linda a primavera,
Mais jocundo o nosso estio;
Mais fertil o nosso outomno,
Mais saudoso o inverno frio:

E assim uma após outra,
Alternando as estações,
Ha mais viço nas idéas,
Ha mais fogo nas paixões.

Não permitta Deus que eu morra
Sem que eu veja o seu pharol,
Suas tão bellas campinas,
Seu tão doce pôr do sol;
Sem que pise inda as collinas
Onde canta o rouxinol.

Estevão d'Araujo Vasconcellos Pereira e Alvim
(De Cabeceiras, mas residente no Rio de Janeiro).

CHARADA XXXIII.

Se a primeira faz a primeira
Á primeira e á segunda,
O todo, que é linda ave,
Faz a primeira á segunda.

Obscura Portuense.

Coimbra e suas antiguidades.—Foi Coimbra, em antigas eras, defendida por fortissimas muralhas, de que nem vestigios restão, pois sobre ellas se construiram elegantes predios.

Tinha sete portas: a da *Estrella*, a do *Castello*, a do *Collegio-Novo*, a de *Santa Sophia*, a de *Almedina*, a da *Portagem* e a da *Traição*.

Foram 30 os seus conventos, incluindo os de *extra-muros*, e 33 os seus Bispos sagrados até 1720.

É patria de muitos varões insignes, entre os quaes apontaremos El-Rei D. Affonso IV, Ayres Pinhel, Diogo de Paiva d'Andrade, Francisco de Sá de Miranda, Fr. Francisco de Santo Agostinho de Macedo, D. João Peculios, Fr. Leão de S. Thomaz, D. Pedro I, Pedro de Mariz, e Ruy Lopes da Veiga.

Ao entrar-se em Coimbra pela estrada de Lisboa, goza-se do mais bello espectaculo que pódem offerecer a natureza e a arte reunidas. Apparece, das alturas de Santa Clara, a cidade elegantemente recostada em uma collina, sobre a margem direita do Mondegò, cercada por verdes e ferteis campos, e banhando-lhe os pés o decantado rio.

Admirão-se entre os seus monumentos archeologicos — a *Igreja de S. Thiago*, acanhada, velha, e que já existia no tempo de Alexandre Magno — a *Sé Velha*, magestosa, bella, e tal como foi reedificada por D. Affonso Henriques — e o *Arco d'Almedina*, que se crê fundação mourisca, e cujo nome dizem vir do árabe, e significar *Porta de Sangue*: é um dos gloriosos padrões da cidade.

Do famoso *Alcaçar* em que morreu D. Sancho I, nem uma pedra existe sequer! Suppõe-se que fôra onde hoje está o observatorio da Universidade.

A *Igreja dos Jezuitas (Sé Nova)* é formosa e ampla.

A veneranda filha de Affonso Henriques *(Santa Cruz)*, idosa e carcomida, lá se vai ainda conservando.

Muitos dos conventos jazem arruinados, e foram transformados outros em residencias particulares.

O *Palacio de D. Ignez de Castro* foi coberto pelas areias do Mondego. Da

«*misera e mesquinha,*
«*Que depois de ser morta foi Rainha*»

apenas resta a *Fonte dos Amores,* melancholico retiro na margem esquerda do rio.

A *Lapa dos Esteios,* o *Penedo da Saudade,* o *Penedo da Meditação* e a *Fonte do Castanheiro,* completão o que ha de mais notavel em Coimbra.

Alli descanção — o corpo da Rainha Santa Izabel, os ossos do nosso primeiro Rei, os de D. Sancho I, os de Amador Arraes, e os de outros muitos varões de quem reza a historia.

Sobre Coimbra póde consultar-se o Padre A. de Carvalho, Chorographia Portugueza; Pedro de Mariz, Dialogos de Varia Historia; Bernardo de Brito Botelho, Historia Breve de Coimbra; Antonio Coelho Gasco, Conquista, Antiguidades e Nobreza de Coimbra.

Antonio Francisco Barata (Coimbra).

OUTUBRO — 9.

PHENIX RENASCIDA.

O amor extincto é como a sécca planta,
Que o vento frigido inclinou á terra,
E que entre as folhas sem aroma encerra
Occulto germen d'uma nova flor:
Cahe-lhe a semente, se a agitou a aragem,
E a rosa murcha reproduz mais linda;
Assim dos restos da paixão mal finda
Verás mais forte renascer o amor.

B. R. (Coimbra)

OUTUBRO — 10.

As armas da Villa da Praia.—As armas e condecoração honorifica da villa da Praia da Victoria, da Ilha Terceira, constão da carta regia de 12 de janeiro de 1837, que diz assim:

«A villa da Praia da Ilha Terceira será d'ora em diante denominada =*Villa da Praia da Victoria*= e ficará tendo o titulo de =*Muito Notavel*=.

«As armas da Muito Notavel Villa da Praia da Victoria serão um escudo partido em facha: na primeira, em campo vermelho, uma torre d'ouro; na segunda, em campo de prata, um navio negro assentado sobre um mar de prata e azul, e sobre tudo um escudete de prata, com a legenda em letras azues =Onze d'agosto de mil oitocentos vinte e nove=; tendo coroado o escudo d'uma corôa naval, e por timbre uma torre negra com bandeira bi-partida de azul e prata.»

Felix José da Costa (Ilha Terceira).

OUTUBRO — 11.

AFFONSO E ISOLINA.

De Isolina a mui formosa
Já se parte o seu guerreiro:
«A Palestina me chama,
«Adeus que sou cavalleiro.

«Sinto, senhora, os teus choros,
«E n'essas lagrimas creio:
«Mas hei medo a novo amante,
«De inconstancias me arreceio.»

«Affonso não te arrecêes,
«Não tens que te arrecear:
«Juro amar-te vivo ou morto,
«Mais ninguem me hade gozar.

«Tua sombra me appareça
«Se eu quebrar o juramento;
«Comigo se ponha á mêsa
«No dia do casamento.

«Alli declare em voz alta
«Que o seu direito requer;
«Para o sepulchro me arraste,
«Gritando, és minha mulher.»

Largos annos são passados,
Quando estremado Infanção
De Isolina a mui formosa
Se affouta a pedir a mão.

Graças e amores são prendas,
N'elle Isolina as vê todas;
Finezas quebraram juras:
Grande turba acode ás bodas.

Rompem ao banquete applausos,
Applausos á noiva bella,
Quando entra desconhecido
Que vem sentar-se ao pé d'ella.

Seu ar d'agouro, armas negras,
Altura descommunal,
Intimão geral respeito,
Infundem terror geral.

Ninguem conhecel'o poude,
Que o elmo bem o encobria;
Voltado contra Isolina,
Immovel, nada dizia.

Isolina, a mui formosa,
Convulsa esta fala fez:
«Erguei, senhor, a vizeira,
«Deixai a triste mudez.

«Em dia de regosijos
«Que vindes vós agourar?
«Cavalleiro que assim usa
«Não sabe as armas honrar.»

Fez-lhe o incognito a vontade;
Toda a sala absorta pasma!
Que levantada a viseira,
Se vio medonho fantasma.

Pallido, em pé, e crescendo,
Diz á trémula Isolina:
«Lembrada estarás de Affonso,
«Que morreu na Palestina.

«Fugir de novos amores
«Outr'ora lhe promettias;
«Juravas que, vivo ou morto,
«Leal te conservarias.

«Tu me convidaste á bôda,
«O teu convite acceitei;
«Palavras quê me has dictado
«Palavras são que eu direi.

«Meu fantasma aqui declara
«Que o seu direito requer:
«Para a cova me acompanha,
«Vem, vem, és minha mulher.»

Com a torpe mão arrasta
A infiel quo em vão bradava:
Nenhum d'elles já se via,
Seu clamor inda soava.

Em prantos de noute e dia
Breve o Infanção se finou:
Lá no castello deserto
Ninguem depois habitou.

Salvo que nas longas noutes
Noiva em prantò alli se via,
E traz ella hediondo espectro
Que nas garras a prendiá.

Alexandre Herculano.

OUTUBRO — 12.

Remedio para dôr de dentes.—Estava a pôr-se o sol do primeiro dia d'abril de 1857 e descia eu por uma das tortuosas veredàs que sulcão d'alto a baixo a cordilheira que se estende ao longo da margem esquerda do rio *Odemira*: ao entrar na estrada real, que leva á villa do mesmo nome, avistei ũma linda camponeza sentada n'uma pedra e junto d'ella, sem chapéu e de joelhos, um velho de compridas barbas grisalhas, que parecia dizer-lhe algumas palavras ao ouvido, abençoando-a frequentemente. Aproximei-me, e vi então de mais perto que as palavras erão proferidas em vóz baixa sobre a face direita da rapariga, d'onde affastava de quando em quando a bôca para fazer uma cruz com o dedo polegar, continuando sem interrupção e durante uns poucos de minutos as interminaveis bençãos: um beijo dado pelo velho na rochunchuda face da môça poz termo á mysteriosa ceremonia!

Pedi ao velho a explicação de todos os gatimanhos que fizera á rapariga, e respondeu-me que por lhe doerem os dentes, a estivera benzendo no rosto, o que era remedio certo para passarem as dôres e evitar a inflammação!

Joaquim Antonio Neves (Odemira).

OUTUBRO — 13.

CHARADA XXXIII.

Na primavera da vida,
Quando tudo nos sorri,
Vi rasgar meu coração,
Soffri muito, oh se soffri! } 2

A causa do meu soffrer,
Só na ingrata que adorei,
Só n'ella a posso encontrar,
N'aquella que tanto amei! } 2

Desde a escura masmorra
Té ao palacio do Rei,

Tu m'encontras presurosa,
Protegendo o povo e a lei.

Um lavrador de provincia (Coimbra).

O ALMANACH DE LEMBRANÇAS.

Inda que esta voz é trémula
E pobre meu alaúde,
Vão por toda a longitude
Estes meus sons echoar:
Se me taxarem de insipido
E de aprendiz de poéta,
Sempre vou tocar a méta,
Todo o meu fim é louvar.

Esse aggregado mirifico,
De perfeições adornado,
Almanach appellidado
De Portugal e Brasil,
Esse brilhante phenomeno,
Que tantas luzes derrama,
Esse egregio panorama,
Tem encantos mil e mil!

Quem bem o lê fica extático!
Tem tal graça e tanto enleio,
'Stá de riquezas tão cheio,
Que tudo n'elle é primor!
É livro de todo o mérito,
Enfeitiça por magia,
Tem força de sympathia,
Que muito prende o leitor.

É um jardim mui florífero,
É um vergel delicado,
É leitura sem enfado,
É proveitosa lição:
É bom, é bonito, é optimo,
É quanto possa dizer-se,
É o melhor que póde ler-se,
É mui rica producção!

Não gosto muito d'hyperboles;
Praz-me dizer o que sinto;
Sou trovador, mas não minto
N'este meu justo louvor:
Essa dobrada myriade
D'exemplares, que revella?
Que a producção é tão bella,
Quanto é sabio o seu Author (*).

É um composto mui sólido
De tão felizes lembranças,
Que nos dá firmes esp'ranças
De sempre excelso fulgir:
A sua estrella mui lucida
Lhe dê influxo possante,
O guarde, e seja garante
Para durar no porvir.

Que dure o Magno e altisono
Almanach Alexandrino!
Tenha mui fausto destino
No continente e álem-mar!
Seja acatado na America,
Percorra toda a Europa,
Que vogue c'o vento em pôpa
Sem escolhos encontrar.

(*) Pois não fostes!... *(A. M. C.)* *Manoel Justino Pires* (Elvas).

Civilisação tunesina.—Ao Bey de Tunes se apresentou um árabe, e abrindo na sua presença um saco, tirou de dentro duas cabeças, que atirou aos pés do Soberano, dizendo-lhe:



«Sultão, aqui está a cabeça de minha mulher e a de seu amante; apanhei-os em flagrante delicto, vinguei a minha injuria, e aqui me tens á tua disposição.»

O Bey olhou fixamente para elle e com voz energica lhe respondeu:

«Péga n'essas cabeças, retira-te, e vai enterral'as onde quizeres.»

Aquillo é que são terras!

N.B. Não pozemos as duas cabeças na gravura para não aterrar o leitor: bastante aterrada está já a cara do árabe.

Remedio para a tosse.—*Pós da Castellane.* Dizem que não ha tosse, por mais pertinaz, que lhes resista. E cuidado com ella, pois facilmente degenera.

O pão. — Ha costumes e usos antigos de que é sem duvida curioso saber a origem.



O pão é invenção dos gregos, depois adoptada pelos romanos. O primeiro uso que se fez da farinha foi de a desfazer em agua, e comêl'a assim sem mais preparo algum, como ainda em nossos dias usão os montanhezes da Escocia e outros paizes. A maneira mais ordinaria, entre os antigos, de empregar a farinha era fazer com ella uma especie de papas, que se cosião ao lume em vasos de barro: muitas vezes lhes misturavão pedaços de carne. Este modo de empregar a farinha subsistio larguissimo tempo, e não será facil dizer por que meios se chegou a convertel'a em pão. O uso d'elle é antiquissimo. A escriptura santa nos diz que Abrahão deu pão a comer aos tres anjos que lhe appareceram no deserto de Mambré, porém esse pão era feito como deixamos dito, e quasi semelhante á bolacha que hoje usamos, isto é, chato e delgado: assim não se carecia de faca para o partir, pois se quebrava facilmente nas mãos, e d'ahi provém as expressões muita vez usadas na Escriptura, *quebrar o pão, fracção do pão,* etc. Dous pães inteiros, de oito polegadas e meia de diametro, achados nas ruinas de Herculanum, provão o que dizemos. Tinha cadaum d'elles outo entalhos, para se poder partir ou quebrar mais facilmente. Este pão só era preparado, como as outras iguarias, quando devia servir, e não era co-

sido em fôrno, porém no lar, cobrindo-se por cima com cinza quente. Foi assim que Sara preparou o pão que seu marido Abrahão apresentou aos anjos. Tambem os antigos se servião, para coser o pão, de uma especie de frigideira em que se lançava a massa, ou antes papas de farinha, e que se punha depois ao lume. O do fermento para levedar o pão não é geralmente usado e se tem contestado muito na medicina se é ou não proveitoso á saude. Na Inglaterra, e em grande parte da Hespanha, apenas começa a levedar o pão, é conduzido para o forno.

Alguns fazem derivar o *pão* de *Pan*, deus dos bosques; e outros de *pan*, palavra grega que significa *todos*, porque o pão a todos convém e serve de sustento. Entre os gregos erão mulheres que fabricavão o pão; entre os romanos erão os escravos. ***

OUTUBRO — 17.

Matutos de Pernambuco. — Os costumes, simples e extravagantes, d'esta gente, são para os estrangeiros, e mesmo para os pernambucanos, assás divertidos.

Muito agradaveis são as *toadas* que elles cantão, ao saudoso som da viola, a deshoras, quando o espirito fatigado procura repouso no somno.

Entretêem-nos outras vezes cantando ao desafio ou improvisando, e frequentemente se admirão então rasgos brilhantes do genio poético.

Os camponezes d'esta provincia são em geral desconfiados; e tanto, que se entrão em alguma loja para fazer compras, offerecem muitas vezes a quarta parte do preço que se lhes pede.

Indo um matuto comprar um relogio de parede, por ordem d'um senhor de engenho, depois de ter regateado muito com o relojoeiro, lá se poz de accordo com elle, porém sempre desconfiado: «*Senhô fréguez, vomecê dê-me aquelle bichinho de quebra.*» O que elle pedia de quebra era um relogio d'ouro que valia o dobro do que elle tinha comprado.

Juveniano da Costa Monteiro (Brasileiro, Pernambuco).

Casamentos em Barroso.—O progressivo augmento da estatistica matrimonial n'este paiz deu-nos occasião de ratificar um ponto de semelhança entre os casamentos das nossas aldêas e os dos antigos povos do norte.

O célebre escriptor Cantu, na descripção dos usos e costumes dos francos, diz a respeito do casamento o seguinte:

«*Na manhã das bôdas vinha o esposo com os seus á habitação da donzella, aonde se achavão reunidos os parentes e amigos; batia repetidas vezes á porta fechada, e travava-se um dialogo rhythmico entre os do interior e os recemchegados; apparecia depois a esposa e cingia-lhe o noivo a cintura com a cinta symbolica.*»

E continua mais abaixo:

«*No fim do banquete as donzellas apresentavão á casada um ramalhete de flores e um pombo, etc.*»

Afora a cinta symbolica e o pombo, observa-se ainda aqui hoje a mesma usança; o dialogo porém é mais prosaico.

«*Quem é e que quer?*

É fulano, que aqui vem procurar gente, honra e fazenda.

«*Entre, que tudo encontrará.*

Os presentes offerecidos pelas donzellas á esposada constão, álem de flores, de dôces de diversas qualidades, dispostos em fórma pyramidal; são encetados pelos esposos, e depois se servem os padrinhos e mais convivas. No offerecimento ha versos d'este gosto:

Aqui tem, menina, este ramo,
Que da minha mão se offerece;
Não é como eu desejava,
Nem como a senhora merece.

Á vista de tão boa vontade explica-se facilmente o augmento que acima notámos; e ainda assim monta o contrabando dos filhos naturaes a 33 por cento sobre os legitimos!! Sendo a dominação dos mouros menos duradoura n'estes paizes, segundo cremos, n'elles radicaram mais os usos dos godos e suevos, proximos parentes dos taes francos, e d'aqui talvez provenhão estas antigualhas.

José Adão dos Santos Moura (S. Vicente da Chã).

Duas palavras sobre os indios do Brasil. — A opinião mais geral sobre as suas tribus é que a duas nações se reduzem em todo o imperio os seus aborigines; uma subdividida em tribus mais trataveis, sendo a principal a que comprehende todos os bandos que antigamente corrião a costa, e que falavão o mesmo idioma de que o veneravel José d'Anchieta compoz uma arte universal, e a outra, a dos *Tapuias*, subdividida (dizem muitos authores) em mais de cem linguas, cuja raiz primitiva, ou procede da denominação do logar que habitão, ou do principal que os governa.

Ninguem pense que por cá existem muitos milhões d'indigenas, porque sobre o proximo fim d'elles, em 31 de julho de 1678 o célebre Padre Antonio Vieira affirmou que sendo o Maranhão conquistado em 1615, e achando os portuguezes mais de 500 povoações desde a cidade de S. *Luiz* até Gurupá, no Pará, todas ellas assaz povoadas, já em 1652 estava tudo quasi despovoado, a ponto de não poder o Governador André Vital de Negreiros juntar 800 indios. Esta idéa não é exagerada, porque os governadores do Brasil procuravão antigamente descobrir os indios por meio d'uma verdadeira *caçada*, de que erão encarregados militares ferozes, munidos d'instrucções para matar e exterminar. Os que existem vivem contentes, dançando ao som do *maracá*, que é o fructo da *coloquintida*, enfeitado com pennas de côres variegadas, e contendo pequenos grãos ou seixos, para chocalhar. Quando chega porém a hora da peleja, são crueis para com seus inimigos, a quem declarão guerra quebrando nos matos ramos d'arvores. Durante a noute sitião o logar em que elles se achão, imitando o canto de qualquer ave nocturna, e na manhã seguinte um grito geral é o signal do combate, em que se não segue methodo algum, e se commettem as maiores barbaridades; se vencem porém, poupão a vida a mulheres e crianças e ficão os homens sendo seus escravos. Não usão

de frechas envenenadas senão nas caçadas, e para o veneno de que se achão impregnadas ainda se não conhece antidoto.

Não são insensiveis ao amor; para celebrarem um *casamento*, dispõem-se em alas, correm os mancebos com muita ligeireza d'uma extremidade a outra da povoação, sob o peso d'um grosso madeiro de seis arrobas, passando-o, sempre a correr, d'um hombro a outro, atirando-o ao ar e amparando-o da queda, devolvendo-o a outro indio, e assim alcanção a posse d'aquella que lhes captivou o coração, e que em breve repudião, ficando livres, marido e mulher, para novos enlaces.

Quem casa quer casa, e por isso escolhem os logares mais centraes para suas povoações, e sempre na cabeceira dos rios, onde formão um circulo de casas de palha, com uma entrada muito baixa e estreita. Matão os meninos que nascem defeituosos, julgando praticar um acto de caridade: com os velhos são o mais carinhosos possivel, a ponto de os levarem ás costas por muitas leguas de caminho; e quando algum morre, é enterrado dentro d'um vaso de barro e em pé com as suas armas; durante uns poucos de dias vão algumas velhas carpir em roda da sepultura.

Á noite reunem-se em uma sala espaçosa, ao lado da qual ha um pequeno quarto, onde está o *pagé*, que é historiador e medico, e da sua bôca ouvem tradições antigas, a historia de sua nação e as guerras que tiverão, recheado tudo isso de muito odio ás outras tribus inimigas, e depois vão dormir, ao lado sempre das suas armas.

Pela manhã vão-se á caça, e como sabem imitar o canto ou a voz, de qualquer ave ou mammifero, assim conseguem armar-lhes ciladas; e quando os pilhão perto, despedem-lhes settas, que nunca falhão: as mulheres é que levão para casa o producto da caçada.

Fazem lume esfregando entre si dous bocados de páu, que facilmente incendeião uma substancia que lhes serve d'isca, e é fabricada pelas formigas *tataócas*. Na comida pouco uso fazem do sal: com a farinha de mandioca fazem *beijus* e algumas bebidas. Assão os animaes, ou em grelhas de páu,

a que chamão *moquenas*, ou debaixo da terra em buracos, onde pôem a carne, a cobrem com folhas, depois com terra, e em cima ateião e conservão uma fogueira por algumas horas, que são marcadas por uma especie de relogio, cujo ponteiro é o sol: e conforme o espaço que este anda, assim marcão elles o andar do dia; os mezes é pela lua, cujo apparecimento é saudado por algumas tribus.

Muitos agricultores conhecem as horas pelas mudanças que apresentão algumas plantas: um célebre naturalista estudou todos esses phenomenos, e compoz com elles um horario com o nome *Relogio de Flora*.

Dr. Cesar Augusto Marques (Brasileiro, Maranhão).

OUTUBRO — 20.

CHARADA XXXIV.

Parece-me ouvir-te ainda
No campo o som argentino,
Com que tanto me encantavas
Quando eu era pequenino!

Oh! quantas vezes e quantas,
Nos sonhos da phantasia,
Julgando que eras só minha
Comtigo me divertia!

Mas esses tempos ditosos,
Triste de mim! já lá vão;
Só d'elles hoje me resta
Amarga recordação 3

Oh! quantas vezes tambem
Me sentei ao pé de ti,
E em teu cristallino espelho,
Tão contente, me sorri!

Era meu gosto affagar-te,
Por isso a mão te estendia,
E n'ella um rapido beijo,
Bem fresquinho, recebia.

Quem me dera poder ver-te,
Ao sopro da viração,
Mollemente espreguiçado
No teu leito sem colchão! . . 2

Tenho varios moradores
D'um genio bem singular;
Tão depressa estão contentes
Como se pôem a chorar! *A. C. da Fonseca.*

OUTUBRO — 21.

Flores e Jerichó.—Dissemos sob o titulo *Rosa de Jerichó,* a pag. 308 do Almanach ultimo, que no *Museu da Terra Santa,* em Paris, se admirava uma pequenina rosa, descoberta no valle do Jordão em 1851, a qual, mettendo-se-lhe em agua o botão sêcco, abria de todo no intervallo de quatro minutos. A este respeito nos foi enviada a seguinte communicação:

«Tambem eu tenho uma rosa d'essas, só com a differença de levar meia hora a abrir, e outra meia hora a fechar, o que é talvez devido a ter-se mettido em agua poucas vezes. Quando está fechada, occupa o espaço d'uma polegada, e quando aberta o de tres polegadas.

Ha 180 annos que esta qualidade de rosas é conhecida aqui, onde tambem gosa da particularidade de exhalar um aroma igual ao do espirito de rosa quando está aberta, e nenhum quando está fechada.»

Antonio Theodoro Mesquita Henriques (Ilha das Flores).

OUTUBRO — 22.

Peel e Esterhazy.—Quando ultimamente esteve na Russia Roberto Peel, encontrou n'uma reunião o Principe Esterhazy. Travada a conversação, falaram ácerca das fortunas territoriaes da nobreza européa, e blasonou o inglez com a grande quantidade de carneiros que seu pai lhe deixara.

—Pelo que vejo, disse Esterhazy (que tem milhares de rezes), tendes muito gado.—Mais de 20,000 cabeças, respondeu o inglez empavesado.—Eu não tenho tanto, acrescentou o magnate hungaro: meu pai só me deixou esse numero de servos.—O inglez, novo Icaro, que no arrebatamento do seu orgulho subira ao setimo ceu da vaidade, cahio desazado com a resposta sarcastica do Principe.—É bom ensinar de quando em quando aquelles senhores!...

Agua cara.—A nympha do Neva que banha a soberba Palmyra do norte jaz durante seis mezes do anno, victima do rigoroso inverno, encadeada por duros grilhões de gêlo, e poucas vezes antes d'abril os despedaça. Quão anciosamente é esperado esse momento! Assim que póde um pequeno bote atravessar o rio de um a outro lado, annuncia-se a feliz nova, pela bôca da artilheria da *Fortaleza*, a todos os habitantes de São Petersburgo.



Seja a que hora fôr do dia ou da noute, embarca o commandante, vestido de grande uniforme e acompanhado de todo o seu estado maior, n'uma elegante gondola, que o conduz ao paço, que fica defronte; enche um copo d'agua do Neva, e apresenta-o ao Czar, como primeiro tributo do regresso da primavera, dizendo-lhe que foi vençida a força do inverno, já livres correm as aguas do rio, e vai a navegação recobrar vida e vigor: mostra-lhe depois a sua gondola, que foi a primeira a sulcar o Neva, e entrega o copo d'agua ao Soberano, que a bebe á saude do seu povo.

Era costume antigamente devolver o Autocrata ao commandante da fortaleza o copo cheio de ducados; tal era porém a tendencia do copo a crescer d'anno para anno, que aborrecido o Imperador com tanta agua que lhe fazião beber, só para lhe apanharem maior maquia, fixou o preço do liquido (ás vezes um pouco solido) em 200 ducados, fosse qual fosse o tamanho do copo *(A. 58, p. 85)*.

Manoel. . (Coimbra)

Cegonha.—Ave aquatica, pernalta, de bico e pernas vermelhos e de rabo curto. É toda branca, excepto nas pontas das azas e em algumas partes da cabeça e das pernas, posto que tambem haja cegonhas negras. O bico é muito mais comprido do que a cabeça, forte, liso, direito e agudo na ponta. As pernas são meio nuas, os dedos de diante unidos por uma membrana que se estende até á 1.ª articulação, as azas grandes e concavas. É uma das aves que mais emigrão (*A.* 55, *p.* 125). Vive de rãs, abelhas, serpentes e peixes. O seu andar é lento e grave; raras vezes corre, e isso mesmo poucos minutos; vôa porém com a maior facilidade. Só nos primeiros tempos se lhe ouve um som *(tchiit, tchiit, tchiit);* quando adulta, apenas bate as duas mandibulas uma contra a outra, o que produz um desagradavel ruido. Encontra-se por toda a parte na Europa, e tambem na Siberia Meridional, na Tartaria, na Persia, no Japão, na Syria, na Barbaria, no Egypto e na Senegambia. A epoca da migração das cegonhas depende da temperatura: passão, antes de partirem, uma especie de revista geral, acompanhada de grande estrondo; as que não querem ir são maltratadas pelas outras, e mortas pelo contrario as doentes que se apresentão no sitio do *rendez-vous* e que não poderião resistir ao cansaço da jornada. As virtudes moraes attribuidas ás cegonhas, taes como o reconhecimento, o amor filial (que lhes valeu entre os gregos uma lei a que se deu o seu nome e pela qual erão os filhos obrigados a sustentar os pais na velhice), a temperança, a fidelidade, o amor paternal; obtiveram-lhes no Egypto um culto particular. Entre os



augures symbolisava a cegonha união e concordia; nos jeroglificos beneficencia e religião. Era sob a figura d'uma cegonha que os antigos honravão a deusa da concordia.

Assevera Bluteau que ao «*pelejar com as cobras, faz a cegonha de uma das azas rodella, e por baixo dá picadas á cobra, e depois pega n'ella e a arrebata aos ares, e a deixa cahir para a acabar de matar.*»

Por insignia da dignidade real traz o Imperador da China duas cegonhas bordadas no peito.

OUTUBRO—25.

LOGOGRIPHO.

A primeira não é isso,
Ás vessas excede o sol,
Astro que é prima e segunda
P'ra natura no arrebol:

A segunda por si mesma
Tem no giro o seu valor;
Co'a primeira, posta ás vessas
É de machina motor.

A segunda repetida
Segunda e terceira faz;
E da terceira co'a quarta
Aos feitiços fugirás.

A primeira co'a terceira
É principio, não é fim;
O nome de minha amante
Primeira e quarta é assim.

A terceira, se é sósinha
Achas tu do sol áquem;
E co'a primeira invertida
Só quasi o homem a tem.

A quarta sómente indica
Quem me faz ser valedor;
Repetida, assim quizera
Uma lembrança de amor.

Tem a segunda co'a quarta
Muitos escravos fieis;
Sem ter valor por si mesma
Faz gastar contos de réis!...

A primeira co'a segunda,
Terceira e quarta á final,
Dão meu todo, confidente
Fiel do bem e do mal.

Antonio Manoel da Cunha Belem (Coimbra).

OUTUBRO—26.

Carolos d'amansar.—Ha pouco ainda que as fréguezas de S. Marcos da Serra alli vinhão arrumar com a cabeça dos filhos mais travêssos na do santo animal que o Padroeiro tem a seus pés.

Dizião ellas então, páusando os versos com a cabeça dos pobres innocentes:

Mé sinhor san Marcos,............ TRÁS!
que amansás toiros brabos,....... TATRAS!
amansai-me este filho, ... BUMBA!
que é peor qu'a todol-os diabos... ZÁS!

C. S. (Faro)

OUTUBRO—27.

SONETO.

Essa madeixa d'ouro, que enlaçada
Me déste, suspirada, bella Armida,
N'uma fitinha azul, na despedida,
Que invejosa ordenou a sorte irada;

Essa madeixa, sim, que da estremada
Belleza túa é parte mui subida,
É que as magoas da ausencia tão comprida
Algum tanto minora, doce amada...

Quantas vezes o nome teu recua
Da pênha ao coração em soltos brados,
Ao ver a divinal madeixa tua!

Quantas vezes, meu bem, por estes prados,
Divagando ao clarão da argentea lua,
Mil suspiros te envio magoados!...

Antonio José da Rocha Cabral (Chacim).

S. José apedrejado.—Com este titulo se lê a pag. 145 do Almanach de 1857, o seguinte:

«*Na Povoa de Varzim, comarca de Villa do Conde, quando o mar se encapella de repente e pilha em si os pescadores, as mulheres d'estes vão*, in-continente, *á capella de S. José, e começão a atirar pedras á porta, dizendo em altas vozes:*—ACORDA S. JOSÉ! —*Se o mar não amaina, então vão ter com o capellão e o obrigão a vir com o Santo para a praia, e ahi principião a dar com areia no pobre do Santo, repetindo:*—ACORDA S. JOSÉ!—*Ás vezes parece que o Santo, para se ver livre de taes endiabradas, cede aos rogos, e o mar acalma; porém outras vezes, ou para melhor dizer, quasi sempre, faz ouvidos de mercador. Providencias (Santo Thyrso).*»

«Animado com a lembrança de que V. desejará saber o crédito que merecem os artigos publicados no seu Almanach, ouso informal'o de que é inexacto quanto n'aquelle se diz, pois tendo eu presenceado taes actos, apenas tenho visto as referidas mulheres dirigirem-se á capella de S. José, com toda a fé christã, fazerem as suas supplicas, e na praia invocarem o nome dos Santos de suas devoções, mas nunca a ponto de os apedrejarem! Para prova d'isto bastará notar que a mencionada capella de S. José ainda não tem confraria erecta, nem capellão, para que se diga que este é obrigado pelas mulheres dos pescadores a ir levar o Santo á praia!...

Manoel Luiz Monteiro Junior (Povoa de Varzim).

Em apoio de suas asserções nos manda este cavalheiro um attestado do Reverendo Parocho e outro do Administrador do Concelho, os Ill.mos Srs., Reitor José Bernardino Pereira de Freitas e Dr. Agostinho Luiz d'Oliveira Machado. Diz o 1.º:

«Attesto em como a capella de S. José erecta n'esta villa da Povoa de Varzim não tem confraria, nem capellão, e apenas as esmolas de alguns bemfeitores fazem face ás despezas de algumas obras ou festividades feitas na dita capella. Outro-

sim é inteiramente falso que S. José fosse alguma vez conduzido á praia pelo capellão, ou outra qualquer pessoa, obrigado pelas pescadoras, e pelas mesmas apedrejado quando no mar seus barcos tem recebido desastre, o que sómente por linguas horriveis e farisaicas póde ser levantado. E por este me ser pedido, o passo na verdade e juro *in Sacris.*—Povoa de Varzim, 2 de Novembro de 1857.—O Reitor, *José Bernardino Pereira de Freitas.*» Acha-se a assignatura reconhecida pelo tabellião de notas na Povoa de Varzim, José Francisco da Silva.

Diz o Sr. Administrador do Concelho da Povoa de Varzim:

«Attesto em como dos respectivos mappas estatisticos existentes n'esta Administração não consta que haja, nem houvesse, n'esta villa confraria erecta de S. José, existindo apenas uma capella na *Rua d'Areosa* com essa denominação, sustentada por esmolas d'alguns bemfeitores, mas sem capellão, sendo por conseguinte falso que este fosse alguma vez obrigado a ir com a imagem d'aquelle Santo á praia, e ahi as mulheres dos pescadores lhe atirassem areia ou pedras, nem tão pouco me consta que tal caso succedesse com qualquer outro ecclesiastico. Administração do Concelho da Povoa de Varzim, 2 de Novembro de 1857.—O Administrador do Concelho, *Agostinho Luiz d'Oliveira Machado.*—Vem a firma reconhecida pelo mesmo tabellião.»

Digamos para justificação do autor do artigo publicado no Almanach de 1857, que havendo sido contada a muitas pessoas de Santo Thyrso uma tal balela em Povoa de Varzim, o que nos é provado com attestados igualmente authenticos de individuos respeitaveis d'aquella villa, não admira que por alli, e por muitos pontos, continuasse a correr a galga.

Ficão pois solemnemente rehabilitadas as pescadoras de Povoa de Varzim e desaggravado o Santo: nem ellas esfriaram nunca em seu fervor religioso e practicaram actos sacrilegos, nem S. José era capaz de lh'os soffrer impunemente, elle que tanta influencia tem na côrte celestial.

PHILOMELA E O MEU RETIRO.

Para que vens, philomela,
Tão singela,
N'este deserto sem fim
Soltar o canto ligeiro,
Feiticeiro,
Feiticeiro ao pé de mim?

Esse canto, com a lyra
Que suspira,
Não se póde combinar!...
Não póde, não, vai-te embora,
Pois agora
Não te quero ouvir cantar!

Vai, philomela amorosa,
Maviosa,
Soltar a voz mais álem,
Pois não serve de recreio
Teu gorgeio
N'estes sitios a ninguem.

Tu vens, ó ave innocente,
Tão sómente,
Com teu cantar puro e ledo
Interromper os gemidos,
Que perdidos
Vim exhalar em segredo.

É melhor que vás, ó ave,
O suave
Teu gorgeio modular
Junto do bardo saudoso,
Que ditoso
Te possa d'amor falar.

Do infeliz que está chorando,
Suspirando,
Oh! respeita a viva dor!
Alegra os curtos instantes
Dos amantes,
Que eu já não vivo d'amor!...

João Dantas de Sousa (Brasileiro, Rio de Janeiro).

OUTUBRO—30.

Esmeraldas.—Assim se expressa ácerca d'ellas o célebre chymico Levy: «São por tal modo friaveis, ao sahirem da mina, que se podem reduzir a pó, quebrando-as entre os dedos. Só depois de conservadas muitos dias na escuridão é que tomão o aspecto cristallino. Encontrei agua em algumas, o que me leva a assignar-lhes uma origem aquosa. Procede o verde das esmeraldas, em minha opinião, de certa materia vegetal da mesma côr.»

Capella de S. Bento da Carregosa.—Ninguem tirará nunca da cabeça aos povos d'estes arredores ser a Carregosa, na fréguezia da Gesteira, riquissima em preciosidades ahi escondidas e deixadas pelos mouros. A este respeito correm varias fabulas, que pouco a pouco se vão desvanecendo. O que nunca porém aqui se desvanecerá é a persuasão de que o São Bento de pedra que se acha na dita capella, fôra achado nos arredores, n'uma lapa chamada *Costa de S. Bento,* e de que trazido para ella tornava a fugir, até que foi preciso arranjar-lhe um S. João para lhe ir fazer companhia e servir-lhe de sentinella. Só ha effectivamente na capella aquelles dous santos.

Pertendendo fazer-se na matriz uma procissão, em 1843 ou 44, com a imagem de S. João, requereram os povos da Carregosa ao Administrador do Concelho (então em Verride) que não consentisse em tal, para se não verem depois obrigados a andar em caça de S. Bento: Eu já aqui era parocho, e fiz a procissão com outra imagem, guardando-me para em tempo opportuno os ir instruindo e extirpando aquelle e outros quejandos erros e prejuisos.

José Duarte Gariso, Vigario da Gesteira.

NOVEMBRO—1.

O SINO DE FINADOS.

Som que récordas a morte!
Vem n'alma repercutir
A saudade, que no peito
Dos vivos fazes sentir.
Este dia de tristeza
Géla, aterra o coração;
Faz lembrar que até o justo
De orações tem precisão.

A passagem é tão curta
D'esta vida á eternidade,
Que para transpôr o abysmo
Só nos vale a caridade.
D'esse encargo puro e santo
Se penetrem todos bem:
Oremos pelos finados,
Pois o sino ora tambem.

Maria Isabel Lima de Barbosa (Ponte da Barca).

Effeitos do calor. — Passando revista um comma-dante de corpo ao seu regimento, em Sevilha, n'um dia de sol ardentissimo, como alli ha tão frequentemente, notou que estava um soldado sem esporas e perguntou-lhe a causa:



«Meu commandante, lá que eu as puz, isso é que não tem duvida; como ellas se me tingaram, isso é que nem pela breca posso adivinhar... Ora espere! Talvez fosse o sol que as derretesse!...

NOVEMBRO — 3.

Bonitos meninos. — Os esquimáus fumão desd[e a] mais tenra infancia, sendo alli frequente largar uma crea[nça] o peito da mãi para ir fumar no seu cachimbo.

Téheran —É assim que se chama a capital da Persia; está situada no Irak-Adjémi, ao pé dos montes Elbourz. Tem 4 milhas de circumferencia, e é fechada por uma forte muralha torreada. O mais bello ornamento da cidade é o Aregou-Arag, fortaleza ou cidadella onde se achão o palacio real e os afamados jardins do Schah. O palacio é tambem cercado de baluartes, fossos e trincheiras. Álem da residencia real, é lá que estão os aposentos dos dignitarios do paço, o thesouro, o *émaret-i-khursed* (palacio do sol), onde o Schah recebe algumas vezes os embaixadores, e o harem real, onde estão fechadas 4 esposas de 1.ª classe, 300 ou 400 de 2.ª, e perto de 600 mulheres que não são esposas.



NOVEMBRO—5.

CHARADA XXXV.

Se bem tenha o nome fémea,	Fui nascida e sustentada
Sou do sexo masculino..... 2	Para aos meus prestar abrigo;
Pertenço a ambos os sexos,	É bastante o meu aspecto
E sou só do feminino 1	Para que trema o inimigo.

Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho Leal (Ermedo).

CANTO, RISO, SOMNO E AMOR.

(VERSÃO.)

Se em meus braços recostada
Tu soltas meiga canção,
Não sentes que te responde
De manso o meu coração?
É que o teu canto recorda
Horas de um goso sem fim..
Canta, pois, anjo innocente,
Canta sempre junto a mim.

Se sorris, brinca em teus labios
O anjo d'amor e paz,
Que d'alma a negra suspeita
N'um só repente desfaz:
E que o teu riso revela
Candura de um seraphim!..
Sorri, pois, anjo innocente,
Sorri sempre junto a mim.

Se tu dormes socegada,
Casta virgem do Senhor,
Inda o teu halito puro
Me faz protestos d'amor!
É que então arqueja livre
Teu seio d'alvo jasmim!...
Dorme, pois, anjo innocente,
Dorme sempre junto a mim.

Se tu me dizes «eu te amo»,
Eu julgo ver...oh! meu Deus!...
Em torno de mim na terra
O eden dos sonhos meus!
É que o puro amor celeste
Nos teus olhos achar vim:
Ama, pois, anjo innocente,
Ama sempre junto a mim.

Vê que dentro de teu peito
Quiz Deus Eterno encerrar
Tudo que seduz na terra,
Tudo que póde encantar:
Que os bens reaes da existencia,
Os gosos todos sem dor,
Em quatro vozes se exprimem:
«Canto, riso, somno e amor.»

João Candido Furtado (Porto).

NOVEMBRO — 7.

Gallo d'Abel. — «Ao lêr o *Almanach de Lembranças de* 1858 deparei a paginas 92 com um artigo que diz respeito a ovos; e como em meu poder tenho um gallo bastante notavel, occorreu-me inserir algumas linhas sobre elle no mesmo livrinho. Á fé que se o animal adivinhasse que passava a ser conhecido n'um e n'outro hemispherio, ainda mais se empavonaria.

«Não quero, nem tão pouco sei, metter-me em questões de physiologia, para averiguar se procedeu d'um ôvo de duas ou uma gema; assumpto é este para longas e difficeis questões. Vamos ao gallo.

«Conta 18 mezes e têm quatro pernas, duas inferiores, de que se serve para a locomoção, e duas articuladas na parte posterior do *sacrum*. Os fémurs d'estas pernas estão occultos, e só se lhes vêem as tibias, os tarsos, metatarsos e dedos. O anus está junto ao angulo formado pela ultima costella direita e pelo sacrum, e ficão as pennas da cauda por cima do anus. As pernas superiores são immoveis.

«A quantidade d'alimento que come e a voracidade com que o faz, me levão a acreditar que tem intestinos dobrados. Deus me livre de sustentar muita gente assim!...»

Abel da Silva Ribeiro (Porto).

NOVEMBRO — 8.

Buscai e achareis. — Perguntando um individuo a Newton como havia conseguido descobrir tanta cousa: — «*Procurando sempre*» — lhe respondeu o sabio.

Que immensa philosophia se não encerra n'esta resposta! e quantos não podião vir a ser grandes que se deixaram morrer na mais completa obscuridade! Para aqui vem o que dizia o grande Buffon, que o genio não é outra cousa senão a persistencia. É o mesmo que em estylo mais humilde affirma o nosso rifão: «*Quem porfia mata caça.*»

NOVEMBRO — 9.

Nova Zelandia.—É um grupo de ilhas da Polynesia, no grande oceano austral, descobertas por Tosman em 1642, mas só conhecidas depois de Cook; e mais particularmente depois de Dumont d'Urville. São duas as ilhas principaes d'esse pequeno archipelago, uma ao sul, chamada *Taray Poenammou,* e outra ao norte, *Ika-na-Mawi,* um dos mais importantes paizes do oceano austral. É temperado o seu clima e das mais salubres a sua posição. Abundão em boas madeiras de construcção e em cedros as suas bellas florestas. A vegetação é em muitos pontos analoga á dos tropicos. Os habitantes são altos, robustos e de agradavel physionomia; as mulheres porém são menos bellas do que as das outras ilhas da Polynesia. São antropophagos e comem os prisioneiros que fazem nas guerras, frequentissimas, que têem entre si. É toda metaphysica a sua religião; reconhecem um só Deus, omnipotente, immaterial, eterno, e conservador do mundo. Seguem-se-lhe o deus da morte, o dominador dos elementos, etc.



NOVEMBRO — 10.

Plantações altas.—É muito vulgar na Suecia pastarem as cabras por cima dos telhados cobertos d'herva. Na Noruega até se plantão arvores nos terraços das casas, que vistas de longe parecem coroadas por frondosos bosques.

AMAR É VIVER

Á EX.ᴹᴬ SR.ᴬ D. C........

Era no templo! pela nave augusta
Soava magestosa a voz do orgão,
Cantando hymnos a Deus, sagrada musica,
Com que, d'envolta, para o céu se elevão
Do contricto-christão piédosas préces!...
E eu estava de pé! Altivo e frio,
Vinha o sorriso descerrar-me os labios,
Ao ver a turba immensa ajoelhar-se
Ante um homem na cruz! — Seguindo o impulso
Do século fallaz, cria-me sceptico,
E ostentava uma impia irreverencia
Pela imagem do Christo... Estulta gloria!...
E vi-te então, oh bella! e n'esse instante
Senti rasgar-se o véu d'essa descrença,
Que no peito julguei pesasse eterna!...
E vi-te, e ajoelhei!... Confessei n'alma
Esse Deus, que suppunha um sonho outr'ora,
Que só um Deus podera em um só ente
Reunir tantas graças; tão perfeito
Mandal'o á terra, para dar aos homens
Da existencia dos anjos testemunho!...
E vi-te, e qual centelha refulgente,
Instantânea paixão me ardeu no peito!
Ver-te, como eu te vi, ajoelhada,
Pendida a fronte sobre o livro santo,
Onde buscavas expressões bastantes
Para elevar a Deus o hymno mystico,
Que o teu anjo da guarda te inspirava,
Ver-te assim, como eu vi, é dar-te a vida,
É dar-te o coração... morrer de amores!..

E vi-te, e amei-te! é minha dita amar-te,
Embora meu amor te não declare!...
Só o pensar em ti, trazer-te a imagem
Gravada em fundos indeleveis traços
No intimo do peito, essa ventura,
Para mim sem igual, só hoje a gôso.
O amor é dom de Deus... Quem nunca amasse,
Passaria na terra, sem ter n'ella
Completado a existencia... O amor é vida!
Não vivemos senão quando encontramos
A parte de nossa alma que nos falta.
Foi em ti que eu a achei .. Que importa agora
Que tu m'a negues? que não queiras dar-m'a,
Se eu tinha de t'a dar se inda a tivesse?
Amo-te! e meu amor, que nem suspeitas,
Vivirá só de si... Talvez que nunca
Tu saibas que entre a multidão ociosa
Dos que te cercão, para ver sómente
Em ti formosa estatua, haja um mançebo,
Que vai buscar um dia de ventura
No olhar que em torno desdenhosa lanças,
Sem que n'elle se fixe um curto instante!...
Em mim não pensas, bem o sei; nem mesmo
Sabes que existo; mas que importa? eu amo-te!
Despede acaso o sol fulgentes raios
Afim de illuminar sómente um globo?
Brilha só para mim no firmamento?
Oh! não... e eu amo o sol, que me allumia!...
Amo-te, virgem! Para mim um culto
Será o nome teu! sempre bemdito
O dia chamarei em que no templo
Te vi orando ajoelhada e triste!...

E. R. (Coimbra)

Remedio para inflammação de garganta.—Arrobe d'amoras. É refrescante e cura logo.

Arvores de cêra.—A arvore da cêra pertence ao genero *myrica,* de que ha dez especies; duas só valem a pena de ser mencionadas; a *myrica cerifera,* da Carolina, e a *myrica pensilvanica,* da Pensylvania. Ambas dão cêra pouco mais ou menos da mesma qualidade e na mesma abundancia; apenas differem na grossura dos fructos e na altura do arbusto. São duas variedades que podem ser cultivadas com vantagem em Portugal.

Ha 150 annos que as *myricas* forão introduzidas em França; nunca porém alli as cultivaram em grande escala por desleixo; mas o que é certo é que não estranharam o clima.

M. Kellermann leu ha pouco tempo uma memoria á *Sociedade Imperial e Central de Agricultura* sobre as vantagens da cultura da arvore da cêra e o resultado de suas experiencias.

Álem da cêra qué produzem, possuem estes arbustos em subido gráu a propriedade de absorverem o ar impuro, e por consequencia de tornarem sádios os logares insalubres. Na Carolina e Pensylvania fôra quasi impossivel ao homem viver perto dos paúes, se as *myricas,* de que estão quasi todos cobertos, não melhorassem o ambiente.

Na America faz-se uso da raiz da *myrica* em certas preparações medicinaes. As folhas são efficazes para livrar da traça os estofos. Quando faz calor é agradavel o cheiro aromatico da planta. Muito é o seu prestimo industrial, muitas as suas virtudes hygienicas.

Porque se não hade tentar aclimar n'este paiz um tal presente da Providencia?

A cêra embranquece-se e as velas de *myrica* não têem differença das de cêra commum. Na Argelia dá-se já este arbusto em grande quantidade. Não ha nada mais facil do que a cultura e multiplicação de tão util vegetal.

Cobre-se de flôr na primavera antes de rebentarem as folhas. Em toda a America septentrional cresce naturalmente á beira do rio e em paúes. O fructo é carnudo e de um só

caróço. Para extrahir a cêra, mette-se aquelle em saccos de linhagem ou estopa, e mergulha-se em agua a ferver. A cêra derretida vem ao de cima d'agua, d'onde se tira com espátulas. Esta cêra exterior é quasi pura, mas do que lá fica dentro dos saccos ainda se extrahe outra de 2.ª sorte.

Os primeiros europeus que desembarcaram na America descobriram tão preciosa substancia, e por muito tempo se não allumiaram com outra cousa.

Parece que a *myrica pensilvanica*, principalmente em terras pantanosas, poderia substituir nos vallados a silva, d'onde proviria abundante safra de cêra, para bem dizer, sem despezas de cultivo.

São tão frequentes hoje, e tão rapidas, as communicações entre Portugal e França, que nada mais facil do que mandar vir d'alli alguns pés de *myrica*.

NOVEMBRO—13.

O SABIÁ.

Trinava alli
O sabiá,
N'esse raminho
D'annoso ingá.

Seu doce canto,
Meigo, amoroso,
Soltava o pobre,
Terno e saudoso...

Esse gorgeio
Que alli se ouvia,
Coava n'alma
Alma poesia.

Celeste canto
De tal belleza!...
Primor, portento
Da natureza!

Tu suavisas
Amarga dôr,
Orpheu dos bosques,
Lindo cantor.

Não; nenhum bardo
Póde imitar
O som dulcissimo
Do teu trinar!...

Que são teus cantos,
Plumeo cantor?
Psalmos e hymnos
Ao Creador.

Vicente Felix de Castro (Silveiras, Provincia de S. Paulo).

Cataractas do Niagara.—Pessoa do nosso conhecimento que se acha nos Estados-Unidos, nos escreveu uma curiosa carta depois de ter visitado as cataractas do Niagara, excursão com que sempre havia sonhado, e que a encheu de verdadeiro enthusiasmo.

«A 14 de fevereiro cheguei ás quedas do Niagara; mărcava o thermometro 21 gráus acima de zero. No outro dia pela manhã passei a ponte nas *rapidas* de Bath-Island. Chamão-se *rapidas* cá na America certas cascatas que formão alguns rios, embargando-lhes a navegação, sem comtudo constituirem verdadeiras quedas d'agua: são produzidas por uma differença de nivel no leito do rio, saltando a agua d'improviso, e augmentando a velocidade da corrente com a inclinação do declive.

«Nos saltos, ou rapidas, de Bath-Island não estava gelado o centro da corrente; mas onde quer que a menor insua fazia obstaculo ao curso das aguas, via-se uma cinta de gêlo que se ia tornando cada vez mais espessa. Da ponta inferior de Bath-Island descobri um homem que seguia muito em paz pela ultima beira da queda americana central. A apparencia de solidez d'aquelle caminho improvisado fez-me vontade de o imitar, e fui dar comigo sem contratempo á ilha de Robinson, aonde se não póde ir n'outra estação. D'alli andei até meio caminho da cataracta do lado americano, e achei-me sobre uma como trincheira de gêlo, atordoado pelo estrepitoso barafustar da torrente que me corria aos pés. Alguns dias antes havião alli furado o gêlo, a que se acharam oito pés de altura, sem falar n'um pé de neve que se lhe alastrava á superficie.

«D'aquelle ponto o espectaculo era soberbo: achava-me junto d'uma immensa montanha de gêlo a prumo sobre o abysmo; o cume era mais largo que a base e debruçava-se para a torrente. Engrossava aquella mole de hora para hora, e affirmaram-me que durante a noute havia augmentado uns 20

pés. Torreava o gêlo aquella massa enorme de mil appendices phantasticos: aqui dissereis todo um campanario a precipitar-se no espaço como em terremoto; álem erão penedias agigantadas como que batalhando por entre a neblina da serra; dos alcantis nevados da monstruosa montanha erguião-se umas pyramides conicas de gêlo, e o conjuncto de tudo aquillo imprimia ás catadupas do Niagara o mais grandioso aspecto que se póde imaginar.

«Á volta, deixei á direita a ilha de Robinson, e aproximei-me a poucos passos da ilha de Chapin; fui depois costeando o ilhéu da Cabra, rodeado por estendais d'agua congelada.

«A banda americana excede muito, a meu ver, a banda do Canadá; tem mais grandeza e maravilhas. A queda produz alli muitas nevoas, em extremo diaphanas, que pairando por cima de todos os objectos circumvisinhos se congelão immediatamente, envolvendo tudo em redor d'uma especie de véu prateado.»

«A vista não é interceptada, como no estio, pelos vapores que se levantão da cataracta: d'estes apenas resulta uma saraivada d'aljofares miudinhos que o sol faz resplandecer.

NOVEMBRO—15.

CHARADA XXXVI.

Contando tres o meu todo Faz parte d'um que tem seis; E se a conta fôr bem feita, Quatro apenas lhe achareis.	1	A segunda é bem perfeita Quando só vinte contém, Quando cem dão estas vinte E mais quinhentas tambem.	2

Pouco mais ou pouco menos
Quarenta o todo contém;
Mas que tem seis e tem oito,
Não o duvide ninguem.

Uma Conimbricense.

Contas á vida. —Não ha maiores calculistas que os americanos dos Estados Unidos.

Estou casado —dizia alli um cidadão — ha 32 annos. Tem-me n'esse tempo servido minha mulher 3 chicaras de café por dia, que fazem ao todo 84,040 chicaras de meio quartilho cadauma, equivalentes a 70 barris de 80 *galões* cada um, que pesão 17,520 libras, ou aproximadamente umas 9 toneladas. Não me alterou isto comtudo o meu peso ordinario de 160 libras, ou 5 arrobas. D'aqui resulta que a quantidade de café que tenho bebido é 109 vezes maior que o meu peso.

Não me gabo de ser um Heliogábalo; entretanto, a razão de 18 onças diarias tenho comido 1,806 libras de carne, que equivalem a 10 bois.

A quantidade de farinha que tenho consumido nos 32 annos, sóbe a umas 50 barricas.

No espaço de 20 annos, a razão de 2 copinhos diarios, tenho atirado para o estomago com 112 arrobas e meia de *brandy*.

A quantidade de vinho da Madeira, Porto, ponches, etc. pouca tem sido comparada com a de *brandy (E eu cuidava que tinha sido muita)*. Se se juntar a isto o mais que tenho comido e bebido nos 32 annos de casado, andará tudo pelo peso de 1,100 homens de 160 libras cadaum, ou 176,000 libras.

Sempre é preciso ser muito ocioso para se entreter com semelhantes calculos.

NOVEMBRO—17.

ENIGMAS.

XI—Que é o que se deixa queimar para guardar um segredo?

XII—Qual é a porta que tem entalado mais?

XIII—Quando Deus creou Adão, onde é que lhe poz a mão?

A UMA RÓSA DESFOLHADA

(LYRA).

Tu, linda flor, das flores soberana,
Que entre espinhos nasceste,
Os teus primores ostentaste, ó rosa,
N'um só dia, e morreste!
Se a brisa da manhã, meiga, amorosa,
Te beijou, te afagou,
À tarde um Euro sobre os murchos restos
Desdenhoso passou!...
Hontem por entre as flores d'este prado
Te erguias magestosa,
Tão louçã! tão altiva! a flor das flores
Eras, ó linda rosa!
Mas hoje!... só de ti reliquias tristes
Desparsidas se vêm!...
Foi breve o teu viver, e nem saudades
De ti o prado tem!
Ai! mallograda flor! porque nasceste
Tão bella e seductora,
Se das graças e mimos que te ornavão
Nada já resta agora!?...
Taes d'este mundo as pompas, os prazeres!...
Têm a vida de flor;
E como a rosa que os espinhos cercão,
Tambem os cerca a dor!...
Tal nasce, e como a flor vegeta, morre,
Uma belleza humana:
Assim trata as bellezas como as flores
Do tempo a mão tyranna!

Severiano d'Azevedo (Brasileiro, Icatu, Provincia do Maranhão)

A Cruz Estrellada. — Tem a Casa d'Austria uma reliquia da Verdadeira Cruz de Nosso Senhor, reliquia que já no anno de 1686 era objecto de grande devoção para toda a Familia Imperial. Na noute de 6 de fevereiro do citado anno pegou fogo no Paço. O primeiro cuidado de Sua Magestade a Imperatriz Leonor (nascida Princeza de Mantua e Montferat e esposa de Leopoldo I) foi salvar essa joia preciosa, que levou, acompanhada pelas Princezas suas filhas, do seu oratorio particular para o Thesouro Imperial. Logo em seguida rebentou o incendio no Thesouro e ardeu quanto ahi se achava. A reliquia estava dentro de uma ambula de cristal, engastada em laminas d'ouro; julgou-se perdida, e cinco dias a fio se procurou, apparecendo a final no quinto dia! Tanto o cristal como o ouro estavão intactos e bem conservados!

Consultou a Imperatriz o Bispo de Vienna e os sacerdótes mais dignos de credito, para saber se podia julgar-se *milagroso* um tal acontecimento, e decidiram elles todos que sim. Querendo S. M. perpetuar a memoria d'elle, obteve do Imperador autorisação de instituir uma Ordem para senhoras, com o titulo de *Nobre Ordem Religiosa da Cruz Estrellada.* A venera tem uma Cruz sobre as Aguias d'Allemanha com o distico = SALUS ET GLORIA = e orna-a um laço de fita preta, com cinco laçadas (em memoria das Chagas). A intenção das senhoras que a trazem, deve ser a Gloria da Cruz e a Salvação da alma.

Foi a propria Imperatriz que redigio os estatutos, que apresentou a Sua Santidade, pedindo a sua approvação, que obteve, bem como a do Bispo de Vienna, que álem d'isso concedeu indulgencias para o dia da entrada das *Irmãs Cruzeiras,* hoje *Damas da Cruz Estrellada.*

Têem dezoito artigos esses estatutos e em todos se conhece a piedade e devoção da Instituidora. É sempre a Imperatriz ou uma Princeza Imperial a Grã-Mestra da Ordem, que tem quatro dias de festa: 6 de fevereiro, 3 de maio, 14 de setem-

bro, e a quinta-feira antes de domingo de Lazaro, em que está todo o dia o Santissimo exposto na Capella do Paço, em Vienna d'Austria, e a toda a hora do dia se lê uma meditação, com orações proprias da Paixão de N. S. Jesu-Christo. A Ordem tem por Protectores a Jesus, Maria e José.

Paço das Necessidades. *Donà H. C. d'O. e A.*
Dama da Cruz Estrellada.

NOVEMBRO — 20.

Murro bravio. — Levavão os antigos athletas para os combates de pugilato uma especie de luvas, ou guantes de couro, armadas de ferro, chumbo, ou outro qualquer metal. Chamava-se áquillo *céstos* (do latim *cæstus*, derivado de *cædere*, bater, que a final de contas é para que servião as taes manoplas). Para resguardarem as fontes e orelhas d'aquella machina de dar tapônas, trazião os athletas uns casquetes de cobre dourado, forrados de panno por dentro. Quem quizer ver em acção, e em bellos versos, um combate d'estes, é abrir a *Eneida* no livro 5.º.

Ora parece que tendo o tempo devorado tanta cousa boa que havia na antiguidade, devião as taes manoplas de chumbo e couro estar ha muito esmoidas por aquelle que até os proprios filhos engole. Não o quiz o destino.

Acha-se agora á venda em Paris um instrumento singular: é uma peça de cobre com cinco buracos por onde se mettem os dedos, e que constitue umas excellentes *mitaines* para jogar o murro. Chamão a isto *sahida de baile:* foi o nome que lhe poz mr. Susse, seu inventor.

Póde limpar a mão á parede com a sua invenção! Se fosse de inglez, não admirava tanto.

O verdadeiro sceptro. — Carlos Gustavo, Rei da Suecia, no dia de sua coroação, em logar de empunhar o sceptro, empunhou a espada, dizendo: *«Este é o mais seguro sceptro dos Reis.»*

José Monteiro da Rocha. — O Marquez de Pombal, cujo talento governamental muitos encarecem e ninguem se propõe imitar, não deixava que os empregos fossem procurados pelos homens, era elle que procurava os homens para os empregos. Ao reformar a Universidade, poz todo o seu empenho em encontrar lentes portuguezes que regessem com vantagem as diversas cadeiras; e como os não encontrasse, disse um dia para o dominico Mansilha, de quem era intimo amigo: *«Grande vergonha é para a nação portugueza que não appareça em toda ella um homem com capacidade sufficiente para reger uma cadeira em Coimbra!»*

«Sei eu onde está um, respondeu Mansilha.

«E quem é? perguntou o Marquez.

«José Monteiro da Rocha, da Companhia de Jesus, lhe tornou Mansilha.

«Padre, não me falleis n'essa gente, replicou o Marquez.

«Mas note V. Ex.ª que o jesuita de quem lhe falo está no Brasil, para onde foi mandado pelos seus proprios confrades para se desfazerem d'elle, redarguio o dominico.

«N'esse caso mandai-o vir.»

Veio José Monteiro da Rocha e foi apresentado ao Marquez, o qual lhe disse que Sua Magestade o queria encarregar da regência de uma cadeira em Coimbra, e que dissesse elle para qual estava mais habilitado.

«Para todas, menos medicina practica» respondeu Rocha affoutamente.

Ficou o Marquez admirado com a resposta (e quem o não ficaria?!!) e lhe disse: *«Pois bem! Sua Magestade encarrega-vos da cadeira de Mathematica.*

Aceitou Rocha, e tão abalisadamente se houve no desempenho do seu magisterio, que ainda hoje é o seu nome venerado pelos mathematicos. Mais tarde foi José Monteiro da Rocha nomeado preceptor do Serenissimo Principe D. Pedro, e não faltou então quem censurasse D. João VI por entregar a edu-

cação litteraria do seu primogenito a um mathematico. Mais tarde ainda, já em nossos dias, o alumno desaffrontou a memoria do pai e do mestre, e confundio os censores.

Nascera José Monteiro da Rocha na villa de Canavezes.

Antonio Lino Leão de Vasconcellos (Amarante).

NOVEMBRO—22.

Conselhos salutares.—Attendendo a que o *Almanach de Lembranças* vai correr parte dos dous mundos, e ao quanto é accessivel a quasi todas as classes, por pouca instrucção que tenhão, seria para desejar que n'elle se transcrevessem os conselhos que o sabio e humanitario *Raspail* pede na pag. 53 do *Manual de Saude* se dêem ás jovens infelizes que pela sua pouca experiencia houverem cahido em laços seductores. São os seguintes: «Minhas pobres filhas, não morrais de vergonha, e não tenhais o pensamento de fazer morrer, antes de ter nascido, o fructo innocente de um momento de fraqueza em que o fallaz vos surprendeu. Lembrai-vos de que a opinião publica perdoa a culpa da filha pela ternura da mãi. Creai vosso filho, educai-o com desvelo, amai-o como uma pobre creaturinha abandonada no berço por seu protector natural. Eu vos concedo uma pequenina vingança. Quando vosso seductor houver casado afim de possuir a riqueza que vós não tinheis, como elle terá filhos menos bellos e menos fortes que o vosso, porque os filhos do calculo são sempre rachyticos ou escrofulosos, passai muitas vezes por diante d'elle com o vosso, para que elle compare o que deixou com o que preferio. Ensinai depois a vosso filho que não é deshonra ter sido abandonado por seu pai, porque ninguem é deshonrado pelo crime dos outros. Vergonha a todo aquelle que lhe deitar em rosto o seu nascimento, e não tiver na devida conta as suas boas qualidades!...»

Quem não sympathisará com estes principios de uma alma pura e honesta!...

Francisco José da Costa e Sá (Coimbra).

Milagre do telegrapho electrico.—Uma noticia que sahe de Paris ás 11 horas da manhã pelo telegrapho electrico chega a Londres ás 11 horas menos 10′.

Muitos, ao ler isto, exclamarão que é impossivel; nada todavia mais facil de explicar. Se reflectirmos que a hora não é a mesma em toda a terra ao mesmo tempo, pois quando é meio dia n'um ponto é meia noute nos antipodas, comprehender-se-ha que a hora differe segundo o meridiano. Faz o sol o giro apparente do globo (isto é 9,000 leguas) em 24 horas; percorre pois seis léguas e um quarto por minuto; ora, como a luz vai de léste para oeste, quando é meio dia em Paris, é meio dia e um minuto a seis leguas e um quarto a léste d'esta capital, e pelo contrario é meio dia menos um minuto a seis leguas e um quarto a oeste. Entendendo-se isto, entender-se-ha tambem que estando o meridiano de Londres 3°, ou 75 léguas, a oeste do de Paris, emprega o sol 12′ em percorrer esta distancia, e que são 11 horas menos 12′ em Londres, quando são 11 horas em Paris. E como, por outro lado, chegou aquella noticia a Londres ás 11 horas menos 10′, segue-se que só 2′ gastou no transito entre as duas capitáes *(A. 56, p. 350)*. *V. D.* (Algures)

NOVEMBRO—24.

EPIGRAMMA.

No tempo da *Inquisição*
Havia autos de fé;
Hoje que está entre nós
A *politica* de pé,
Não é já victima o homem,
A consciencia é que o é.

Jorge Guilherme Lobato Pires.

POR BEM
OU AS PÊGAS DE CINTRA.

Gavião, gavião branco,
 Vai ferido e vai voando,
Mas não diz quem n'o ferio,
 Gavião, gavião branco.

O gavião é callado,
 Vai ferido e vai voando;
Assim fôra a negra pêga,
 Que sempre está palreando.

A pêga é negra e palreira;
 O que sabe vai contando,
Muito palra, palra a pêga,
 Hade sempre estar palrando.

Mas quer Deus que chocalheiros
 Guardem ás vezes falando
O segredo dos sisudos,
 Que elles não guardão calando.

Era uma pêga no paço
 Que El-Rei tomara caçando;
Trazem-na as damas mimosa
 Com a estar sempre afagando.

Nos paços era de Cintra,
 Onde estava El-Rei pousando:
A rainha e suas damas
 No jardim andão folgando;

Entre açucenas e rosas,
 Entre os goivos trebelhando,
Umas regavão as flores,
 Outras as vão apanhando.

E a minha pêga com ellas,
 Sempre, sempre palreando;
Vinha El-Rei atraz de todos
 Com Dona Mecia falando.

Era a mais formosa dama
 Que andava n'aquelle bando:
Quer-lhe a pêga a Dona Mecia,
 No hombro lhe vai pousando.

Parecia a má da pêga
 Que os andava espreitando:
Colhêra El-Rei uma rosa,
 A Dona Mecia a ia dando.

Com um requebro nos olhos
 Tão namorado e tão brando!
Inda bem, minha Rainha,
 Que adiante te vais andando!

Pegou na rosa a donzella,
 Disfarçada a está cheirando,
Senão quando, a negra pêga
 Que lh'a tira, e vai voando.

Deu um grito Dona Mecia...
E a Rainha voltando,
Deu com os olhos em ambos,
Ambos se estão delatando.

«*Foi por bem!*» lhe disse o Rei,
Seu accorde recobrando:
«*Foi por bem! Por bem!*» repete
A pêga em torno voando.

«*Por bem, por bem!*» diz a tonta
De má malicia cuidando
Co'a chocalheira da lingua
Andar o caso enredando.

Mas quer Deus que chocalheiros
Guardem ás vezes falando
O segredo dos sisudos,
Que elles não guardão calando

Rio-se á rainha da pêga,
E ficou acreditando
Que a innocencia do caso
Alli se estava provando.

Da pêga mecheriqueira,
Do bem que fez mal pensando,
Nos reaes paços de Cintra
A memoria está durando.

E eis-aqui, senhora, a historia
Da pêga que ahi vês palrando,
Da rosa que tem no bico,
Da letra que a está cercando.

A pêga é negra e palreira,
O que sabe vai contando,
Mas quer Deus que chocalheiros
Guardem segredo falando.

O gavião esse é outro;
Vai ferido e vai voando,
Mas não diz quem n'o ferio,
Gavião, gavião branco.

Visconde d'Almeida Garrett.

NOVEMBRO — 26.

Presente materno. — Sabendo D. Isabel de Avellar, dama de grande espirito e coração varonil, que erão mortos dous filhos seus, um em Mazagão, outro na India, escreveu á Rainha D. Catharina, offerecendo-lhe outro que ainda não era soldado. A Rainha não acceitou o sacrificio materno, mas agradeceu-e cordealmente, honrando com expressões de grande benevolencia aquella heroina portugueza.

Ratos de Silveiras.—Ha tempos a esta parte que os ratos se têem aqui multiplicado espantosamente. Na fazenda do sr. José Teixeira Leite, honrado proprietario d'este municipio, tem apparecido tal quantidade, que á falta de milho, que este anno foi geral, derão agora em roer os pés aos escravos e crioulos quando os pilhão dormindo: para os livrar d'este flagello, mette o sr. Teixeira á noute os crioulos em saccos, da cintura para baixo, e recommenda-lhes que cubrão os pés com as mantas e cobertas. Este facto é novo aqui, e todos o attribuem, como disse, á escacez de milho, pois quando o ha em abundancia, mettem-se os ratos pelas roças e alli comem á regalada.

Hoje, que para tudo se achou remedio, menos para a morte, não se descobrirá tambem meio de dar cabo de semelhante praga?!... *Vicente Felix de Castro* (Silveiras, Prov. de S. Paulo)

NOVEMBRO—28.

O FUMO DO INCENSO E O DA FORJA.

Subindo ao céu, do sanctuario augusto,
sagrada nuvem de queimado incenso,
no ar encontra negro fumo denso
da accêsa forja onde trabalha o artista.
A branca nuvem, caminhando altiva,
repelle a outra na veloz subida;
mas uma voz, que nunca fôra ouvida,
do céu baixada, repentina echôa:
—«Juntai-vos ambas! como irmãs, unidas
podeis entrar na celestial morada,
que Deus a par da ORAÇÃO sagrada,
bemdiz do artista o pertinaz TRABALHO!

Joaquim d'Araujo Juzarte.

Caçoante ou doudo?—Hoje que positivamente sei não haver em Coimbra pessoa alguma com o nome que se acha por baixo das duas seguintes cartas que recebi, nem mesmo com as iniciaes A. B. C. L.: hoje que tenho a certeza de ser aquelle um nome supposto; sáio da incerteza em que estava sobre se era caçoante ou doudo que taes cartas me escrevera, e tenho a convicção de que foi caçoante de bom gosto. Sirva-me este preambulo de preservativo á chacota que lá por Coimbra me iria, se se persuadissem de que eu tomara a sério as referidas cartas, que transcrevo, todavia, porque são chistosas e engraçadas no seu genero. Assim se salva tudo e ficará satisfeito o *meu admirador:*

1.ª

«Endereço-vos esse embryão de minha intelligencia—liniamentos de intelligencia—cujas fórmas se não presentão claras e distinctas! Ainda não é feto, é uma empreza abortiva; é o producto informe e immediato da conceição!!!... Perfilhai-o, Senhor, e qual ursa *(urso será elle)* que dá fórma aos filhos á força de os lamber, corrigi-lhe as difformidades do corpo! Orvalhai-o com esse vapor divino da Vossa Intelligencia, que se desfaz em gottinhas, e cala, instillando-se, no amago dos povos!

Exoro-vos pelas esfriadas cinzas da nossa patria, cujo tumulo rociaes, de continuado, com lagrimas ainda quentes, maculeis o pyropo do vosso Almanach com o halito frio—gelado—d'esse esqueleto de palavras!

É uma armação ossea, magra e descarnada! ....

....

Phenix dos cysnes lusos! Perdão! myriadas de perdões!! pollui, qual o atrevido Osa, essa Arca Santa!!!... Perquiri, dilacerando com o escalpello rombo do meu atrevimento o vosso Agnome, pyxide de milhões de Soes!!... Anatomisei-o: outo soes deslumbraram os meus olhos!

Na orla do disco de cadaum fulgião as seguintes legendas subsequentes:

Camões do sêculo dezenove!
Altiloquo Engenho!
Sol de Portugal!...
Topasio da corôa dos vales!...
Idolo dos lusos!...
Lyra sonora e melliflua!...
Heróe immorredouro!...
Oraculo dos filhos de Minerva!...

Isto não é um phantasma ôco, creado na minha phantasia; não! Nunca envernisei a vil mentira! Nunca fui thurifefario das extravagancias de Berkelei! Digo a verdade! Essa pyxide em que estão enclaustrados os brilhantes soés, é=Castilho!

Rogo-vos a graça de a depurar no crysol da vasta, vastissima intelligencia, que o immortalisa e adorna! Sou um estudante *(não é tal)* mediocre—abaixo de mediocre myriadas de braças: por isso, Senhor, desculpai! Se a julgardes digna do Vosso Almanach, publicai-a; se não, rasgai! Exoro-vos isto! É o obolo da saudade offerecido áquelle que almejava abraçar! Não o duvideis, Senhor!

A emoção que sinto por vós me ordena que me assigne com humildade, respeito e submissão!

O vosso mais profundo admirador

Lisboa, 6 de Nov. 1857. *Antonio Bernardino Cerqueira Lobo.*

P.S. Rogo-vos me mandeis a decisão, *humilhando-vos em escrever-me!*

2.ª

A recepção da muito preciosa, preciosissima carta, que vos dignastes endereçar-me, ensopou n'um pélago de exaltação o meu espirito!

Aquilato-a mais que um thesouro;—idolatra-a como as esfriadas cinzas de meu pai; como o viver da minha veneranda mãi!... Não o duvideis! Perguntais-me se vos autoriso a publicar no Almanach o que vos offereci? eu autorisar? eu? um gusano torpe e immundo?

Senhor, esmaltais com o brilhante da humildade a corôa da candura, que vos cinge a fronte!!!... Não vos autoriso, porque é do meu dever obedecer; exoro que *mundifiqueis* esse fructo, do pêco, e infesado e outoniço; e que depois, se vos dignardes acceder aos meus rogos, encinzeis o Almanach com o pó das minhas palavras!!!... Chapotai-as, reexoro-vos!... Poder-me-heis negar essa graça?

Debalde esbugalho os olhos á cata do mais acêndrado da gratidão, com que vos renda graças! não o acho!...

A bondade, que tanto vos ennobrece, desculpa o gorado da empreza!...

Sou o vosso mais humilde, respeitador,
venerador e criado
Antonio Bernardino Cerqueira Lobo.

Coimbra, 11 de Novembro de 1857.

NOVEMBRO — 30.

A UMA SENHORA

QUE SE QUEIXAVA DE SER FEIA.

Perdoai, minha senhora;
Não haja bulha entre nós;
Bem vêdes que eu sou bem feio,
E inda mais feio que vós.

Pois, senhora, consolai-vos,
Vingai-vos no mal alheio;
Não sois bella, minha dona,
Mas achais outrem mais feio.

Quando eu tôpo algum sujeito
Inda mais mal encarado
Do que eu, contente exclamo
«Bravo! bravo! Estou vingado.»

Não vos queixeis de ser feia,
Que isso remedio não tem:
Que importa que vos não amem?
Não ameis vós a ninguem.

Deixai ir andando o tempo;
É conselho que vos dou;
Talvez logo venha amar-vos
Algum feio como eu sou.

Severiano d'Azevedo (Icatu, Provincia do Maranhão).

Museu da Terra Santa. — No *Boulevard des Capucines*, em Paris, fizerão dous sabios francezes uma exposição de objectos curiosos por elles trazidos da Palestina.

Um vastissimo plano de Jérusalem representa fielmente a cidade sánta com todos os seus antigos monumentos, todas as suas ruas, os seus valles, tudo reproduzido com a mais escrupulosa fidelidade pela photographia. É digna de mencionar-se esta curiosa exposição, em razão de ser o primeiro exemplo da applicação da photographia em ponto pequeno ás cidades e aos monumentos. No plano do ***Museu da Terra Santa*** não ha um rochedo, não ha uma arvore, que se não achem reproduzidos na escala proporcional, e no proprio logar que o objecto occupa na natureza.

O *Santo Sepulchro* de Jesu Christo é representado de tamanho natural, e tal qual se venera em Jérusalem: é illuminado por uma alampada de prata, mui curiosa, que ha immenso tempo alli arde, e de que o demonstrador do museu conta a interessante historia.

Uma bella collecção mineralogica, feita na Palestina e á roda do Mar Morto, um hervario completo da Syria e da Palestina, esculpturas hebraicas achadas ha poucos annos nos fundamentos do palacio do patriarcha de Jérusalem, e que são as primeiras esculpturas judaicas trazidas á Europa, dão um verdadeiro interesse á exposição.

Não ha em Paris um só homem dominado pelo amor da sciencia e pelo sentimento da fé, que não vá fazer uma peregrinação aos logares santos sem deixar as margens do Sena.

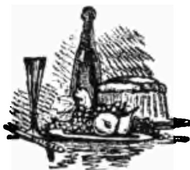
DEZEMBRO — 2.

ENIGMAS.

XIV — Que passa por cima d'um rio sem lhe fazer sombra?

XV — Que é o que vai de Lisboa a Coimbra sem se mover, nem dar um passo?

Comilões historicos. — Ahi vai um par d'elles:



Esaú vendeu a seu irmão os direitos de primogenitura por um prato de lentilhas.

Assuero, Nabuchodonosor, Balthazar, e Heliogábalo são bem conhecidos pelo excesso de seus opiparos banquetes.

Caligula consumio em comesanas riquissimos thesouros.

Vitelio em um só festim gastou dez mil cruzados.

Cleopatra no banquete que deu a Marco Antonio gastou quasi quinhentos mil.

Lucullo deu a Pompeu e a Cicero uma ceia avaliada em mil duzentos e cincoenta escudos de ouro.

Mithridates offerecia premios a quem o excedesse, ou sequer o igualasse, em comer e beber, e não consta que houvesse quem lhe levasse as lampadas.

Demetrio, Principe, consumia todas as suas rendas em comer e beber.

Celio, homem riquissimo, morreu pobre, porque comeu tudo quanto tinha.

Domicio Afro levantava-se sempre da mêsa summamente triste por não poder comer tudo o que n'ella ficava.

Xerxes, Rei da Persia, o Imperador Galba, Valentiniano, Septimio Severo e Tarquinio Prisco, não desmerecem tambem de occupar um logar na numerosa phalange dos gastronomos

* * *

DEZEMBRO — 4.

CHARADA XXXVIII.

Um jogo sou 1
Sou musical 1
Sou extrahida
De um animal.

M. A. Magalhães e Almeida (Cerva).

Mosteiro de Carquere.—Entre as multissimas terras ao norte e sul do Douro que formavão o patrimonio de Egas Moniz merece especial menção Rezende, aonde se passaram os primeiros annos de D. Affonso Henriques.

Foi confiada a educação d'este Principe ao illustre varão Egas Moniz (*A.* 51, *21 d'abril*), o qual, menos por letras do que por exemplos e praticas, imprimio na alma do futuro Rei todas as virtudes e qualidades que tornaram D. Affonso um dos maiores heróes da nossa historia.

Perto da sua casa em Rezende erigio Egas Moniz o mosteiro de Carquere, dedicado á Santa Virgem, a quem havia supplicado a cura do Principesinho, de pouco mais de cinco annos, e para quem alcançou do céu que se lhe endireitassem as pernas, encolhidas de nascença.

Ainda hoje existem em Rezende não poucas recordações d'aquellas remotas eras. *J. A. P. V.* (Baião)

DEZEMBRO—6.

Amansador de rapazes.—Ha junto a *Penha d'Aguia* uma ermida, e n'ella uma sepultura, que dizem ser de S. Marcos; não do Evangelista, mas d'outro que a tradição diz ter exercido a profissão de salteador, e cujo couto era na serra que hoje se chama de *S. Marcos*. Deu causa ao seu arrependimento o dizer-lhe um dia a mulher quando o estava catando: — *«Ah! Marcos! Marcos, já estás russo e ainda andas mettido n'esta desgraçada vida!...»* O homem reflectio e arrependeu-se de seus atrozes crimes, fazendo tão rigorosa penitencia que lhe grangeou o epitheto de santo. É de fé por alli que tem a virtude de amansar os rapazes bravos que são deitados de costas, por espaço de uma hora, sobre a sua sepultura.

- Forte milagre! Os rapazes, conforme vão crescendo, vão naturalmente amansando. Se elle amansasse as mulheres bravas! Isso é que era um verdadeiro milagre!! (*A.* 59 *p.* 331)

Julio Cesar da Silva (Freineda).

A UMA JOVEN...

Hoje tocaste, donzella,
Nova quadra de viver;
Da infancia doces brinquedos
Dentro em pouco vão morrer.
Suas portas te abre o mundo;
Entra: — contempla-o bem:
Jardins, palacios, campinas,
Que bellezas que elle tem!
Olha: — alli, risos, folgares,
Danças, prazeres sem fim;
Lindas jarras matizadas
De rosa, cravo, jasmim,
Nos vastos salões dourados,
Luzes, flores, pedrarias,
Bellas damas, cavalheiros,
A disputar primazias.
Adeja alegre o sorriso
N'esses labios descuidados;
Mas lê-lhes os corações,
E achal'os-has consternados.
Inveja, ciume e odio,
Tudo lá encontrarás;
A mentira é galanteio,
Só lisonja lhes apraz.
Anda, vai, entra no mundo;
Observa, repara álem;
Palacios, cabanas, montes,
Que contrastes elle tem!
Vês o rico na grandeza,
Ostentando o seu poder;
O pobre, triste, indigente,
Maldizendo o seu viver.
E o homem, nos seus amores,
Mentindo á casta donzella,
Trocando por negros tractos
As meigas caricias d'ella!
E a mulher, que era tão pura,
Tão pura, tão innocente,
Ora, immodesta e sem pejo,
Como se ondeia insolente!
Hoje tocaste, donzella,
Nova quadra de viver;
Os sonhos da tua infancia
Não deixes nunca esquécer.
Outr'ora colhias flores,
Alvas boninas, viçosas;
E se vinha alguem roubar-t'as,
Que lagrimas tão saudosas!
Que dias que tu passavas
A formar as capellinhas!...
Com que afan então corrias
A procurar as florinhas,
E as mariposas, que ingenuas
Aqui e alli se escondião,
Escapando a mãos travêssas,
Que tanto, tanto, as seguião!...
Gentil donzella, essa vida,
Embalada d'illusões,
Como se escôa fágueira,
Entre mil inspirações!
E esses sonhos pueris,
Que encantão nosso viver,
Ai! quem podera lembral'os
N'esta quadra do descrer!

Quem podera ver a Deus
No seu throno refulgente!
Ver o céu, mares e estrellas,
Que tudo concebe a mente!...

Mas sonhos, sómente sonhos,
Cria a nossa phantasia,
Ai! só de sonhos quem vive,
Se elles não vivem um dia?!

O mundo é assim, donzella;
Todo embustes, illusão;
Por dous dias de viver
Não mates o coração.

Manoel Alves de Sousa (Castello Branco).

DEZEMBRO — 8.

Purismo de Malherbe. — Francisco de Malherbe, havido na conta de patriarcha da poesia franceza, foi por largo tempo o modêlo a seguir n'esta lingua, quanto ao rhythmo e á harmonia. Severissimo na observancia dos preceitos grammaticaes, pediram-lhe alguns amigos que escrevesse uma grammatica, ao que respondeu que lessem as suas obras, e tratassem de fallar como elle escrevera. É bem conhecida esta phrase do poéta já moribundo: *Je m'en vais, ou je m'en vas; car on peut dire l'un et l'autre*. Uma hora antes de expirar, levantou-se sobresaltado para reprehender a criada, por haver empregado uma palavra que não era muito franceza; arguindo-o d'isso o confessor, e recommendando-lhe antes que tratasse de se pôr bem com Deus, respondeu que não podia deixar de defender até ao fim a pureza da lingua franceza.

Morreu Malherbe em 1628, com mais de 70 annos de idade.

João Felix Pereira.

Ológrapho. — Chama-se testamento ológrapho aquelle que é todo escripto pela mão do testador. Segundo a antiga ordenação maritima de França, o testador que morria a bordo só podia dispôr dos bens que tivesse fóra do navio, por um testamento d'aquelles.

Còbro. — É uma molestia de pelle que ataca as crianças, e tambem ás vezes os adultos: provém de bichos peçonhentos que passão por cima da roupa lavada quando está no estendedouro, e que depois vestida communica o veneno ao corpo. A *benzedura* é o unico remedio para tal molestia.

Ha outra que provém da lua; se o *côbro* acomette uma criança quando está *doente da lua*, vai direitinha para o céu.

* * * (Odemira)

Pesadèlo da mão furada. — É um prejuiso bastante generalisado nas fréguezias ruraes d'este concelho, mórmente nas que se achão mais pela serra dentro: quando uma pessoa está doente de cama e sente em cima de si um péso muito grande, sem vêr ou apalpar, já sabe que tem no espinhaço o *pesadèlo da mão furada:* é este um espirito máu que atormenta os enfermos, já opprimindo-os sob fórmas invisiveis a ponto de lhes fazer doer o corpo, já pousando sobre elles, ora cacarejando como gallinha chóca, ora piando como mócho-agoureiro: se o doente sabe a *oração do pesadèlo,* é um momento em quanto se vê livre d'elle.

* * * (Odemira)

Tradição popular. — Depois da tomada de Silves, entraram as tropas christãs, no regresso para Lisboa, a barra do rio de Odemira, e pertendendo tomar a villa, dividiram-se por barcos, e á sombra dos canaviaes vierão pelo rio acima mansamente, até que chegados á villa e avistados pela moura, mulher do Governador por nome *Ode,* que se achava a tomar fresco no forte ou castello (hoje cemiterio), foi ella correndo chamar o marido, dizendo-lhe — *Ode, mira* — indicando-lhe que olhasse para os christãos, que ouvindo estas duas palavras compozerão d'ambas o nome *Odemira.*

* * * (Odemira)

A SAUDADE.

Saudade, singela planta,
Como é triste a tua côr!
Tua modestia m'encanta,
Não te prefiro outra flor:
As galas da natureza
Não te davão mais belleza.

Nem a dahlia, que orgulhosa
Tem um brilho de cegar,
Nem a camelia formosa,
Nos pódem tanto encantar;
Que o teu divino condão
Fala sempre ao coração.

Chamão rainha das flores
Á rosa d'enfeitiçar,
Mas a ausencia dos amores
Não póde a rosa pintar;
De pálida ou rubra côr,
Não sabe falar d'amor!

Até á rosa sem cheiro
Ha quem lhe chame rainha,
E o malmequer feiticeiro
Que os segredos adivinha,
É por todos despresado,
Ninguem d'elle tem cuidado.

Foi prodiga a natureza
Com a rosa decantada,
Que orgulhosa da belleza
Quiz que fosse exceptuada,
Recompensando carinhos
Muitas vezes com espinhos.

Como tu, alegre e triste,
Tão formosa a mais não ser,
É que outra flor não existe
Que nos dê dôr e prazer:
Se é só roxa a tua côr,
Sabes bem pintar a dôr.

Mas se o teu singelo seio
Adornar verde folhinha,
Das outras flores no meio
Serás então a rainha;
Pois de esp'rança revestida
Serás a flor preferida.

Seja embora a rosa altiva
A todas enfeitiçando,
Mostrando sua côr viva,
Sua fragrancia exhalando;
A esp'rança que póde dar-nos
É n'um espinho picar-nos.

E tu, ufana, mostrando
Verdes folhas primorosas,
Que de ti vão rebentando,
Podes ir dizer ás rosas:
«Guardai a fragrancia e côr,
Que eu trago esp'rança ao amor.»

Velha progressista.

BOM PADRE E MÁU PRÉGADOR.

Era d'uma vez um padre
Idoso, mas bem disposto,
E um d'esses corações nobres,
Que o dizem logo no rosto.

Letras não tinha, mas obras
D'exemplo de caridade;
O padre n'essas vencia
Os d'aldêa e da cidade:

Morrião todos por elle;
«Lá co'o sôr Padre Raymundo
Vamos nós» dizião todos,
«Inté ó cabo do mundo.»

Entretanto o *cão-tinhoso*
Não lhe passava a espinha,
Que o démo não as perdôa
A quem direito caminha.

Espera chegue a quaresma,
E em disfarce de vaidade,
O *padre-leigo* a que prégue,
O *caréca* persuade.

E povo e mais povo entrando
(Nunca a ermida teve tanto)
A ouvir de Deus a palavra,
Dita p'la boca d'um santo.

Na cadeira da verdade
Eis que o bom padre Raymundo
Ao povo attenções captiva:
Era thema o fim do mundo.

E já, de fervor subindo,
Eil'o diz: *«Irmãos, agora*
O castigo se avisinha;
Vai soar terrivel hora.

Vai-se ouvir o sóm tremendo,
Cumprir-se a voz do propheta;
Eia! os mortos se levantão!...
Dos anjos sôa a trombeta!»

Palavras não erão ditas,
Torna o dito verdadeiro
Rija, rouca trombetada,
Que sólta occulto gaiteiro!

E como as tranquillas aguas,
Por comportas represadas,
Já se enrolão, precipitão,
Ao vêl'as despedaçadas;

Assim de roldão, ó povo
A ermida prestes despeja;
Qual sem chapéu qual sem capa,
Quaes feridos, salvo seja!

E o caso, que se divulga,
Do prelado, emfim, ouvido,
Trouxe ao padre, por sentença,
De prégar ser prohibido.

Cada qual para o que nasce;
Quem outro norte procura,
A espaços na vida encontra
Máu pesar e má figura.

Joaquim da Costa Cascaes (Mafra).

Jantar e ceia.—Entre um namorado que andava morto de amor e o pai da bella, que só na chelpa fazia consistir as delicias da vida, se travou o seguinte dialogo:



«Meu sr., venho pedir-lhe a mão de sua filha, por quem estou apaixonadissimo.

«Não tenho duvida, porém minha filha tem para o jantar; e o senhor tem para a ceia?

«Ah! eu cá, em jantando bem, escuso de cear; vou até o outro dia. *F. J. G. V.* (Paredes)

DEZEMBRO — 13.

SONETO.

Formosa, qual pincel em tela fina
Debuxar jámais poude, ou nunca ousara;
Formosa, qual no céu jámais brilhara
Astro gentil, estrella peregrina;

Formosa, qual se a propria mão divina
Lhe alinhara o contorno e a fórma rara;
Formosa, qual jámais desabrochara
Na primavera a rosa purpurina;

Formosa, qual se a natureza e a arte,
Dando as mãos em seus dons e em seus lavores,
Jámais poude imitar no todo ou parte;

Mulher celeste, ó anjo de primores!
Quem póde ver-te sem querer amar-te,
Quem póde amar-te sem morrer d'amores!

A. P. Maciel Monteiro (Brasileiro).

Acção generósa.—Na tomada de Oia pelos portuguezes, em 1508, reparou um cabo portuguez, chamado Silveira, que fugia um mouro por um atalho com uma rapariga bellissima, e correu em direitura a elles. Não mostrou o mouro temel'o por si, mas pela sua companheira, a quem recommendou que se salvasse em quanto elle pelejava; teimou porém ella em acompanhal'o, assegurando que antes queria ficar captiva ou morrer, do que separar-se d'elle. Silveira lhes deu então a liberdade, dizendo:— *«Não permitta Deus que a minha espada corte tão amorosos vinculos!»*

A MUSA BRASILEIRA.

Essa lyra
Que se inspira
Nas florestas virginaes,
Ama e crê; não geme ainda;
É seu culto esp'rança infinda,
Que não solta inuteis ais.

Lá no sul,
D'entre o azul
Das celestes amplidões,
Desce um fogo mais intenso
A abrazar na terra o incenso
Que perfuma os corações.

Não têm prantos
Os teus cantos,
Ó musa casta e gentil!
Nobre esforço te assegura
N'essa conquista futura
Mais glorias ao teu Brasil.

Ao porvir,
Musa, hasde ir;
Entoando hymnos de paz;
Abrindo profunda lavra,
Semearás co'a palavra
Do amor a planta vivaz.

Tu agora,
Como outr'ora
Os Orpheus e os Amphiões,
Edificas mil cidades,
Unes milhões de vontades
Á voz de tuas canções.

Nova luz
Te conduz,
Meiga virgem do sertão!
Podes ter mais vasto imperio,
Pois, um dia, esse hemispherio
Talvez seja uma nação.

Luiz Filippe Leite.

Nossa Senhora dos Remedios. — Em Lamego, a O. da cidade e em pequena distancia, existe collocado sobre uma collina um templo sumptuoso, consagrado a *Nossa Senhora dos Remedios*. Sobe-se para elle por uma rica escadaria, toda de granito, até um grande largo, em cujo centro está o templo edificado. Ao longo d'aquella escadaria ha algumas fontes e nos lados arvoredo. Nos bellos dias do anno, principalmente aos domingos, muitos dos habitantes da cidade alli se dirigem, uns para orar a Nossa Senhora, outros para passear. Esta Virgem é protectora da cidade e tem d'ella afastado as epidemias; se alguma por ventura se manifesta, é de pouca duração e pouco mortifera. A devoção com a Senhora é muito grande; no tempo da romaria concorre gente de muitas partes, que deixa avultadas esmolas e muitas offerendas, chamadas *milagres*, que pendem das paredes do templo. É mui visivel a protecção da Senhora para com os habitantes da cidade: perto do seu templo, ao S. de Lamego, existe o quartel do regimento de infanteria n.º 9, outr'ora *Convento de Santa Cruz;* n'uma das torres da igreja está, creio que encerrada em cunhêtes, toda a polvora para uso do regimento. Como a maior parte das trovoadas apparece aqui do S.O., e algumas do S., Nossa Senhora, pela sua alta protecção, as dirige de maneira tal, que a cidade fica sempre incólume. As nuvens marchão no intervallo que medeia entre o templo da Senhora e o quartel, ordinariamente de S.O. para N.E., e outras vezes para o N., sem que appareça uma explosão de electricidade, salvo pequenas excepções. Se durante essas trovoadas cahisse uma faisca no paiol do quartel, tudo iria pelos ares; seria victima o regimento e ficarião arrazadas as casas visinhas. N'isto não ha desleixo do commandante do corpo, nem das autoridades administrativas, pois todos têem feito representações para se construir um paiol fóra do quartel. O meu receio é que um dia vá tudo pelos ares, e eu tambem.

A. P. Zagallo (Lamego).

Cabello transformado em cobra.—Veio um lavrador das visinhanças da Serra da Estrella annunciar á Covilhã uma grande descoberta que fizera, a saber *«que todos os cabellos de mulher, arrancados com raiz e mettidos n'agua trinta dias, se transformão em cobras»*. E em testemunho de sua verdade apresentou dentro d'um vidro com agua um verme cylindrico, da grossura de uma linha e do comprimento de cinco a seis polegadas, sem apparencia d'extremidades locomotoras ou de sentidos externos, que ondulava e se movia perfeitamente dentro do liquido. Affirmava o homem que n'aquillo se havia transformado ao cabo de 30 dias um cabello que arrancara á sua Joanna, e que mettera n'uma bilha com agua. Exposto o cabello-cobra n'uma das boticas d'esta villa, nunca o pharmaceutico vio tão concorrido o seu estabelecimento. E na verdade que era muito para ver como a tal *cobrinha* se movia, ondulava, e sahia quasi uma polegada fóra da agua! O peór foi que não houve homem que não quizesse fazer a experiencia por sua propria mão, e d'ahi resultou atirarem-se todos ao cabello, ou ás farripas, das mulheres, arrancando-lh'os até que viesse um com a raiz bem inteirinha, condição indispensavel para a metamorphose, segundo se dizia.

As covilhanenses derão grande cavaco com a chalaça e rogavão pragas a quem alli viera com tal historia; não tanto por perderem meia duzia de cabellos, brutalmente arrancados muita vez, como por verem realisada em si a fabula de Medusa. A cousa realmente era d'embirra! Ver transformado em cobras o mais bonito adorno do bello sexo! Felizmente porém não vingou nem uma só experiencia, e o pharmaceutico depositario da *cobrinha*, para se ver livre dos curiosos, teve de annunciar ao terceiro dia a sua morte.

Mas, por fim de contas, que era a tal cobra? uma *filaria*, pertencente á familia das *filarias*, creada no fim do seculo passado pelo naturalista alemão Muller; que Cuvier faz per-

tencer á classe dos *radiados*; e Dumeril á classe dos *zoophytos*, chamada tambem por muitos naturalistas *verme-cabello*, pela grande semelhança que tem com um cabello. Posta dentro de um vidro continua a mover-se, e a ondular, muito fresca, sem novidade em sua importante saude.

Antonio Baptista Alves Leitão (Covilhã).

DEZEMBRO—17.

TU CRÊS?

Viste da noute aos fulgores,
Lindas flores
Curvar a fronte e pender,
Quando surge a meiga lua,
E fluctua,
Entre as ramas a tremer?

Depois ténue esvaecer-se,
E perder-se,
Como sombra louca e vã,
Illusão da phantasia,
Harmonia,
Debil sonho da manhã?

E viste nas brandas selvas
D'entre as relvas,
Surgir um anjo de Deus,
Sorrindo, triste, parado
A teu lado,
Fitar os olhos nos céus?

Sentiste correr-te o pranto,
Sobre o manto
Como pérolas rolar,
E ficaste pensativa,
Semiviva,
Em segredo a soluçar?

É que tu'alma inda é pura,
E fulgura
D'esp'rança qual viva luz!
O teu caminho é de flores;
Esplendores
Em torno só vês da cruz!

A. E. Zaluar (Brasileiro).

Fonte do Diabo.—No centro da *Praça da Rainha*, antes *Praça da Fonte*, na Villa de Cuba, havia um poço quadrado, de 20 a 25 pés de profundidade, coberto com abobada na elevação de 14 pés, abobada firmada nas columnas que formavão os quatro angulos e arcos lateraes. Appellidava-se *Fonte do Diabo*, e foi demolido e tapada a caixa da agua em setembro de 1854, por mandado da Camara Municipal: ignora-se a origem da sua fundação e quem mandara pintar no tecto interior da abobada o Archanjo S. Miguel e o diabo.

É tradição popular (e ha uns vinte annos crença inveterada) existir alli o espirito maligno, e que de noute se reunião n'aquelle sitio duendes, espectros e phantasmas, que a certas horas sahião d'alli metamorphoseados em lobishomens e bruxas, e estas se ião introduzir nas casas a fazer maleficios, emquanto os outros percorrião as ruas, uivavão nas encruzilhadas, etc., etc.

Quem a taes horas atravessava a praça sem resar, ou fazer o signal da cruz, era agarrado pelos demonios e affogado: e o mais é que alli foram encontrados alguns cadaveres.

Nas terras circumvisinhas, quando alguem convidava outrem para vir á Cuba, dizia-lhe: —*Então, queres ir ver o diabo á Cuba?...* E ás vezes assim acontecia, pois ao olharem certos heróes para o fundo do poço, lá vião a sua imagem.

A. J. Salgueiro (Cuba).

Maridos golosos.—Os habitantes das Ilhas Marquezas, no Oceano Pacifico, buscão sempre casar com as mais bonitas raparigas, para depois as comerem. Ha muitos factos que provão não haverem cedido estes habitos de canibalismo ás exhortações dos missionarios. O chefe Nukubiva, que fôra convertido e passava uma vida edificante, comeu tres de suas mulheres e roeu o hombro á quarta: se não fosse a quantia de 2,300 dollars, que para a resgatar pagou a familia, que era dos Estados Unidos, ia parar toda ao bucho do extremoso consorte!...

ADEUS Á LYRA.

Vou dizer adeus á lyra!
Falo serio, sem mentira
Vou deixar de ser cantor!
Que sinto a musa estragada,
Que a bola não produz nada,
Que o estro está com bolor!...

Já não sinto crenças vivas,
Impressões fortes e activas,
Esp'ranças, affectos, fé;
Convenci-me em fim um dia
Que teimar co'a poesia
É remar contra maré.

Debalde rôo nas unhas
P'ra gerar os versos cunhas,
Que a martello hãode rimar...
Debalde tambem espéto
Os meigos olhos no tecto,
Sem atar nem desatar!...

Oh! bellos tempos d'outr'ora,
Em que fazia n'uma hora
Mil trovas sem tom nem som,
Em que o estro que hoje encalha
Por *dá cá aquella palha,*
Corria como um wagon!....

Mas em vão pranteio hoje,
Que o estro a trote me foge,
O tempo em que era fiel;
Quando n'um ai eu enchia
De *sublime* poesia
Resma e meia de papel!...

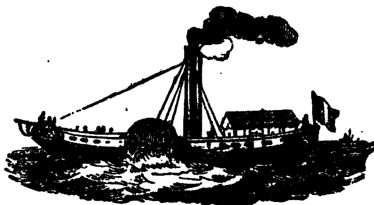
Nem já na lyra dedilho
O safado redondilho,
Com rimas em *ar* ou *ão;*
Faço uma linha de prosa,
Em quanto dava uma grosa
D'esses versinhos então.

Mas que fazer? que remedio,
Se a musa encara com tedio
Os mesquinhos cantos meus?
É deixar-me de poesia,
Cantar n'outra fréguezia,
Dizendo á lyra *um adeus.*

Antonio Manoel da Cunha Belem (Coimbra).

Inconveniente dos diccionarios. — *O maior que eu lhes acho,* dizia um palerma com fumaças de esperto, *é não terem indice.*

Lindeza de vapor.—Para o Rei da Grecia acaba de fazer-se em Londres um barquinho de vapor, cousa a mais linda que imaginar-se possa. É destinado a navegar no canal que rodeia o parque do seu palacio em Athenas. A camara é em cima da tolda e toda envidraçada; as magnificencias do seu interior lembrão as das *Mil e Uma Noutes*. Chama-se Othon (nome do Soberano) e custou cem contos de réis. Ao baptisal'o o bispo d'aquella capital, disse-lhe na florida linguagem do oriente:



«Oxalá te conserves sempre formoso e agil, lindo barquinho! que placida e serena tem de correr-te a vida!... Não tens aqui a recear tufões e tempestades; navegarás sempre em mansas aguas rodeado de cysnes; levar-te-hão brandos zephyros deliciosos aromas; serás o rei d'este pequenino oceano.»

A PRECE

(POESIA FEITA DURANTE A EPIDEMIA DE 1857)

Que negra nuvem! Que luto
Te encobre, ó patria, o fulgor!
Se attenta medito, escuto
Gemidos de acerba dor!
Em cada casa um sudario,
Um cortejo mortuario,
Um funebre lampadario
Ante um esquife... que horror!

É os teus filhos abatidos,
Curvados ao seu penar,
Soltando tristes gemidos,
Vago, ardente soluçar;
E nos labios descórados,
Nos olhos rôxos, pisados,
Nos rostos tão contristados,
Vê-se a força do pesar!...

Se a mãi, de goso arroubada,
Hoje o filho acarinhou,
Ámanhã... talvez... coitada!
Em hora que nem sonhou,
Esváe-se a illusão fágueira,
E d'um leito á cabeceira,
Escuta a voz derradeira
De seu filho que expirou!

Teu sólo, ó patria formosa,
Outr'ora tão festival,
Hoje... que sorte horrorosa!
De mortos vasto arraial!...
E das bellezas de outr'ora
Todo o teu fulgor descora
Ante o susto que apavora
Os filhos de Portugal!...

E o teu céu sempre tão lindo!
Ó patria, por que razão?!
Tantas angustias cobrindo,
Tanta dor, tanta afflicção!
Não lhe enluta a formosura
Ver baixar á sepultura
Tanta vida na frescura,
Tanta flor inda em botão?!

Tanto pranto derramado,
Tanto soluço de mãi,
Tanto orphão desgraçado
Que soccorro implorar vem,
Tanta prece de agonia
Que no templo, noute e dia,
Este povo a Deus envia,
Um echo nos céus não tem?

Hade ter! — que a prece ardente,
Repassada de fervor,
Nascida n'alma do crente
Em horas d'immensa dor,
Em puro incenso envolvida,
Se foi com fé proferida,
É sempre bem acolhida
No seio do CREADOR.

D. Maria Rita Chiappe Cadet.

DEZEMBRO — 21.

Outro remedio para a tosse. — Deitem-se umas 40 ou 50 pevides de marmelo em meio copo d'agua de tres ao quartilho; ferva-se até ficar a agua reduzida a metade filtre-se, deite-se-lhe uma pedra d'assucar, e tome-se uma colher d'esse xarope d'hora em hora.

Bilhinha de leite p'ra bilhinha de azeite.—Ha em Lima (capital do Perú) um uso antiquissimo em vesperas de Natal ou Paschoa, uso que tem degenerado em abuso escandaloso. Ao homem que requestão, ou pertendem requestar (e porque não havemos nós tambem ser requestados?), mandão as damas um presente, que de ordinario consiste em negros e negras, caleças, vestuario, collares, mas tudo de barro. Anda n'isto especulação, pois tudo é de rigor que seja restituido, mas vivo e real; um negro ou negra de carne e osso (carne é que elles poucas vezes têem pela *negregada* vida que levão), uma boa caleça ou traquitana com mulas que andem a valer, um vestido de *gros de Naples*, ou um collar de brilhantes, rubis ou esmeraldas. Na Paschoa de 1822 mandou-me uma senhora um par de botas á Frederica, um chapéu armado, uma maçã dourada (foi uma parodia do presente de Páris a Venus), e uma grande malga de *maçamorra*, que é um doce finissimo; tudo isto, como disse, era de barro, e importaria em dous duros, induzindo-me porém na despeza de mais de cem, pois lhe mandei em troco meia duzia de pares de meias de seda de patente, um lindo chapéu da ultima moda, um alfinete d'ouro terminando em globo, d'estes com que as senhoras ainda hoje ornão o cabello, e uma caixa de alperces tão saborosos, que aquillo era comer e chorar por mais. Cara me sahio a tal brincadeira, mas tudo ficou em casa, porque a dama a quem o offereci era d'ahi a poucos dias minha esposa.

Quem for a Lima fará bem em se não enternecer muito com os requebros e ademanes das bellas, sobretudo em vesperas de Paschoa e de Natal. *José Antonio Mangas* (Almeida).

DEZEMBRO — 23.

Maledicencia.—*Fazei-me conhecer esse homem*, dizia o Cardeal de Richelieu quando ouvia denegrir alguem, *deve ter merecimento, visto dizerem tanto mal d'elle.*

A mula e a jumenta.—N'um empoeirado alfarrabio, lá do tempo dos jesuitas, roido em parte pela traça e pelos ratos, e onde as aranhas havião feito ninhos, topei com o seguinte apologo, em que figurão dous quadrupedes.

«Pouco depois do sol nado, caminhavão caladas e á porfia, em plano argiloso e séco, na estação das cegarregas, uma mula e uma jumenta, carregadas ambas com saccos de bem trigo da ultima colheita. O silencio durou por largo espaço, apenas interrompido por algum ronco furtivo, ou gemido surdo, que cadauma soltava, segundo a cadencia do passo; mas a jumenta, que se sentia opprimida da carga com que aguentava, lançando de quando em quando o olho alvar para a parte da mula, e não se podendo mais conter, perguntou-lhe emfim: «Quantos saccos levas?»

«Então a mula, fitando uma orelha e retirando outra, para dar largas á malicia que lhe fervia nos miólos, respondeu em tom abafado e rouco, mas intelligivel para a sua interlocutora: «*Se te eu der um dos meus, levarás tantos como eu, mas se tu me deres um dos teus, levarei dobrados do que tu.*» Esta resposta fez abaixar n'um momento as longas orelhas da jumenta, e passando a ruminal'a no bestunto, scismou todo o caminho, e ainda depois por muito tempo, nunca podendo atinar ao certo quantos erão os saccos que a mula conduzia, não obstante saber o numero dos que fazião a sua carga.»

José Joaquim Ferreira de Mello e Andrade (Povoa de Lanhoso).

DEZEMBRO—25.

CHARADA XXXVIII.

Signal de prazer, e planta..2
Meu possuidor atormento...1
Fui author da melhor ethica,
Mas tive um premio cruento.

Manoel Fulgencio Gomes (Lobrigos).

Columna de Trajano.—Por acrescentar muito o seguinte artigo ao que sobre o mesmo assumpto escrevemos a pag. 143 do Almanach de 1855, o transcrevemos:

Esta columna, feita de marmore, e a modo de caracol, acha-se junto á igreja de Santa Maria do Loreto em Roma.

Emquanto Trajano batia os parthos, mandou-lhe o senado levantar este sumptuoso monumento, para lhe ser offerecido quando voltasse a Roma com os louros da victoria; mas os laureis da fortuna nem sempre corôão a cabeça dos heróes. Não chegou Trajano a ver aquella rica offerta que o senado lhe tinha preparado, porque morreu na cidade de Solencia; seus ossos foram transportados comtudo para Roma n'uma caixa d'ouro, e postos no alto da columna, que não tinha menos de 128 pés d'altura, e por fóra da qual se vião esculpidas no mesmo marmore as emprezas mais assignaladas do heróe.

Foi Xisto V que sobre ella mandou collocar a estatua do Apostolo S. Pedro, que tinha 14 palmos de altura.

João Manoel Fernandes de Magalhães (Felgueiras).

AS BRUXAS DO CHAVASCAL.

Era uma noute, tão negra,
Tão negra como um carvão;
E não era qualquer noute,
Mas noute de São João.

Matreiro sahi de casa,
Affastei-me do *galheiro*, (1)
E já de longe mal via
Entre fumo o seu luzeiro.

Fui andando.. fui andando..
Cheguei perto d'um regato,
Que lá no fundo rugia
Entre seixos, herva e mato.

N'essa escuridão se via
Uma cousa esbranquiçada;
Parei a ver o que era,
Escutei uma risada.

(1) Galheiro é a fogueira que na vespera de S. João se faz á noute em algumas aldêas do Minho em volta d'um pinheiro plantado n'esse dia entre as casas.

Com os cabellos a pino,
Os queixos a badalar,
Quiz dizer Jesus! não pude!
Tinha as guélas a himpar.

De gansos (1) um fero bando
Guinchou lá do chavascal:
Eu fiquei tão hirto e mudo,
Qual santão de pedra e cal.

Vi mulheres a lavar,
Mais affeito á escuridão;
Ganhei animo, que sempre
Entre ovelhas fui leão.

Ó meninas, digo afouto,
Se quereis, vou ajudar;
Pelos geitos que estou vendo,
Tendes muito que lavar.»

«Não te embaraces comnosco,
Vai andando, e vai ligeiro.»
Dizem ellas com voz fina
Lá d'esse fundo ribeiro.

«Pois eu temo cá mulheres!...»
Disse menos resoluto;
E parti... mas o caminho
Pelo sol trazia luto.

Em que talas eu me achava!..
Era tudo tão escuro!...
Nada via; e caminhava
Com andar pouco seguro.

Andei toda a santa noute;
Onde estava não sabia!
Só parei entre uns ramalhos
Quando vinha já o *dia.*

As travêssas m'a pregaram!
Eu me vi n'um amieiro,
Que do chavascal se erguia
Sobre o maldito ribeiro.

Desde então nunca mais fui
Em noite de São João
Por caminhos negregados
Em cata da perdição (2).

Maria Peregrina de Sousa.

(1) Antigamente erão accusadas as bruxas de se irem banhar nos regatos, a horas mortas, em fórma de patos, ou de irem lavar alli a roupa na sua fórma natural.

(2) As bruxas não erão só accusadas de fazer mal; tambem lhes attribuião peças como esta.

Rigor e toleima.—Cahio no desagrado imperial e foi condemnado a prisão perpetua, em 1817, na côrte de Pekim, o primeiro ministro.... adivinhem porque? por ter espirrado na presença do Monarcha!

DEZEMBRO—28.

Moço e velho.—Assistia D. João de Mascarenhas, já adiantado em annos, aos conselhos d'El-Rei D. Sebastião, e opinava energicamente contra a jornada d'Africa. El-Rei, não tendo em muita conta os dictames da experiencia, julgava que D. João votava na opposição por estar já velho e amar o repouso:—*«Quantos annos tens?* lhe perguntou El-Rei para o motejar.—*«Senhor, tenho 25 para vos servir, e 80 para vos aconselhar que não vades a Africa.»*

DEZEMBRO—29.

EPIGRAMMA.

Quando a Eva Deus creou
Do homem p'ra companheira
E aquella mulher peccou,
Ao mundo a culpa primeira
Por seu peccado legou.

Por uma mulher então
Foi o mundo d'uma vez
Arrastado á perdição;
E se a primeira isto fez,
O que as outras não farão!

Severiano d'Azevêdo (Brasileiro, Icatu, Provincia do Maranhão).

DEZEMBRO—30.

Pena de talião.—No tempo em que se fazia o zimborio de Mafra, cahio lá de cima um obreiro em cima d'um pobre desgraçado, que acachapou, ficando apenas contuso o que devera ter-se feito em mil pedaços. Queixou-se o filho do morto a El-Rei D. João V, allegando-lhe que ficara orphão, e pedindo-lhe que mandasse punir o *assassino: «O melhor,* lhe respondeu o Monarcha, *é tu ires para o zimborio, e deixares-te cahir tambem em cima do perverso; assim o punirás tu proprio e vingarás teu pai.»*

O outro não esteve pelos autos.

VISÃO.

Dormia! O socego da noute reinava
Em torno de mim!...
Sómente ao ALTISSIMO o mar elevava
Seu hymno sem fim!...

E eu vi uma fada, tão branca, tão bella...
Ao leito chegar;
Na testa tão pura, cravada, uma estrella
Lhe vi scintillar!...

«Levanta-te, disse com voz maviosa,
Levanta-te e vem!...»
Ergui-me, segui-a, sahio graciosa,
Sahi eu tambem.

Andámos um pouco; em frente a uma porta
A fada parou;
Com um volver d'olhos que inflamma e transporta
Que entrasse ordenou.

Em misero leito, finava, gemia,
Formosa mulher...
E não lhe acalmava mortal agonia
Um ente sequer!...

Senti um thesouro surgir em meu peito,
De dó e de amor!...
Senti sympathia, tristeza, respeito
Por tão viva dôr!...

A fada arrancou-me de scena tão triste;
E olhando p'ra mim,
«Não é inda nada o quadro que viste,
Ha muitos assim!»

E fomos seguindo mil ruas escuras
Da lua ao alvor;
Mostrou-me em silencio crueis desventuras,
E abysmos de dôr!

Mostrou-me choupanas, andrajos, deshonra,
Miseria, afflicção!...
Velhinhos sem cama, mulheres sem honra,
Crianças sem pão!...

Exhausta e afflicta, me afouto, e pergunto
Com trémula voz:
«Quem sois, de tão raras bellezas conjunto,
Dizei, quem sois vós?

«Eu sou CARIDADE, me diz dôcemente;
E quiz-te mostrar
Que innumeras dôres, com mão providente,
Se podem curar.

Agora que as viste, minora a sentença
Lançada por Deus!
Do bem que fizeres terás recompensa
Na terra e nos céus.»

. . . .

Sumio-se, e sósinha me achei, no meu leito!
Foi sonho? .. Oh! que não!
Tarefa tão santa gostosa te acceito,
Brilhante visão!

Emilia Augusta de Castilho.



Arn, 24.


3 2044 048 706 097

